Ilca Pacheco da Costa Moura

Quando uma criança morre: perfil funerário de sepultamentos não adultos em sítios arqueológicos do nordeste do Brasil entre 9.400 e 365 anos BP

Fonte: na p. 69

Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

Doutorado em Arqueologia

Ilca Pacheco da Costa Moura

Quando uma criança morre: perfil funerário de sepultamentos não adultos em sítios arqueológicos do nordeste do Brasil entre 9.400 e 365 anos BP

Recife
2024

Ilca Pacheco da Costa Moura

Quando uma criança morre: perfil funerário de sepultamentos não adultos em sítios arqueológicos do nordeste do Brasil entre 9.400 e 365 anos BP

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia e Conservação do Patrimônio Cultural.

Orientador: Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva.

Coorientador: Albérico Nogueira de Queiroz.

Recife
2024

Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Moura, Ilca Pacheco da Costa.
Quando uma criança morre: perfil funerário de sepultamentos não adultos em sítios arqueológicos do Nordeste do Brasil entre 9400 e 365 anos BP / Ilca Pacheco da Costa Moura. - Recife, 2025.
292f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, 2025.
Orientação: Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva.
Inclui referências e apêndices.

1. Arqueologia da Infância; 2. Indivíduos não adultos; 3. Práticas funerárias. I. Silva, Sergio Francisco Serafim Monteiro da. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

Ilca Pacheco da Costa Moura

Quando uma criança morre: perfil funerário de sepultamentos não adultos em sítios arqueológicos do nordeste do Brasil entre 9.400 e 365 anos BP

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia e Conservação do Patrimônio Cultural.

Aprovado em: 29/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

_____
Profa. Dra. Viviane Maria Cavalcanti de Castro (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

_____
Profa. Dra. Daniela Cisneiros Silva Mützenberg (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

_____
Profa. Dra. Olivia Alexandre de Carvalho (Examinador Externo)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

_____
Profa. Dra. Pollyana Calado de Freitas (Examinador Externo)
Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

À minha família, em especial a Painho (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva, e ao coorientador, Prof. Dr. Albérico Nogueira de Queiroz. Agradeço ao professor Sérgio, pelos ensinamentos diários no LABIFOR, e por ter me ajudado a trilhar esse caminho com leveza e respeito.

Ao Departamento de Arqueologia, por proporcionar as condições necessárias para o desenvolvimento desta pesquisa, e aos professores do Programa, em especial Viviane, Ana Catarina, Daniela, Scott e Cláudia, pelos valiosos ensinamentos ao longo dessa jornada.

Agradeço também, às professoras que compuseram a banca examinadora — Viviane Maria Cavalcanti (examinadora interna), Daniela Cisneiros (examinadora interna), Pollyana Calado (examinadora externa), Cláudia Alves (examinadora suplente interna) e Mariana Zanchetta (examinadora suplente externa) — pela valiosa contribuição, sensibilidade e disponibilidade por integrarem este momento tão significativo.

Às amigas de trabalho, Carol, Amanda, Ariel e, em especial, à Lia, pelo companheirismo, pelo acolhimento constante e por compartilharem comigo tantos momentos significativos ao longo desta jornada.

Aos colegas de turma André Laurentino, Marta, Fabiano, Kássia, Ana Paula, Izabela e Vanessa, pelo apoio e pela troca de saberes durante as aulas remotas.

À professora Ana Hermínia, pelo suporte na análise dos dados, e a Gabriela Almeida, pela elaboração dos mapas – agradeço pelo trabalho de excelência de ambas.

Agradeço à minha grande amiga Amanda, pelo cuidado e dedicação nas correções linguísticas desta tese, contribuindo significativamente para a clareza e a qualidade do texto. Estendo também minha gratidão à Mariana, pela valiosa colaboração na normalização do trabalho, garantindo o rigor técnico exigido na apresentação final. O apoio de ambas foi essencial para a conclusão deste processo.

Ao meu pai (in memoriam), por sua honestidade e perseverança diante da vida. Sua partida, ocorrida durante esta pesquisa, ensinou-me sobre força, resiliência e sobre a importância de respeitar os ciclos da vida.

À minha mãe, que mesmo sem compreender o significado de um doutorado, sempre reconheceu seu valor genuíno. Obrigada por sua fé, por confiar em mim e por me ensinar que o conhecimento é, de fato, o caminho “pra ser alguém na vida”.

Ao meu irmão e aos meus sobrinhos, por todo amor.

À minha filha e grande amor, Helena, que foi e é fonte constante de inspiração para esta pesquisa. Obrigada por sua doçura e por me ensinar tanto sobre a vida.

Ao meu outro amor, Ernesto, pela paciência, pela parceria e por estar ao meu lado em todos os caminhos que escolho seguir.

“Ser Criança é Brincar, se Divertir e Aprender Novas Coisas”

Helena Pacheco da Costa Moura, 5 anos (2022).

RESUMO

Esta pesquisa analisa as práticas funerárias de indivíduos não adultos em sítios arqueológicos do Nordeste do Brasil, entre 9.400 e 365 anos BP, com o objetivo de compreender as representações culturais sobre a infância e sua relevância nos rituais funerários desses grupos. Parte-se do seguinte problema: quais eram as práticas funerárias aplicadas aos indivíduos não adultos nesses contextos arqueológicos? A hipótese sustenta que essas práticas, embora apresentem elementos recorrentes, não devem ser interpretadas como expressões de conservadorismo, mas como continuidade seletiva de rituais associados à infância, coexistindo com transformações culturais ao longo do tempo. A metodologia adotada baseou-se na análise de 167 remanescentes humanos não adultos, oriundos de 14 sítios arqueológicos do Nordeste, por meio de um protocolo sistêmico de observação dos elementos funerários, com base em dados secundários como artigos, relatórios, teses e dissertações. Os resultados revelaram predomínio de sepultamentos simples, articulados, geralmente sem estruturas ou artefatos elaborados, mas com indícios de cuidado e simbolismo, como uso de urnas e adornos. A análise dos dados confirmou a hipótese, ao evidenciar que as práticas funerárias aplicadas às crianças refletem uma continuidade seletiva dos rituais funerários, associada a adaptações culturais ao longo do tempo. Conclui-se que as crianças estavam inseridas nos rituais funerários como sujeitos sociais dotados de agência simbólica, o que reforça a importância de abordagens específicas dentro da bioarqueologia e da arqueologia da infância. A tese contribui para a valorização da infância como categoria analítica e defende a necessidade de metodologias mais sensíveis e integrativas nas pesquisas futuras sobre os indivíduos não adultos em contextos arqueológicos pré-coloniais.

Palavras-chave: Arqueologia da Infância; indivíduos não adultos; práticas funerárias; perfil funerário; Nordeste (Brasil).

ABSTRACT

This research analyzes the funerary practices of non-adult individuals in archaeological sites of Northeastern Brazil, dating from 9,400 to 365 years BP, with the aim of understanding cultural representations of childhood and its significance within the funerary rituals of these groups. It addresses the following research question: what were the funerary practices applied to non-adult individuals in these archaeological contexts? The hypothesis posits that these practices, although they exhibit recurring elements, should not be interpreted as expressions of conservatism, but rather as a selective continuity of rituals associated with childhood, coexisting with cultural transformations over time. The adopted methodology was based on the analysis of 167 non-adult human remains from 14 archaeological sites in the Northeast, using a systematic protocol for observing funerary elements, based on secondary data such as articles, reports, theses, and dissertations. The results revealed a predominance of simple, articulated burials, generally lacking elaborate structures or artifacts, but showing signs of care and symbolism, such as the use of urns and ornaments. Data analysis confirmed the hypothesis, showing that the funerary practices applied to children reflect a selective continuity of ritual traditions, associated with cultural adaptations over time. It is concluded that children were incorporated into funerary rituals as social subjects endowed with symbolic agency, which reinforces the importance of specific approaches within bioarchaeology and the archaeology of childhood. This dissertation contributes to the recognition of childhood as an analytical category and advocates for more sensitive and integrative methodologies in future research on non-adult individuals in pre-colonial archaeological contexts.

Keywords: Archaeology of childhood; Non-adult individuals; Funerary practices; Funerary profile; Northeast (Brazil).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sítios pré-coloniais com presença de remanescentes humanos não adultos no nordeste do Brasil 42

Quadro 2 - Ficha para formulação do perfil da deposição funerária 43

Quadro 3 - Variáveis observadas no corpo 50

Quadro 4 - Variáveis presentes na estrutura funerária 54

Quadro 5 - Atributos a serem analisados na variável do acompanhamento funerário 55

Quadro 6 - Atributos a serem analisados na variável dos aspectos biológicos 57

Quadro 7 - Campanhas arqueológicas do sítio Pedra do Alexandre - RN 90

Quadro 8 - Quadro de datações para o sítio Pedra do Alexandre 91

Quadro 9 - Indivíduos não adultos distribuídos por deposição funerária e idade biológica (à morte) 100

Quadro 10 - Presença de contas com técnicas de Drawn e Wound no sítio do Justino 151

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização dos sítios arqueológicos analisados pela pesquisa.....58

Figura 2 - Localização dos sítios arqueológicos referentes as áreas arqueológicas do Vale do Ipanema e Vale do Ipojuca.....60

Figura 3 - Localização do sítio Alcobaça – Buique - PE.....61

Figura 4 - Vista do Sítio Alcobaça – Buíque - PE.....61

Figura 5 - Mapa de localização do sítio Pedra do Cachorro (Pititi).....66

Figura 6 - Mapa de localização do sítio Pedra do Cachorro (Pititi).....67

Figura 7 - Sepultamento 2 depositado em decúbito ventral 68

Figura 8 - Desenho do sepultamento 2 depositado em decúbito ventral.....69

Figura 9 - Desenho do sepultamento 2 com os respectivos ossos identificados.....69

Figura 10 - Mapa de localização do sítio Furna do Estrago - PE 71

Figura 11 - Presença de fibra traçada (cesta) no sepultamento 87.2.....76

Figura 12 - Sepultamento FE 87.23 ainda envolto em palha.....76

Figura 13 - Sepultamento FE 87.21 fletido.....79

Figura 14 - Sepultamento FE 87.3 em posição fletida.....79

Figura 15 - Mapa com a localização do sítio Pedra do Alexandre – RN 89

Figura 16 - Sepultamentos 2 (lado esquerdo) e 7 (lado direito) com presença de blocos sobre seus corpos.....97

Figura 17 - Enterramentos infantis no sítio Pedra do Alexandre. Enterramento 1, secundário múltiplo (acima); Enterramento 7, primário duplo (abaixo à esquerda); Enterramento 8, primário simples (abaixo à direita). 98

Figura 18 - Incisivos em forma de pá, Enterramento 7-A, 4 a ± 12 m (esquerda); Enterramento 17-A, 5 a ± 16 m (direita).....101

Figura 19 - Alterações dentárias. Desgaste plano, mandíbula, esqueleto 1-B (acima, à esquerda); Desgaste plano nos dentes decíduos e permanentes, maxilar, esqueleto 7-B (acima, à direita); Desgaste nos dentes decíduos, maxilar.....102

Figura 20 - Localização dos sítios presentes nas áreas arqueológicas do PARNA Serra da capivara e Serra das Confusões 105

Figura 21 - Vista panorâmica do município de São Braz onde o sítio está localizado 106

Figura 22 - Sepultamento 4 na posição sentado e sepultamento 5 em decúbito lateral 108

Figura 23 - Vista geral do sítio Toca da Baixa dos Caboclos 112

Figura 24 - Sepultamento 1 em decúbito lateral esquerdo. Sítio Toca da Baixa dos caboclos - PI 114

Figura 25 - Sepultamento 2 em posição sentado - Sítio Toca da Baixa dos Caboclos – PI 115

Figura 26 - Sepultamento 2 com presença de arco e seta em seu contexto funerário - Sítio Toca da Baixa dos Caboclos - PI 117

Figura 27 - Sepultamento 9 com presença de arco e seta em seu contexto funerário - Sítio Toca da Baixa dos Caboclos - PI 117

Figura 28 - Vista do sítio Toca do Serrote da Bastiana 120

Figura 29 - Arcada dentária do sepultamento 1A - Sítio Toca do Serrote da Bastiana - PI 122

Figura 30 - Ponta de projétil identificada sobre o crânio do sepultamento 1 123

Figura 31 - Vista geral do sítio Cana Brava 131

Figura 32 - Mapa de localização do sítio Toca do Enoque, Serra da Confusões - PI 132

Figura 33 - Vista geral do local onde os indivíduos estavam enterrados - sítio Toca do Enoque, Serra das Confusões - PI 133

Figura 34 - A) Colar de dentes de raposa (Cerdocyon thous). B) Colar de dentes de onça pintada (Panthera onça), onça vermelha (Felis concolor) e Jaguatirica (Felis pardalis), ambos presentes no contexto funerário infantil. Sítio Toca do Enoque – Serra das Confusões 136

Figura 35 - Contexto do indivíduo 6 com a presença de conchas 136

Figura 36 - Localização dos sítios presentes na Área Arqueológica de Xingó 139

Figura 37 - Mapa de localização do sítio Justino – SE 140

Figura 38 - Ilustração dos níveis estratigráficos do sítio Justino - SE 141

Figura 39 - Distribuição dos enterramentos por período de ocupação, sítio Justino - SE 142

Figura 40 - Evidenciação em laboratório do indivíduo 138 145

Figura 41 - Artefato lítio e cerâmico presente no contexto funerário do enterramento 138 149

Figura 42 - Sepultamento 138 com presença de contas de vidro 150

Figura 43 - Exemplos de contas confeccionadas com a técnica Drawn nos sepultamentos 138 e 140 152

Figura 44 - Contas de vidro com presença de problemas de execução durante sua confecção 152

Figura 45 - Tembetás presentes nos sepultamentos 116, 138 140 e 142 – Sítio do Justino - SE 153

Figura 46 - Sepultamento com presença de vasilhame cerâmico em seu contexto 154

Figura 47 - Crânio do sepultamento 138 antes e depois da evidenciação dos dentes 155

Figura 48 - Mapa de localização do sítio São Jose II 158

Figura 49 - Mapa com a localização do sítio Praça de Piragiba (Sítio Aratu da Vila de Piragiba) – BA 165

Figura 50 - Vista panorâmica do Sítio Vila de Piragiba - BA 166

Figura 51 - Urna Un3Ur2 após a retirada do sedimento 166

Figura 52 - Formas das urnas de Piragiba 169

Figura 53 - Urna Un7Ur5 blobular com bordas abertas 169

Figura 54 - Urna UN13Ur2 com menor dimensão do Sítio Praça de Piragiba 170

Figura 56 - Mapa de localização do município de Boqueirão na Paraíba 176

Figura 57 - Vista da Sítio Boqueirão na Paraíba 177

Figura 58 - Demonstrativo da presença do bloco (à esquerda) que estava sobre o trançado de fibra vegetal (à direita). 179

Figura 59 - Detalhe da sepultura após a retirada do bloco (à esquerda) próximo a uma concentração de osso cremados (à direita) 179

Figura 60 - Local da segunda estrutura feita na cavidade na rocha 180

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dados culturais (corpo) dos indivíduos não adultos sítio Alcobaça 63

Gráfico 2 - Cultura material presente dos indivíduos não adultos sítio Alcobaça 64

Gráfico 3 - Forma de deposição e individualidade dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago.....73

Gráfico 4 - Articulação dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago 73

Gráfico 5 - Preparação do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago.....74

Gráfico 6 - Disposição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago.....77

Gráfico 7 - Posição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago78

Gráfico 8 - Adornos presentes nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago 81

Gráfico 9 - Dados biológicos (Idade) dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago.....83

Gráfico 10 - Deposição funerária dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre 93

Gráfico 11 - Articulação dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre....94

Gráfico 12 - Preparação do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre 94

Gráfico 13 - Individualidade dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre 94

Gráfico 14 - Estrutura funerária dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre 95

Gráfico 15 - Cultura material presente nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre.....99

Gráfico 16 - Dados culturais (corpo) dos indivíduos não adultos do sítio São Braz 107

Gráfico 17 - Disposição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio São Braz....107

Gráfico 18 - Flexão do corpo dos indivíduos não adultos do sítio São Braz 108

Gráfico 19 - Cultura material presente nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio São Braz 109

Gráfico 20 - Idade dos indivíduos não adultos do sítio São Braz 110

Gráfico 21 - Dados culturais do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Toca da baixa dos Caboclos 113

Gráfico 22 - Posição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Toca da baixa dos Caboclos 114

Gráfico 23 - Flexão dos membros superiores (direito e esquerdo) dos indivíduos não adultos do sítio Toca da baixa dos Caboclos 115

Gráfico 24 - Flexão dos membros inferiores (direito e esquerdo) dos indivíduos não adultos do sítio Toca da baixa dos Caboclos 116

Gráfico 25 - Dados Culturais Recorrentes dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote da Bastiana.....121

Gráfico 26 - Flexão do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote da Bastiana 121

Gráfico 27 - Idade dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote da Bastiana 123

Gráfico 28 - Deposição funerária dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.....125

Gráfico 29 - Individualidade dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz 126

Gráfico 30 - Articulação dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz 126

Gráfico 31 - Disposição dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz 127

Gráfico 32 - Flexão dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.....127

Gráfico 33 - Estrutura Funerária dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz 128

Gráfico 34 - Dados biológicos (Idade) dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.....129

Gráfico 35 - Dados culturais (diversos) dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Enoque.....134

Gráfico 36 - Adornos presentes nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Enoque 135

Gráfico 37 - Outras culturas materiais presentes nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Enoque 137

Gráfico 38 - Idade dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Enoque 137

Gráfico 39 - Deposição funerária dos indivíduos não adultos do sítio Justino 143

Gráfico 40 - Preparação do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Justino 143

Gráfico 41 - Individualidade dos indivíduos não adultos do sítio Justino 144

Gráfico 42 - Articulação dos indivíduos não adultos do sítio Justino 144

Gráfico 43 - Disposição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Justino 145

Gráfico 44 - Flexão do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Justino 146

Gráfico 45 - Flexão dos membros superiores (lado direito e esquerdo) dos indivíduos não adultos do sítio Justino 147

Gráfico 46 - Flexão dos membros Inferiores (lado direito e esquerdo) 147

Gráfico 47 - Cultura material presente nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Justino 148

Gráfico 48 - Idade dos indivíduos não adultos do sítio Justino 155

Gráfico 49 - Deposição Funerária dos indivíduos não adultos do sítio São José II 159

Gráfico 50 – Articulação dos indivíduos não adultos do sítio São José II 160

Gráfico 51 - Disposição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio São José II. 161

Gráfico 52 - Flexão do corpo dos indivíduos não adultos do sítio São José II 161

Gráfico 53 - Flexão dos membros superiores (lado direito e esquerdo) dos indivíduos não adultos do sítio São José II 162

Gráfico 54 - Flexão dos membros inferiores (lado direito e esquerdo) dos indivíduos não adultos do sítio São José II 162

Gráfico 55 - Dados recorrentes que foram observados na variável "Corpo" dos indivíduos não adultos do sítio Vila de Piragiba 167

Gráfico 56 - Dados culturais (Corpo) dos indivíduos não adultos do sítio Vila de Piragiba 168

Gráfico 57 - Urnas com presença de opérculos nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Vila de Piragiba 168

Gráfico 58 - Cultura material presente nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Vila de Piragiba 171

Gráfico 59 - Dados biológicos (idade) dos indivíduos não adultos do sítio Vila de Piragiba 172

Gráfico 60 - Dados culturais (corpo) dos indivíduos não adultos do sítio Pedra da Tesoura 178

Gráfico 61 - Quantidade de sítios com presença de indivíduos não adultos na região Nordeste 183

Gráfico 62 - Representação da quantidade de sítios e indivíduos não adultos por estado 184

Gráfico 63 - Distribuição dos indivíduos analisados dentro dos recortes cronológicos 185

Gráfico 64 - Quantidade de indivíduos com as respectivas datações 185

Gráfico 65 - Percentual da deposição funerária identificada 186

Gráfico 66 - Tipos de deposição funerária identificados em cada recorte cronológico 187

Gráfico 67 - Percentual dos tipos de preparação do corpo identificados. 188

Gráfico 68 - Tipos de preparação do corpo identificados em cada recorte cronológico 189

Gráfico 69 - Percentual dos tipos de individualidade identificado 190

Gráfico 70 - Tipos de individualidade identificados em cada recorte cronológico .. 190

Gráfico 71 - Tipos de individualidade identificados em cada sítio. 191

Gráfico 72 - Percentual do tipo de articulação identificado 192

Gráfico 73 - Tipos de articulação identificados por recortes cronológicos 193

Gráfico 74 - Percentual dos tipos de disposição 194

Gráfico 75 - Tipos de flexão do corpo identificados em cada recorte cronológico .. 194

Gráfico 76 - Tipos de flexão dos membros superiores (lado direito) distribuídos por recorte cronológico 195

Gráfico 77 - Tipos de flexão dos membros superiores (lado esquerdo) distribuídos por recorte cronológico 196

Gráfico 78 - Tipos de flexão dos membros inferiores (lado direito) distribuídos por recorte cronológico 196

Gráfico 79 - Tipos de flexão dos membros inferiores (lado esquerdo) distribuídos por recorte cronológico 197
Gráfico 80 - Tipos de posição (braço direito) por recorte cronológico 198
Gráfico 81 - Tipos de posição (braço esquerdo) por recorte cronológico 198
Gráfico 82 - Tipos de posição (mão direita) por recorte cronológico 199
Gráfico 83 - Tipos de posição (mão esquerda) por recorte cronológico 199
Gráfico 84 - Tipos de posição (perna direita) por recorte cronológico 200
Gráfico 85 - Tipos de posição (perna esquerda) por recorte cronológico 200
Gráfico 86 - Tipos de posição (pé direito) por recorte cronológico 201
Gráfico 87 - Tipos de posição (pé esquerdo) por recorte cronológico 201
Gráfico 88 - Tipos de orientação e direção do corpo em cada recorte cronológico 202
Gráfico 89 - Tipos de orientação e direção do corpo em cada sítio analisado 203
Gráfico 90 - Tipos de estruturas funerárias em cada recorte cronológico 204
Gráfico 91 - Tipos de estruturas funerárias em cada sítio analisado 204
Gráfico 92 - Dimensões do diâmetro em cada recorte cronológico 205
Gráfico 93 - Tipos de adornos identificados em cada recorte cronológico 206
Gráfico 94 - Tipos de matéria prima dos adornos identificados em cada recorte cronológico 207
Gráfico 95 - Tipos de adornos identificados em cada sítio analisado 207
Gráfico 96 - Tipos de material vegetal em cada recorte cronológico 208
Gráfico 97 - Tipologia do material vegetal (manipulado ou não) em cada recorte cronológico 208
Gráfico 98 - Quantidade de mineral identificado em cada recorte cronológico 209
Gráfico 99 - Quantidade de corante identificado em cada recorte cronológico 210
Gráfico 100 - Quantidade de carvão identificado em cada recorte cronológico 210
Gráfico 101 - Material lítico identificado em cada recorte cronológico 211
Gráfico 102 - Material cerâmico identificado em cada recorte cronológico 211
Gráfico 103 - Distribuição da faixa etária dos indivíduos em cada sítio analisado . 212

Gráfico 104 - Distribuição da faixa etária dos indivíduos em cada recorte cronológico 213

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 24

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O ESTUDO DA CRIANÇA NA ARQUEOLOGIA **..... 30**

2.1 A CRIANÇA NA ARQUEOLOGIA 30

2.2 CONCEITO DE CRIANÇA, INFÂNCIA E INDIVÍDUO NÃO ADULTO 36

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS 41

3.1 PERFIL FUNERÁRIO 46

3.2 PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO 48

3.2.1 Dados culturais 49

3.2.2 Dados biológicos 56

4 ANÁLISE DOS PERFIS FUNERÁRIOS DOS INDIVÍDUOS NÃO ADULTOS DOS SÍTIOS 58

4.1 ÁREA ARQUEOLÓGICA VALE DO IPANEMA E VALE DO IPOJUCA 59

4.1.1 Sítio Alcobaça 60

4.1.1.1 Dados culturais 62

4.1.1.1.1 Corpo 63

4.1.1.1.2 Estrutura funerária 63

4.1.1.1.3 Cultura material presente 63

4.1.1.2 Dados biológicos 64

4.1.1.3 Perfil funerário 65

4.1.2 Sítio Pedra do Cachorro (Pititi) 66

4.1.2.1 Dados culturais 68

4.1.2.1.1 Corpo 68

4.1.2.1.2 Estrutura funerária 70

4.1.2.1.3 Cultura Material presente 70

4.1.2.2 Dados biológicos 70

4.1.2.3 Perfil funerário 70

4.1.3 Sítio Furna do Estrago 71

4.1.3.1 Dados culturais 72

4.1.3.1.1 Corpo 73

4.1.3.1.2 Estrutura Funerária 79

4.1.3.1.3 Cultura Material Presente 80

4.1.3.2 Dados biológicos 82

4.1.3.3 Perfil funerário 85
4.2 ÁREA ARQUEOLÓGICA DO SERIDÓ 89
4.2.1 Sítio Pedra do Alexandre 89
4.2.1.1 Dados culturais 93
4.2.1.1.1 Corpo 93
4.2.1.1.2 Estrutura funerária 95
4.2.1.1.3 Cultura material presente 99
4.2.1.2 Dados biológicos 99
4.2.1.3 Perfil funerário 102
4.3 ÁREA ARQUEOLÓGICA SERRA DA CAPIVARA E SERRA DAS CONFUSÕES 105
4.3.1 Sítio São Braz 105
4.3.1.1 Dados culturais 106
4.3.1.1.1 Corpo 107
4.3.1.1.2 Estrutura funerária 108
4.3.1.1.3 Cultura material presente 109
4.3.1.2 Dados biológicos 110
4.3.1.3 Perfil funerário 110
4.3.2 Sítio Toca da Baixa dos Caboclos 111
4.3.2.1 Dados culturais 112
4.3.2.1.1 Corpo 112
4.3.2.1.2 Estrutura funerária 116
4.3.2.1.3 Cultura material presente 117
4.3.2.2 Dados biológicos 118
4.3.2.3 Perfil funerário 118
4.3.3 Sítio Toca do Serrote da Bastiana 119
4.3.3.1 Dados Culturais 120
4.3.3.1.1 Corpo 120
4.3.3.1.2 Estrutura funerária 122
4.3.3.1.3 Cultura material presente 122
4.3.3.2 Dados biológicos 123
4.3.3.3 Perfil funerário 124
4.3.4 Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz 124
4.3.4.1 Dados culturais 124

4.3.4.1.1 Corpo *125*
4.3.4.1.2 Estrutura funerária *127*
4.3.4.1.3 Cultura material presente *129*
4.3.4.2 Dados biológicos 129
4.3.4.3 Perfil funerário 129
4.3.5 Sítio Cana Brava 130
4.3.5.1 Dados culturais e biológicos 131
4.3.5.2 Perfil funerário 132
4.3.6 Sítio Toca do Enoque 132
4.3.6.1 Dados Culturais 133
4.3.6.1.1 Corpo *134*
4.3.6.1.2 Estrutura funerária *134*
4.3.6.1.3 Cultura material presente *135*
4.3.6.2 Dados biológicos 137
4.3.6.3 Perfil funerário 138
4.4 ÁREA ARQUEOLÓGICA DE XINGÓ 139
4.4.1 Sítio Justino 139
4.4.1.1 Dados cultuais 142
4.4.1.1.1 Corpo *142*
4.4.1.1.2 Estrutura funerária *148*
4.4.1.1.3 Cultura material presente *148*
4.4.1.2 Dados biológicos 154
4.4.1.3 Perfil funerário 156
4.4.2 Sítio São José II 157
4.4.2.1 Dados cultuais 159
4.4.2.1.1 Corpo *159*
4.4.2.1.2 Estrutura funerária *163*
4.4.2.1.3 Cultura material presente *163*
4.4.2.2 Dados biológicos 163
4.4.2.3 Perfil funerário 163
4.5 REGIÃO DA BAHIA 164
4.5.1 Sítio Aratu da Vila de Piragiba 165
4.5.1.1 Dados culturais 167
4.5.1.1.1 Corpo *167*

4.5.1.1.2 Estrutura funerária 168
4.5.1.1.3 Cultura material presente 170
4.5.1.2 Dados biológicos 172
4.5.1.3 Perfil funerário 174
4.6 REGIÃO DA PARAÍBA 175
4.6.1 Sítio Pedra da Tesoura 176
4.6.1.1 Dados culturais 177
4.6.1.1.1 Corpo 177
4.6.1.1.2 Estrutura funerária 178
4.6.1.1.3 Cultura material presente 180
4.6.1.2 Dados biológicos 180
4.6.1.3 Perfil funerário 181
5 CARACTERIZAÇÃO DOS PERFIS FUNERÁRIOS DOS INDIVÍDUOS NÃO ADULTOS DO NORDESTE DO BRASIL 183
5.1 DADOS CULTURAIS 186
5.1.1 Corpo 186
5.1.2 Estrutura Funerária 203
5.1.3 Cultura Material Presente 205
5.2 DADOS BIOLÓGICOS 211
5.3 SÍNTESE DO PERFIL FUNERÁRIO DE INDIVÍDUOS NÃO ADULTOS DO NORDESTE DO BRASIL 213
6 CONCLUSÃO 218
REFERÊNCIAS 223
APÊNDICE A - TABELA ESTATÍSTICA DESCRITIVA DAS VARIÁVEIS 238
APÊNDICE B - TABELA ESTATÍSTICA DESCRITIVA E COMPARATIVA DA AMOSTRA ENTRE OS RECORTES TEMPORAIS 252
APÊNDICE C - TABELA ESTATÍSTICA DESCRITIVA E COMPARATIVA DOS SÍTIOS ANALISADOS 263

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre mortalidade infantil na arqueologia proporcionam importantes informações sobre a habilidade de uma população de adaptar-se ao seu ambiente, mortalidade sazonal, práticas culturais, demografia, saúde materna e infantil, enfermidades epidêmicas, lactância materna (amamentação) e alimentação infantil, comportamentos sociais em relação às crianças, entre outros (Lewis, 2007).

As crianças como pertencentes ao processo de evolução inerente ao ser humano, passam não só pelo crescimento biológico, mas pela evolução social, e várias habilidades e conhecimentos fazem, a exemplo o uso de tecnologias, e o engajamento nas crenças e rituais do grupo, tornando-as como receptores de cuidados e práticas de socialização. Estudos nesse sentido são observados em populações do Paleolítico Superior, apontando que elas poderiam estar envolvidas na produção da cultura material, nos enterramentos e rituais (Lombo Montañés *et al*., 2013).

Os enterramentos estão entre os vestígios que mais fornecem elementos para a reconstituição de determinados aspectos da vida dos grupos sociais, quando se trata de pesquisa arqueológica. Tais elementos podem ser observados a partir do estudo dos aspectos culturais e biológicos que se preservaram no contexto arqueológico. No que concerne aos elementos biológicos, é possível observar aspectos sobre a vida social e física desses indivíduos, como o crescimento e desenvolvimento, dieta e idade no momento da morte, sexo e ancestralidade ou proveniência biogeográfica, DNA, patologias, entre outros (Saunders, 2000; Baxter, 2005; Lewis, 2007; González Martín, 1998; Solari, Martin; Silva, 2016).

No que concerne a Arqueologia da Criança, o objetivo está concentrado nas relações das crianças dentro do grupo, seja voltada à organização social do grupo, econômica, patologias, fabrico de artefatos, mortalidade e à alimentação e desmame (Kamp, 2001).

O interesse pelas informações referentes as crianças em períodos mais recuados da sociedade atual, é o resultado de um longo processo histórico. Jane Baxter (2005; 2006) pontua como esse tema pode ser abordado, em quatro vias

complementares, a saber, 1) identificar as crianças no registro arqueológico; 2) compreendê-las através de seus relacionamentos; 3) reconhecê-las como atores sociais; e 4) abordar a infância como uma construção cultural.

Para Hirscfeld (2002, p. 615 *apud* Sene, 2018) as crianças, apesar de tudo, ainda são consideradas apêndices da sociedade adulta, mas elas podem estar inseridas em atividades importantes do cotidiano. Neste sentido, os ritos de passagem, bem como as noções de descendência e aliança demarcam incisivamente a presença das crianças e jovens em suas respectivas culturas, seres plenos de significados em todas as sociedades.

No âmbito do contexto de morte, os elementos culturais, por sua vez, podem ser estudados através dos vestígios relacionados às próprias práticas funerárias: as estruturas preparadas para acomodação dos sepultamentos, a preparação do corpo, os materiais utilizados em acompanhamento, ou o modo como foram agenciados no espaço, como locais específicos dentro do próprio sítio.

Os rituais funerários que envolvem esse universo de análise, estão presentes em diversos grupos sociais, em tempos e espaços diferentes, mantendo um papel importante dentro de um grupo, pois conserva seus valores, transmite conhecimentos e reproduz as relações sociais. Assim, recebe diversas conotações a partir do ponto de vista dos pesquisadores, conforme discorreremos a seguir.

Todo o contexto de morte traz consigo informações relevantes sobre o grupo em que estava inserido. Para Bement (1994 *apud* Silva, 2005), as sepulturas contêm um potencial de estudo voltado ao conhecimento sobre o corpo, as práticas funerárias, as relações entre os gêneros, formas de subsistência, trabalho, demografia, prática de canibalismo, cremação, suicídio, sacrifícios humanos, sistemas de trocas, e sobre as formas de interação humana com o meio ambiente.

Neste contexto, a arqueologia tem apresentado algumas sugestões disciplinares, como a Arqueologia da Infância, Arqueologia Funerária (Archéologie Funéraire), Arqueologia da Morte (Archaeologyof Death), Arqueologia Forense (Forensic Archaeology), Arqueologia Biológica (Bioarchaeology) ou Bioantropologia ou Paleoantropologia e Osteoarqueologia (Osteoarchaeology).

Diante das informações, pontuadas acima, inerentes às práticas funerárias presentes nas crianças, é preciso que os arqueólogos considerem as crianças como atores culturais importantes. Quando essas questões são colocadas em pauta, as crianças emergem na pesquisa fazendo contribuições culturais significativas, pois através delas pode ocorrer a transmissão de conhecimentos, permitindo a manutenção e perpetuação dos rituais na sociedade, seja no fabrico de artefatos ou atividades do cotidiano (Baxter, 2005; 2006).

Ao considerar a questão das crianças pré-coloniais, é importante pensar tanto sobre a evidência quanto sobre quem produziu a evidência. Assim, todo o acompanhamento funerário e o modo como a criança foi tratada durante o enterro, são todos estímulos de atividades de adultos. Como tal, eles refletem as visões dos adultos sobre a criança.

Para alguns arqueólogos, o enterro é visto como um marcador social e ideológico. Um sepultamento realizado de acordo com as normas do grupo confere ao morto uma legitimidade para ele. A localização do sepultamento e a forma como o túmulo carrega as memórias são importantes nesse sentido. Para Eleanor Scott (1999) as escolhas do local de sepultamento, juntamente com as práticas funerárias envolvidas, comunicam como o morto é visto pelos vivos.

Pesquisar sobre o modo como as crianças foram enterradas e o que isso representa dentro do grupo - o que é possível de ser observado - já que muitos aspectos são inacessíveis através do registro arqueológico, principalmente quando se trata de grupos pré-coloniais, foi um dos motivos que despertou o interesse dessa pesquisa. Outro interesse surgiu durante a escavação de uma criança (aproximadamente 3 anos de idade com datação de 1470 + 30 anos BP) em um sítio arqueológico no agreste de Pernambuco, denominado Sítio Pedra do Cachorro (localmente conhecido por Sítio Pititi). Observar a fragilidade daquele indivíduo, durante sua escavação, trouxe em um primeiro momento, uma emoção, que muitos pesquisadores certamente já conheceram ao se depararem com esse tipo de vestígio, mas o que nós como pesquisadores podemos contribuir para o entendimento do contexto de vida daquele pequeno indivíduo? Essa criança poderia ser facilmente interpretada como uma parcela periférica do seu grupo, sem muitas contribuições a dar, uma vez que, a visão que temos sobre as crianças estão

embasadas por construções sociais e culturais modernas de que elas são inertes na participação e desenvolvimento, e muitas vezes ficam à margem das pesquisas. Saber o porquê daquela criança ter sido acomodada e protegida em uma cova na rocha, aparentemente com muito cuidado para que todos os seus membros coubessem em uma cavidade tão pequena, talvez num ato de proteção ou repetição do ritual, me fez questionar o que o estudo das práticas funerárias nos sepultamentos de crianças pode elucidar sobre seu grupo? O que a pessoa (geralmente um adulto) quis representar sobre a criança, através desses gestos mortuários, fossilizados no registro arqueológico? É preciso antes de tudo, investigar os aspectos presentes e não focar na ausência de informações desses indivíduos invisibilizados, como colocado por Lotta (2009, p. 12).

> As crianças são frequentemente descritas na literatura arqueológica como invisíveis, ausentes dos cemitérios, e suas atividades são geralmente consideradas difíceis de discernir na cultura material. É como se o debate teoricamente fundamentado, cuja intenção era remediar a invisibilidade, tivesse contribuído para a preservação dessa condição. Se a missão é procurar o invisível, é espantosamente alto o risco de que o invisível permaneça na multidão do invisível, por ser difícil distinguir.

Diante desse contexto, é notável o quanto a arqueologia precisa observar os vestígios e o contexto em que essas crianças estavam inseridas e, principalmente, o que elas podem trazer de informação sobre as sociedades do passado. A prática funerária presente no contexto de morte, seja em uma criança ou adulto, é uma representação do grupo que a praticou, muitas vezes essa intencionalidade se perpetua no registro arqueológico. Mas será que as crianças também eram receptoras dessas práticas? Ou o fato de ser criança despendia menos energia no seu ritual funerário? Em alguns casos é possível observar a presença da criança no registro arqueológico através da participação delas na produção de cerâmica ou registro rupestre, mas seria possível identificar sua importância também através do seu ritual funerário? Pensando nisso, esta pesquisa partiu do seguinte questionamento: Quais eram as práticas funerárias presentes nos indivíduos não adultos dos sítios pré-coloniais do nordeste do Brasil entre 9.400 e 365 anos BP?

A hipótese para esse questionamento parte-se de que os sítios arqueológicos que preservam remanescentes humanos não-adultos revelam práticas funerárias que, embora apresentem certos elementos recorrentes ao longo do tempo, não devem ser interpretadas unicamente como expressões de conservadorismo cultural.

Essas práticas podem demonstrar, antes, uma continuidade seletiva de elementos rituais associados à infância, que podem ter coexistido com transformações e inovações ao longo dos diferentes recortes cronológicos (do Holoceno Inicial ao período Pré-colonial recente). É possível que essas evidências indiquem que as crianças estavam inseridas nos rituais funerários de seus grupos, sendo tratadas como sujeitos sociais portadores de significados, e não apenas como agentes passivos diante da morte.

Para responder o problema proposto e averiguar se a hipótese estabelecida é afirmativa ou negativa, está pesquisa analisou 14 sítios a com presença de 167 remanescentes humanos não adultos no Nordeste do Brasil, através de um protocolo sistêmico, onde foi possível observar os elementos presentes no registro arqueológico (ou que foi passivo de observação), permitindo a elaboração do perfil funerário de cada sítio e consequentemente o perfil funerário da região Nordeste. Todas as informações dos sítios, e consequentemente das crianças, foram obtidas através de fontes secundárias, como, teses, dissertações, artigos e relatórios.

Dentre as fontes consultadas, é importante destacar que, ao longo da pesquisa, foram identificadas algumas limitações. Em muitos casos, as fontes não apresentavam de forma clara as características dos indivíduos não adultos em seus contextos funerários. Nesse sentido, teses e dissertações mostraram-se particularmente mais relevantes**,** contribuindo de forma mais eficaz para o refinamento da metodologia adotada.

Ainda no âmbito das limitações, é importante mencionar que a diversidade de sítios analisados nesta pesquisa — um total de 14, escavados em diferentes períodos e sob distintas abordagens metodológicas — também representa um fator significativo. As metodologias empregadas nas escavações mais antigas, muitas vezes condicionadas pelos recursos disponíveis à época, podem ter impactado diretamente a forma como os dados foram coletados e, consequentemente, influenciado a qualidade e a completude das informações apresentadas em algumas publicações.

A pesquisa foi estruturada de forma que a sua proposta, aportes metodológicos, análise e resultados estivessem expostos sistematicamente nas seções, a saber:

Na seção 2 “**Considerações teóricas sobre o estudo da criança na Arqueologia**”, foi abordado como se desenvolveram as pesquisas arqueológicas referentes ao estudo das crianças, delineando seu avanço ao longo do tempo. Também foram discutidos alguns conceitos utilizados, como o conceito de criança e infância, ressaltando a distinção entre eles, dependendo dos grupos nos quais as crianças estavam inseridas.

A seção 3 “**Aspectos Metodológicos**”, refere-se à parte metodológica. Neste, foram abordadas as ferramentas que a pesquisa utilizou para alcançar os objetivos e, consequentemente, responder os questionamentos que a impulsionou. Além da metodologia descritiva utilizada e suas técnicas para captação e análise dos dados, foram ressaltados os conceitos de perfil funerário e como a pesquisa irá desenvolver o perfil funerário do Nordeste.

A seção 4 **“Análise dos perfis funerários dos indivíduos não adultos nos sítios do nordeste”,** apresenta os resultados parciais da pesquisa, destacando a descrição dos 14 sítios analisados e seus perfis funerários. Nele, são compiladas todas as informações obtidas a partir das publicações, além da aplicação das fichas com as variáveis estabelecidas para cada sepultamento, que foram posteriormente inseridas em um banco de dados. Com os dados organizados, foi possível reconstruir o perfil funerário de cada sítio.

A seção 5 **“Caracterização dos perfis funerários dos indivíduos não adultos do nordeste do Brasil**” destaca a análise dos dados apresentados na terceira seção, permitindo a integração dos sítios estudados e proporcionando uma visão abrangente da região Nordeste. Essa seção ressalta, especialmente, a observação das práticas funerárias relacionadas às crianças ao longo do recorte cronológico, que abrange de 9.400 a 365 anos BP.

A última seção são as **Considerações finais**, ele sintetiza os resultados e reflexões, oferecendo uma visão crítica do estudo realizado.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O ESTUDO DA CRIANÇA NA ARQUEOLOGIA

Nas últimas décadas, a Arqueologia passou a questionar a ausência de determinados grupos nas interpretações sobre o passado, como as crianças, mulheres e envelhecidos. Influenciada pelos movimentos feministas e pela arqueologia de gênero, a disciplina tem buscado ampliar suas abordagens, reconhecendo a infância como uma categoria social relevante. Esta seção discute a presença das crianças no registro arqueológico, especialmente em contextos funerários, e apresenta os principais marcos teóricos da Arqueologia da Infância.

2.1 A CRIANÇA NA ARQUEOLOGIA

Estudos arqueológicos apontam que a preocupação em realizar algum tipo de ritual funerário ou cultural em crianças já era praticado pelos Neandertais. Os vestígios correspondem a um crânio infantil, pertencente a um bebê de dez meses, enterrado na caverna Amud, em Israel, com uma estimativa de mais de 50.000 anos BP. A criança teria sido colocada em um pequeno nicho na parede de uma caverna, juntamente com uma mandíbula de um cervo em seu quadril (Rak; Kimbel; Hovers, 1994). No entanto, não se sabe se a maneira como esse bebê foi acomodado, condiz a uma exceção ou a alguma norma na sociedade neandertal.

Para Jane Baxter (2006), as crianças estiveram presentes na maior parte dos tempos pré-coloniais e comunidades históricas, portanto, o estudo da infância permite observar as mudanças ou continuidade ao longo das gerações, particularmente na perpetuação de importantes princípios de organização social. O estudo de mecanismos associados com a mudança cultural e continuidade nas escalas menores da família e da comunidade também são importantes para desenvolver uma compreensão da mudança cultural numa escala mais ampla (Baxter, 2006).

As contestações do movimento feministas ao caráter androcêntrico abriram espaço para as temáticas relacionadas ao corpo, sexualidade, gênero e atuação na

esfera pública e privada. Nos anos 70, um grupo de pesquisadoras trouxe em seus trabalhos questionamentos sobre onde estavam as mulheres no contexto pré-colonial, onde até então, as pesquisas eram voltadas apenas para questões que colocavam o homem no centro das atenções, como se nele estivesse todas as informações para observar o passado. Diante desse cenário de insatisfação por algumas pesquisadoras, surgiram pesquisas e congressos sobre a temática do gênero e sua importância dentro desses estudos.

É nesse contexto que surge a tentativa de viabilizar também as crianças nas pesquisas arqueológicas. Estudiosos apresentaram os primeiros trabalhos na década de 80, graças ao movimento dessa crítica feminista e do estabelecimento da arqueologia de gênero. O surgimento desse movimento trouxe ambições de incluir membros anteriormente negligenciados como as crianças, idosos e mulheres no âmbito das pesquisas acadêmicas. Desde então é possível observar um movimento ascendente sobre o estudo das crianças e estudo da infância (Lillehammer, 1989; 2005; 2010; Baxter, 2006; Lewis, 2007; Kamp 2001; Scott, 1999; Derevenski, 1994; Lotta, 2009).

Todo esse questionamento em torno dos indivíduos invisibilizados, sobretudo as crianças, culminou na publicação do artigo *A child is born. The child's world in na archaeological perspective* (Uma criança nasce. O mundo da criança em uma perspectiva arqueológica), escrito por Grete Lillehammer em 1989. Ele é considerado um marco inicial e uma leitura indispensável para quem estuda sobre o tema da Arqueologia da Infância. A partir desse trabalho, vários outros surgiram impulsionados pela mesma inquietação da pesquisadora, a negligência da pesquisa arqueológica sobre as crianças.

Segundo Grete Lillehammer (2010), a presença de criança no registro arqueológico é aceita, porém, elas são ignoradas no levantamento de ideias-chave, tendo pouco impacto no pensamento e método arqueológico, e esse início das pesquisas acabava as colocando como coadjuvantes no seu contexto. Para Jane Baxter (2006), quando as crianças são incluídas na interpretação arqueológica, elas são estereotipadas e colocadas em papéis periféricos das esferas sociais, econômicas, religiosas e políticas.

É possível observar que o interesse no estudo sobre a criança se deu tanto pelos movimentos feministas, como também, pela feliz coincidência do evento “Ano da Criança” realizado pela ONU em 1979. Ele teria surtido efeitos em várias áreas, todos centrados em desenvolver pesquisas a respeito das crianças. Na Arqueologia, isso foi repercutido na criação da *The Society for the Study of Childhood in the Past* (SSCIP), da revista internacional *Childhood in the Past* em 2007, correspondendo a uma sociedade internacional multidisciplinar destinada a promover e avançar no campo desse tipo de pesquisa.

As crianças começam a ganhar espaço dentro dos estudos arqueológicos, no entanto parece que há uma preocupação maior em observar a falta das crianças no registro arqueológico, do que intensificar sua presença. Embora lento, é importante considerar os esforços de alguns pesquisadores, sendo necessário lembrar que essa discussão ultrapassa o eixo da arqueologia, requerendo uma consciência transdisciplinar e interdisciplinar, por isso o progresso depende do avanço de outras disciplinas para poder avançar, isso justifica a presença de arqueólogos, antropólogos, historiadores, historiadores de arte, sociólogos e psicólogos na SSCIP.

Grete Lillehammer (1989), exemplifica a questão da invisibilidade das crianças, na história contada sobre a escravidão por exemplo, onde não se relata o contexto das crianças escravizadas, a única ênfase dada é ao indivíduo adulto, como se as crianças também não tivessem sido escravizadas. Segundo a autora “O exame das crianças e da infância é uma questão de ceticismo acadêmico e especulação no processo de pesquisa arqueológica” (Lillehammer 1989, p.101-103).

Para Lotta (2009), a ideia que alguns pesquisadores difundem, a exemplo do sociólogo Qvortrup (1987 *apud* Lotta 2009), no qual acredita-se que as crianças não são integradas na sociedade até que deixem de ser crianças e se tornem adultos, e que, portanto, constituem uma categoria fortemente marginalizada. Essas ideias influenciaram em grande parte na pesquisa arqueológica, e talvez seja por isso, que as crianças como objetos de estudo não receberam a mesma discussão científica e a mesma fundamentação interpretativa rigorosa que outras categorias sociais.

Contudo, Grete Lillehammer (2010) traz um importante dado sobre como os estudos da criança no registro arqueológico teriam tomado forma e se consolidado na arqueologia, ele está dividido em três partes.

> A narrativa infantil não centrada: A evidência arqueológica das crianças não é vista ou percebida. A narrativa infantil aleatória: A evidência arqueológica das crianças é compreendida imediatamente, mas não parece muito clara e óbvia em primeiro lugar. A narrativa da criança associada: A evidência arqueológica das crianças é compreendida e conectada por semelhanças ou por uma fonte comum, mas não como objeto principal de pesquisa. A narrativa centrada na criança: A evidência arqueológica das crianças é o principal objeto de pesquisa e atenção é dada ao que é entendido como significativo. Merece atenção sistemática e precisa ser classificada, registrada e analisada (Lillehammer, 2010, p. 20).

Todas essas narrativas ainda estão presentes no discurso e prática arqueológica, porém, esta última narrativa, centrada na criança, ganha mais ênfase principalmente nos últimos anos com o desenvolvimento teórico e metodológico da arqueologia e da prescrição do processualismo.

O livro *Onde estão as crianças?* da pesquisadora Kathryn Kamp (2001), traz um questionamento interessante e reforça a colocação de Grete Lillehammer (2010) sobre o quão lento é o progresso de algumas abordagens teóricas, mesmo depois de alguns anos dos primeiros trabalhos sobre criança (década de 80), pesquisadores como Kathryn Kamp (2001) continuam questionando sobre a sua ausência nas pesquisas arqueológicas. Para a pesquisadora, as crianças e seu papel na sociedade podem até ser um tema interessante, mas ainda é periférico às questões reais de interesse.

> Primeiro e mais obviamente, a infância é o campo de treinamento, o momento em que as habilidades e os sistemas de crenças são aprendidos, a personalidade formada e as atitudes e valores incutidos. Além disso, as crianças são parte integrante da maioria das questões que na literatura parecem mais próximas e queridas aos corações dos arqueólogos. Em muitas sociedades, as crianças fornecem uma quantidade considerável de trabalho e, portanto, são parte integrante das estratégias de subsistência. Atividades específicas como pastorear, buscar água e coletar lenha podem, às vezes, ser quase inteiramente dever das crianças. As crianças podem até desempenhar papéis significativos na economia fora de casa, por exemplo, como operários de fábricas, trabalhadores agrícolas ou empresários. No nível doméstico, o número de filhos e suas idades podem ter efeitos dramáticos no sucesso econômico, e o número de filhos pode estar relacionado tanto ao status pessoal quanto ao poder familiar. Os graus de idade são um princípio potencial de organização social. Cerimônias de iniciação e outros ritos de passagem que fazem parte da experiência da infância podem atuar para solidificar valores sociais, ser um

> terreno ativo para competição ou atuar como um veículo de mudança social. O crescimento populacional e a estrutura demográfica são o foco de muitos estudos e variáveis críticas em vários modelos de mudança de cultura (Kamp, 2001, p. 2).

Compreender o papel econômico das crianças, saúde e outros aspectos pode trazer informações sobre a compreensão mais ampliada de sociedades passadas. Negligenciar esses dados, não deixa apenas as crianças de fora desse contexto, mas um déficit do passado. Para Kathryn Kamp (2001, p. 2):

> É apenas nossa construção etnocêntrica da infância como um tempo de pouca importância econômica, política ou social que nos cega para a necessidade de usá-la como categoria analítica. Talvez, por outro lado, os arqueólogos negligenciem a infância não porque seja percebida como sem importância, mas porque é tão intangível. Talvez os vestígios materiais que as crianças deixam sejam menores e difíceis de interpretar ou muito difíceis de separar dos adultos. Para muitos de nós que acompanhamos a trajetória da pesquisa de gênero na arqueologia, essa queixa soa desconcertantemente familiar.

Observando as pesquisas relacionadas à infância, entre as mais comuns, estão, “mãos e impressões digitais de crianças, enterros e inclusões de enterros, brinquedos e jogos, fotos mostrando crianças inseridas em conjunto com ritos de passagem da infância, artefatos produzidos por crianças para seu próprio uso ou ao aprender”, exceto o enterro que é praticado por um adulto, os demais vestígios traduzem a intenção da criança no registro arqueológico.

No Brasil é possível ver alguns arqueólogos indo de encontro a essa ascensão de estudos sobre crianças. Em 2019 foi lançado um livro intitulado *A in(visibilidade) de crianças no registro arqueológico*, organizado por Tânia Andrade Lima. A obra traz essa preocupação sobre a ausência de estudos que coloquem as crianças como personagens principais nas pesquisadas, e sobretudo, o que é possível identificar no registro arqueológico como ferramentas líticas, cerâmica e brinquedos, que são muitas vezes negligenciados nas pesquisas. Segundo Tânia Andrade Lima (2019), o sistema sociocultural não pode ser compreendido a partir de uma única categoria, a dos homens adultos e produtivos, e que essa arqueologia falocrática pertence ao passado da disciplina.

Outra importante iniciativa acadêmica foi a edição especial da Revista de Arqueologia com título *Arqueologia da Infância* organizado por Fernanda Neubauer em 2018. Nela é possível observar pesquisas de grande relevância para essa

temática. Ainda segundo Neubauer (2018), alguns pesquisadores assumiam que crianças eram agentes invisíveis, muitas vezes considerando-as como não importantes, ou como sendo impossíveis de serem endereçadas nos estudos arqueológicos.

Como esta pesquisa pretende analisar as crianças no contexto pré-colonial, é importante trazer a discussão sobre esse recorte temporal, uma vez que, o arqueólogo está muito distante desse passado e os vestígios inerentes ao contexto infantil podem estar envolvidos por uma série de características culturais, sociais e econômicas que implicam na interpretação do que era ser uma criança para ele. Diante disso, cada pesquisador precisa estar atento nas suas interpretações, deixando-as o mais imparcial possível, livres de qualquer interferência.

Para Tânia Andrade Lima (2019, p. 8),

> O fato de as crianças terem sido apagadas das explanações arqueológicas resulta, [...] de nossas próprias concepções e ideias sobre a infância como categoria improdutiva e marginal, o que determinou seu confinamento à esfera doméstica [...]. Esse olhar de relance - na nossa e em diferentes sociedades no tempo e no espaço - denuncia a insustentabilidade do mito do homem adulto reprodutor como provedor e sustentáculo da sociedade. De tal forma que as interpretações arqueológicas construídas a partir dessa perspectiva nada mais são que a projeção de uma arqueologia feita por muito tempo predominantemente por homens, para a sustentação desse mito por eles mesmos construídos, de modo a assegurar a manutenção das suas posições hegemônicas. Assim como a nossa, muitas outras sociedades contaram com a participação expressiva de mulheres, velhos e crianças em atividades econômicas, sociais, religiosas e políticas, de tal forma que considerar essas categorias como periféricas e marginais em arenas onde decisões importantes foram e são tomadas, resulta sem dúvida em compreensões e interpretações equivocadas.

A autora Derevenski (1994) chama atenção para a necessidade de desconstruir os preconceitos existentes por parte do arqueólogo, em relação à interpretação de alguns tipos de enterramentos infantis, como por exemplo, a presença de indivíduos infantis identificados dentro de assentamentos e sob casas, que tem sido visto como evidência de infanticídio e tem sido usado de forma simplista para fazer suposições sobre a presença e o comportamento das mulheres como (más) mães. Essa interpretação tem sido utilizada por alguns arqueólogos quando se deparam com enterro de crianças em ambientes domésticos ou ocultação das mortes de crianças ilegítimas, até mesmo em contexto pré-colonial. No entanto, é preciso considerar a variação de significado do enterro infantil, assim como a

forma e quantidade particular de cada grupo, principalmente quando se trata de um intervalo de tempo significante como o período pré-colonial.

Eleanor Scott (1999) ressalta que o contexto de morte em crianças, como os que encontram no Neolítico e na Idade do Bronze, com presença de sepultamentos infantis e a separação dos sepultamentos de adultos masculinos e femininos seja reflexo de construções sociais e não de estratégias econômicas.

Para Grete Lillehammer (2010) nem o arqueólogo, nem o antropólogo, podem ignorar o problema do intervalo de tempo, com exceção para a arqueologia histórica, arqueologia clássica e etno-arqueologia, quando os dados históricos dão suporte para as interpretações. Segundo a autora, a experiência pós-moderna da pluralidade cultural abriu uma variedade de abordagens para as interpretações da cultura material. Como parte desta experiência, questões de pesquisa, dados e interpretação são considerados carregados de valor e influenciados pela percepção cultural, posição teórica e localização geográfica do arqueólogo. Essas características atribuídas ao arqueólogo podem influenciar demasiadamente na interpretação e entendimento da criança dentro de seu grupo, bem como, a cultura material associada a ela.

2.2 CONCEITO DE CRIANÇA, INFÂNCIA E INDIVÍDUO NÃO ADULTO

Para Lotta (2009) O termo "criança", ao contrário de "infância", é um conceito descritivo e não analítico. O termo "criança" refere-se a uma categoria de fase da vida. No entanto, para compreender o conceito de criança é preciso desvencilhar das imagens preconcebidas, tentando entender o que há nelas e não o que esperamos delas (Cohn, 2005).

Ainda segundo Clarice Cohn (2005, p. 9), “não se pode falar de crianças de um povo indígena sem entender como esse povo indígena pensa o que é ser criança e sem entender o lugar que elas ocupam naquela sociedade”. Entretanto, isso ainda é um desafio para a pesquisadora, pois, como dito anteriormente, ainda se pensa nelas como seres incompletos a serem formados e socializados.

Sobre a distinção entre criança e infância, Clarice Cohn (2005, p. 21) ressalta que “infância é um modo particular, e não universal, de se pensar a criança”, por isso ela utiliza o nome “Antropologia da Criança” em seu livro. Em algumas culturas e sociedades o termo infância pode até mesmo não existir, ou ter uma outra conotação. O grupo Xikrin de etnia indígena localizado no Pará, por exemplo, considera que um indivíduo é criança até o momento em que passa a ter uma criança que é sua (filho), onde o casamento é consolidado, e tem seu próprio espaço, um lugar na produção econômica para produzir e compartilhar alimentos (Cohn, 2005).

A pesquisadora Kathryn Kamp (2001) traz uma contribuição importante quanto a formação do conceito de criança, e como o arqueólogo precisa estar atento a isso.

> Assim como o gênero, as categorias de idade e os papéis são culturalmente definidos e devem ser investigado, em vez de presumido. Não é sustentável simplesmente supor que categorias de idade derivadas de modelos ocidentais modernos corresponderão a estágios significativos para outras culturas, passadas ou presentes [...] Deve-se esperar que cada sociedade tenha suas próprias categorias de idade e seus próprias definições de infância (Kamp, 2001, p. 23).

Em contextos arqueológicos, o conceito de criança é analisado em duas partes, a criança biológica (osteologicamente interpretável) e a criança cultural (arqueologicamente interpretável) (Derevenski, 1994). Esses dois conceitos requerem diferentes considerações teóricas e críticas dentro de sua respectiva sociedade.

Philippe Ariès (1962; 1981) trouxe uma das principais discussões – embora criticado por outros pesquisadores como Pollock (1983) – sobre um conceito de infância, onde a define não mais por uma fase da vida biologicamente construída, mas como uma fase política, socialmente condicionada e culturalmente definida em constante mudança. Para o autor a criança nada mais é do que receptáculo dos ensinamentos passados pelos adultos.

Já a idade social tem, assim, uma relação paralela e altamente interativa com construções sociais de gênero, classe, etnia e outras categorias culturalmente definidas (Derevenski, 1997).

O aspecto biológico, que independe do contexto cultural, é onde a infância constitui a fase da vida que se caracteriza pelo desenvolvimento físico, motor e psicológico. Segundo Lotta (2009) o aspecto biológico é tão problemático quanto o cultural. Isso se aplica principalmente quando o denominador biológico é usado como ponto de partida para interpretações de contextos culturais em materiais arqueológicos.

Em relação a idade cronológica, essa é dada em anos , meses, semanas e dias. Ela é calculada em análises osteológicas com base na idade fisiológica/biológica do indivíduo, e são baseadas na maturidade fisiológica do indivíduo, o que envolve grandes variações individuais à medida que o corpo se desenvolve e envelhece em diferentes taxas (Lotta, 2009).

Contudo, pode dizer que "criança" e "infância" são categorias culturalmente construídas, cujo limite é definido pela sociedade envolvente. Para Lotta (2009), como uma construção cultural, a infância também é razoavelmente afetada por grandes mudanças sociais, políticas, econômicas, sociais ou religiosas.

A infância está intrínseca a fase da criança, em termos de teoria social, “infância” tem sido definida como o período de vida durante qual um ser humano é considerado uma criança, e características culturais, sociais e econômicas desse período. A infância seria as percepções adultas das crianças, criadas por outros, pela ordem e controle da vida social, sistema legal e organização em uma determinada sociedade (James; James, 2004) e essa percepção pode variar muito entre a sociedade que a criança está inserida.

Segundo Grete Lillehammer (2010) uma teoria da infância chegou a ser discutida, o uso do termo “teoria” na ciência e não na filosofia, e isso poderia ajudar a identificar uma estrutura analítica projetada para explicar um conjunto de observações empíricas da cultura material que identifica esse conjunto de observações distintas como uma classe. Diante disso, quais seriam os vestígios arqueológicos de uma criança ou da infância? Isso ia requerer a inclusão de disciplinadas das ciências sociais, humanas e comportamentais.

Como a própria Grete Lillehammer (2010) coloca, se aceitar a infância como definidor de período, com intervalo de desenvolvimento mental entre crianças e adultos, os fetos e crianças decorrente de abortos seriam deixados de fora.

O termo infância é utilizado por Eleanor Scott (1999) como uma etapa biológica do desenvolvimento humano, e também uma construção social. Em muitas culturas, a criança não era considerada um membro pleno da sociedade e era tratada de maneira diferente dos adultos, tanto na vida quanto na morte.

Os termos criança e infância ainda são uma amalgama nos textos sobre essa temática, ambos sendo utilizados para definir um período biologicamente e socialmente construídos, delimitados pelas sociedades que esses indivíduos estão inseridos, muitas vezes, sem uma definição entre um e outro.

Como Mary Lewis (2007) coloca, a infância é exclusiva do ciclo da vida humana, não encontrada em nenhuma outra espécie. Ela representa mais do que uma idade biológica, estando condicionada a uma série de eventos culturais e experiências que compõem a vida de uma criança, podendo ser definida como um período de socialização e educação, onde as crianças aprendem sobre sociedade, papéis de gênero e trabalho. O que diferencia é o momento que esses eventos acontecem na vida de cada criança, isso vai variar de uma cultura para outra.

No que concerne o termo de indivíduo não adulto, sua incorporação nos estudos bioculturais é relativamente recente, sendo impulsionada por descobertas arqueológicas e pelo desenvolvimento de pesquisas específicas nesse campo. Inicialmente, dificuldades metodológicas, como a coleta inadequada em campo e o tamanho reduzido das amostras, limitavam o aprofundamento sobre esse grupo, destacando-se também a escassez de bibliografia especializada.

A partir da década de 1950, com autores como Bourgeois-Pichat (1951) e, mais tarde, Fazekas e Kósa (1978), Brothwell (1987) e Goodman e Armelagos (1989), iniciou-se uma trajetória de valorização dos remanescentes infantis como fontes legítimas de informação, não mais vistos apenas como "pequenos adultos", mas como sujeitos sociais com dinâmicas próprias. Essa mudança levou à consolidação do **conceito de não adulto**, que considera não apenas aspectos

biológicos e cronológicos, mas também dimensões sociais do envelhecimento e da infância (Lewis, 2011).

Nas décadas de 1980 e 1990, o foco se ampliou para temas como nutrição, morbidade e condições de vida, e o conceito de não adulto passou a ser delineado com mais clareza, incluindo discussões sobre terminologia, faixas etárias e critérios de classificação. A partir dos anos 2000, com o avanço tecnológico, surgiram guias e manuais específicos para o estudo de indivíduos não adultos (como Schaefer *et al.*, 2009), reforçando a legitimidade científica desse campo.

Atualmente, pesquisas interdisciplinares em áreas como arqueologia, anatomia, biologia e antropologia contribuem para o aprofundamento metodológico e teórico sobre a infância e os não adultos, reforçando sua centralidade nas investigações bioarqueológicas e sociais.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A região Nordeste engloba uma diversidade de sítios arqueológicos com presença de remanescentes humanos em contextos variados. Quanto à conservação dos sítios que estão inseridos no período pré-colonial, pode-se observar dois pontos, sua conservação pode sofrer tanto pelo próprio recorte temporal, como pelas alterações físico-químicas a depender de onde o sítio esteja inserido.

Se tratando de remanescentes humanos não adultos, as “crianças”, essa deteriorização pode ser ainda mais acentuada, seja pela própria frágilidade desse material ósseo, seja pelas questões de cunho cultural, que depedendo do tipo de ritual praticado pelo grupo, especificamente em relação ao local de deposição desses vestígios. Mas como Grete Lillehammer (1989), ja mencionou, é preciso focar na presença desses vestígios e não apenas na falta deles no registro arqueológico.

A questão da escassez de remanescentes ósseos humanos condizentes com as populações pré-contato no continente sul-americano, é notada em todas as faixas etárias. Segundo Strauss (2014, p. 91) “as razões para isso são diversas, envolvendo desde a ação de agentes tafonômicos como a própria natureza das práticas mortuárias, que podem implicar destruição dos ossos”. Para Bird (1988) e Dillehay (1995; 2000) a cremação pode ser a única justificativa que se pode explicar o fenômeno da falta de vestígios ósseos. Ainda segundo Strauss (2014, p. 91), “existe evidência suficiente, particularmente após o início do Holoceno, de que o despojo dos mortos no espaço doméstico ou em áreas especializadas era uma prática comum entre os primeiros americanos”.

Pensando nesse contexto de fragilidade na conservação do material ósseo e de possíveis aspectos culturais em torno do ritual funerário, foi estabelecido a abrangência da área de pesquisa para a região Nordeste, a fim de levantar o maior número de informações sobre as populações que viveram ali entre 9.400 e 365 anos BP. Ao todo foram analisados 14 sítios com 167 remanescentes humanos de indivíduos não adultos (Quadro 1).

Quadro 1 - Sítios pré-coloniais com presença de remanescentes humanos não adultos no nordeste do Brasil

SÍTIO	Quantidade de indivíduos não adultos	Estado
PRAÇA DE PIRAGIBA	24	BA
PEDRA DA TESOURA	4	PB
ALCOBAÇA	10	PE
FURNA DO ESTRAGO	23	PE
PEDRA DO CACHORRO	1	PE
SÃO BRÁS	4	PI
TOCA DA BAIXA DOS CABOCLOS	5	PI
TOCA DO ENOQUE	9	PI
TOCA DO SERROTE DO TENENTE LUIZ	14	PI
CANA BRAVA	5	PI
TOCA DO SERROTE DA BASTIANA	3	PI
PEDRA DO ALEXANDRE	16	RN
JUSTINO	39	SE
SÃO JOSÉ II	14	SE

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Para a realização da análise, adotou-se uma metodologia descritiva de dados, fundamentada em técnicas e abordagens voltadas à coleta, organização e apresentação sistemática das informações referentes aos achados arqueológicos. A estrutura metodológica baseou-se nas contribuições de Roderick Sprague (2005), Sérgio Francisco Silva (2005), Ledja Leite (2011) e Ilca Moura (2017), cujos trabalhos abordam aspectos das práticas funerárias, com ênfase na construção de perfis funerários. Todos os dados utilizados foram obtidos a partir de fontes secundárias, como teses, dissertações, artigos acadêmicos e relatórios técnicos.

Para alcançar os objetivos do estudo, a análise quantitativa[1] foi feita no *software* R versão 4.4.2[2] (R Core [...], 2015). O nível de significância adotado em

[1] A etapa de processamento dos dados, realizada por meio do banco de dados que construí durante a pesquisa, contou com o suporte da pesquisadora e professora do Departamento de Estatística da UFPB, Dra. Ana Hermínia, bacharel em Estatística pela UFPB, com mestrado e doutorado em Estatística pela UFPE.

todo estudo foi de 5%. Inicialmente foi feita uma análise descritiva dos dados, para o total da amostra, por recorte temporal e por sítio arqueológico. Para tanto foram utilizadas medidas como a frequência simples (percentual), para descrever as variáveis qualitativas e para descrever as variáveis quantitativas foram utilizadas a média (desvio padrão), a mediana, primeiro e terceiro quartis, mínimo e máximo (Bussab; Morettin, 2023) (Apêndices A e B).

A seleção dos sítios arqueológicos utilizados nesta pesquisa foi realizada por meio de uma curadoria criteriosa, levando em conta, sobretudo, a disponibilidade e a compatibilidade dos dados com a metodologia adotada. A mera presença de sepultamentos infantis não foi considerada suficiente para a inclusão de um sítio no corpus analisado; era imprescindível que ele apresentasse informações que contemplassem, no mínimo, 50% das variáveis previamente estabelecidas. Essa exigência se fez necessária diante da existência de sítios cujas publicações careciam de dados fundamentais, como a própria forma de deposição funerária.

Após a seleção dos sítios, e com todos os seus dados disponíveis (publicações antigas e recentes) cada sepultamento foi analisado individualmente, e seus dados foram depositados em um protocolo para formulação do seu perfil funerário com as informações dos dados biológicos e culturais (Quadro 2).

Quadro 2 - Ficha para formulação do perfil da deposição funerária

PROTOCOLO PARA FORMULAÇÃO DO PDF (PERFIL DA DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA)	
Sítio:	Nº da sepultura:
DADOS BIOLÓGICOS	
Idade Estimada:	
Sexo:	
DADOS CULTURAIS	
CORPO	
Forma da Deposição	
□ Primária	□ Secundária

[2] Disponível livre e gratuitamente em: https://www.r-project.org/.

Preparação do Corpo	
□ Pintura	□ Cremação
□ Corte	□ NI
□ Envoltório	
Individualidade	
□ Fragmentário	□ Múltiplo
□ Simples	□ Em Massa
□ Duplo	
Articulação	
□ Articulado	□ Rearticulado
□ Semi-articulado	□ desarticulado total
□ em feixe, sem crânio	□parcialmente desarticulado
□ em feixe, com crânio	□ dispersos
□ Perturbado	
Posição	
Flexão do corpo (flexão corpo/membros inferiores, eixo da coluna vertebral ou eixo crâniopelve/eixos longitudinais dos fêmures, contração do corpo)	
□Estendido (180 graus, supino, estendido)	□ Fletido (90-10 graus, contraído, acocorado, em posição fetal, fortemente fletido, posição embriônica,sentado, hiperfletido, hiperflexionado
□Semi-fletido (180-90 graus, fletido, acocorado, parcialmente fletido)	□Hiperfletido (10-0 graus, posição fetal, deitado ou sentado, hiperfletido/hiperflexionado)
Flexão dos membros superiores (flexão da junta do cotovelo, articulação do cotovelo, ângulo formado entre o eixo longitudinal do úmero e da ulna –ou rádio)	
□ Estendido (180 graus)	□ Hiperfletido (10 -0 graus)
□ Semi-fletido (180-90 graus)	□ Flexão reversa (180 – 360 graus)
□ Fletido (90-10 graus)	□ Ausente
Flexão dos membros inferiores (flexão da junta do joelho, articulação do joelho, ângulo formado entre o eixo longitudinal do fêmur e da tíbia –ou fíbula)	
□ Estendido (180 graus)	□ Hiperfletido (10 -0 graus)
□ Semi-fletido (180-90 graus)	□ Flexão reversa (180 – 360 graus)
□ Fletido (90-10 graus)	□ Ausente
Pé direito	Pé esquerdo
□ superior □ inferior □lat. direita □lat. esquerda □ dispersos □fragmentados □perturbado por outra deposição □ausente	□ superior □ inferior □lat. direita □lat. esquerda □ dispersos □fragmentados □perturbado por outra deposição □ausente
Obs:	Obs:
Posição dos membros superiores e mãos	

□Ao lado do corpo, braços estendidos	□ Braços ao redor dos membros inferiores (circundando)	
□ Braços na região torácica (sobre as costelas, cruzadas)		
Mão direita	Mão esquerda	
□ ausente □estendido □sobre o tórax □ região da cintura escapular (sobre, sob, ao lado das clavículas ou ombros) □ zona pélvica □ Região da face ou crânio (sobre, sob, ao lado) □ dispersos □fragmentados □perturbado por outra deposição □rosto	□ ausente □estendido □sobre o tórax □ região da cintura escapular (sobre, sob, ao lado das clavículas ou ombros) □ zona pélvica □ Região da face ou crânio (sobre, sob, ao lado) □ dispersos □ ao redor dos membros inferiores (circundando) □fragmentados □perturbado por outra deposição □rosto	
Obs:	Obs:	
Posição da face		
□ Face voltada para frente	□ Lado direito	□Lado Esquerdo
□Face Voltada para trás	□Lado direito	□Lado Esquerdo
□Face Voltada para baixo	□Lado direito	□Lado Esquerdo
□Face voltada para o lado	□Lado direito	□Lado Esquerdo
□Perpendicularidade da face	□Voltada para baixo (sobre a cintura escapular)	
□**Posição anômala** (torções, desordem, desarranjo, tracionamento, hiper-rotação, reversão.		
Orientação Crânio		
□direita □esquerda □ de frente □de cima □pra baixo □caído sobre o peito		
□Desarticulado □Perturbado por outra deposição □Fragmentado □ausente		
Obs:		
Orientação da face		
□ N □ S □ L □ O □ NE □ SE □ SO □ NO		
Orientação do corpo		
□ N □ S □ L □ O □ NE □ SE □ SO □ NO		
ESTRUTURA DO SEPULTAMENTO		
Orientação □ N □ S □ L □ O □ NE □ SE □ SO □ NO		
Forma □ Oval □circular □quadrado □retangular □ausente		
Tipo □ cavidade no solo □ cavidade na rocha □ cova simples □ fossa simples □ cova ou fossa forrada com material orgânico □ urna □ rede □ esteira □ não informado		

Dimensões Comprimento: largura: profundidade:	
CULTURA MATERIAL ASSOCIADA	
Posição	
□ à direita do corpo	□à esquerda do corpo
□próximo aos pés	□junto ao crânio
□próximo as mãos	□ distribuído sem padrão
□ outros	□ sobre o corpo
Obs.:	
Tipos de artefatos	
□ instrumento de uso doméstico	□ objetos de uso pessoal
□ instrumento de uso não doméstico	□ instrumento de sonorização
□ material *in natura*	□ faunístico
□ estruturas associadas	□ réplica em miniatura
□ Vegetais	□ Ossos de animais
□ Carvão	□ Mineral
□ miniatura com deficiência técnica na elaboração	
□ objetos que representam corpos (boneca/o)	
□ objetos relacionados a cuidados (vestimentas, adornos, vestígios de alimentação)	
Quantidades: N/I	
Tipologias: Folhagens e carvão	
Obs:	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

As informações obtidas por meio dessa ficha/protocolo foram organizadas em um banco de dados com o objetivo de formular o perfil funerário individual de cada sítio. A definição desses perfis foi fundamental para a integração dos dados de maneira abrangente, permitindo, assim, a construção de um panorama geral do perfil funerário da região Nordeste — objetivo central desta pesquisa.

3.1 PERFIL FUNERÁRIO

Pesquisas relacionadas à utilização do conceito de perfil na arqueologia no Brasil é visto em Ana Nascimento, Cláudia Alves e Suely Luna (1990), Anne Marie

Pessis (1992), Cláudia Oliveira (2000), Viviane Castro (1999), Ledja Leite (2011) e Ilca Moura (2017) abordando distintas categorias de vestígios, tais como, os grafismos rupestres, vestígios cerâmicos e líticos, sempre como caracterizadores culturais. Cada pesquisador adotou uma abordagem metodológica onde as variáveis permitissem observar características específicas preservadas no registro arqueológico, e com isso estabelecer o perfil de um determinado elemento presente no sítio estudado.

Segundo Cláudia Oliveira (2000), a presença do uso de técnicas variadas nos vestígios arqueológicos, possibilita a observação da presença de domínio técnico. Essas representações de distintas origens e processos produtivos, podem inferir na existência de estilos técnicos próprios que poderiam estar relacionados a grupos culturais diferentes. Com isso, o perfil técnico seria uma estrutura onde os seus elementos ou atributos estão organizados de forma hierarquizada pelas escolhas técnicas, que define dado Sistema Técnico de um grupo (Oliveira, 2000).

Para construir o perfil técnico seria necessário a observação dos elementos técnicos, morfológicos e funcionais, presentes em cada vestígio. Estas variáveis permitiram o estudo dos conjuntos de artefatos e conseguiu diferenciar em uma mesma unidade crono-espacial, técnicas produtivas diferentes que poderiam estar relacionadas a grupos distintos (Oliveira, 1990; 2000). Tanto Anne-Marie Pessis (1992) como Cláudia Oliveira (1990; 2000) utilizam os vestígios arqueológicos (lítico, cerâmico e registro rupestre) como caracterizadores culturais de grupos pré-coloniais.

No âmbito do estudo das práticas funerárias, a utilização do termo perfil funerário, é visto em Ledja Leite (2011), Fátima Luz (2014) e Ilca Moura (2017) que realizaram suas pesquisas respectivamente em sítios localizados na região da Serra da Capivara, no Piauí e em um sítio arqueológico no Bairro do Recife, Pernambuco.

Pensando nesta perspectiva metodológica, esta pesquisa pretende trabalhar com o conceito de perfil funerário construído a partir da observação das práticas funerárias presentes nos sítios pré-coloniais com presença de indivíduos não adultos, onde seus elementos fúnebres poderão ser considerados marcadores culturais dos grupos que o praticaram.

Assim, o perfil funerário de um sítio, com presença de remanescentes humanos, seria construído a partir de uma análise minuciosa dos elementos (culturais e biológicos) possíveis de observação, na unidade funerária de cada indivíduo. A constituição de cada deposição funerária vai permitir estabelecer o Perfil Funerário do Sítio como sugere Ledja Leite (2011, p. 61):

> O Perfil Funerário do Sítio constitui o conjunto de elementos relacionados às práticas fúnebres realizadas na totalidade de enterramentos evidenciados em um dado sítio arqueológico. Para reconstituir este perfil devem ser adotados dois procedimentos principais: a análise quantitativa dos Perfis das Unidades Funerárias e a análise da distribuição cronoespacial destes perfis.

3.2 PERFIL FUNERÁRIO DO SÍTIO

Para construir o perfil funerário é necessário estabelecer uma abordagem metodológica sistemática para observar de forma ampla os fenômenos relacionados aos enterramentos. Por isso é necessário selecionar variáveis pré-estabelecidas, que permitam ordená-los hierarquicamente e relacioná-los entre si e entre as unidades funerárias estudadas (Leite, 2011; Moura, 2017).

Portanto, foi realizado o Perfil Funerário de cada sítio mediante a utilização de protocolos que possibilitem visualizar cada enterramento não adulto identificado sob uma perspectiva ampla. Essa ordenação de informações possibilitou observar como esses elementos se comportaram dentro do espaço e no tempo. Isso ajudou na observação de possíveis semelhanças ou diferenças culturais presentes em cada indivíduo, dentro de cada sítio e depois relacioná-los.

Ao escolher as variáveis compatíveis com as práticas funerárias presentes em indivíduos não adultos, foi necessário entender que os contextos arqueológicos funerários possuem em sua natureza uma carga cultural diversificada, e para compreender seus elementos é importante que o pesquisador esteja atento às terminologias e conceitos que irá utilizar para que não haja ambiguidade na hora de sua interpretação. Um dos principais pesquisadores dessa discussão é Roderick Sprague (2005) que desde a publicação de sua tese e de seu livro *Burial terminology: a guide for researchers*, apresenta uma terminologia adequada para a

descrição das evidências funerárias encontradas em sítios arqueológicos, listados em 13 categorias que vão desde a disposição do corpo, à sua preservação. Essas categorias serão utilizadas como parâmetro na metodologia desta tese, a fim de formalizar e absorver o maior número de informações presente nos sepultamentos[3] (Sprague, 2005).

O protocolo formulado para captação e cruzamento dos dados foi criado a partir do que sugere Sprague (1968), utilizando a tríade componencial (corpo, estrutura funerária e cultura material associada) de forma sistemática. A observação dos elementos dessa tríade é essencial para a análise desse tipo de vestígio (Binford,1971; Tainter, 1978; Morris, 1992; Silva, 2005; 2014).

Como dito anteriormente, as fontes utilizadas para alimentar esse protocolo foram principalmente de origem secundária, como, publicações de artigos, dissertações e relatórios publicados a respeito do sítio.

3.2.1 Dados culturais

Os dados culturais observados nesta pesquisa correspondem ao tratamento funerário que o indivíduo recebeu durante seu ritual funerário e que ficou conservado no registro arqueológico. Os principais elementos dentro dessa variável, foram observados através da observação do corpo, estrutura funerária e cultura material presente.

3.2.1.1 Corpo

Essa variável apresenta dados de grande relevância para esta pesquisa, pois permite acessar um número significativo de informações relacionadas ao ritual funerário. Para a reconstituição do perfil funerário de um sítio, é fundamental que o pesquisador esteja atento aos atributos visíveis e documentados que o corpo

[3] Segundo Silva (2014, p. 21) “o termo enterramento possui um caráter natural, geológico, não intencional necessariamente, natural, diagenético, tafonômico ou de técnica, enquanto que sepultamento refere-se a uma ação antrópica, carregada de intencionalidade, ritualização e demais implicações sócio-culturais”.

recebeu durante o ritual de morte — aspectos que ainda possam ser observados no registro arqueológico. A obtenção desses dados requer a disponibilização de uma ampla gama de variáveis, a fim de possibilitar a coleta do maior número possível de informações. Nesse sentido, a seguir é apresentada o Quadro 3, elaborado com base em Roderick Sprague (2005) e Ilca Moura (2017).

Quadro 3 - Variáveis observadas no corpo

Forma da Deposição Funerária	Primária
	Secundária
Preparação do Corpo	Pintura
	Vestimenta
	Envoltório
	Cremação
	Corte
Individualidade	Fragmentário
	Simples
	Duplo
	Múltiplo
	Em massa
Articulação	Articulado
	Semi-articulado
	Em feixe, sem crânio
	Em feixe, com crânio
	Rearticulado
	Desarticulado total
	Parcialmente desarticulado
	Articulado parcialmente
	Perturbado
	Dispersos
Flexão do Corpo (flexão	Estendido (180 graus, supino, estendido)

corpo/membros inferiores, eixos da coluna vertebral ou eixo crânio pelve/ eixos longitudinais dos fêmures, contração do corpo)	Fletido (90-10 graus, contraído, acocorado, em posição fetal, fortemente fletido, posição embriônica,sentado, hiperfletido, hiperflexionado
	Semi-fletido (180-90 graus, fletido, acocorado, parcialmente fletido)
	Hiperfletido (10-0 graus, posição fetal, deitado ou sentado, hiperfletido/hiperflexionado)
Disposição	Decúbito dorsal
	Decúbito ventral
	Decúbito lateral
	Sentado
	Em pé
Flexão dos Membros Superiores (flexão da junta do cotovelo, articulação do cotovelo, ângulo formado entre o eixo longitudinal do úmero e da ulna –ou rádio)	Estendido (180 graus)
	Hiperfletido (10 -0 graus)
	Semi-fletido (180-90 graus)
	Flexão reversa (180 – 360 graus)
	Fletido (90-10 graus)
Flexão dos Membros Inferiores (flexão da junta do joelho, articulação do joelho, ângulo formado entre o eixo longitudinal do fêmur e da tíbia –ou fíbula)	Estendido (180 graus)
	Hiperfletido (10 -0 graus)
	Semi-fletido (180-90 graus)
	Flexão reversa (180 – 360 graus)
Pé direito	***Pé esquerdo***
Superior Inferior Lateral direita Lateral esquerda Dispersos Fragmentados Perturbado por outra deposição Ausente	Superior Inferior Lateral direita Lateral esquerda Dispersos Fragmentados Perturbado por outra deposição Ausente
Posição dos Membros Superiores e Mãos	

Ao lado do corpo, braços estendidos Braços ao redor dos membros inferiores (circundando) Braços na região torácica (sobre as costelas, cruzadas)

Mão Direita	**Mão Esquerda**
Estendido Sobre o tórax Região da cintura escapular (sobre, sob, ao lado das clavículas ou ombros) Zona pélvica Região da face ou crânio (sobre, sob, ao lado) Dispersos Fragmentados Perturbado por outra deposição Rosto Ausente	Estendido Sobre o tórax Região da cintura escapular (sobre, sob, ao lado das clavículas ou ombros) Zona pélvica Região da face ou crânio (sobre, sob, ao lado) Dispersos Fragmentados Perturbado por outra deposição Rosto Ausente
Posição da Face	
Face voltada para frente	(lado esquerdo ou direito)
Face Voltada para trás	(lado esquerdo ou direito)
Face Voltada para baixo	(lado esquerdo ou direito)
Face voltada para o lado	(lado esquerdo ou direito)
Perpendicularidade da face	(lado esquerdo ou direito)
Perpendicularidade da face	
Sobre a cintura escapular	
Posição anômala (torções, desordem, desarranjo, tracionamento, hiper-rotação, reversão.	
Orientação do Crânio	
Direita	

Esquerda
De frente
De cima
Pra baixo
Caído sobre o peito
Desarticulado
Perturbado por outra deposição
Fragmentado
Ausente
Orientação da Face
Norte
Sul
Leste
Oeste
Nordeste
Sudeste
Sudoeste
Noroeste
Orientação do Corpo
Norte
Sul
Leste
Oeste
Nordeste
Sudeste
Sudoeste
Noroeste

Fonte: Adaptado de Sprague (2005) e Moura (2017).

3.2.1.2 Estrutura funerária

A estrutura funerária compreende o local onde o indivíduo foi depositado durante o ritual funerário. Nessa variável serão observados atributos como: orientação, dimensões (comprimento, altura e profundidade), forma, tipo e dimensões (Quadro 4).

Quadro 4 - Variáveis presentes na estrutura funerária

Estrutura Funerária (EF)	
Orientação	Norte
	Sul
	Leste
	Oeste
	Nordeste
	Sudeste
	Sudoeste
	Noroeste
Forma	Oval
	Circular
	Quadrado
	Retangular
	Ausente
	Oval
Tipo	Cavidade no solo
	Cavidade na Rocha
	Cova simples
	Fossa simples

	Cova forrada com material orgânico
	Urna
	Rede
	Esteira
Dimensões	Comprimento
	Largura
	Profundidade

Fonte: Adaptado de Moura (2017).

3.2.1.3 Cultura material presente

A observação dessa variável pode fornecer informações relevantes para a pesquisa, especialmente no que diz respeito às distinções internas do grupo com base no sexo biológico e na idade dos indivíduos, quando associados a determinados artefatos presentes no ritual funerário. Segundo Viviane Castro (2009), os tipos de materiais associados aos sepultamentos, suas quantidades e características, quando relacionados ao sexo e à idade dos enterrados, podem funcionar como marcadores culturais — tanto coletivos quanto individuais.

A cultura material presente engloba artefatos, adornos corporais, oferendas no sepultamento, oferendas mortuárias/funerárias. Essa variável vai observar principalmente a sua posição e que tipo de cultura material está presente no contexto funerário (Quadro 5).

Quadro 5 - Atributos a serem analisados na variável do acompanhamento funerário

Acompanhamentos Funerários (AF)	
Posição	A direita do corpo
	Próximo aos pés
	Próximo as mãos
	A esquerda do corpo

	Junto ao crânio
	Distribuído sem padrão
	Sobre o corpo
	A esquerda do corpo
	Outros
Tipos de artefatos	Instrumento de uso doméstico
	Instrumento de uso não doméstico
	Material *in natura*
	Estruturas associadas
	Vegetais
	Carvão
	Objetos de uso pessoal
	Instrumento de sonorização
	Faunístico
	Réplica em miniatura
	Ossos de animais
	Mineral
	Miniatura com deficiência técnica na elaboração
	Objetos que representam corpos (boneca/o)
	Objetos relacionados a cuidados (vestimentas, adornos, vestígios de alimentação)
	Quantidades: N/I
	Tipologias: Folhagens e carvão

Fonte: Adaptado por Silva e Moura (2017) de Sprague (2005) e Castro (2009).

3.2.2 Dados biológicos

No que diz respeito aos elementos biológicos, é possível identificar aspectos relevantes da vida social e física dos indivíduos, tais como crescimento e desenvolvimento, padrões alimentares, idade no momento da morte, sexo biológico,

ancestralidade ou proveniência biogeográfica, material genético (DNA), patologias, entre outros indicadores (Saunders, 2000; Baxter, 2005; Lewis, 2007; González Martín, 1998; Solari; Martin; Silva, 2016).

Especificamente nesta pesquisa, a análise concentra-se principalmente no fator idade e, quando possível, na determinação do sexo biológico. A investigação de outras características fornecidas pelo material osteológico exigiria o contato direto com os vestígios, o que não está previsto na metodologia adotada, a qual se restringe exclusivamente ao uso de fontes documentais (Quadro 6).

Quadro 6 - Atributos a serem analisados na variável dos aspectos biológicos

Aspectos Biológicos	
Sexo	A
Idade (a idade biológica)	B

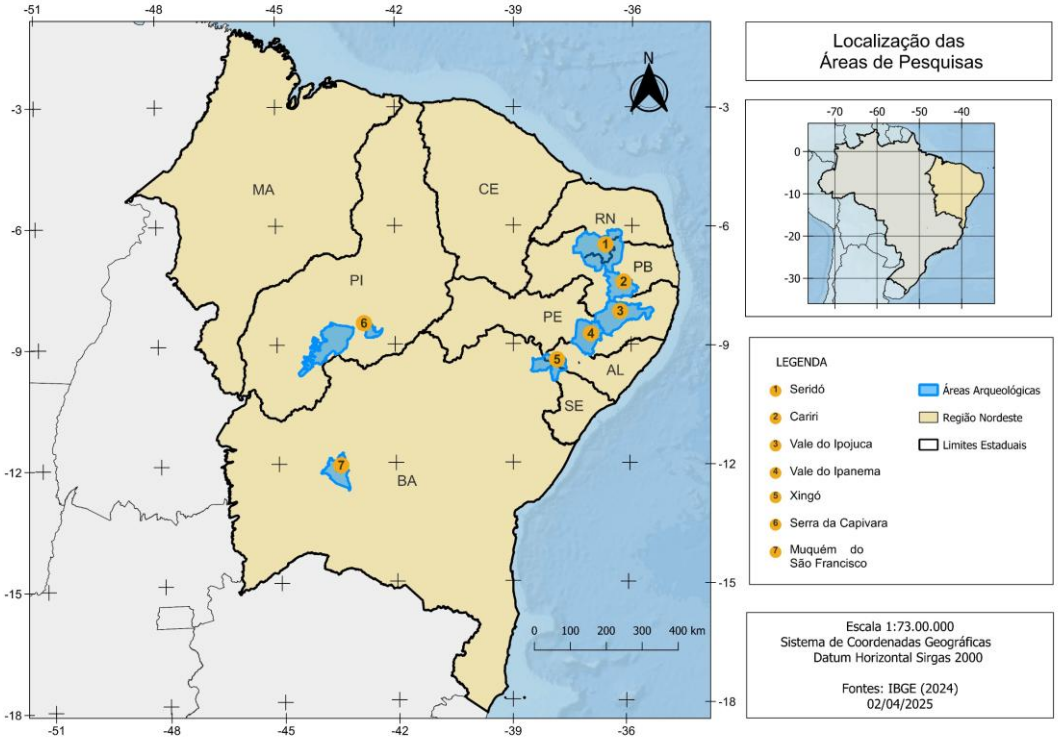
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A partir da coleta de todas essas variáveis foi possível elaborar o perfil funerário de cada sítio (descritos na seção 4). Essa construção exigiu um ordenamento sistemático das informações, conduzido sob uma perspectiva microanalítica, que possibilitou, posteriormente, a obtenção de uma visão geral, de caráter macroanalítico, da região Nordeste (Moura, 2017).

4 ANÁLISE DOS PERFIS FUNERÁRIOS DOS INDIVÍDUOS NÃO ADULTOS DOS SÍTIOS

Esta seção apresenta a descrição dos sítios arqueológicos analisados, bem como a formulação do Perfil Funerário do Sítio, integrando, de forma parcial, os resultados da pesquisa. Ressalta-se que apenas com a construção dos perfis funerários dos 14 sítios selecionados será possível elaborar, de maneira consolidada, o perfil funerário da região Nordeste — objetivo central deste estudo (Figura 1).

Figura 1 - Localização dos sítios arqueológicos analisados pela pesquisa



Fonte: Elaboração de mapa produzida pela graduanda em arqueologia Gabriela De Checchi Almeida (UFPE).

Serão abordados os dados culturais e biológicos presentes nas práticas funerárias dos indivíduos não adultos na região Nordeste do Brasil, a fim de caracterizar seu perfil funerário. Para isso, cada sítio foi analisado individualmente, com aplicação de ficha de análise para cada indivíduo, o que possibilitou a formulação do Perfil Funerário do Sítio.

Na tentativa de abranger e sistematizar o maior número de informação, o recorte espacial desta pesquisa, abarca os dados resultante de pesquisas em áreas

arqueológicas[4], assim como, sítios que estão fora da abrangência de locais denominados por área arqueológica, como os sítios da Bahia e Paraíba. As áreas analisadas foram, Vale do Ipanema (PE); Vale do Ipojuca (PE); Seridó (RN), o Serra da Capivara (PI) e Xingó (AL/SE), Bahia e Paraíba.

É importante ressaltar que, os sítios analisados nesta pesquisa, foram classificados de acordo com a metodologia proposta. Aqueles que as informações presentes nas publicações não supriam um percentual das variáveis propostas na metodologia, não conseguiram ser inseridos. Isso posto que muitas vezes, informações básicas como, a forma de deposição do corpo e quantidade de indivíduos, não estavam disponíveis nas publicações, embora existisse a informação de que naquele sítio tinham indivíduos não adultos em seu contexto.

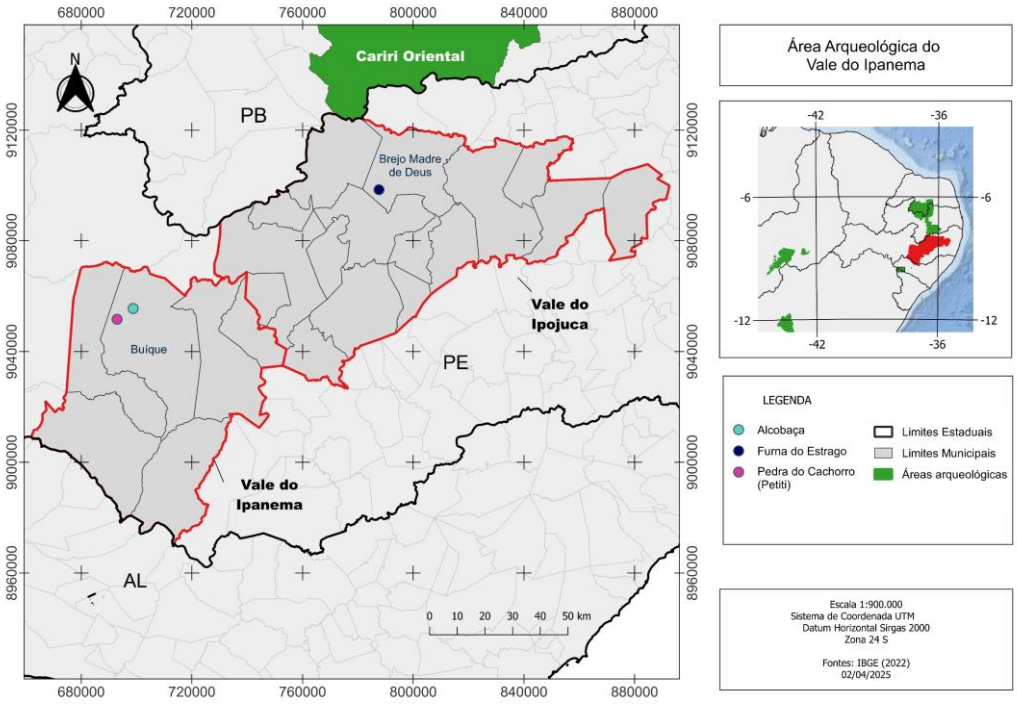
4.1 ÁREA ARQUEOLÓGICA VALE DO IPANEMA E VALE DO IPOJUCA

O Vale do Ipojuca e Vale do Ipanema são microrregiões do Estado de Pernambuco, que se localizam dentro da Mesorregião do Agreste Pernambucano.

No estado de Pernambuco a pesquisa bibliográfica levantou 3 (três) sítios com suas publicações compatíveis com a metodologia desta pesquisa e, portanto, foram analisados os sítios, Alcobaça, Pedra do Cachorro (Pititi) e Furna do Estrago (Figura 2).

[4] Martin (2008) conceitua as Áreas Arqueológicas como divisões geográficas que compartem das mesmas condições ecológicas e nas quais está delimitado um número expressivo de sítios pré-históricos. Ainda segunda a pesquisadora, estas áreas correspondem a assentamentos humanos onde se tenha observado condições de ocupações suficiente para caracterizar os grupos que habitaram determinada região, isso inclui, seu nicho ecológico, meios de sobrevivência e estratégia de habitação. Uma área arqueológica tem um aspecto mais conceitual que geográfico, não tendo um limite rígido, pelo contrário, tem fronteiras flexíveis e dinâmicas, podendo apenas estabelecer um marco cronológico, que vai desde as origens do povoamento até o desaparecimento de grupos indígenas ou sua modificação cultural pela pressão colonizadora (Martin, 2008, p. 89). Cada área arqueológica apresentada nesse capítulo, contemplará os sítios de interesse desta pesquisa, ou seja, aqueles com presença de indivíduos não adultos em contexto funerário.

Figura 2 - Localização dos sítios arqueológicos referentes as áreas arqueológicas do Vale do Ipanema e Vale do Ipojuca

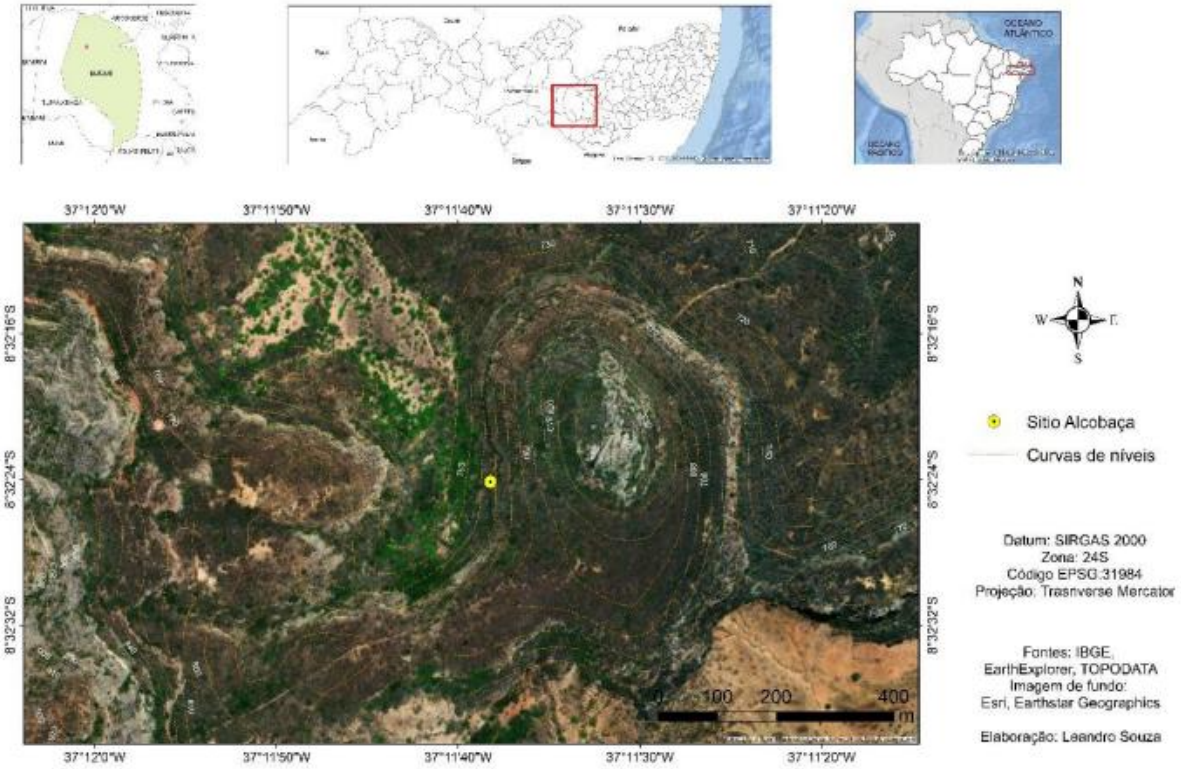


Fonte: Elaboração de mapa produzida pela graduanda em arqueologia Gabriela De Checchi Almeida (UFPE).

4.1.1 Sítio Alcobaça

O Sítio Alcobaça é um abrigo sob rocha arenítica, com configuração de um pequeno anfiteatro, inserido no semi-árido do estado de Pernambuco, na microrregião de Arco Verde município de Buíque, sob as coordenadas 8°32´24´´ e 37°11´39´´ Oeste (Nascimento; Alves; Luna, 1996) (Figura 3).

Figura 3 - Localização do sítio Alcobaça – Buique - PE



Fonte: Souza, Mutzenberg e Tavares (2022)

Suas primeiras intervenções arqueológicas se deram nos anos 90, quando pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco buscavam responder quais os tipos de ocupações humanas e que forma de uso os abrigos da região nordeste de Pernambuco receberam (Figura 4).

Figura 4 - Vista do Sítio Alcobaça – Buíque - PE

Fonte: Souza, Mutzenberg e Tavares (2022).

A pesquisadora Ana Nascimento desenvolveu sua pesquisa de doutorado no Sítio Alcobaça, onde foram realizadas três campanhas arqueológicas entre 1996 e 1998. Os vestígios demonstravam uma riqueza cultural expressiva, como as pinturas e gravuras realizadas em diferentes épocas, assim como vestígios ósseos humanos e não humanos, com datação entre 5000 a 900 anos antes do presente (Nascimento, 2001).

A fim de compreender a dinâmica de utilização do sítio e, consequentemente, como o ritual de morte foi materializado no local, o sítio foi dividido em três áreas, a saber: a área I, próxima a parede o abrigo, área II (norte do sítio) que visivelmente possui um pacote sedimentar mais robusto que possibilitaria uma melhor observação de sua ocupação e a III (parte sul), onde supostamente existia um perigo de destruição provocado supostamente pelos visitantes devido à presença de fogueira em superfície demonstrando ser atual (Nascimento, 2001).

Os enterramentos encontrados no sítio Alcobaça são todos secundários, depositados em covas e queimados juntamente com a cultura material presente, exceto dois dos enterramentos que apresentavam restos de pigmentos vermelhos que sugerem terem sido submetidos a tratamento ritualístico (Nascimento, 2001, p. 76).

Todos os enterramentos eram compostos por mais de um indivíduo, com presença de indivíduos não adultos. O material proveniente da presença de carvão no sítio possibilitou 24 datações por C14. As datações variaram entre aproximadamente 4.800 a 1000 anos.

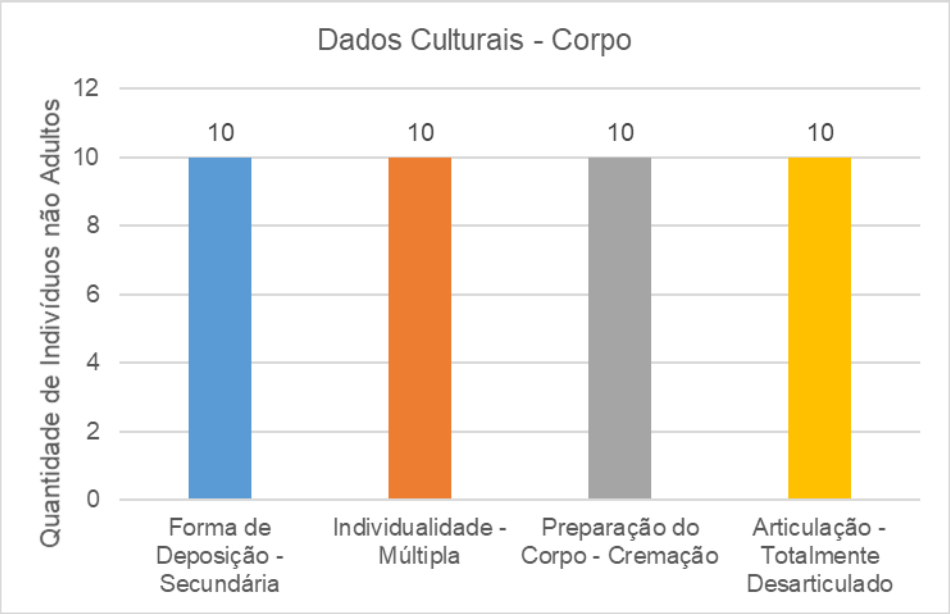
4.1.1.1 Dados culturais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância, identificados no sítio arqueológico Alcobaça, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

4.1.1.1.1 Corpo

Os dados culturais se apresentam de forma homogênea entre os 10 indivíduos não adultos identificados, especialmente no tipo de sepultamento secundário, Individualidade múltipla (das 5 sepulturas presentes, apenas uma estava destinada a indivíduos não adultos, as demais continham ossos de indivíduos não adultos e adultos). A cremação também esteve presente em todos os indivíduos analisados o que levou a uma desarticulação dos mesmos (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Dados culturais (corpo) dos indivíduos não adultos sítio Alcobaça



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.1.1.1.2 Estrutura funerária

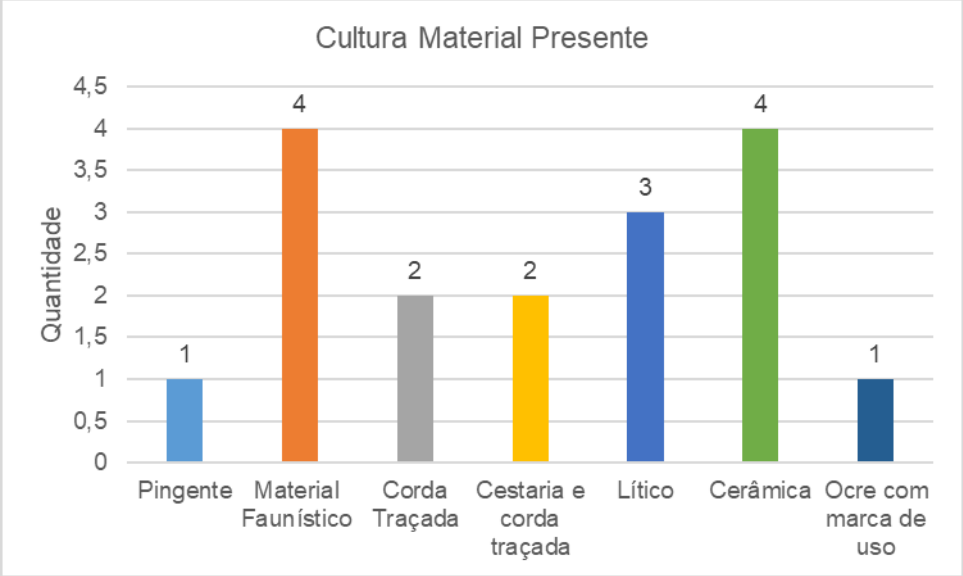
Embora os enterramentos estivessem entre ou próximo aos blocos desprendidos do abrigo, as pesquisas relatam que os indivíduos foram colocados em covas, estando a uma profundidade que variava entre 30 cm a 1m. Não se tem informações quanto ao seu tamanho e formado.

4.1.1.1.3 Cultura material presente

Segundo Nascimento (2001), a cremação realizada durante o ritual funerário teria também atingido a cultura material associada, por conta disso, poucos vestígios deste contexto foram recuperados. Entre o material identificado, destaca-se os

fragmentos de cerâmica, pingente de osso de animal, material vegetal como cestaria e traçado, fragmento de óxido de ferro com marca de uso, lítico e cerâmico (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Cultura material presente dos indivíduos não adultos sítio Alcobaça



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Mesmo diante desse contexto de cremação é possível verificar que a prática de enterrar os indivíduos com algum material pertencente a sua cultura era nítida.

4.1.1.2 Dados biológicos

Quanto aos dados biológicos, algumas características do sítio e do próprio ritual teriam interferido na análise laboratorial. Segundo Nascimento (2001), os ossos se encontravam no fundo do abrigo, protegidos pelos blocos e intencionalmente queimados a altas temperaturas. Esse processo de cremação dificultou principalmente a identificação anatômica dos fragmentos ósseos, interferindo na identificação da idade e sexo quando fosse possível. As altas temperaturas provocaram alterações morfológicas, dimensionais, e outras características. Diante desse contexto, foi possível categorizá-los por faixa etária, onde adultos/jovens foram agrupados em idade acima de 12 anos, e crianças abaixo

de 12 anos, estando os 10 indivíduos não adultos, aqui analisados, pertencentes a essa categoria.

4.1.1.3 Perfil funerário

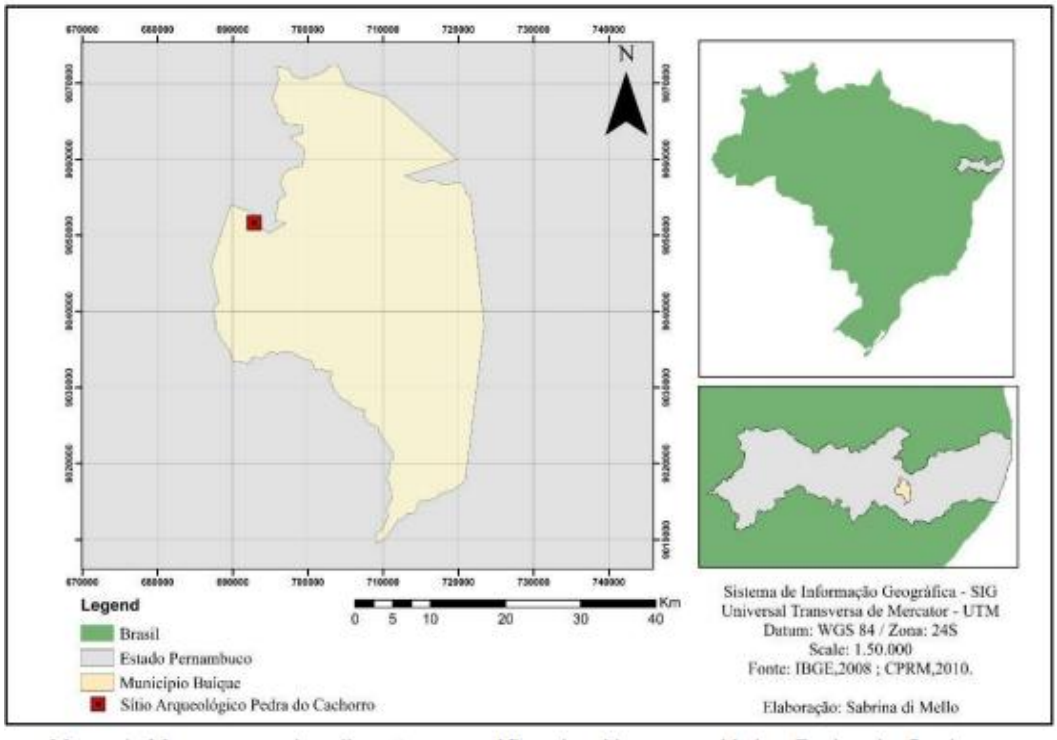
- Foram identificados 10 indivíduos não adultos no sítio Alcobaça;
- Os enterramentos não adultos possuem características semelhantes em todos eles, como, o tipo de sepultamento secundário, Individualidade múltipla, cremados e desarticulados;
- Os ossos se apresentavam totalmente desarticulados, isso pode ser justificado pelo ritual de cremação ou enterramento secundário presente;
- Devido a presença de pigmentos de ocre em alguns, a pesquisadora Nascimento (2001) ressalta que pode ter havido ações ritualísticas antes da cremação;
- Em relação a estrutura funerária, poucas informações foram atribuídas, não se tem informações quanto ao seu tamanho e formado. As pesquisas relatam que os indivíduos foram colocados em covas, estando a uma profundidade que variava entre 30cm a 1m;
- Presença de restos de vegetais como, traçado e fibras, possivelmente utilizado tanto para o invólucro do corpo, como para a preparação da cova, ou simplesmente acompanhamento do ritual;
- A cultura material presente não traz um número expressivo, essa redução pode ter sido provocada pelas altas temperaturas, ressalta Nascimento (2001). Com tudo, foram recuperados fragmentos de cerâmica, pingente de osso de animal, material vegetal como cestaria e traçado, fragmento de oxido de ferro com marca de uso, lítico, e cerâmica, demostrando uma diversidade interessante, e o interesse do grupo em realizar os enterramentos com a presença de alguma cultura material;
- A análise laboratorial verificou o número mínimo de indivíduos e inseriu-os em categorias de faixa etária, adultos/ jovens (acima de 12 anos) e crianças (abaixo de 12 anos);

- O processo de cremação dificultou principalmente a identificação anatômica dos fragmentos ósseos, a idade e sexo biológico, pois as altas temperaturas provocaram alterações morfológicas, dimensionais, e outras características;
- Não parece ter havido uma diferenciação nos enterramentos de indivíduos não adultos e adultos, visto que, ambos foram depositados em uma mesma cova de uso múltiplo. Não é possível afirmar se essa cova foi utilizada em um mesmo momento por todos, ou em momentos distintos. O ato da cremação ou queima, seja antrópica ou natural, interferiu em uma análise mais apurada para tal afirmação.

4.1.2 Sítio Pedra do Cachorro (Pititi)

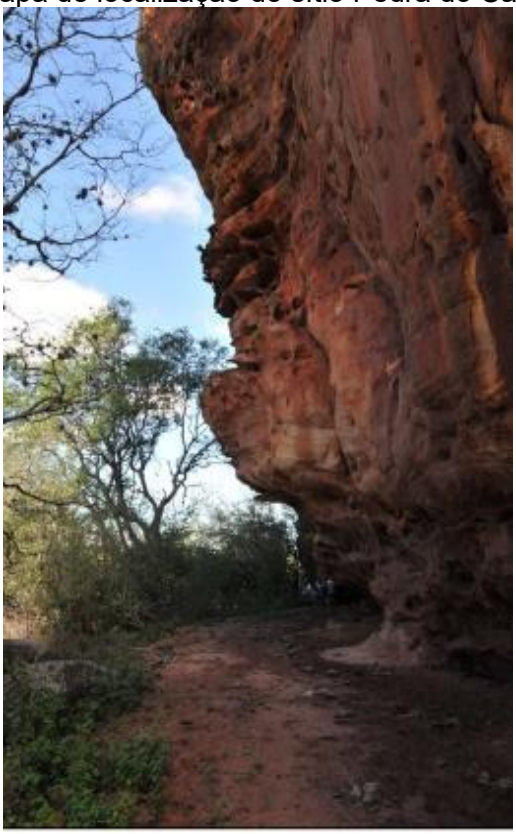
O sítio arqueológico Pedra do Cachorro (Pititi), está localizado no semiárido do estado de Pernambuco, no município de Buíque, situado dentro do Parque Nacional do Catimbau, com coordenada geográfica: UTM 24L 692959E - 9051647N (WGS-84) (Mapa 1). O município de Buíque encontra-se inserido na mesorregião do Agreste Pernambucano, no limite entre o agreste e o sertão, pertencendo à microrregião do Vale de Ipanema (Silva, 2015) (Figuras 5 e 6).

Figura 5 - Mapa de localização do sítio Pedra do Cachorro (Pititi)



Fonte: Silva (2015).

Figura 6 - Mapa de localização do sítio Pedra do Cachorro (Pititi)



Fonte: Silva (2015).

As primeiras pesquisas neste sítio ocorreram entre os anos de 2015 e 2016, e foram realizadas pelo Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Durante as escavações foram identificados 3 indivíduos, sendo dois (2) adultos e um (1) não adulto. A cronologia para esse sítio está em trono de 3560 anos a 740 anos BP.

A presença de apenas um indivíduo não adulto não o coloca à margem dessa pesquisa pois, como dito na seção 3, as condições que fazem com que alguns sítios não entrem nessa pesquisa se restringem pela falta de informações de seus aspectos culturais, o que não acontece nesse sítio. Os dados observados serão apresentados de forma textual sem gráficos devido a condição numérica da quantidade de indivíduos.

4.1.2.1 Dados culturais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico Pedra do Cachorro (Pititi), incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

4.1.2.1.1 Corpo

O esqueleto estava depositado em decúbito ventral com as pernas flexionadas, o braço esquerdo estendido ao longo do corpo e o braço direito flexionado e cruzado embaixo do tórax com a mão direita na altura do ombro esquerdo. A cabeça da criança estava orientada para a esquerda, no sentido do vale e contrário do paredão do abrigo, com a face ligeiramente orientada para baixo. A orientação do esqueleto, em relação à direção do eixo crânio-bacia, era SO – NE (Figuras 7, 8 e 9).

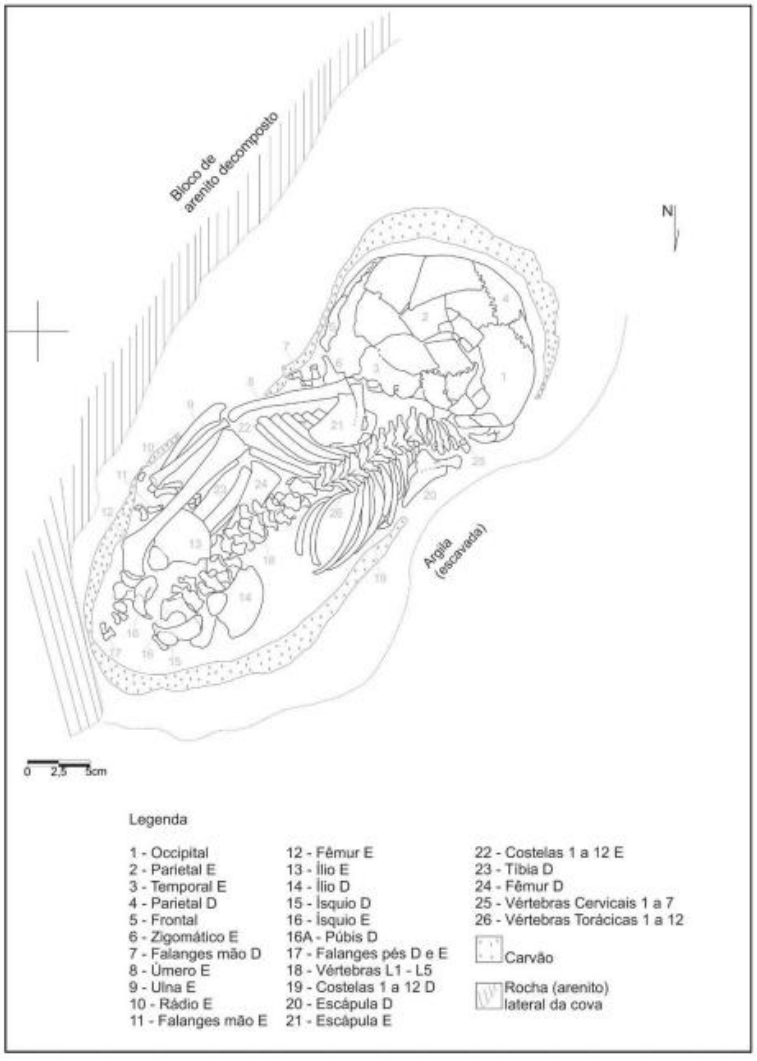
Figura 7 - Sepultamento 2 depositado em decúbito ventral

Fonte: Silva (2015).

Figura 8 - Desenho do sepultamento 2 depositado em decúbito ventral

Fonte: Silva (2015).

Figura 9 - Desenho do sepultamento 2 com os respectivos ossos identificados



Fonte: Silva (2015).

4.1.2.1.2 Estrutura funerária

Durante sua escavação foi observado que o mesmo foi depositado sobre uma cavidade da rocha, como se as formações naturais/geológicas do sítio fossem aproveitadas, devido a essa configuração orgânica do local, não foi possível dimensionar ao certo as medidas reais da cova.

4.1.2.1.3 Cultura Material presente

Não foi observado nenhum tipo de acompanhamento funerário.

4.1.2.2 Dados biológicos

O indivíduo não adulto tem idade estimada em 3 anos ± 12 meses, analisando o grau de erupção dental (Ubelaker, 1978). Não foi possível estimar o sexo biológico.

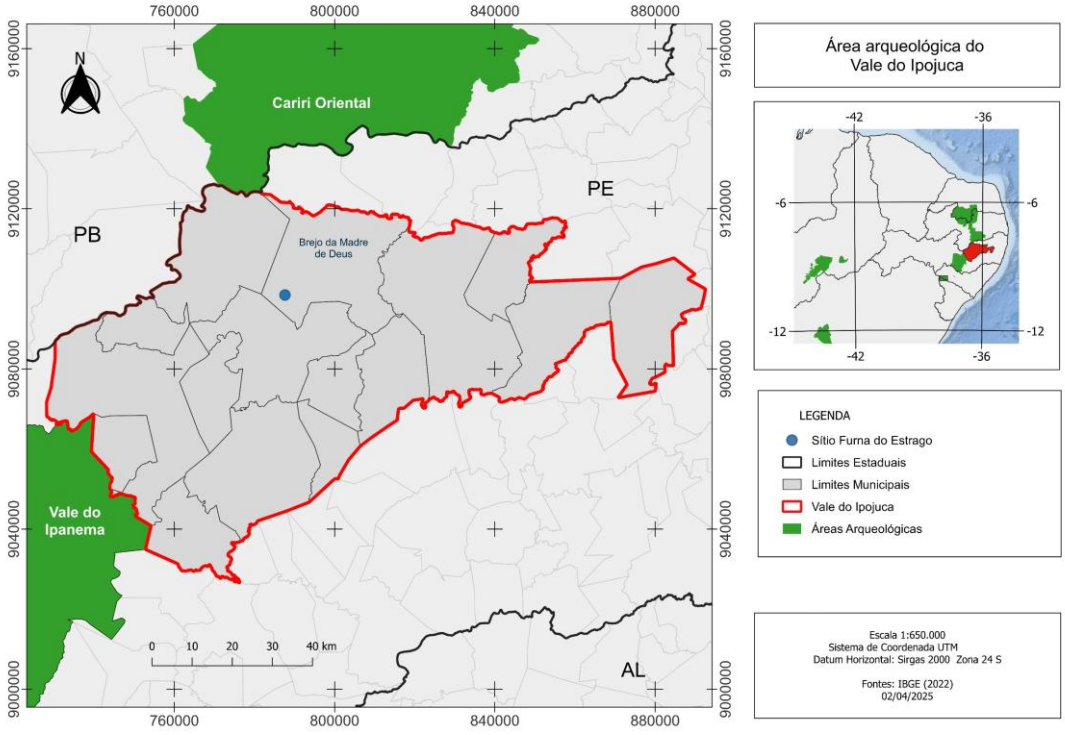
4.1.2.3 Perfil funerário

- Indivíduo em deposição primária, individualidade simples, sem preparação de tratamento ao corpo.
- O esqueleto estava depositado em decúbito ventral com as pernas flexionadas, o braço esquerdo estendido ao longo do corpo e o braço direito flexionado e cruzado embaixo do tórax com a mão direita na altura do ombro esquerdo.
- A cabeça da criança estava orientada para a esquerda, no sentido do vale e contrário do paredão do abrigo, com a face ligeiramente orientada para baixo.
- A orientação do esqueleto, em relação à direção do eixo crânio-bacia, era SO – NE.
- Quanto à estrutura funerária, o indivíduo estava depositado sobre uma cavidade da rocha, como se as formações naturais/geológicas do sítio fossem aproveitadas.
- Não foi observado nenhum tipo de acompanhamento funerário.
- O indivíduo não adulto tem idade estimada em 3 anos ± 12 meses, analisando o grau de erupção dental (Ubelaker, 1978).

4.1.3 Sítio Furna do Estrago

O Sítio Furna do Estrago é um sítio sob rocha granítica e está localizado próximo ao município de Brejo da Madre de Deus (aproximadamente 11,6km), Agreste de Pernambuco sob as coordenadas 787610 E / 9098454 N, especificamente na mesorregião Agreste e na Microrregião Vale do Ipojuca do Estado de Pernambuco. O abrigo possui 19m de abertura (nordeste), 4,80m de altura e 8,80m de profundidade (Figura 10).

Figura 10 - Mapa de localização do sítio Furna do Estrago - PE



Fonte: Elaboração de mapa produzida pela graduanda em arqueologia Gabriela De Checchi Almeida (UFPE).

As pesquisas arqueológicas realizadas neste sítio ocorreram entre os anos de 1982, 1983, 1987, 1994 e 1996, e contribuíram para a identificação de quatro ocupações pré-coloniais. Dentre as pesquisas, Jeannette Lima (1985), da Universidade Católica de Pernambuco, foi pioneira e trouxe importantes informações em suas pesquisas (dissertação e tese inacabada). Além de Lima (1985), pesquisadores como Castro (2009), Carvalho (1995), Cisneiros (2004), Carvalho, Queiroz e Moraes (2007), Duarte (1994), Guerra (2002), Lima (2012), Alvim (1987),

Oliveira (2017), Santos *et al.*, 2003; Rodrigues (1997), Souza (1992), Souza (1995) e Santos (2020), também contribuíram para o conhecimento do sítio Furna do Estrago e região, especialmente nos estudos osteológicos, paleopatológicos e paleodemográficos, práticas funerárias e estudos de identidade e gênero.

A variedade de matérias presentes no sítio possibilitou várias abordagens arqueológicas. Além dos esqueletos, foi identificado adornos, instrumentos musicais, líticos e restos de microfauna (Lima, 2012).

A antiguidade do sítio foi sugerida a partir de algumas datações realizadas em carvões (incluindo fogueiras com presença de material vegetal, ossos de animais de pequeno e médio porte e material lítico, (Lima, 2012)), podendo citar 3 (três) consideradas mais relevantes , a saber: 11.060 (± 90 anos AP) (SI-6298) e 9.150 (± 90 anos AP) (SI-6297) e 1.040 (± 50 anos AP) (SI-6295), esta última datação, de acordo com Souza (1995) e Oliveira (2017), está relacionada ao último uso funerário do abrigo. Além dessas, foram realizadas datações indiretas em 3 (três) esqueletos, O primeiro esqueleto (FE 18) na ocupação mais antiga foi datado de 1.860 (± 50 anos AP) (Beta 145954); o esqueleto (FE 87.23) da ocupação média foi datado em 1.730 (± 70 anos AP) (Beta 149749) e o último esqueleto (FE 45) da ocupação recente foi datado de 1.610 (± 70 anos AP) (Beta 145955), sendo considerados para ocupações distintas (Lima, 2012).

Os dados paleodemográficos sugerem que o sítio era um cemitério representativo de uma população natural, contendo indivíduos de todas as idades e de ambos os sexos, e de ter sido utilizado por um curto período de tempo (Souza; Alvim, 1986; Alvim, 1987).

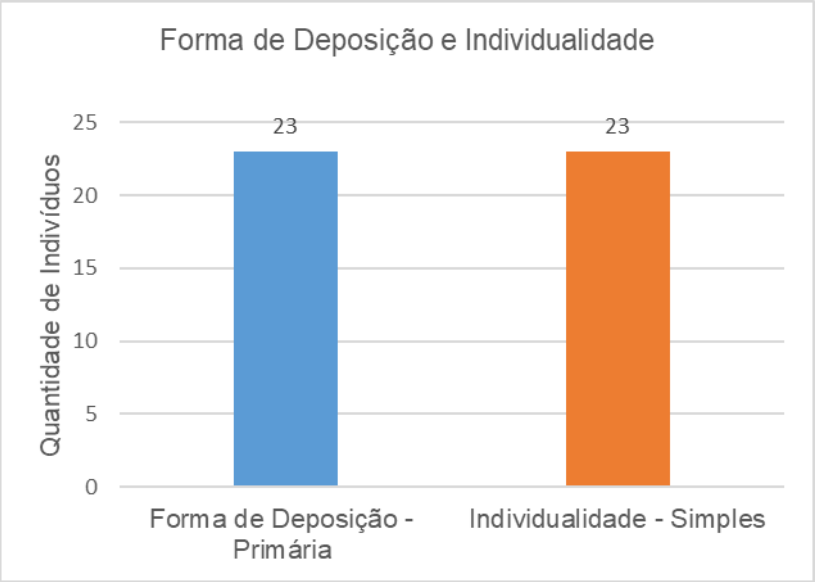
4.1.3.1 Dados culturais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico Furna do Estrago, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

4.1.3.1.1 Corpo

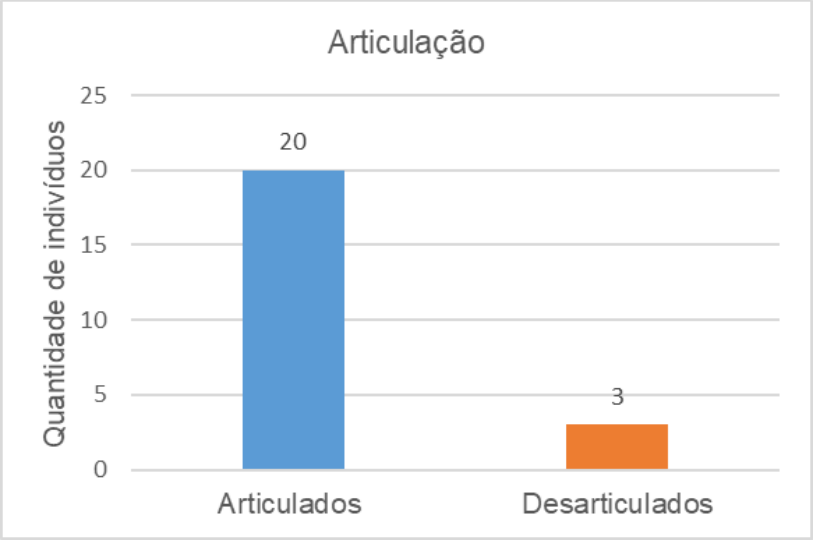
Foi evidenciado um quantitativo de 80 indivíduos (Lima, 1985) e para esta pesquisa foram analisados 23 indivíduos não adultos. Durante a análise foi observado que os 23 indivíduos possuíam algumas variáveis semelhantes, como a forma de deposição primária (23 – 100%), individualidade simples (23 – 100%), 20 estavam articulados e apenas 3 desarticulados (Gráfico 3 e 4).

Gráfico 3 - Forma de deposição e individualidade dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Gráfico 4 - Articulação dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago



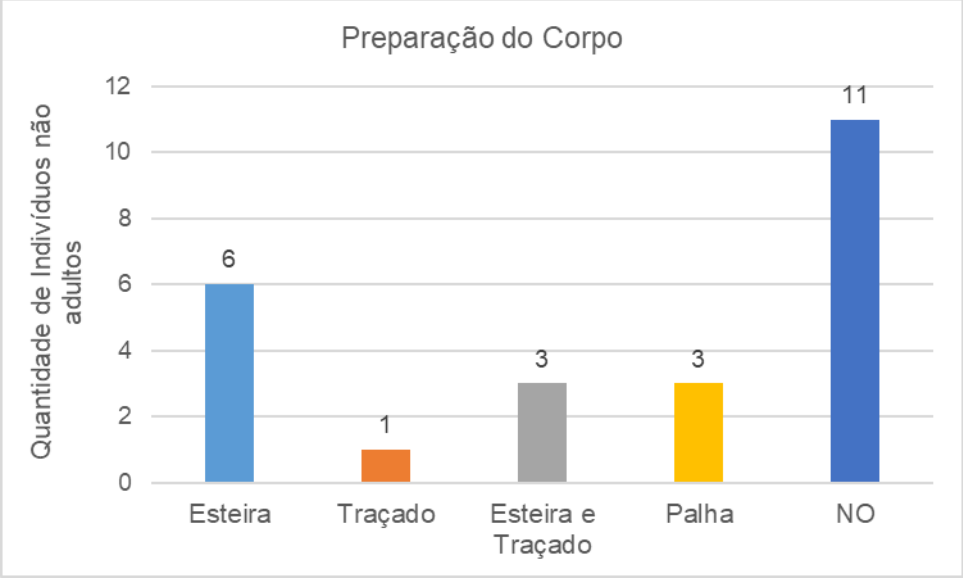
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Os 23 enterramentos estavam em deposição primária, exceto, nos três indivíduos que apresentaram características de desarticulação e que podem ter sofrido perturbação devido a intensa utilização do espaço, como pontua Lima (1985, p. 52).

> A abertura de algumas das covas mais recentes chegou, com certa frequência, a cortar covas pré-existentes, mutilando esqueletos cujas partes mais salientes como crânios, rótulas, bacias e fêmures foram re-depositadas acima do novo sepultamento. Outras partes foram queimadas.

Em relação a preparação do corpo, percebe-se que mais de 50% (13) possuíam algum tipo de invólucro, seja por palha ou algum tipo de material manipulado, como esteiras e traçados (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Preparação do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

De um modo geral, a presença dessas fibras vegetais, principalmente fragmentos de cipós e de cordéis presentes ora por fora, ora por entre as fibras das esteiras, podem ter sido utilizados para amarração dos pacotes funerários, ajudando na manipulação e permanência da posição dos corpos, como sugere Jeannette Lima (1985, p. 52). Em alguns enterramentos, havia fragmentos de imbira em volta da nuca e à altura dos joelhos, assim como vestígios de pele presos às fibras vegetais, o que poderia ter facilitado o transporte dos corpos (Lima, 1985, p. 52, 53).

Ainda segundo Jeannette Lima (1985, p. 119), “[...] raramente os cadáveres parecem ter sido enterrados diretamente na terra; pode ser que a inexistência de isolante se deva à falta de observação mais acurada a uma cobertura mais frágil, ou decomposição por se encontrar em área mais úmida”.

Mesmo que essas informações sejam relevantes na análise das práticas funerárias do sítio Furna do Estrago não é possível afirmar se essas considerações aplicam-se a todos os indivíduos presentes, não adultos e adultos. Se considerarmos o mecanismo de transporte, onde o peso interfere na locomoção, é possível que os adultos fossem os indivíduos que mais se apropriaram dessa técnica de amarração.

Um indivíduo não adulto, como as crianças ou adolescentes, a depender do seu tamanho por exemplo, não requer de tanta força para seu transporte, mas se a questão cultural ultrapassar esse limite (da logística), e assim, a apropriação da amarração em fibras vegetais pode ter sido presentes em grande parte dos indivíduos.

Quanto aos recém-nascidos, Jeannette Lima (1985, p. 55) ressalta que o uso de recipientes mais específicos poderia ter sido utilizado durante a prática funerária, pois foram depositados em cestinhas de fibras vegetais, às vezes com presença de ocre sobre o crânio, entretanto, não traz informações sobre um possível suporte de fibra para amarração ou transporte. Para Jeannette Lima (1985) a presença de fibras vegetais poderia estar presente no contexto funerário de indivíduos não adultos de forma mais simples, sem tanta manipulação desse material.

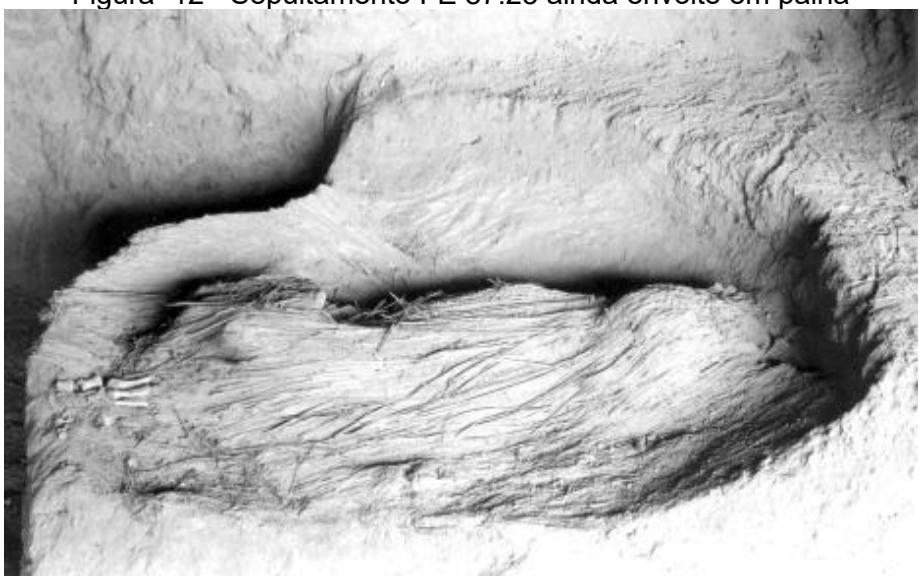
> Parece que os infantes e jovens eram enterrados sem esteira e sem cobertura, mas isso é preciso testar cuidadosamente nas observações de campo. Um infante estava dentro de um ‘barquinho’, que poderia ser uma espata de palmeira; outro estava dentro ou coberto por um cestinho em espiral do que pode ser folha de palmeira (Syagrus coronata). Talvez os infantes e jovens tenham sido simplesmente cobertos ou abrigados em elementos mais simples, que estivessem disponíveis (Lima, 1985, p.119).

É possível verificar como o material vegetal estava presente se observarmos os indivíduos 87.2 e 87.23, onde foi identificado a presença de fibra traçada (cestinha - 87.2) e material fibroso cobrindo o indivíduo 87.23 (Figuras 11 e 12).

Figura 11 - Presença de fibra traçada (cesta) no sepultamento 87.2

Fonte: Lima (1985)

Figura 12 - Sepultamento FE 87.23 ainda envolto em palha



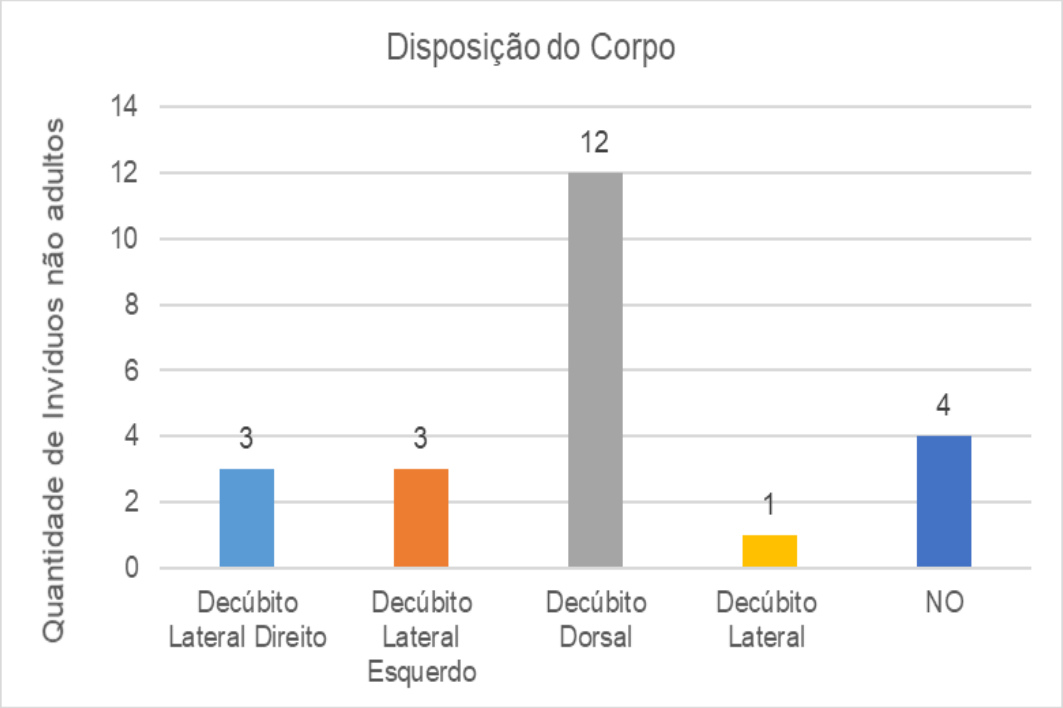
Fonte: Lima (1985)

Ainda segundo Jeannette Lima (1985, p. 118),

> O envoltório de palha ou esteira era eficiente para defender o cadáver da terra que o cobria, a ponto de haver um vazio entre os ossos, que estão amarelados e limpos; este vazio fazia que se pudesse prever o lugar dos sepultamentos, porque a terra cedia quando se pisava nela.

Quanto à forma de deposição, os indivíduos foram colocados em decúbito dorsal 52% (12), e 7 indivíduos em decúbito ora lateral direito, ora lateral esquerdo. Em 4 (quatro) indivíduos não foi possível observar essa característica (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Disposição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago

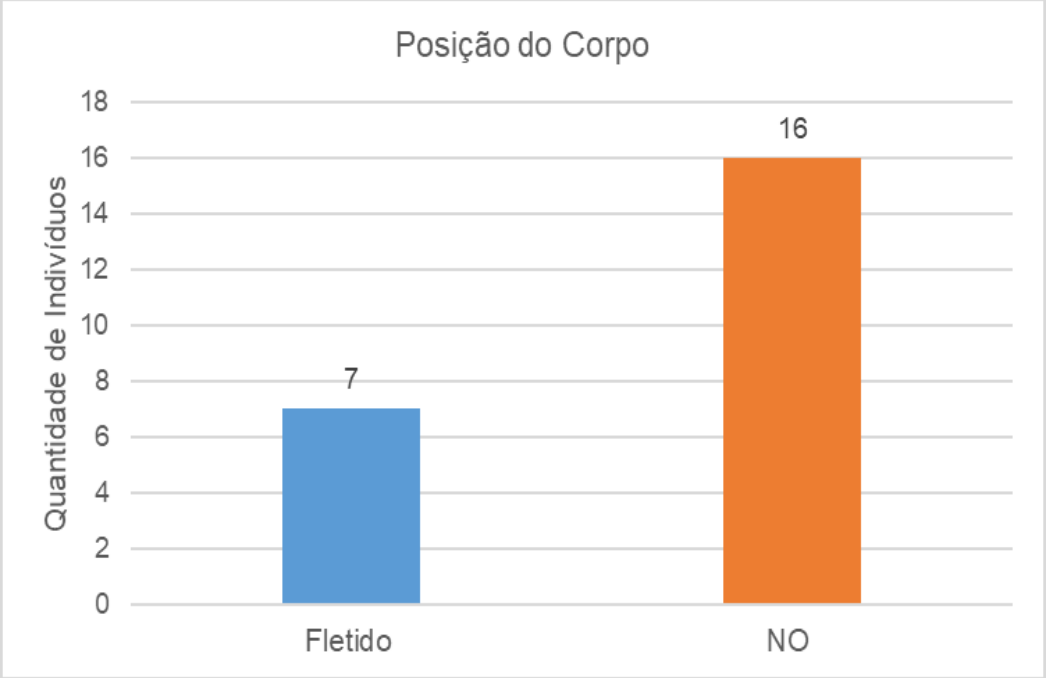


Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Apesar da análise própria de cada indivíduo mostrar uma diversidade, mesmo que sutil, da forma de deposição, Jeannette Lima (1985, p. 56) descreve a forma de deposição como homogênea nas crianças, “As crianças eram enterradas em decúbito dorsal, com os braços estendidos ao longo do corpo, ou com um braço flexionado sobre o tronco, e com as pernas fletidas”.

Em relação à posição do corpo, pode-se ressaltar que apenas 30% (7 indivíduos) estavam fletidos, destes, 5 (cinco) estão hiperfletidos nos seus membros inferiores (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Posição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago



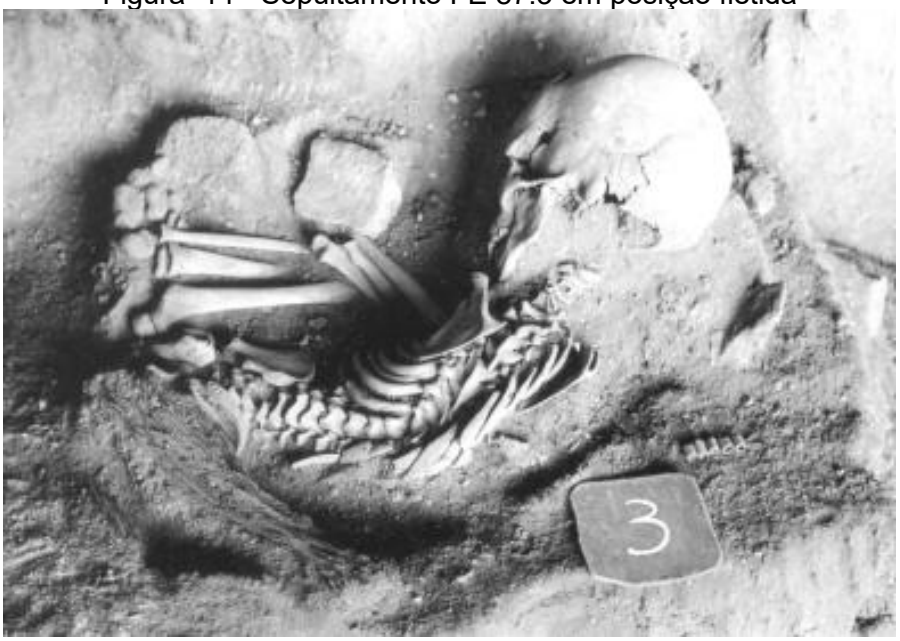
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Observando a idade, é possível inferir que essa posição estava presente nos adolescentes. Em relação à posição dos membros inferiores e superiores, apenas em dois indivíduos foi possível observar que os braços estavam sobre o tórax e região do crânio (indivíduos 30 e 24 respectivamente). Essas observações corroboram com os dados de Jeannette Lima (1985) ressaltando que, “Geralmente o cadáver estava fletido; quando de indivíduo imaturo poderia estar parcialmente fletido, cabendo sem maiores dificuldades dentro da esteira ou do preparado de palha”, isso exemplifica que a flexão parcial do corpo desses indivíduos “imaturos” poderia estar condicionada ao recipiente ou invólucro utilizado, e nem tanto por questões culturais empregadas por alguns grupos a depender da idade do indivíduo (Figuras 13 e 14).

Figura 13 - Sepultamento FE 87.21 fletido

Fonte: Lima (1985)

Figura 14 - Sepultamento FE 87.3 em posição fletida



Fonte: Lima (1985)

4.1.3.1.2 Estrutura Funerária

Apesar de não ter sido observado individualmente as estruturas funerárias dos indivíduos não adultos, Jeannette Lima (1985, p. 52) as caracteriza como “fossas funerárias, circulares, apresentaram-se com profundidades variáveis, verificando-se algumas (as mais antigas), com pouco mais de 1m, enquanto outras se apresentaram rasas entre 40 e 50 cm da superfície atual”.

A maioria dessas fossas estavam forradas por material vegetal (palha) e que, em um outro momento, pode ter sido substituída por esteiras. Elas poderiam servir tanto para forrar a cova, como também para cobrir o esqueleto, como sugere Jeannette Lima (1985, p. 118).

> Os cadáveres foram depositados em covas rasas, na maior parte das vezes forradas com uma camada parelha de palha, que parece ser de folhas desfiadas de palmeira, ou uma espécie de junco, que é comum nas pequenas lagoas e que pode ser a planta conhecida como 'taboa'. Esta palha parece ter sido mais grossa por baixo do cadáver do que por cima, mas geralmente também o cobria, com uma camada mais fina. Aparentemente em tempos mais recentes esta palha poderia ser substituída por esteiras dobradas, que não só forravam a cova, mas cobriam o cadáver. Num caso existe, por cima da esteira, uma rede grande de linha fina em malhas de uns 3 cm de abertura.

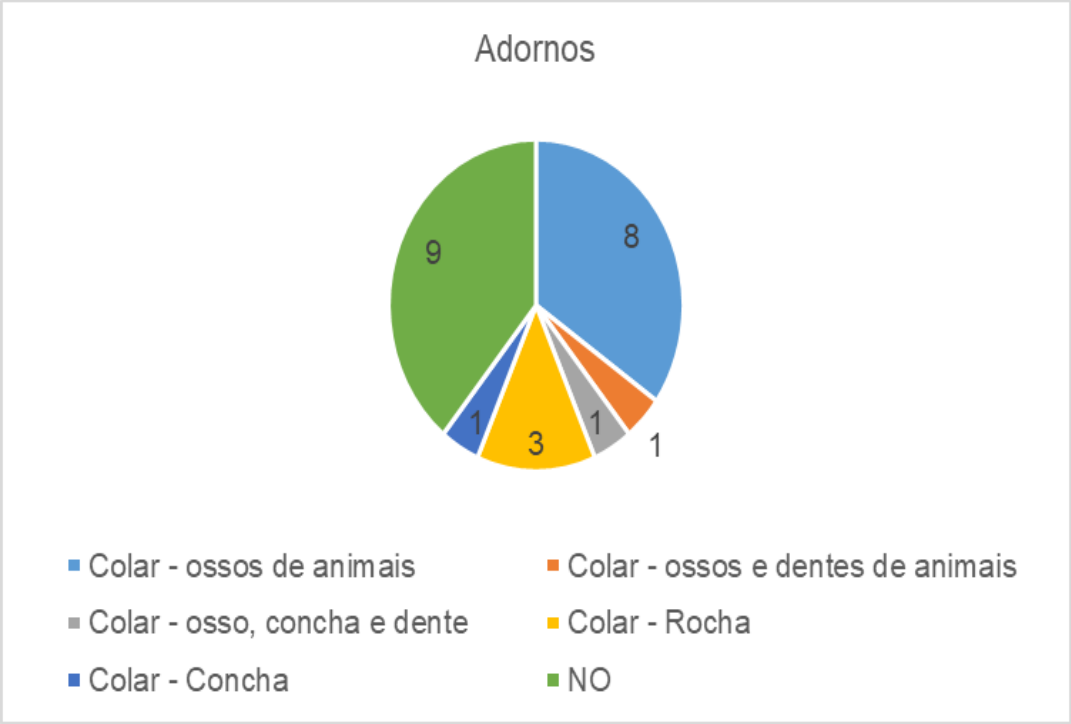
Observando o local onde os indivíduos estavam enterrados, é perceptível como o sítio Furna do Estrago se destaca no contexto ambiental circunvizinho, demonstrando uma escolha para o uso do local para tal finalidade.

> O uso do abrigo como cemitério denota a escolha do espaço destinado à preservação não apenas dos vestígios mortuários, mas também da identidade coletiva e memória social do indivíduo, respaldada no conjunto de elementos culturais e biológicos que revelam a associação entre os humanos do grupo (Leite; Castro; Cisneiros, 2014, p. 36).

4.1.3.1.3 Cultura Material Presente

Na maior parte dos sepultamentos não adultos havia a presença de adornos, especificamente colar, seja de ossos de animais, dentes, concha, ou até mesmo, rocha (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Adornos presentes nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

O material presente nos enterramentos chama atenção por sua diversidade, como descreve Jeannette Lima (1985, p. 53).

> [...] encontraram-se elementos de adorno – contas de colar e pingentes variados – artefatos em osso polido como flautas, espátulas e agulha, além de matéria corante (ocre), ora em blocos facetados colocados ao lado do crânio, ora triturada e colocada sobre a nuca ou na região do ventre.

A pesquisadora ainda chamou atenção para a utilização de ocre em sepultamentos não adultos e de indivíduos de sexo biológico feminino (principalmente):

> A presença de ocre triturado, ou em blocos, não foi uma constante em todos os sepultamentos. Ocorreu em sepultamentos de recém-nascidos, crianças, jovens e adultos principalmente do sexo feminino. É possível que o ocre seja o equivalente pré-histórico do urucu no cerimonial dos enterramentos, utilizado como característica de um rito de passagem (Lima, 1985, p. 54).

Além desse tipo de vestígio, foi possível observar a presença de moluscos colocados presumivelmente de forma intencional, tanto nos enterramentos de não adultos como adultos.

De um modo geral, os adornos estavam presentes nos sepultamentos, independente de idade ou sexo biológico dos indivíduos, no entanto, foi observado uma variação de objetos entre estas categorias:

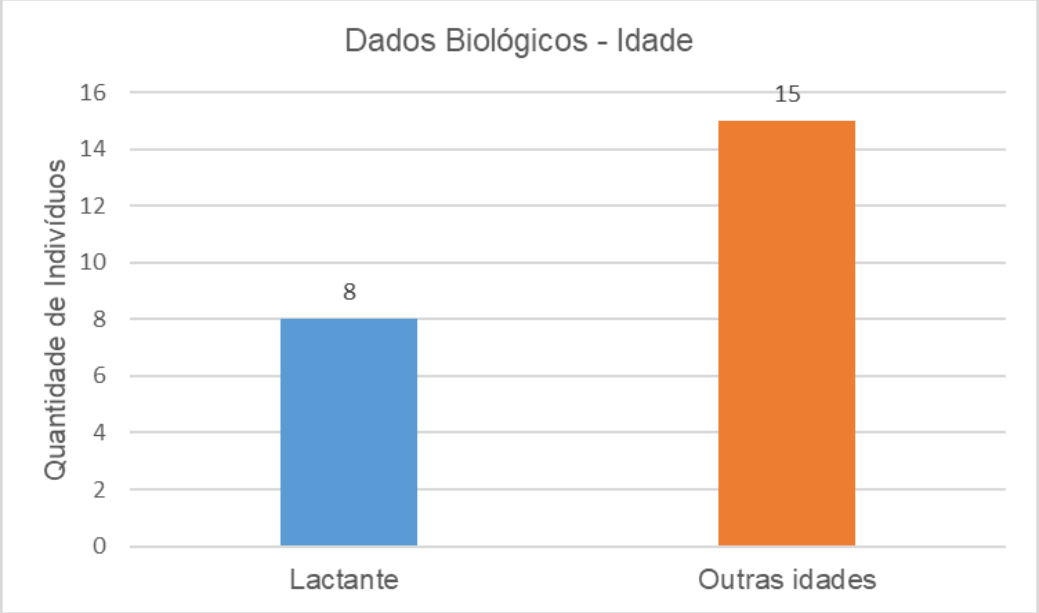
> Olhando os adornos em categorias gerais, observamos elementos comuns a homens, mulheres e crianças. Há outro elemento comum para adultos, como esteiras envolvendo o corpo. Existem elementos só encontrados entre os homens: flauta, tacape, ocre, bracelete de corda, flores de Jitirana, pingente de fragmento de crânio humano. E elementos encontrados só com mulheres: pingentes de siltito argiloso, pingente de fragmento de crânio de primata. As crianças, além dos elementos comuns, indicados acima, partilham com homens adultos as contas de amazonita e o cesto como envoltório, e com mulheres adultas os colares de dentes de felino. Talvez esta partilha de adorno de crianças com adultos seja influenciada pelo sexo da criança (Lima, 1985, p. 65).

O que chama atenção é a diversidade de matéria-prima utilizada na confecção dos adornos, muitas delas presentes em locais distantes do sítio Furna do Estrago, isso pode estar relacionado a circulação territorial que esse grupo praticava, como já mencionado por Jeannette Lima (1985, p. 66): “há elementos da caatinga circundante, da Mata do Bituri, do litoral atlântico. A amazonita pode ser encontrada a 280 km para o interior do sertão, no município de Cruzeiro do Nordeste, no Sertão Pernambucano”.

4.1.3.2 Dados biológicos

A respeito dos aspectos bioarqueológicos, as pesquisas classificaram os indivíduos não adultos por categorias de idade, quantificando 8 (oito) indivíduos lactantes e os demais classificados como adolescentes (3) e crianças (12) (Gráfico 9).

Gráfico 9 - Dados biológicos (Idade) dos indivíduos não adultos do sítio Furna do Estrago



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Os indivíduos não adultos da Furna do Estrago são morfologicamente homogêneos, braquicéfalos (Alvim; Souza, 1984; Lima, 2001, p. 109).

A pesquisadora Marta Oliveira (2017, p. 73) em seu estudo sobre as alterações no esmalte dentário dos indivíduos não adultos, trouxe importantes informações sobre esse aspecto. Sua pesquisa revelou 3 (três) tipos de alterações nos dentes, a saber: desgaste, cárie e hipoplásica. Sendo o desgaste o que mais prevaleceu com variações entre leve (grau 2 e 3) e moderado (grau 5 e 6) a intenso (grau 7 ou 8).

O desgaste presente aponta para o consumo de alimentos duros, ásperos, abrasivos (raízes, sementes, cereais) que poderiam ter sido: amêndoas de palmáceas, catolé, coquinhos, umbu, jatobá, macambira, gendiroba, fragmentos de ossos de animais de pequeno e médio porte (mocós, teju, tartarugas) (Menezes, 2006; Santos, 2006; Oliveira, 2017). No entanto, esse desgaste é percebido também na população mais adulta com graus mais severos de desgastes, sugerindo que esses indivíduos teriam iniciado o consumo desses alimentos ainda quando não eram adultos e continuado até uma fase adulta (Oliveira, 2017).

Os resultados de hipoplasia e desgaste apontaram para um consumo de alimentos mais sólidos e abrasivos desde cedo, como mencionado acima. Os

episódios de estresse teriam ocorrido provavelmente em torno dos 2,5 a 4 anos, que segundo Souza (1995) período associado ao desmame ou adaptação à alimentação do grupo. É possível que esse consumo possa ter ocorrido quando os indivíduos mais jovens estivessem tanto sob os cuidados de sua genitora quanto de outros adultos, considerando que a maternidade é uma prática socialmente construída e que pode ser desempenhada por diferentes pessoas (Sánchez Romero, 2006; Oliveira, 2017).

Outro ponto relevante é a presença de desgaste nos incisivos nos indivíduos não adultos e adultos, podendo indicar a utilização desses dentes como ferramentas, sugerindo inclusive, que os indivíduos não adultos além de compartilhar os mesmos alimentos, ajudavam na produção de material como cestos e esteiras, reforçando a ideia de que eles poderiam participar de forma ativa nas atividades do grupo (Lillehammer, 2010; Oliveira, 2017).

Em relação ao depósito de cálculo dentário foi observado, grau leve e moderado. Podendo indicar mudanças no hábito alimentar e o consumo de alimentos mais pastosos, “o que significa que, em algum momento, possivelmente houve a prática de processamento dos alimentos” (Oliveira, 2017, p. 74).

É interessante observar que os estudos realizados sobre consanguinidade (65 traços epigenéticos do crânio foram analisados) de alguns indivíduos adultos sugeriu grau de parentesco, diante disso é possível que o sítio tenha sido utilizado por pessoas de uma mesma família, como colocado por Souza (1995 *apud* Lima, 1985, p. 68):

> O componente cultural representado pela proximidade das sepulturas de indivíduos biologicamente muito parecidos, como foi observado, reforça a hipótese da consanguinidade e sugere o uso do espaço do cemitério por unidades sociais representadas por indivíduos de uma mesma família. A cronologia de uso do cemitério, com aumento progressivo de número de sepultamentos à medida que se chega ao nível médio dos enterros, confirma que o cemitério começou com um grupo pequeno, que cresceu ao longo do tempo em que usou o local, até que, progressivamente, reduziu o número de enterros e abandonou o sítio, talvez em consequência de pressões sofridas pelo aumento do estresse, expresso em sua paleopatologia.

Diante de todo o exposto, os estudos palodemográficos apontam que o grupo que utilizou o sítio Furna do Estrago teve uma boa adaptabilidade, levando em conta as evidências arqueológicas e ambientais. Essa hipótese foi colocada por Souza e Alvim (1992) onde considera três aspectos, a saber, “a) na estimativa de crescimento demográfico positivo, obtida para a corte populacional; b) no desenvolvimento físico satisfatório apresentado pelos indivíduos do grupo; c) na baixa incidência de doenças carenciais e infecciosas (Alvim; 1987, p. 123-145).

Quanto à estimativa de mortalidade, segundo Alvim (1987) os dados revelaram um perfil de distribuição etária normal e mortalidade infantil abaixo da esperada (12,5%), já a Expectativa de Vida foi estimada entre 20 e 24 anos que se comparado à de grupos indígenas atuais é de valor médio.

4.1.3.3 Perfil funerário

- Foram identificados 23 indivíduos não adultos no sítio Furna do Estrago;
- Presença de deposição funerária primária e individualidade simples em todos os indivíduos não adultos analisados (23 – 100%);
- 20 (vinte) indivíduos apresentam articulação em seu esqueleto e apenas 3 (três) estavam desarticulados. As desarticulações podem ser provenientes da intensa utilização do espaço como sugere Jeannette Lima (1985) ao observar que algumas covas mais recentes chegaram a perturbar covas pré-existentes, chegando inclusive a mutilar os esqueletos;
- Em relação a preparação do corpo, percebe-se que mais de 50% (13) possuíam algum tipo de invólucro, a saber, esteira 6 (25%), traçado 1 (4%), Esteira e Traçado 3 (12%), palha 3 (13%) não sendo observado em 11 (46%). Apesar de 11 (onze) indivíduos não ter nenhuma observação quanto a presença de invólucro ou outro tipo de preparação do corpo, é pouco provável que realmente não houvesse, pois segundo Jeannette Lima (1985), isso poderia estar atribuindo “a falta de observação mais acurada a uma cobertura mais frágil ou decomposição por se encontrar em área mais úmida”;
- É possível que os recém-nascidos tenham sido depositados em cestinhas de fibras vegetais em espata de palmeira ou em esteiras, às vezes com presença de ocre sobre o crânio, já as esteiras e cobertores de fibras poderiam não

fazer parte da prática realizada nos indivíduos não adultos mais novos, observando a presença desses nos esqueletos adolescente (Lima, 1985);

- O invólucro de palha ou esteira além de ser eficiente para defender o cadáver da terra que o cobria, formava um vazio entre os ossos e isso ajudava na preservação de suas articulações, um indício disso é que a terra cedia quando se pisava nela durante as escavações, afirma Jeannette Lima (1985);
- Presença de decúbito dorsal em 12 (doze) indivíduos correspondendo a mais de 50% da amostra analisada, 7 (sete) indivíduos estavam em decúbito lateral e em 4 (quatro) indivíduos não foi possível observar essa característica. O decúbito lateral pode ter sido empregado nos indivíduos não adultos com idade mais avançada, como nos adolescentes, para os indivíduos com idade inferior (ex: recém-nacidos) o decúbito dorsal estava mais presente;
- Assim como a variável do decúbito lateral, a posição fletida (em 7 indivíduos) pode estar direcionada aos indivíduos não adultos com idade mais avançada (adolescentes). Essas observações condizem com os dados de Jeannette Lima (1985, p. 110) ao ressaltar que a flexão é mais proeminente nos sepultamentos e que nos imaturos se mostravam de forma parcial, “Geralmente o cadáver estava fletido; quando de indivíduo imaturo poderia estar parcialmente fletido, cabendo sem maiores dificuldades dentro da esteira ou do preparado de palha”, isso exemplifica que a flexão parcial do corpo desses indivíduos “imaturos” poderia estar condicionada ao recipiente ou invólucro utilizado, e nem tanto por questões culturais empregadas por alguns grupos pela idade do indivíduo;
- No que diz respeito a estrutura funerária, não foi possível observar individualmente essa característica nos indivíduos não adulto, entretanto, Jeannette Lima (1985, p. 52) as caracterizam de forma geral como, “fossas funerárias, circulares, apresentaram-se com profundidades variáveis. As mais antigas possuíam um pouco mais de 1 m, enquanto outras se apresentaram rasas, entre 40 e 50 cm da superfície atual”;
- A maioria dessas covas estavam forradas por material vegetal (palha) e que posteriormente poderia ter sido substituída por esteiras, já que, em covas mais recentes foi identificado o uso da esteira, que além de forrar a cova, cobria também o esqueleto;

- Na maior parte dos sepultamentos não adultos havia a presença de adornos, especificamente colar, seja de ossos de animais, dentes, concha ou até mesmo, rocha;
- A cultura material presente se configura por adorno – contas de colar e pingentes variados – artefatos em osso polido como flautas, espátulas e agulha, além de matéria corante (ocre), ora em blocos facetados colocados ao lado do crânio, ora triturada e colocada sobre a nuca ou na região do ventre" (Lima, 1985, p. 53);
- Segundo Jeannette Lima (1985), a utilização de ocre estava presente principalmente em sepultamentos não adultos e de indivíduos de sexo biológico feminino;
- Além desse tipo de vestígio, foi possível observar a presença de moluscos colocado possivelmente de forma intencional;
- De um modo geral, os adornos estavam presentes nos sepultamentos independente de idade ou sexo biológico dos indivíduos, no entanto, é possível observar uma variação de objetos entre estas categorias, como por exemplo, o uso de esteiras em indivíduos adultos, flauta tacape, bracelete de corda e pingente de fragmento de crânio para os adultos do sexo masculino, pingentes de fragmentos de primata e siltito argiloso para as mulheres e para as crianças além dos elementos comuns como cestos e pingentes (Lima, 1985, p. 65);
- Chama atenção a diversidade de matéria prima utilizada na confecção dos adornos, muitas delas, presentes em locais distantes do sítio Furna do Estrago, refletindo a circulação que esse grupo praticava, "há elementos da Caatinga circundante, da mata do Bituri, do litoral atlântico. A amazonita pode ser encontrada a 280 km para o interior do sertão, no município de Cruzeiro do Nordeste, no Sertão Pernambucano (Lima, 1985, p. 66);
- As análises brioarqueológicas realizada por Jeannette Lima (2001), Alvim e Souza (1984) classificaram os indivíduos não adultos por categorias de idade, quantificando 8 (oito) indivíduos lactantes e os demais classificados como adolescentes (3 indivíduos) e crianças (12 indivíduos). Além disso, são morfologicamente homogêneos, braquicéfalos;

- As alterações no esmalte dentário, revelou 3 (três) tipos de alterações nos dentes, a saber, desgaste, cárie e hipoplásica. Sendo o desgaste o que mais prevaleceu com variações entre leve (grau 2 e 3) e moderado (grau 5 e 6) a intenso (grau 7 ou 8) (Oliveira, 2017);
- O desgaste presente aponta para o consumo de alimentos duros, ásperos, abrasivos (raízes, sementes, cereais) que poderiam ter sido: amêndoas de palmáceas, catolé, coquinhos, umbu, jatobá, macambira, gendiroba, fragmentos de ossos de animais de pequeno e médio porte (mocos, teju, tartarugas) (Menezes, 2006; Santos, 2006; Oliveira, 2017);
- Os resultados obtidos através da presença de hipoplasia e desgaste apontaram para um consumo de alimentos mais sólidos e abrasivos desde cedo, iniciando numa população mais jovem até uma mais adulta (graus mais severos de desgastes) sugerindo que esses indivíduos teriam iniciado o consumo desses alimentos ainda quando não eram adulto e dado continuidade até uma idade mais avançada (Oliveira, 2017);
- Os episódios de estresse teriam ocorrido provavelmente em torno dos 2,5 a 4 anos. É possível que esse consumo possa ter ocorrido quando os indivíduos mais jovens estivessem tanto sob os cuidados de sua genitora quanto de outros adultos (Sánchez Romero, 2006; Oliveira, 2017);
- O desgaste nos incisivos dos indivíduos não adultos e adultos, pode indicar a utilização desses dentes como ferramentas, sugerindo inclusive, que os indivíduos não adultos além de compartilhar os mesmos alimentos, ajudavam na produção de material como cestos e esteiras, reforçando a idéia de que eles poderiam participar de forma ativa nas atividades do grupo (Lillehammer, 2010; Oliveira, 2017).
- Os estudos palodemográficos apontam que o grupo que utilizou o sítio Furna do Estrago teve uma boa adaptabilidade, levando em conta as evidências arqueológicas e ambientais. Essa hipótese foi colocada por Alvim (1987) onde considera três aspectos, a saber, “a) na estimativa de crescimento demográfico positivo, obtida para a corte populacional; b) no desenvolvimento físico satisfatório apresentado pelos indivíduos do grupo; c) na baixa incidência de doenças carenciais e infecciosas (Souza; Alvim, 1992, p. 123-145);

- Quanto a estimativa de mortalidade, segundo Alvim (1987) os dados revelaram um perfil de distribuição etária normal, e mortalidade infantil abaixo da esperada (12,5%), já a expectativa de vida foi estimada entre 20 e 24 anos, que se comparado à de grupos indígenas atuais é de valor médio.

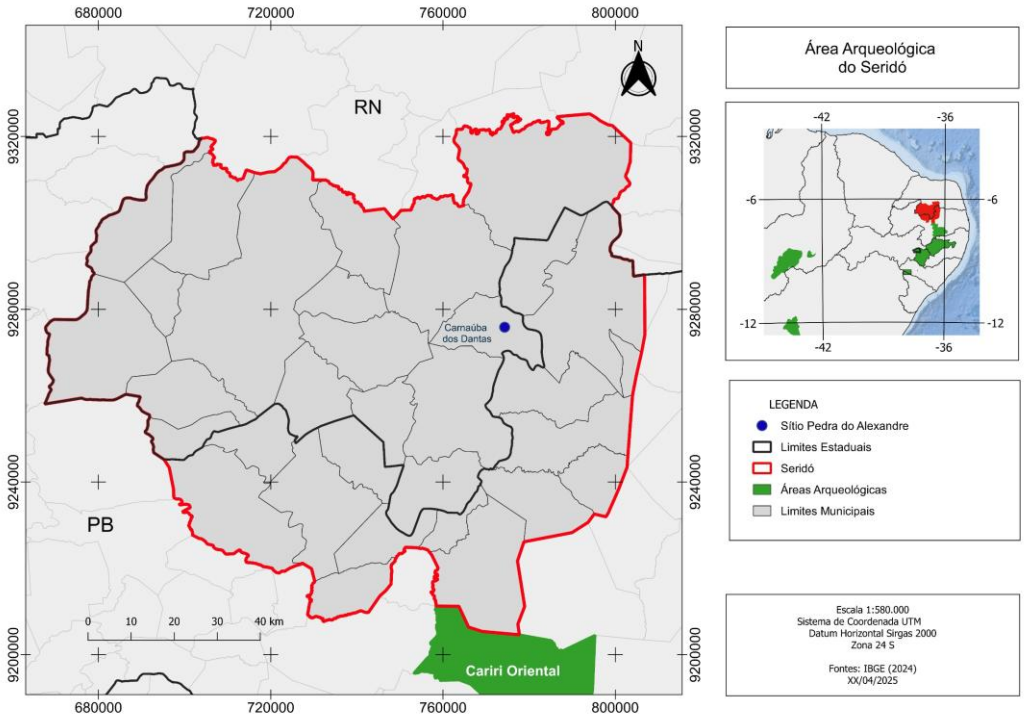
4.2 ÁREA ARQUEOLÓGICA DO SERIDÓ

A região do Seridó é classificada como parte da Microrregião do Seridó Oriental e da Microrregião do Seridó Ocidental no estado do Rio Grande do Norte, fazendo parte também do estado da Paraíba. Especificamente nesta pesquisa, o sítio em análise faz parte do Rio Grande do Norte.

4.2.1 Sítio Pedra do Alexandre

O Sítio Pedra do Alexandre está localizado na área arqueológica do Seridó, município de Carnaúba dos Dantas - RN. O local é caracterizado por um abrigo sob rocha inserido na Formação Seridó sob as coordenadas 6º32’43”S e 36º31’10”W (Mutzenberg, 2007) (Figura 15).

Figura 15 - Mapa com a localização do sítio Pedra do Alexandre – RN



Fonte: Elaboração de mapa produzida pela graduanda em arqueologia Gabriela De Checchi Almeida (UFPE).

As intervenções arqueológicas deram início em 1990 e perduraram até em 2011, o que reuniu uma série de pesquisas sobre hipóteses variadas, como ressalta Mafra (2020):

> (a) o processo de povoamento da área arqueológica do Seridó (MARTIN, 2018; MUTZENBERG, 2007), (b) as rotas de dispersão das tradições rupestre registradas e seu relacionamento com a cultura material evidenciada (MARTIN, 1985, 1989, 1993, 1996, 2008; MARTIN e GUIDON, 2010; MARTIN e ASÓN-VIDAL, 2014), (c) a descrição das práticas funerárias realizadas no assentamento e as características bioarqueológicas do conjunto de indivíduos inumados (ALVIM et al., 1990; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995-1996; ALVIM et al, 1995-1996; SANTOS, 1997; TORRES, 1995-1996; SILVA, 2003; MARTIN, 2008; BORGES, 2008; CASTRO, 2009; SOLARI et al., 2016(a) 2016(b); SOLARI et al., 2018; SILVA et al., 2020), (d) a definição de enclaves pré-históricos e suas fronteiras culturais (MARTIN, 2003, 2008; MARTIN e ASÓN-VIDAL, 2014; BORGES, 2010; MAFRA et al., 2016), (e) a reconstituição paleoclimática e dos processos de formação de seu depósito sedimentar (MUTZENBERG, 2007) e (f) a definição de uma cronoestratigrafia referencial, que permitisse a caracterização objetiva de outros sítios arqueológicos registrados na região (MARTIN, 2008) (Mafra, 2020, p. 66).

Durante os anos de pesquisa foram realizadas dezessete (17) campanhas (Quadro 7), evidenciado vinte e quatro (24) deposições funerárias (com total de 48 indivíduos) ambos distribuídas em três (03) níveis de ocupação, com a presença de estruturas de combustão, remanescentes floro-faunísticos, material lítico lascado e polido e material cerâmico, além de pinturas rupestres (Mafra, 2020).

Quadro 7 - Campanhas arqueológicas do sítio Pedra do Alexandre - RN

Campanha arqueológica	***Ano (Início e Fim)***
I campanha	01/11/1990 – 10/11/1990
II campanha	24/11/1990 – 30/11/1990
III campanha	17/01/1991 – 25/01/1991
IV campanha	15/02/1991 – 27/02/1991
V campanha	13/08/1991 – 22/08/1991
VI campanha	09/01/1992 – 16/01/1992
VII campanha	06/08/1992 – 15/08/1992

VIII campanha	28/06/1994 – 07/07/1993
IX campanha	28/06/1994 – 08/07/1994
X campanha	02/01/1995 – 10/01/1995
XI campanha	17/03/1995 – 31/03/1995
XII campanha	23/10/1995 – 30/10/1995
XIII campanha	15/08/1996 – 30/08/1996
XIV campanha	Lacuna no banco de dados
XV campanha	05/12/2000 – 11/12/2000
XVI	18/10/2010 – 30/10/2010
XVII	01/11/2011 – 10/11/2011

Fonte: Mafra (2020).

Algumas estruturas funerárias foram datadas por carvões associados, e trazem uma ocupação de ± 11000 anos AP e 2620 anos AP (Alvim; Uchôa; Silva, 1996; Alvim; Souza, 1990; Martin, 2008; 1996a; 1996b; 1994; Santos Júnior, 2013; Solari; Martin; Silva, 2016; Solari, Martin; Silva, 2016; Mafra, 2020). Não foi possível determinar uma cronologia direta para nenhum dos sepultamentos do sítio devido à perda de colágeno verificada em amostras enviadas para datação por AMS, (Sullasi; Santos; Silva, 2018).

Segundo as pesquisas, o abrigo foi utilizado, tanto para a realização de práticas mortuárias, como práticas gráficas, além de ocupações sazonais de curta duração, com as mais diversas finalidades (Quadro 8).

Quadro 8 - Quadro de datações para o sítio Pedra do Alexandre

DATAÇÃO (AP)	ORIGEM DO MATERIAL	0BS.
2620 ± 60	Sepultamento 07	—
2750 ± 40	Sepultamento 09	—

2860 ± 25	Nível do sepultamento 09	—
2890 ± 25	Sepultamento 09	—
4160 ± 70	Sepultamento 02	Não adulto
4710 ± 25	Sepultamento 01	—
5790 ± 60	Sepultamento 06	—
6010±60	Nível abaixo do sepultamento 01	—
8280 ± 30	Sepultamento 04	—
9400 ± 35	Sepultamento 03	Não adulto
9400 ± 90	Nível do sepultamento 03	—
9440 ± 40	Sepultamento 23 (acima do sepultamento 24)	Datações radio carbônicas inéditas – XVI e XVII Campanha
3820 ± 30	Estrutura de Combustão	Datações radio carbônicas inéditas – XVI e XVII Campanha
9100 ± 50	Sepultamento 25	Datações radio carbônicas inéditas – XVI e XVII Campanha
2170 ± 30	Estrutura de Combustão	Datações radio carbônicas inéditas – XVI e XVII Campanha
9170 ± 40	Sepultamento 26	Datações radio carbônicas inéditas – XVI e XVII Campanha
9140 ± 50	Associado a óxido de ferro com marcas de uso	Datações radio carbônicas inéditas – XVI e XVII Campanha

Fonte: Mafra (2020).

4.2.1.1 Dados culturais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico Pedra do Alexandre, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

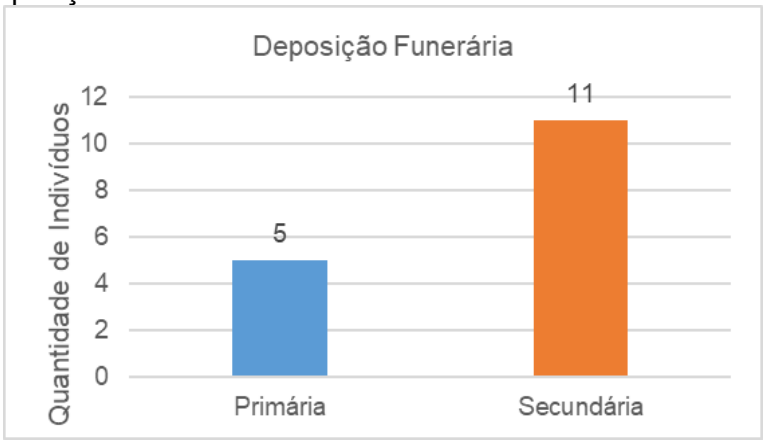
4.2.1.1.1 Corpo

A equipe de campo evidenciou vinte e quatro (24) deposições funerárias com número mínimo de quarenta e oito (48) indivíduos, destes, vinte e cinco (25 – 52%) indivíduos eram não adultos (perinatos, crianças e jovens) (Mafra, 2020).

Como dito na metodologia, esta pesquisa estabeleceu critérios a serem aplicadas aqueles indivíduos não adultos onde o maior número de informações estivesse contemplado nas publicações. Dos 25 indivíduos identificados por Mafra (2020), apenas 16 foram contemplados na análise, pois eram os únicos com as informações publicações de forma compatível com a metodologia.

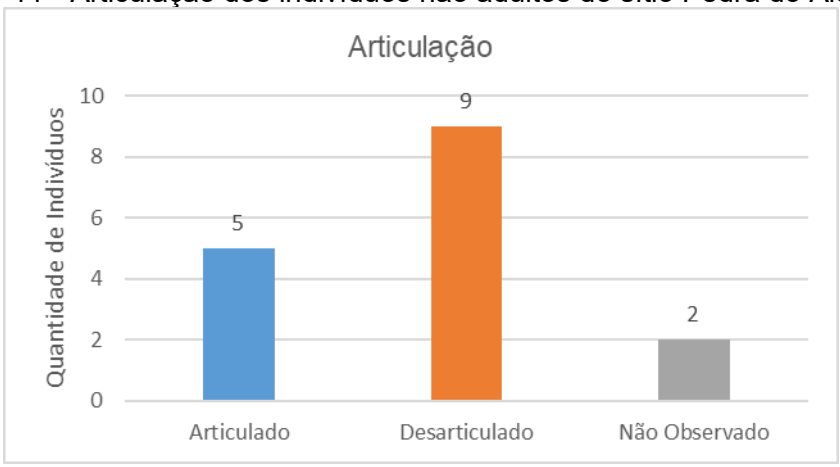
Das variáveis condizentes ao corpo, foi possível observar que, 11 (69%) dos indivíduos não adultos tinham uma deposição funerária secundária, 5 (31%) primária, 9 (56%) estavam desarticulados, 5 (31%) articulados e 5 (31%) possuía vestígios de pintura durante a preparação do corpo. Em relação a sua individualidade, percebe-se uma variedade, 3 (19%) simples, 3 (19%) Múltiplo, 2 (12%) duplo e 8 (50%) não observado (Gráficos 10, 11, 12 e 13).

Gráfico 10 - Deposição funerária dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre



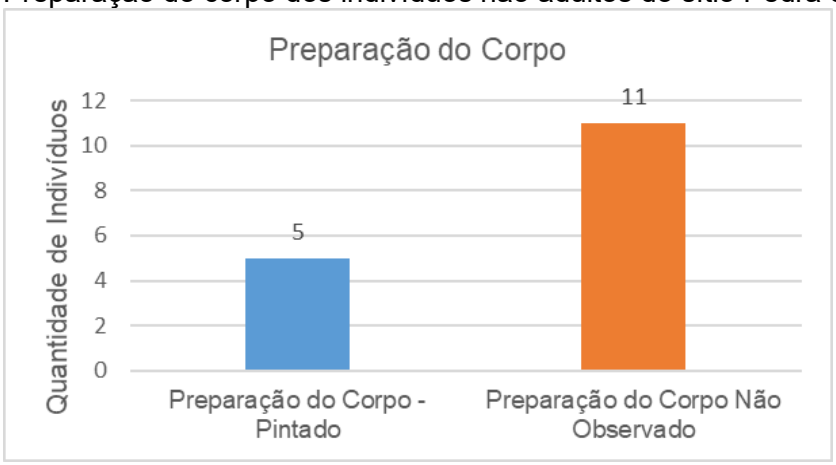
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Gráfico 11 - Articulação dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre



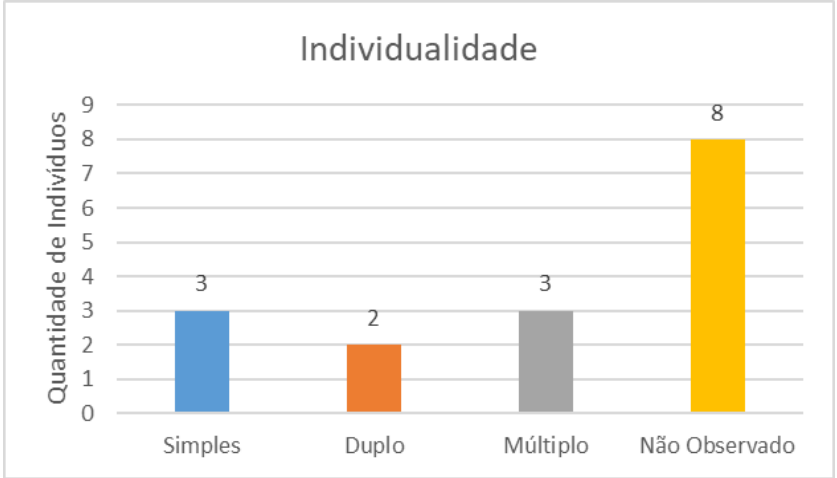
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Gráfico 12 - Preparação do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Gráfico 13 - Individualidade dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

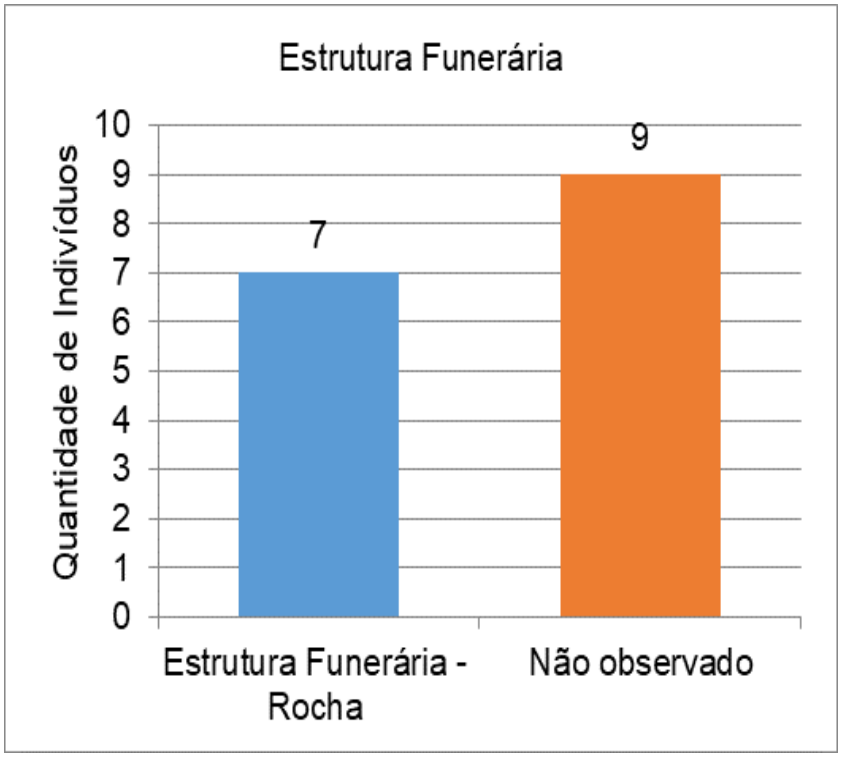
As demais características presentes na acomodação do corpo, como a flexão ou disposição, foram observadas que 4 (quatro) indivíduos estavam fletidos e outros 4 (quatro) em decúbito lateral direito.

Em um único indivíduo foi observado a posição dos membros superiores e inferiores (lado direito e esquerdo fletido) e mãos na região do crânio. Os demais não possuíam informações acerca dessas variáveis. Em relação à posição da cabeça, três (3) estavam para direita e uma para baixo.

4.2.1.1.2 Estrutura funerária

Em relação ao local que eles foram depositados, apenas sete (7 – 44%) indivíduos teve suas informações contempladas (Gráfico 14). Os mesmos foram depositados em rocha e em dois (2) destes, foi observado o formato circular. O nível que elas se encontravam variava entre 0,75m a 1,39m de profundidade.

Gráfico 14 - Estrutura funerária dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Segundo Viviane Castro (2009), não havia informações suficientes sobre tamanho, altura e forma das covas, o que se pode dizer sobre os vestigio que trata-

se de uma possivel recorrência na utilização de estruturas de pedra como indicadores dos locais dos enterramentos ou como proteção.

Os indivíduos não adultos com idades distintas (perinatais - fetos a termo e/ou recém-nascidos, crianças e adolescentes) foram enterrados no mesmo espaço que os adultos de ambos os sexos, possivelmente sem discriminação entre eles. Segundo Solari (2016, p. 17), “indicando, possivelmente, algum tipo de reconhecimento das crianças como membros ativos da comunidade, até mesmo antes ou logo após o nascimento”.

É interessante observar como as questões ambientais (fragmentação dos blocos do abrigo) sugerem uma mudança na dinâmica das práticas funerárias daquele contexto. Solari (2016) ressalta que, a queda dos blocos desprendidos do abrigo causou uma redução na área do sítio para os enterramentos (inumações primárias), e isso teria forçado os grupos a se adequar ao atual contexto, aproveitando o espaço que tinha entre os blocos, assim como, a técnica de preparação desse corpo, e que anterior a esse evento, a dinâmica dos enterramentos tinha mais flexibilidade por conta do espaço. O pesquisador ressalta como práticas funerárias poderiam ter se adaptado ao longo do tempo:

> No primeiro período, datado entre 9440±40 (Cal AP 10750 a 10580 - Beta-327693 e 9400±90 (CSIC1051), verificou-se presença de inumações primárias simples, em decúbito dorsal e/ou lateral, com membros estendidos ao longo do corpo e deposição em nichos preexistentes, formados por blocos caídos e acomodados no interior do abrigo... O segundo momento foi datado entre 8280±30 (CSIC-965) e 2620±60 (CSIC-1061)...caracterizam-se como: (a) inumações primárias simples e coletivas, com corpos e membros flexionados e a presença de acompanhamentos funerários; (b) inumações secundárias, igualmente simples e coletivas, com a presença de pigmento vermelho sobre os ossos e acompanhamentos funerários. Marcadores ósseos de alteração térmica (sinais de queima) e outros tipos de manipulação estão presentes em alguns remanescentes ósseos humanos deste período, que abrange a maioria das deposições funerárias registradas no sítio e o maior índice de variação tipológica... E, derradeiramente, o período final, datado apenas pelo abandono das inumações funerárias no assentamento – a partir de 2500 anos AP. Apesar de ainda ser totalmente hipotético, caracteriza-se pela substituição de sepultamentos pela cremação, como prática funerária predominante (Mafra, 2020, p. 94-96).

É possível observar como a mudança da estrutura física do abrigo pode ter alterado o modo de enterrar dos sepultamentos não adultos 2 e 7, como sugeriu Mafra (2020, p. 93) “os sepultamentos primários exumados, apresentaram corpos e

membros fletidos, em decúbito lateral, e foram inumados em espaços cada vez mais restritos, ao ponto de necessitar do peso de blocos líticos, para manutenção dos cadáveres” (Figura 16).

Figura 16 - Sepultamentos 2 (lado esquerdo) e 7 (lado direito) com presença de blocos sobre seus corpos

Fonte: Mafra (2020).

Contudo, esses enterramentos em espaços e locais específicos, evidenciados pela presença de múltiplos indivíduos em um mesmo local, indicando que pode ter sofrido interferência dos processos tafonômicos naturais - como a queda de blocos desprendidos do abrigo – ou antrópicos - referente à própria complexidade das práticas funerárias, e considerando o recorte temporal que o sítio foi utilizado, reafirma a sugestão da mudança nas práticas funerárias ao longo do tempo (Figura 17).

Figura 17 - Enterramentos infantis no sítio Pedra do Alexandre. Enterramento 1, secundário múltiplo (acima); Enterramento 7, primário duplo (abaixo à esquerda); Enterramento 8, primário simples (abaixo à direita).

Fonte: Solari (2016)

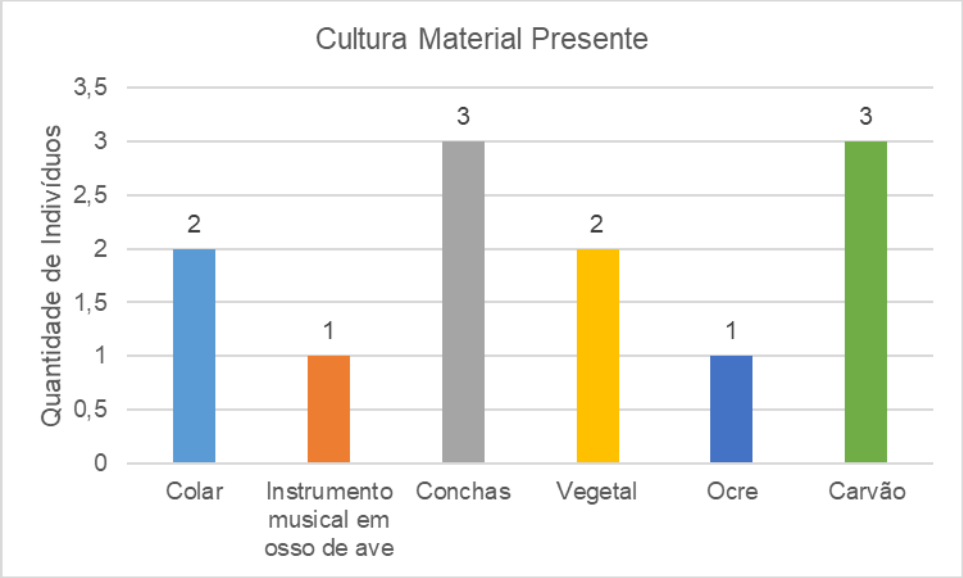
Os dados até então analisados, mostram que não houve uma distinção na prática funerária entre os indivíduos em relação à idade ou sexo, entretanto não se pode negar que tratamentos distintos pudessem existir, pois o sítio não foi escavado em sua totalidade, como sugere Solari:

> Enterramentos em Pedra do Alexandre, permitiu observar a realização das mesmas práticas mortuárias para indivíduos adultos e subadultos, assim como reconhecer problemas idênticos de preservação ou conservação pela ação de fatores tafonômicos culturais e/ou naturais no sítio. Portanto, não pode ser distinguido -até o momento- um padrão funerário diferenciado exclusivamente por idade, sexo, gênero ou outra categoria culturalmente construída, mas também não podemos negar a sua existência, considerando que o cemitério não foi escavado na sua totalidade, como devido à presença de depósitos funerários com diferentes sinais de perturbações tafonômicas (Solari, Martin; Silva, 2016, p. 13).

4.2.1.1.3 Cultura material presente

Quanto a cultura material, foi observado em dois (2) indivíduos a presença desse tipo de vestígio, especificamente, colar com pingente de osso de mamífero (cervídeo) e instrumento musical de osso de ave presentes no sepultamento 2, e colar de semente e ossos no sepultamento 8 (Castro, 2009; Queiroz, 2002). Nos demais sepultamentos existia de forma discreta a presença de conchas, vegetais e ocre (Gráfico 15).

Gráfico 15 - Cultura material presente nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Pedra do Alexandre



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.2.1.2 Dados biológicos

A respeito dos aspectos bioarqueológicos, grande parte do material ósseo possui limitações em relação a sua análise, restringindo-se especificamente para dados estatísticos devido a existência de uma redução do número de esqueletos completos ou parcialmente completos, bem como o mau estado de conservação dos ossos. Além disso, a representação dos números de indivíduos não adultos pode ter sido afetada tantos por problemas tafonômicos - que influenciam na preservação dos ossos - como por um tratamento diferenciado referente às práticas funerárias de um grupo, podendo até mesmo incluir diferentes tipos de marginalização (exclusão,

setorização) ou integração com os demais grupos etários dentro do mesmo espaço mortuário (Solari, Martin; Silva, 2016; Saunders, 2000; Lewis, 2007).

O trabalho de Solari (2016) traz os dados bioarqueológicos (idade) de 25 indivíduos (Quadro 9). Toda análise foi feita no laboratório de Arqueologia Biológica e Forense do Departamento de Arqueologia da UFPE responsável pela guarda dos mesmos.

Quadro 9 - Indivíduos não adultos distribuídos por deposição funerária e idade biológica (à morte)

N° DEPOSIÇÃO FUNERÁRIA	N° DE INDIVÍDUO	IDADE
1	1 B	10 a ± 30 m
	1 C	1 a ± 4 m
	1 D	Perinatal - Feto a termo (38 a 40 semanas)
3	3	5 a ± 12 m
6	6 A	Subadulto indet. (Perinatal?)
	6 B	4 a ± 12 m
7	7 A	4 a ± 12 m
	7 B	7 a ± 24 m
8	8	18 m ± 6 m / 2 a ± 8 m
11	11	Perinatal (Feto – Recém-nascido)
12	12	5 a ± 16 m
16	16 A	Perinatal (Feto – Recém-nascido)
	16 B	Indet. (1 a 3 anos aprox.)
17	17 A	5 a ± 16 m
	17 B	Recém-nascido ± 2m
	17 C	8 a ± 24 m
18	18	3 a ± 12 m
24 (c.13)	24 A	3 a ± 12 m
	24 B	7-8 anos ± 24 m
23* + 24* (c.14)	23/24	Adolescente (14 a 16 anos aprox.)
26	26 A	Perinatal
	26 B	Subadulto Indet.
28	28 B	Subadulto Indet.
	28 C	Subadulto Indet.
29	29 B	Subadulto Indet.

Fonte: Solari (2016).

No Quadro 9 é possível observar a quantidade e idade de morte, esses dados, trazem questionamentos e hipóteses acerca de possíveis dificuldades de adaptação e sobrevivência ligadas aos indivíduos que utilizaram o sítio Pedra do Alexandre, entre eles estão, as causas de mortalidade ligadas a diversos aspectos

internos – como a saúde da mãe – até aspectos externos como doenças, desmame e acidentes.

> Incluem-se vários casos de mortalidade perinatal, levando a pensar sobre problemas de saúde materna e infantil, tanto por causas endógenas nas crianças quanto por influência da mãe gestante, incluindo algumas possibilidades, como: abortos, anormalidades genéticas, prematuridade, baixo peso ao nascer e partos traumáticos As mortes causadas nos primeiros anos de vida extra-uterina e nas fases posteriores indicam causas exógenas como as doenças infecciosas, desmame, nutrição deficiente e acidentes (Brothwell,1986-1987; Saunders, 2000; Lewis, 2007, *apud* Solari, Martin; Silva, 2016, p. 21).

Devido à dificuldade de metodologias confiáveis, a diagnose e a distinção sexual entre os indivíduos infantis do sítio não foram obtidas:

> Para estimar, com pouca margem de erro, o sexo nesses indivíduos devido à falta de indicadores sexuais morfológicos marcados antes da adolescência, variabilidade inter e intra-populacional do dimorfismo sexual, entre outros fatores, como o significativo mau estado geral de preservação dos esqueletos. Com isso, fica prejudicada a análise da discriminação sexual e a sua relação com as instâncias de sobrevivência e adaptabilidade (Solari, Martin; Silva, 2016, p. 27).

Quanto a ancestralidade biogeográfica dos não adultos, segundo Solari (2016) foi possível observar o caráter epigenético dos incisivos em forma de pá, nos dentes decíduos e permanentes, conforme o sistema ASUDAS (Cucina, 2011), indicando uma concordância em relação datação do sítio (Figura 18).

Figura 18 - Incisivos em forma de pá, Enterramento 7-A, 4 a ± 12 m (esquerda); Enterramento 17-A, 5 a ± 16 m (direita)

Solari (2016).

Traços na dentição dos indivíduos analisados trouxeram informações relevantes quanto a sua adaptabilidade e transição entre o desmame e consequentemente a introdução alimentar com alimentos abrasivos, revelando que isso teria acontecido por volta de 3 anos de idade.

> A evidência de desgaste do tipo moderado/severo nas superfícies oclusais dos dentes decíduos indica que houve uma introdução de alimentos sólidos com componentes abrasivos na dieta, proporcionando informações sobre a idade de desmame, situada em cerca de três anos de idade ou mais cedo. Esse desgaste variou de moderado a severo ou intenso nos dentes decíduos, principalmente nos molares dos indivíduos infantis que já haviam abandonado completamente a fase de amamentação e incorporado a dieta dos adultos, possivelmente a das mães, que incluía alimentos abrasivos ou teria sido elaborada mediante processos que resultaram na incorporação de elementos abrasivos nos alimentos consumidos (Solari, Martin; Silva, 2016, p. 23).

É possível observar as alterações dentárias dos indivíduos não adultos nas figuras abaixo (Figura 19).

Figura 19 - Alterações dentárias. Desgaste plano, mandíbula, esqueleto 1-B (acima, à esquerda); Desgaste plano nos dentes decíduos e permanentes, maxilar, esqueleto 7-B (acima, à direita); Desgaste nos dentes decíduos, maxilar

Solari (2016).

4.2.1.3 Perfil funerário

- No sítio Pedra do Alexandre foram identificados 48 indivíduos, destes, 25 indivíduos (52%) correspondem aos não-adultos e 23 indivíduos (48%) a indivíduos adultos. Entretanto, apenas 16 indivíduos foram contemplados nessa pesquisa devido a compatibilidade com a metodologia.

- Presença de deposição funerária secundária em 11 (69%) dos indivíduos, consequentemente os ossos desarticulados estavam presentes na maior parte 9 (56%).
- A preparação do corpo com presença de pintura estava presente em 5 (31%). Em relação ao uso de pigmentos, Ramos (1995) realizou estudo sobre a origem e a composição dos pigmentos vermelhos utilizados em pinturas e alguns sepultamentos, como nos sepultamentos 1, 5 e 11 (todos indivíduos não adultos). Segundo Viviane Castro (2009, p. 155) “é perceptível o tratamento diferenciado dado às crianças neste sítio, observado na utilização de pigmento vermelho presente em três enterramentos infantís”.
- Variedade no que com condiz a individualidade, 3 (19%) simples, 3 (19%) Múltiplo, 2 (12%) duplo e 8 (50%) não observado.
- Os indivíduos não adultos com idades distintas (perinatais - fetos a termo e/ou recém-nascidos, crianças e adolescentes) foram enterrados no mesmo espaço que os adultos de ambos os sexos, possivelmente sem discriminação entre eles. Segundo Solari (2016, p. 17), “indicando, possivelmente, algum tipo de reconhecimento das crianças como membros ativos da comunidade, até mesmo antes ou logo após o nascimento”.
- Apesar de não ter sido observado uma diferenciação de enterramentos entres os indivíduos por idade ou sexo, não se pode negar a sua existência, uma vez que, o cemitério não foi escavado em sua totalidade.
- Ainda considerando a observação de semelhança entre os enterramentos, não se pode deixar de ressaltar a identificação de pigmentos em apenas 3 (três) indivíduos não adultos, como sugeriu Viviane Castro (2009) e Ramos (1995). Ainda segundo Viviane Castro (2009, p. 148) “os dados analisados nos permitem afirmar que há mais elementos diferentes entre os enterramentos do que semelhantes” podendo indicar a presença de distintos grupos que utilizaram este sítio para realizar rituais e enterrar rseus mortos.
- A reutilização do espaço em locais específicos evidenciada pela presença de múltiplos indivíduos em um mesmo espaço, pode ter sofrido interferência dos processos tafonômicos naturais - como a queda de blocos desprendidos do abrigo – ou antrópicos referente a própria complexidade das práticas

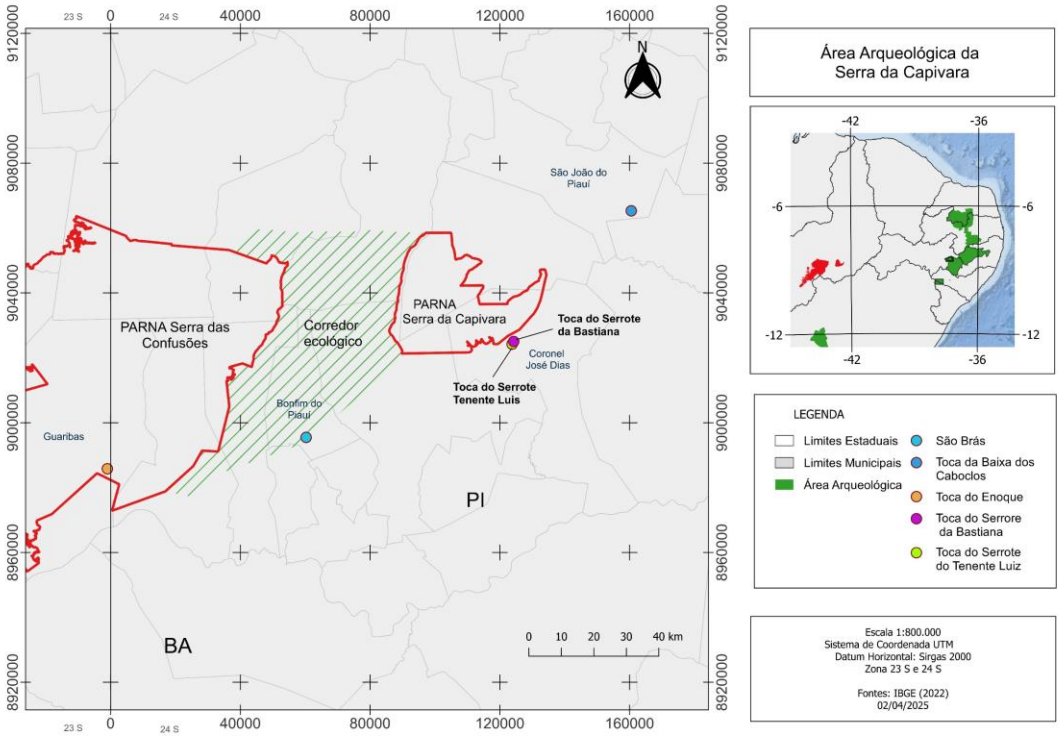
funerárias, considerando a recorte temporal que o sítio foi utilizado, como afirma Solari (2016).

- Foi observado em dois (2) indivíduos não adultos a presença cultura material, especificamente colar com pingente de osso de mamifero (crevídeo), instrumento musical de osso de ave no sepultamento 2, colar semente e ossos no sepultamento 8. Nos sepultamentos apresentou de forma discreta a presença de conchas, vegetais e ocre.
- Devido ao estado de conservação dos ossos, os dados bioarqueológicos forneceram mais informações estatísticas que outros aspectos.
- A representação da quantidade de indivíduos não adultos pode ter sido afetada tantos por problemas tofonômicos – que influenciam na preservação dos ossos –, como por um tratamento diferenciado referente às práticas funerárias de um grupo.
- A diagnose e a distinção sexual entre os indivíduos infantis do sítio não foram obtidas devido à dificuldade intrínseca de metodologias confiáveis (Mafra, 2020).
- Quantidade expressiva de mortalidade perinatal (próxima do nascimento, podendo ocorrer ainda intra uterina como logo após o nascimento), podendo indicar dificuldades de adaptação e sobrevivência, podendo ainda está relacionada a saúde da mãe ou do próprio indivíduo em formação.
- A mortalidade extra-uterina pode estar relacionada a causas exógenas - como problemas de nutrição -, principalmente durante o desmame, doenças infecciosas ou até mesmo acidentes (Brothowell, 1987; Saunders, 2000; Lewis, 2007; Solari, Martin; Silva, 2016).
- Quanto a ancestralidade biogeográfica dos não adultos, segundo Solari (2016) foi possível observar o caráter epigenético dos incisivos em forma de pá, isso corrobora com a antiguidade do sítio.
- Alterações dentarias como desgastes (moderado/ severo) indica uma introdução de alimentos sólidos próximo aos 3 anos de idade, indicando o enceramento do desmame nesse período (Solari, Martin; Silva, 2016).

4.3 ÁREA ARQUEOLÓGICA SERRA DA CAPIVARA E SERRA DAS CONFUSÕES

A Área Arqueológica Serra da Capivara compreende os dois Parques Nacionais (Parque Nacional Serra da Capivara e Parque nacional Serra da Confusões) e um corredor ecológico entre eles, ambos localizados no sudeste do Piauí (Figura 20).

Figura 20 - Localização dos sítios presentes nas áreas arqueológicas do PARNA Serra da capivara e Serra das Confusões



Fonte: Elaboração de mapa produzida pela graduanda em arqueologia Gabriela De Checchi Almeida (UFPE).

A pesquisa bibliográfica levantou 5 (cinco) sítios com suas publicações compatíveis com a metodologia desta pesquisa, a saber, Sítio São Brás, Sítio Toca da Baixa dos Caboclos e Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz localizados na Serra da Capivara, assim como, o Sítio Toca do Enoque localizado na Serra das Confusões.

4.3.1 Sítio São Braz

O sítio São Braz, está localizado nas coordenadas S 9°3'56.52" e W 42°59'53.29", caracteriza-se por um sítio a céu aberto, localizado no município de São Braz, entre o corredor ecológico que liga os Parques Nacionais Serra da

Capivara e Serra das Confusões (Figura 21).

Figura 21 - Vista panorâmica do município de São Braz onde o sítio está localizado

Fonte: Freitas, Felice e Leite Neto (2020).

O sítio foi descoberto por moradores locais durante a urbanização de São Braz, principalmente nos trabalhos de perfuração de cisternas e alicerces de casas.

Desde 1970 que são identificadas urnas funerárias por moradores, contabilizando ao todo 7 urnas, resgatadas pela equipe da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) e por professores e alunos da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Sua datação está em trono de 560 anos BP.

Os resgates das urnas ocorram entre 1980 a 2008 pela equipe da FUMDHAM, em 2016 pela UNIVASF e em 2017 pela equipe do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

Em relação à delimitação do sítio, tal como as áreas de convivência, não é possível verificar identificar pois o sítio está posicionado sob a cidade de São Braz.

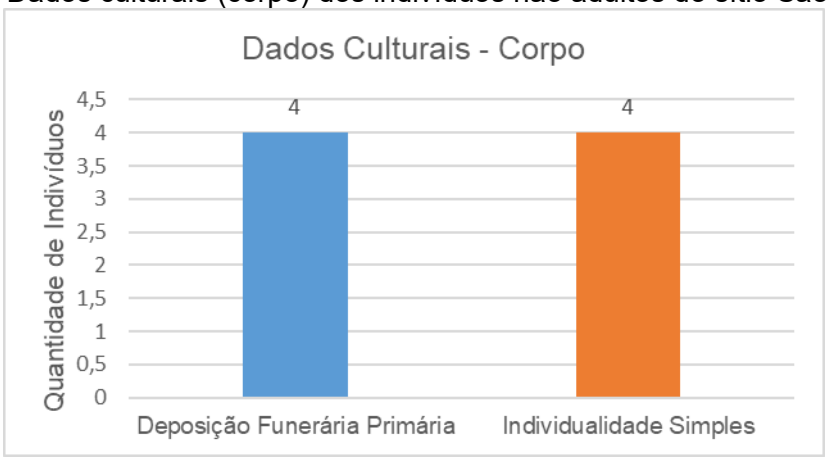
4.3.1.1 Dados culturais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico São Braz, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

4.3.1.1.1 Corpo

Das 7 (sete) urnas funerárias identificadas, 4 (quatro) pertenciam a indivíduos não adultos, porém nem todas as variáveis foram observadas devido ao estado de conservação. Os quatro (4) indivíduos não adultos foram depositados em deposição primária e em individualidade simples (Gráfico 16).

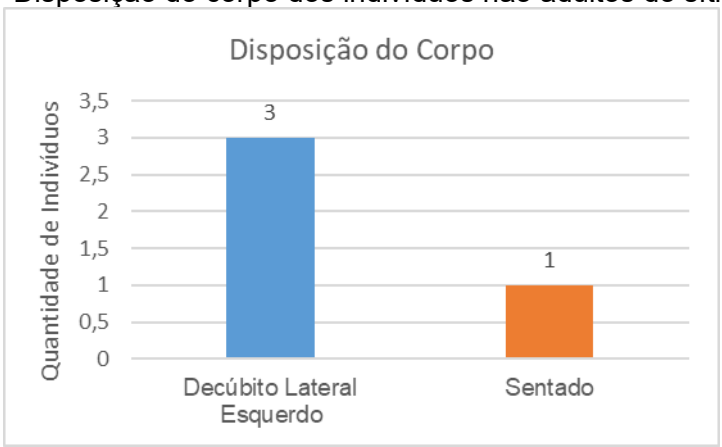
Gráfico 16 - Dados culturais (corpo) dos indivíduos não adultos do sítio São Braz



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

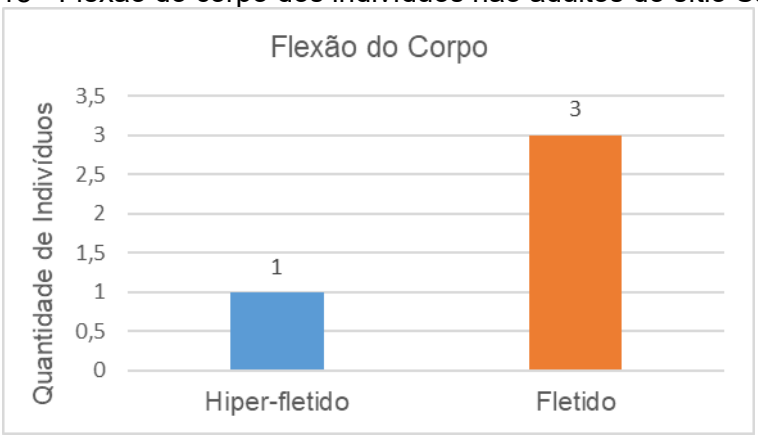
A disposição do corpo apresentou 75% (3 indivíduos) em decúbito lateral esquerdo fletido e 25% (1 individuo) sentado e hiper-fledido (Gráfico 17 e 18) (Figura 22).

Gráfico 17 - Disposição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio São Braz



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Gráfico 18 - Flexão do corpo dos indivíduos não adultos do sítio São Braz



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Figura 22 - Sepultamento 4 na posição sentado e sepultamento 5 em decúbito lateral

Fonte: Acervo FUMDHAM.

4.3.1.1.2 Estrutura funerária

Todos os indivíduos estavam depositados em urnas funerárias, sem maiores informações de como foram depositados, o tipo de cova ou formato. Entretanto, o seu uso foi questionado por Freitas, Felice e Leite Neto (2020), quando se observou restos de fuligem em sua superfície, indicando um possível uso doméstico anterior ao enterramento.

> Em relação as urnas funerárias, talvez sejam elas, as expressões materiais mais evidentes quanto as escolhas do grupo dentro das práticas funerárias no sítio São Braz. Nota-se uma ocorrência de paridades quanto as formas e os tratamentos de superfície das urnas funerárias. O fato é que no sítio São Braz, uma parcela das urnas funerárias apresentam marcas de fuligem, geralmente

> associadas a atividades anteriores aos sepultamentos, no entanto, não deve-se tomar em conta, a inerência totalmente utilitária deste objeto (Freitas; Felice; Leite Neto, 2020 p. 66).

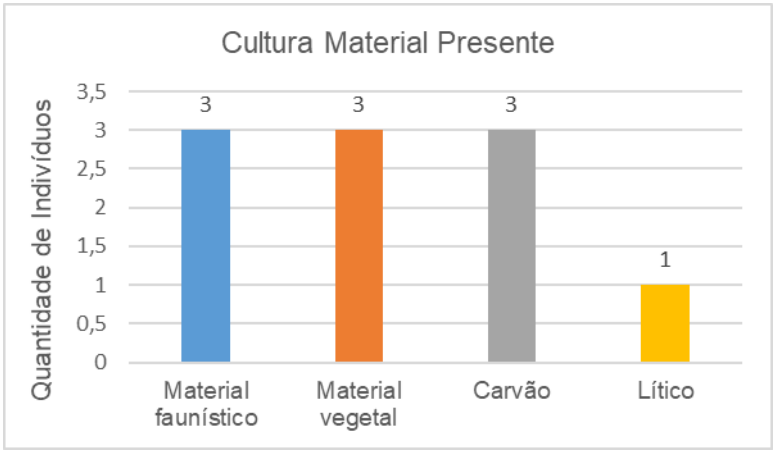
Quanto à profundidade, de forma geral estavam entre 80 e 95 cm. Foi observado também que o Tratamento de Superfície Interna (TSI) e o Tratamento de Superfície Externa (TSE) alisado com engobo avermelhado na superfície dos vasilhames contentor dos sepultamentos 5 e 7 (Freitas; Felice; Leite Neto, 2020, p. 61).

A falta de informação mais específica sobre o sítio, ocorre principalmente, porque o sítio não foi escavado de forma ampla para entender melhor o seu contexto. Isso se deve ao próprio contexto em que o sítio se encontra, coberto pelos processos de erosão/sedimentação, assim como, pela urbanização da cidade de São Braz do Piauí.

4.3.1.1.3 Cultura material presente

A cultura material presente foi pouco expressiva, apresentando material faunístico 30 % (3 vestígios), 30 % de material vegetal (3 vestígios), 30% de carvão (3 vestígios) e 10% de lítico (1 vestígio) (Gráfico 19).

Gráfico 19 - Cultura material presente nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio São Braz

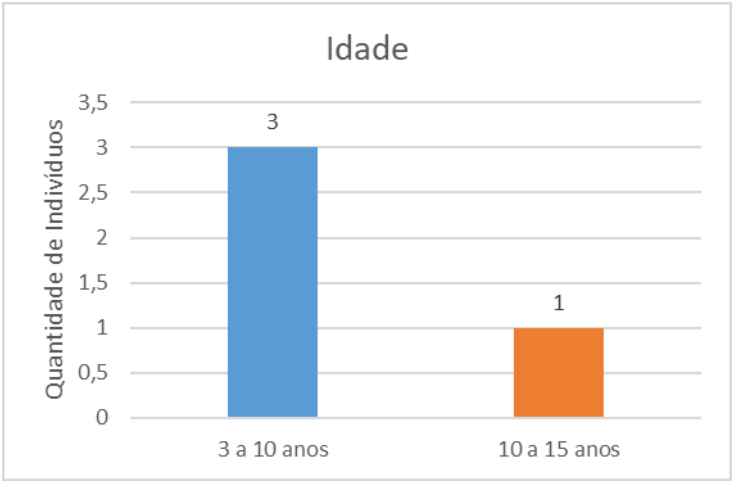


Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.3.1.2 Dados biológicos

Os dados biológicos mostram que os indivíduos não adultos tinham entre 3 a 10 anos (3 indivíduos) e um indivíduo entre 10 a 15 anos. Não foi possível estabelecer o sexo biológico cromossomial (Gráfico 20).

Gráfico 20 - Idade dos indivíduos não adultos do sítio São Braz



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.3.1.3 Perfil funerário

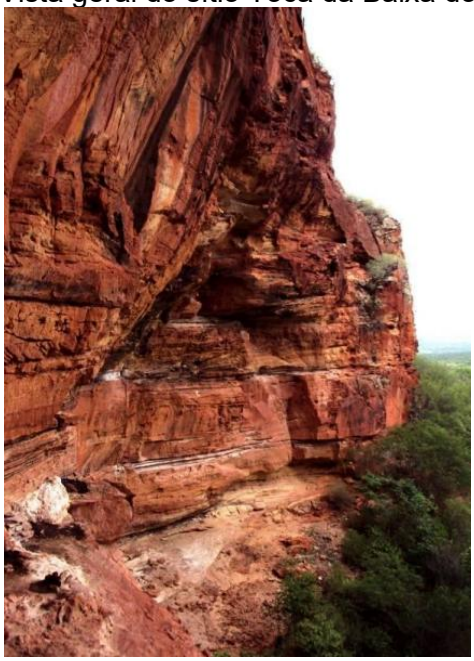
- Foram identificados 7 indivíduos no sítio São Braz, 4 indivíduos eram não adultos.
- Os 4 indivíduos não adultos foram depositados de forma primária com individualidade simples.
- Quanto a disposição do corpo, 75% (3 indivíduos) estava em decúbito lateral esquerdo fletido e 25% (1 indivíduo) estava sentado e hiper-fledido.
- Todos os indivíduos estavam depositados em urnas funerárias, porém sem as informações que condizem ao tipo de cova, ou formato, pois foram descobertas eventualmente por moradores, sendo recuperadas através do salvamento sem uma metodologia adequada. Quanto à profundidade, de forma geral, estavam entre 80 à 95 cm (Freitas; Felice; Leite Neto, 2020).

- Entretanto, o seu uso foi questionado por Freitas, Felice e Leite Neto (2020), quando se observou restos de fuligem em sua superfície, indicando um possível uso doméstico anterior ao enterramento.
- Foi observado Tratamento de Superfície Interna – TSI e Tratamento de Superfície Externa – TSE alisado com engobo avermelhado na superfície dos vasilhames contentor dos sepultamentos 5 e 7, assim como, elementos decorativos.
- Foi observado a presença de material faunístico 30 % (3 vestígios), 30 % de material vegetal (3 vestígios), 30% de carvão (3 vestígios) e 10% de lítico (1 vestígio). Entretanto, Freitas, Felice e Leite Neto (2020) ressalta a possibilidade da presença de mais vestígios nesse contexto e que, devido às ações antrópicas ocasionadas pelo processo de urbanização do local, pode ter prejudicado esse tipo de análise.
- Os dados biológicos apresentam que os indivíduos não adultos tinham entre 3 a 10 anos (3 indivíduos) e um indivíduo entre 10 a 15 anos. Não foi possível estabelecer o sexo biológico cromossomial.

4.3.2 Sítio Toca da Baixa dos Caboclos

O Sítio Toca da Baixa dos caboclos é um abrigo sob rocha localizado sob as coordenadas 8°26’66”S e 42°05’03”W, situado na região sudeste do Piauí, no município de Coronel Gervásio de Oliveira, inserido na Área Arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara (Figura 23). O sítio mede 51 metros de comprimento por 15 metros de profundidade (Guidon; Vergne; Vidal, 1998).

Figura 23 - Vista geral do sítio Toca da Baixa dos Caboclos



Fonte: Leite (2011).

As escavações arqueológicas foram realizadas pela equipe da FUMDHAM, entre os anos de 1996 e 1998, após a identificação de alguns vestígios em superfície por Seu Genésio, proprietário da fazenda, onde o sítio estava localizado.

Além dos remanescentes ósseos humanos identificados, foram evidenciados uma variedade de lítico (seixos lascados, alguns com marcas de uso, chopper, chopping tool, lascas, raspadores) e cerâmica (incluindo urnas). As datações indicam que o sítio foi utilizado entre 1500 e 1660, possivelmente por um grupo contemporâneo à colonização do interior do Piauí no período de 230 ± 40 BP a 450 ± 40 BP.

4.3.2.1 Dados culturais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico Toca da Baixa dos caboclos, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

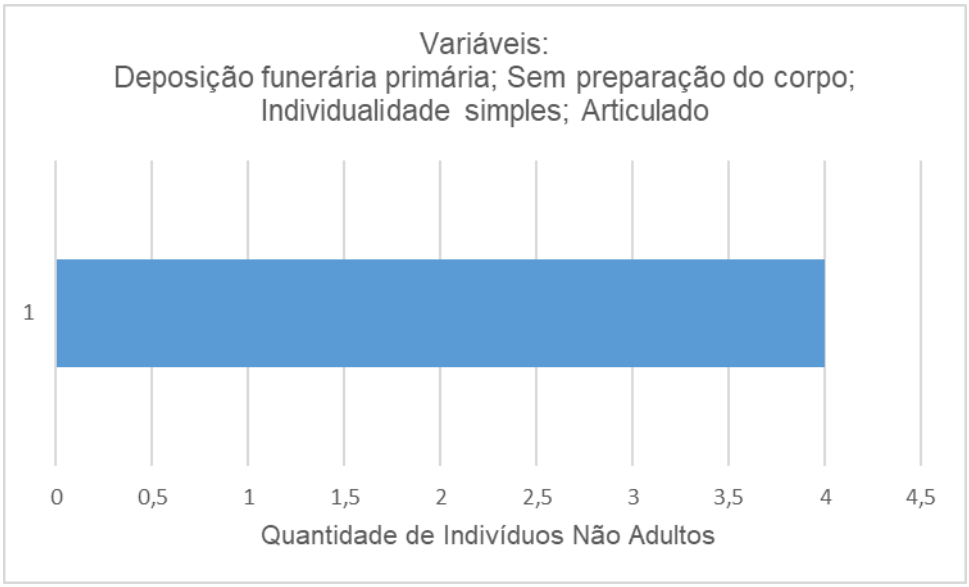
4.3.2.1.1 Corpo

Foram identificados 9 (nove) indivíduos no sítio, destes 5 (cinco) eram não adultos. Percebe-se uma utilização do espaço de forma homogênea quando é observado a faixa etária dos enterramentos. Dos 5 (cinco) indivíduos não adultos,

quatro (4) foram enterramos em deposição primária, articulados com individualidade simples e sem preparação do corpo. Existia um indivíduo que estava desarticulado, entretanto, não teve sua deposição definida como secundaria.

Algumas variáveis não foram observadas, segundo Ledja Leite (2011, p. 93), devido ao seu estado de conservação “apesar de o vasilhame estar inteiro, os vestígios ósseos estavam em adiantado estado de deterioração”. Logo nas primeiras decapagens, abaixo dos fragmentos cerâmicos que estavam sobrepostos à urna foram encontrados fragmentos cranianos, dentes, costelas e vértebras (Gráfico 21).

Gráfico 21 - Dados culturais do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Toca da baixa dos Caboclos



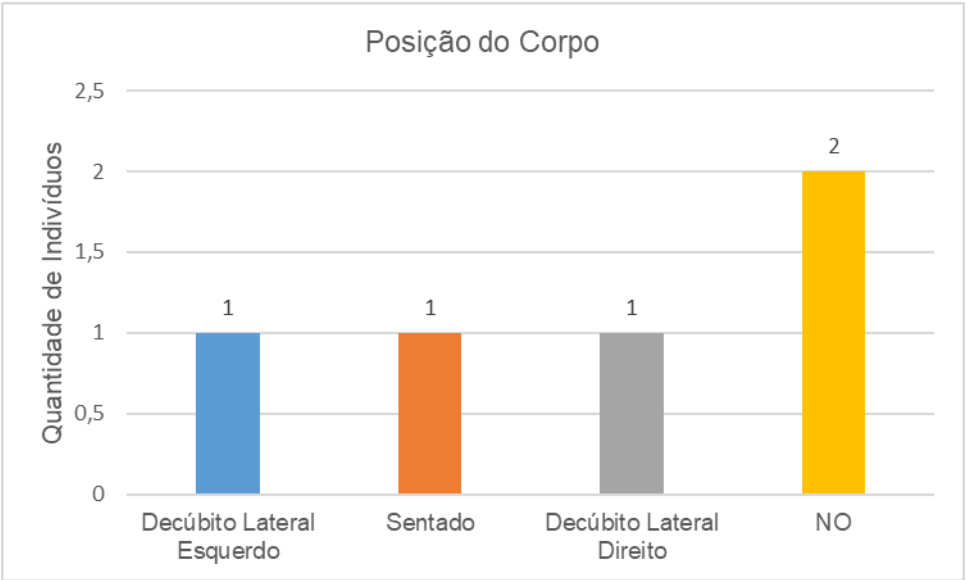
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Quanto a posição do corpo, percebe-se que 2 (dois) estavam em decúbito lateral (direito e esquerdo) (Figura 24), um (1) estava sentado e dois não foi possível observar (Gráfico 22).

Figura 24 - Sepultamento 1 em decúbito lateral esquerdo. Sítio Toca da Baixa dos caboclos - PI

Fonte: Acervo FUMDHAM.

Gráfico 22 - Posição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Toca da baixa dos Caboclos



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

O sepultamento 2 (dois) trouxe algumas peculiaridades em relação ao preparo e prática funerária presente (Figura 25). Além da forma que ele estava, em posição sentado, possuía também acompanhamento funerários identificados apenas nestes indivíduos, como afirma Ledja Leite:

> À medida que a escavação foi alcançando o fundo da urna, foi evidenciado um enterramento primário de uma criança, que ainda conservava os cabelos com

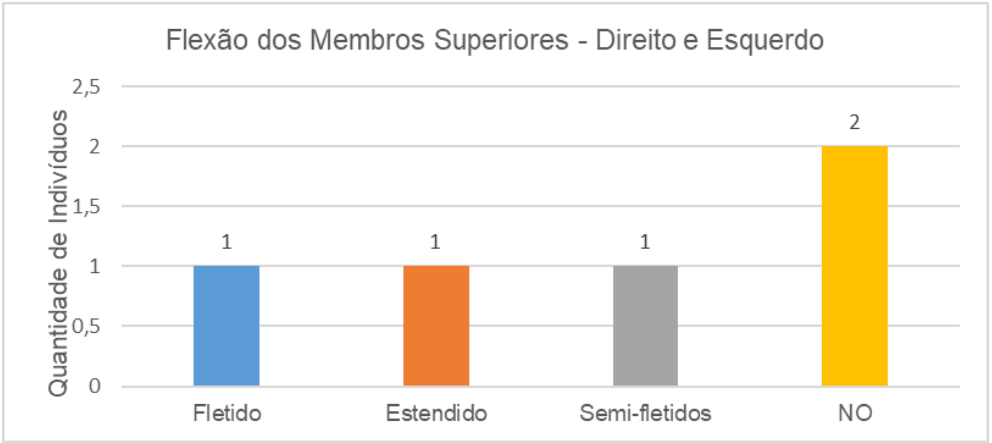
> um corte em franja na região da testa [...]. Junto deste esqueleto foi encontrado um graveto de madeira fragmentado em quatro 92 partes, além de insetos, coprólitos de animais, ossos de microfauna, penas, vestígios vegetais - entre folhas, galhos e palha - e seixos. Não foram realizadas datações para este enterramento (Leite, 2011, p. 91-92).

Figura 25 - Sepultamento 2 em posição sentado - Sítio Toca da Baixa dos Caboclos – PI

Fonte: Acervo FUMDHAM.

Em relação à flexão dos membros superiores, percebe-se que não existia uma recorrência para uma única posição, encontrando-se fletidos, estendidos e semi-fletidos. Em dois indivíduos não foi possível observar essa variável, provavelmente pelo estado de conservação (Gráfico 23).

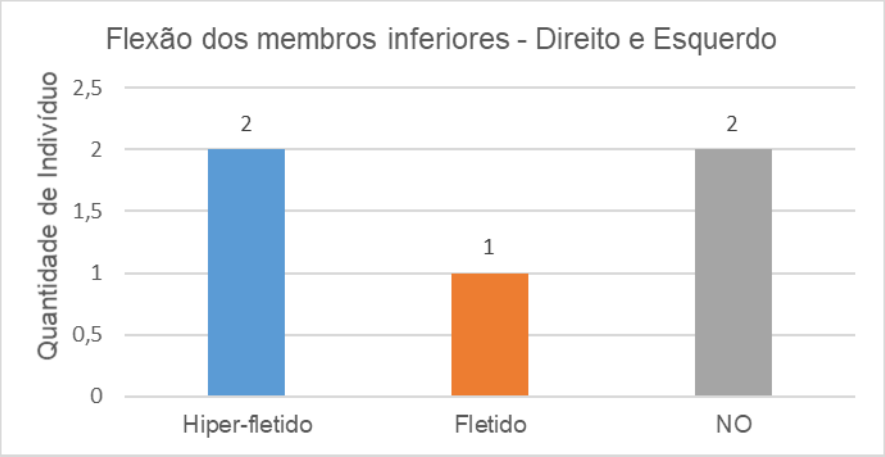
Gráfico 23 - Flexão dos membros superiores (direito e esquerdo) dos indivíduos não adultos do sítio Toca da baixa dos Caboclos



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Já os membros inferiores, estavam fletidos ou hiperfletidos em 3 (três) indivíduos, e em 2 (dois) não foi possível observar (Gráfico 24).

Gráfico 24 - Flexão dos membros inferiores (direito e esquerdo) dos indivíduos não adultos do sítio Toca da baixa dos Caboclos



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.3.2.1.2 Estrutura funerária

Dos cinco indivíduos, não adultos, 4 (quatro) indivíduos foram enterrados dentro de urnas. O indivíduo 8 não teve essa variável confirmada, pois não se sabe se a cerâmica presente foi usada para acomodar ou apenas cobrir o indivíduo.

Segundo Ledja Leite (2011, p. 175), as urnas são caracterizadas pela presença de contentor e opérculo, “as urnas funerárias que acomodavam os enterramentos infantis, observou-se que três delas eram compostas por um vasilhame contendor e um opérculo e uma era composta apenas pelo vasilhame contendor”.

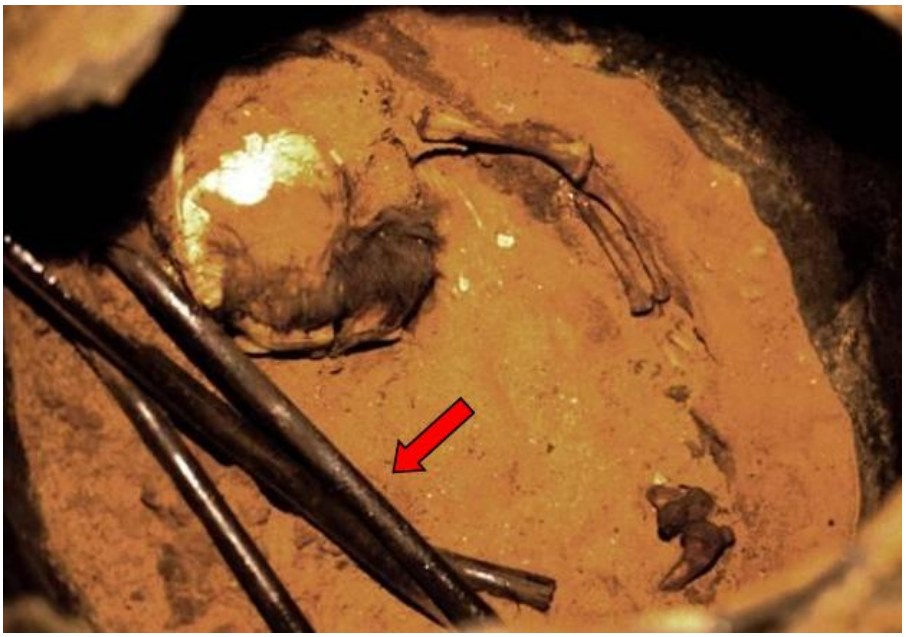
No que condiz a forma das urnas, foi observado três tipos de formas como colocado por Ledja Leite (2011, p.179):

> Com relação à forma dos vasilhames contendores, observou-se que dentre os quatro existentes, dois apresentam a forma oval; um apresenta a forma oval invertida; e um apresenta a forma elipsóide horizontal. No vasilhame encontrado no contexto do enterramento 08 também foi observada a forma ova.

4.3.2.1.3 Cultura material presente

A cultura material presente no contexto funerário desses indivíduos se mostrou de forma sutil, apresentando de forma mais significativa nos indivíduos de número 2 e 9, com a presença de arco e seta no mesmo contexto (Figuras 26 e 27).

Figura 26 - Sepultamento 2 com presença de arco e seta em seu contexto funerário - Sítio Toca da Baixa dos Caboclos - PI



Fonte: Acervo FUMDHAM. Adaptado por Leite (2011).

Figura 27 - Sepultamento 9 com presença de arco e seta em seu contexto funerário - Sítio Toca da Baixa dos Caboclos - PI

Fonte: Acervo FUMDHAM.

4.3.2.2 Dados biológicos

Os dados biológicos apresentam que os indivíduos não adultos estavam classificados como lactantes (indivíduos 2, 3 e 9), e não lactantes (indivíduos 3 e 8). O indivíduo de número 3 teve sua idade estabelecida em 3 anos de idade. Devido a prematuridade das idades, não foi possível estabelecer o sexo biológico cromossomial.

4.3.2.3 Perfil funerário

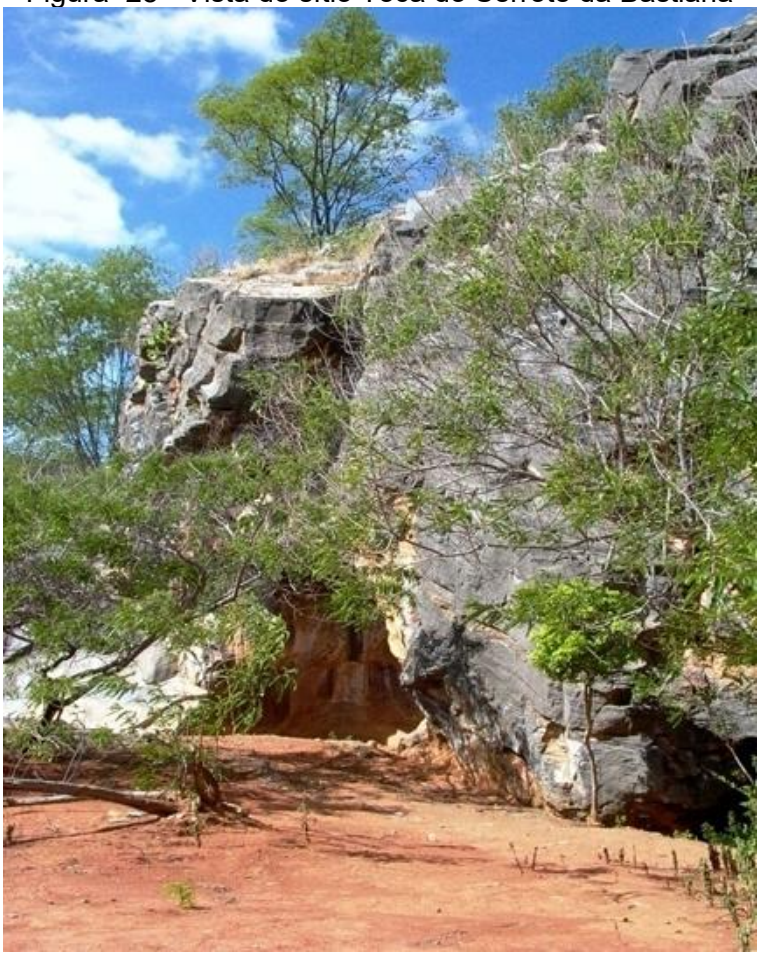
- Foram identificados 5 indivíduos não adultos nesse sítio;
- Dos cinco indivíduos não adulto, quatro indivíduos possuíam características semelhantes entre eles, a saber: deposição funerária primária, sem preparação do corpo, individualidade simples e articulado. O último indivíduo estava desarticulado, entretanto, não teve sua deposição definida como secundaria. As demais características não foram observadas. Segundo Ledja Leite (Leite, 2011, p. 93) provavelmente pelo seu estado de conservação;
- Quanto à posição do corpo, percebe-se que dois indivíduos estavam em decúbito lateral (direito e esquerdo), um estava sentado, e em dois não foi possível observar;
- O sepultamento 2 trouxe algumas peculiaridades em relação ao gesto funerário presente. Além da posição sentado, esse indivíduo possuía também acompanhamentos funerários que foram identificados somente em sua sepultura, como afirma Ledja Leite (2011), “Junto deste esqueleto foi encontrado um graveto de madeira fragmentado em quatro partes, além de insetos, coprólitos de animais, ossos de microfauna, penas, vestígios vegetais - entre folhas, galhos e palha - e seixos” (Leite, 2011, p. 91-92).
- Em relação à flexão dos membros, foi observado que nos superiores não existiu recorrência para uma única posição, encontrando-se fletidos, estendidos e semi-fletidos. Em dois indivíduos não foi possível observar essa variável, provavelmente pelo estado de conservação. Já os membros inferiores estavam fletidos ou hiper-fletidos em três indivíduos, e em dois não foi possível observar.

- Quanto à estrutura funerária, quatro indivíduos foram enterrados dentro de urnas, apenas o indivíduo 8 não teve essa confirmação, pois não se sabe se a cerâmica presente foi usada para acomodação do corpo ou apenas cobrir o indivíduo. Segundo Ledja Leite (2011, p. 186), “parece haver uma tendência em destinar as cavidades no sedimento às crianças, uma vez que quatro – em um universo de cinco – foram acomodadas em estruturas deste tipo”.
- Segundo Ledja Leite (2011, p. 175) as urnas são caracterizadas pela presença de contentor e opérculo. No que se refere a sua forma, foram observados três tipos de formas como colocado por Ledja Leite (2011, p. 179), “dois apresentam a forma oval; um apresenta a forma oval invertida; e um apresenta a forma elipsóide horizontal”.
- Utilização, de urnas funerárias com dimensões proporcionais ao porte dos indivíduos.
- Os indivíduos 2 e 9 apresentaram de forma mais significativa a cultura material presente, como a presença de arco e seta no mesmo contexto.
- Os dados biológicos apresentam que os indivíduos não adultos estavam classificados como lactantes (indivíduos 2, 3 e 9), e não lactantes (indivíduos 3 e 8). Devido a prematuridade das idades, não foi possível estabelecer o sexo biológico cromossomial.

4.3.3 Sítio Toca do Serrote da Bastiana

O sítio Toca do Serrote da Bastiana corresponde a um abrigo sob rocha e está localizado nas coordenadas UTM 784416W e 9025749N, dentro do Parque Nacioal Serra da Capivara. O sítio foi datado em 1297 +/ 40 anos B.P através das amostras de fragmentos de carvão que estavam próximas ao esqueleto de número 2. Além dos vestígios de remanescentes ósseos humanos, foi identificado a presença de registro rupestre, cerâmica e lítico (Figura 28).

Figura 28 - Vista do sítio Toca do Serrote da Bastiana



Fonte: Acervo FUMDHAM.

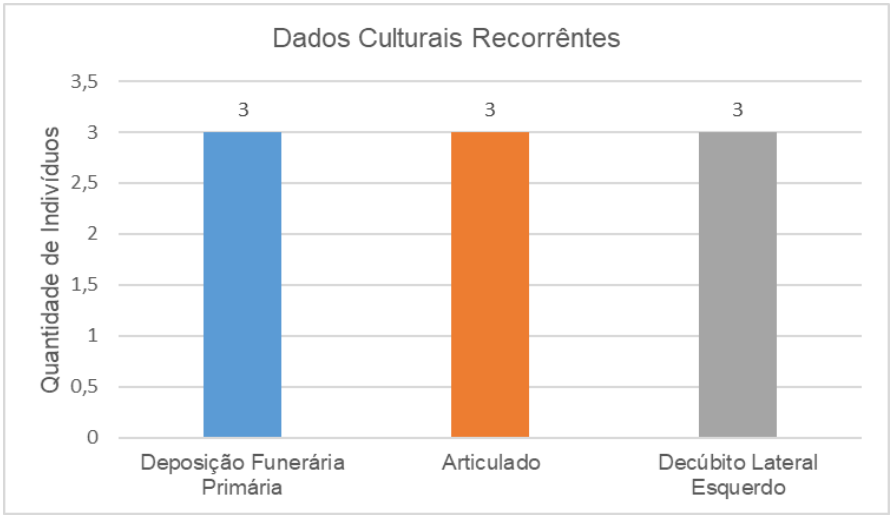
4.3.3.1 Dados Culturais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico Toca do Serrote da Bastiana, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

4.3.3.1.1 Corpo

Dos quatro indivíduos identificados, três pertenciam a indivíduos não adultos. Foi observado uma recorrência de algumas variáveis nesses indivíduos, entre elas, a deposição funerária primária (100%) articulado (100%) e decúbito lateral esquerdo (100%) (Gráfico 25).

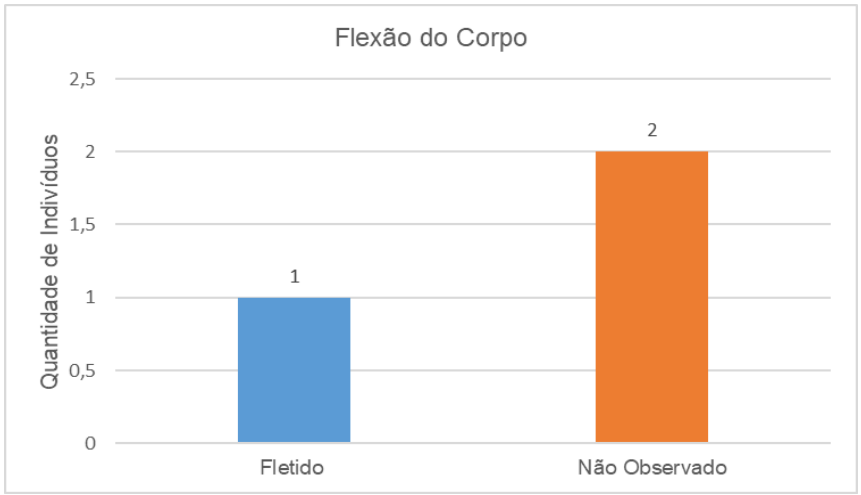
Gráfico 25 - Dados Culturais Recorrentes dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote da Bastiana



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Apenas 1 (um) indivíduo estava fletido, não foi possivel observar os outros (dois), possivelmente por conta do estado de conservação (Gráfico 26).

Gráfico 26 - Flexão do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote da Bastiana



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Quanto à individualidade, o indivíduo referente ao sepultamento 1A (indivíduo não adulto) e 1B (indivíduo adulto) foram enterrados em um mesmo local, não sendo possível afirmar se o ritual ocorreu em um mesmo momento ou em momentos distintos (Figura 29).

Figura 29 - Arcada dentária do sepultamento 1A - Sítio Toca do Serrote da Bastiana - PI

Fonte: Acervo FUMDHAM.

4.3.3.1.2 Estrutura funerária

Quanto à estrutura funerária, não foi possível observar delimitação de covas devido ao contexto, principalmente relacionado às perturbações na estratigrafia.

4.3.3.1.3 Cultura material presente

Poucos vestígios foram identificados no contexto em que os esqueletos foram identificados, restringindo-se a uma peça lítica localizada sobre o crânio do sepultamento 1, a peça trata-se de uma ponta de projétil de sílex, e outras lascas também próximas ao crânio (Figura 30).

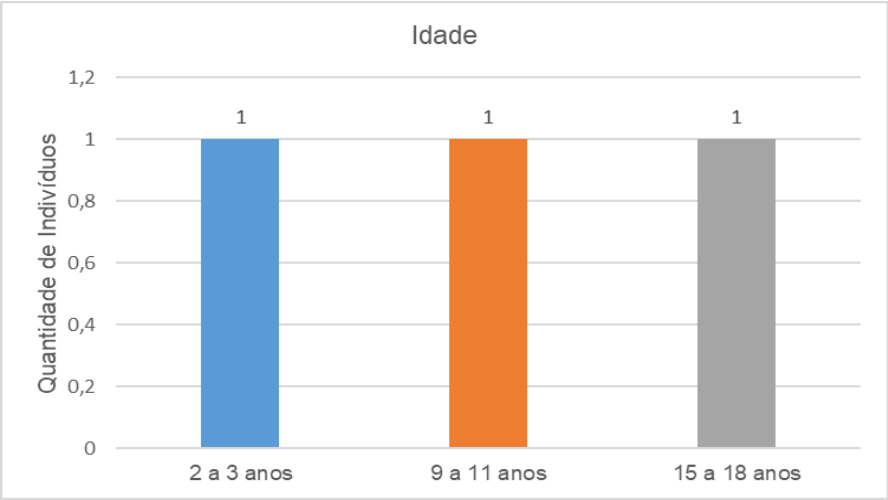
Figura 30 - Ponta de projétil identificada sobre o crânio do sepultamento 1

Fonte: Moraes (2009).

4.3.3.2 Dados biológicos

Os dados biológicos apresentam que os indivíduos não adultos tinham entre 2 a 18 anos. Não foi possível estabelecer o sexo biológico cromossomial (Gráfico 27).

Gráfico 27 - Idade dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote da Bastiana



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.3.3.3 Perfil funerário

- De um total de 4 indivíduos, 3 correspondiam a indivíduos não adultos;
- Os 3 enterramentos não adultos foram depositados de forma primária, articulados e em decúbito lateral esquerdo;
- Apenas um indivíduo estava fletido, os demais não tiveram essa variável observada, possivelmente por conta do estado de conservação;
- Devido as perturbações no sítio, as informações sobre a estrutura funerária não foram observadas;
- Quanto a individualidade dos indivíduos, o sepultamento 1 (não adulto) foi enterramnto junto ao enterramento 1B (adulto) foram enterrados em um mesmo local, não sendo possivel afirmar se foi em um mesmo momento ou em momentos distintos;
- Foi identificado apenas uma peça lítica acima do crânio do sepultamento 1, tratando-se de uma ponta de projétil de sílex, e outras lascas também próximas ao crânio;
- Quando aos dados biológicos, apenas a análise das idades foram contempladas, estando eles entre 2 a 18 anos de idade. Já o sexo biológico não foi possível observar;

4.3.4 Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz

O sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz é um abrigo sob rocha e está localizado no município de São João do Piauí, sudeste do Estado do Piauí, sob as coordenadas 783909E/ 9024947N. As pesquisas realizadas nesse sítio ocorreram entre os anos de 2002 e 2006. As pesquisas identificaram 24 (vinte e quatro) individuos, entre eles, 14 eram não adultos. As datações revelaram uma antiguidade para o sítio de 935 ± 40 BP e 365 ± 40 BP.

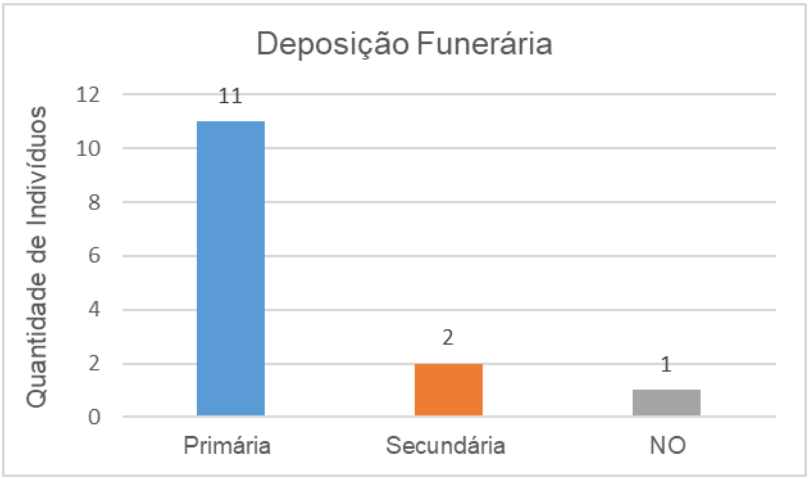
4.3.4.1 Dados culturais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico Toca do Serrote do Tenente Luiz, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

4.3.4.1.1 Corpo

Os quatorze indivíduos não adultos apresentaram caractrísticas distintas em relação a sua deposição, estando, 11 indivíduos (79 %) possuiam deposição primária, 2 indivíduos (14%) e posição secundária e em apenas 1 (um) não foi possivel obervar essa caracteristica (Gráfico 28).

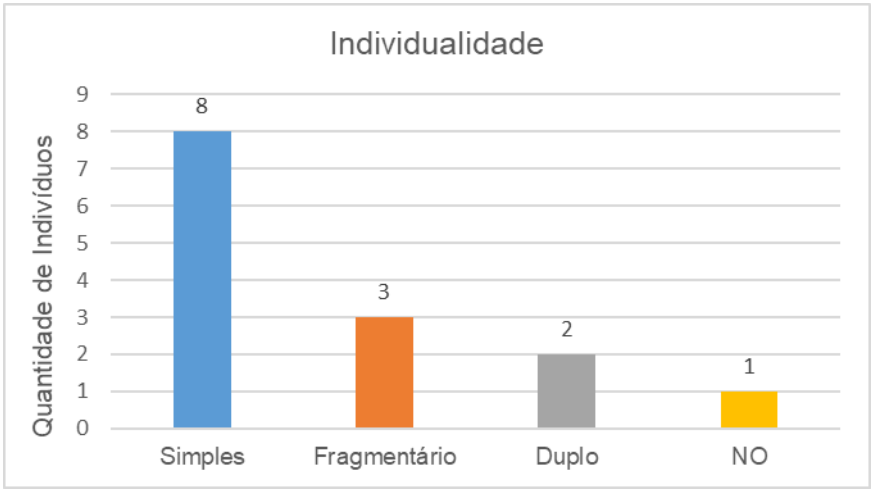
Gráfico 28 - Deposição funerária dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Quanto à individualidade, percebe-se que, 8 indivíduos (57%) foram depositados de forma simples (individual), 3 indivíduos (22%) estavam com característica fragmentário, 2 indivíduos (14%) contendo enterramento duplo, estes últimos, são os unicos com características de enterramento secundário. Em apenas 1 (um) indivíduo não foi possivel verificar essa variável (Gráfico 29).

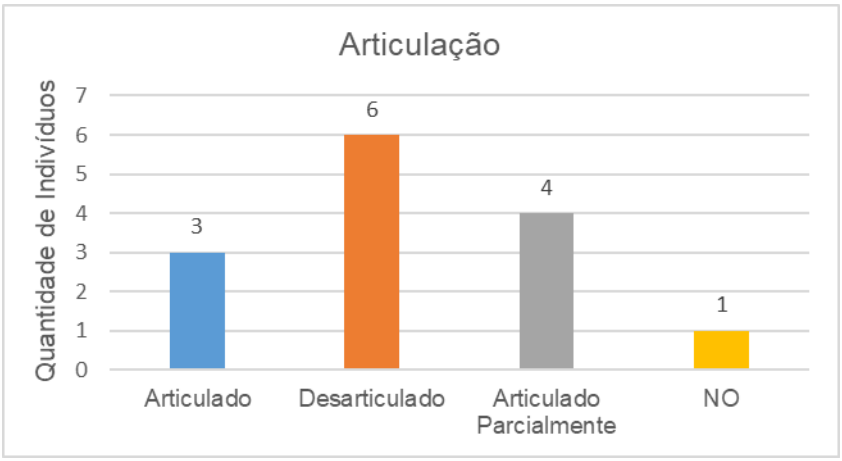
Gráfico 29 - Individualidade dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

A articulação dos indivíduos apresentou variação, onde, 6 (43%) estavam desarticulados e os que estavam articulados ou parcialmente articulados, representavam 50 % (7 indivíduos). Em apenas um indivíduo não foi possível observar (Gráfico 30).

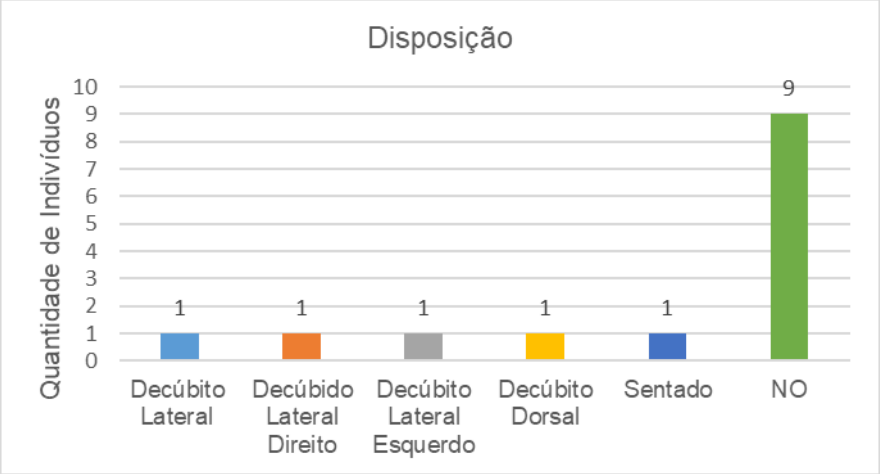
Gráfico 30 - Articulação dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Em relação a disposição, percebe-se que, em 9 indivíduo (65%) não foi possível observar essa variável, e as demais, estavam em decúbito, ora lateral direito, esquerdo, dorsal e um sentado. Com isso não foi possível verificar uma recorrência quanto a essa característica (Gráfico 31).

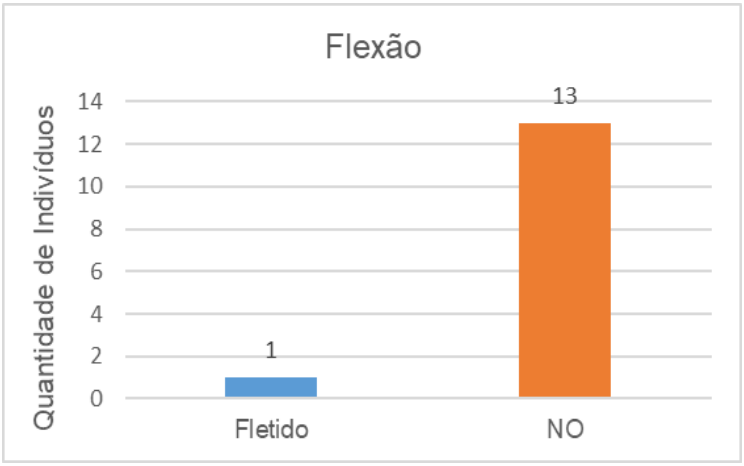
Gráfico 31 - Disposição dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Quanto à flexão do corpo também não foi possível obervar de forma concisa, em apenas um indivíduo foi verificado que estava fletido (Gráfico 32).

Gráfico 32 - Flexão dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz

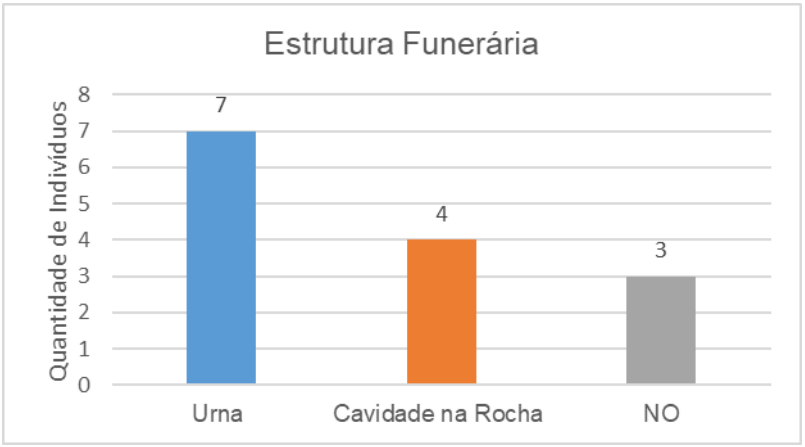


Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.3.4.1.2 Estrutura funerária

Os indivíduos em que essa variável foi observada, representa 50 % (7 indivíduos) depositados em urna, 29% (4 indivíduos) estavam depositados em cavidade na rocha e 21% (3) não foi possível observar (Gráfico 33).

Gráfico 33 - Estrutura Funerária dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Segundo Viviane Castro (2009, p. 121), os enterramentos nas urnas eram caracterizados pelo uso de duas vasilhas (uma como envoltório para o corpo e a outra como tampa), em sua maioria, era utilizado nos individuos não adultos, cheagndo a corresponder 74% de todo o quantitativo de indivíduos identificados no sítio.

Ainda segundo Viviane Castro (2009), a variação de tipos de enterramentos distintos, em urnas e no solo, podem indicar a presençaa de dois grupos distintos, se observar as datações existentes.

> Há uma distinção significativa entre os realizados em urnas e os diretos no solo. Propomos, como hipótese, que esta variação pode significar a presença de, pelo menos, dois grupos com práticas funerárias distintas que utilizaram o abrigo como cemitério. As datações obtidas para este sítio situam dois enterramentos (um em urna e outro no solo), em dois períodos distintos: para o enterramento 9, do conjunto de enterramentos sem urnas, existem dois resultados para datação de dentes: 920 ± 35 BP (Ua — 23386) e 935 ± 40 BP (Ua — 22776); a outra datação de 365 ± 40 BP (Ua — 22074) foi realizada em enterramento em urna e situa a ocupação ceramista durante o período colonial. Os elementos recorrentes nas estruturas funerárias são indicativos de diferenças nos elementos do ritual funerário e as datações sugerem a presença de ocupações de grupos com identidades coletivas distintas (Castro, 2009, p. 169).

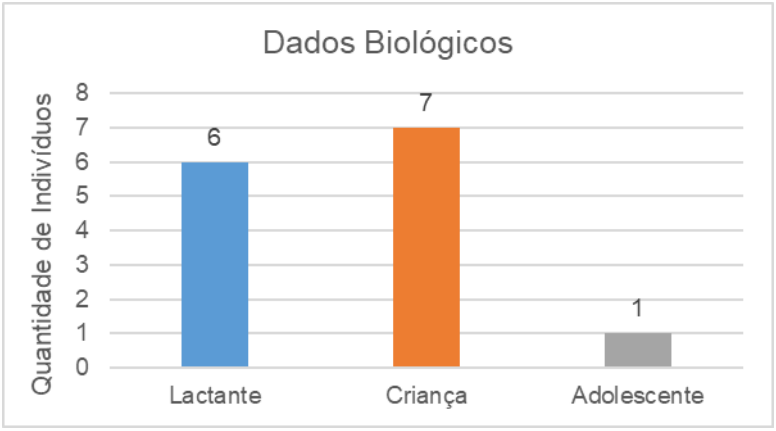
4.3.4.1.3 Cultura material presente

Nesses indivíduos não foi observado presença de cultura material de forma acentuada no registro arqueológico, percebe-se apenas poucos fragmentos de carvão e ocre.

4.3.4.2 Dados biológicos

Os dados biológicos apresentam que os indivíduos não adultos estavam classificados como lactantes (6 – 43%), crianças (7 – 50%) e adolescente (1). Não foi possível estabelecer o sexo biológico cromossomial (Gráfico 34).

Gráfico 34 - Dados biológicos (Idade) dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.3.4.3 Perfil funerário

- Foram identificados 14 indivíduos não adultos nesse sitio, em um total de 24 indivíduos (adultos e não adultos);
- Quanto à deposição,79 % (11 indivíduos) possuiam deposiçaõ primária, 14% (2 indivíduos) posição secundária e em apenas um indivíduo não foi possível obervar essa característica;
- Em relação à individualidade, percebe-se que 57% (8 indivíduos) dos individuos foram depositados de forma simples (individual), 22% (3 indivíduos)

fragmentário e 14% (2 indivíduos) contendo enterramento duplo;

- Quanto à articulação dos indivíduos, o estado de conservação do material osseo dificultou essa análise com mais precisão, apresentando uma variação onde 43% (6 indivíduos) estavam desarticulados e os que estavam articulados ou parcialmente articulados representaram 50 % (7 indivíduos);
- Assim como a variável anterior, a observação da disposição dos indivíduos foi comprometida pelo estado de conservação percebe-se que, 65% (9 indivíduos) não foi possível observar essa variável e as demais estavam em decúbito, ora lateral direito, esquerdo, dorsal e um sentado;
- Em relação à estrutura funerária, 50 % (7), depositados em urnas, 29% (4) estavam em depositados em cavidade na rocha e 21% (3) não foi possível observar;
- As variações de tipos de enterramentos distintos, em urnas e no solo, podem indicar a presença de dois grupos distintos, se observar as datações existentes;
- Não foi observada presença de cultura material de forma acentuada no registro arquaeológico, percebe-se apenas poucos fragmentos de carvão e ocre;
- Os dados biológicos apresentam que os indivíduos não adultos estavam classificados como lactantes (6 – 43%), crianças (7 – 50%) e adolescente (1). Não foi possível estabelecer o sexo biológico cromossomial.

4.3.5 Sítio Cana Brava

O sítio arqueológico Cana Brava, localizado no sul do parque Serra da Capivara, sudeste do Piauí, no município de Jurema, sob as coordenadas 9°06'18"S e 43°09'35" W, com datação entre 490 anos BP e 790 anos B.P (Figura 31).

Figura 31 - Vista geral do sítio Cana Brava

Fonte: Acervo FUMDHAM

4.3.5.1 Dados culturais e biológicos

Foram identificados cinco enterramentos, todos de crianças com idades estimadas entre um e cinco anos. Esses indivíduos foram sepultados em urnas cerâmicas, depositados diretamente em seu interior, caracterizando sepultamentos primários. As urnas estavam dispostas em áreas de alta densidade de vestígios arqueológicos, sugerindo que os sepultamentos ocorreram dentro da área habitacional, reforçando a hipótese de uma integração entre o espaço doméstico e o espaço funerário – prática observada em diversos grupos ceramistas da região.

Não foram identificados enterramentos de adultos no sítio, o que pode indicar a existência de diferenciação nos tratamentos funerários por faixa etária. É possível que os adultos fossem sepultados em outros locais ou submetidos a ritos distintos, apontando para a existência de práticas funerárias complexas e organizadas.

Esses dados evidenciam não apenas o cuidado com os sepultamentos infantis, mas também a relevância da cerâmica como elemento funcional e simbólico na vida e na morte dessas populações.

Apesar da escassez de informações sobre elementos específicos das práticas funerárias — como preparação do corpo, posicionamento (flexão) e vestígios materiais — o sítio foi incluído na análise por estar inserido em um contexto já considerado expressivo.

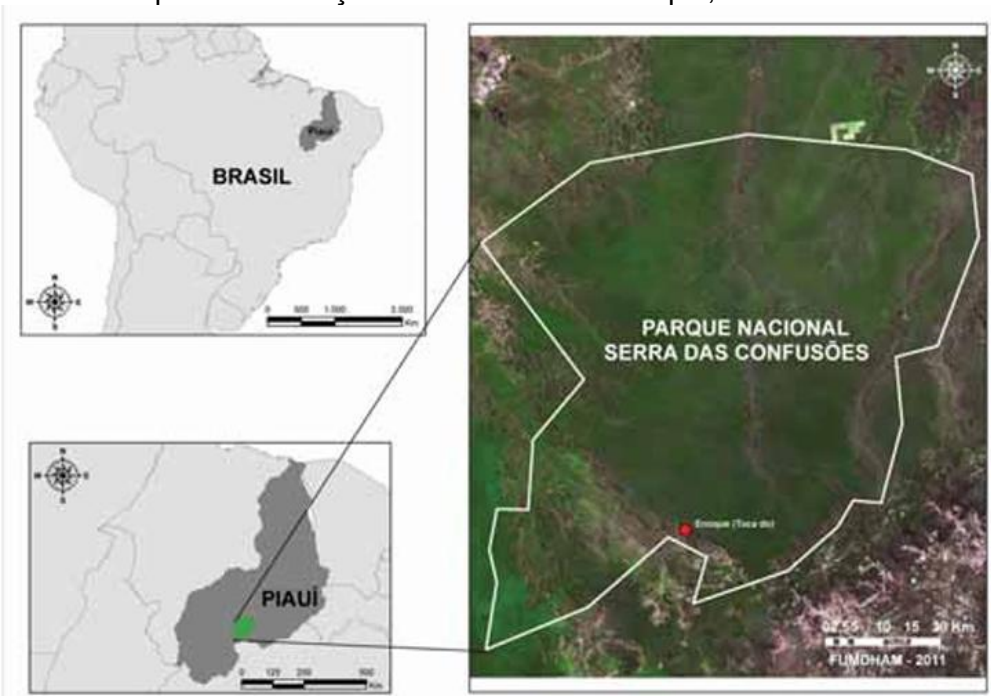
4.3.5.2 Perfil funerário

- 5 enterramentos, todos infantis, com idades estimadas entre 1 e 5 anos
- Sepultamentos primários em urnas cerâmicas, com os corpos depositados diretamente no interior dos recipientes;
- Ocupação datada entre 490 e 790 anos B.P. (Before Present);
- Urnas localizadas em áreas de alta densidade de vestígios arqueológicos;
- Sepultamentos inseridos em contexto doméstico, indicando possível integração entre vida cotidiana e práticas funerárias;
- Não foram encontrados sepultamentos adultos no local;
- Pode indicar diferenciação funerária por faixa etária ou rituais distintos para adultos.

4.3.6 Sítio Toca do Enoque

O abrigo sob rocha Toca do Enoque está localizado no Parque Nacional Serra das Confusões, município de Guaribas, sob as coordenadas 658743 UTML/8988649 UTMN, 43°55’625’’longitude W-9°14’653’’ latitude S (Figura 32).

Figura 32 - Mapa de localização do sítio Toca do Enoque, Serra da Confusões - PI



Fonte: Faure *et al.* (2011)

O sítio foi escavado em 2008-2009 sob a direção de Niède Guidon e Fátima da Luz, evidenciando um conjunto sepulcral sob blocos de arenito na parte alta do abrigo (Guidon; Luz, 2009). Os enterramentos estavam associados com um importante número de vestígios, pricipalmnte de adornos. A datação do sítio foi obtida através de carvões associados aos ossos humanos com o método do radiocarbono entre 6.660 e 7.570 anos, em anos calibrados BP (Beta 252374 e 257091 a 257093), e uma nova datação (Beta 264124) forneceu uma idade entre 9.420 e 9.120 anos (Figura 33).

Figura 33 - Vista geral do local onde os indivíduos estavam enterrados - sítio Toca do Enoque, Serra das Confusões - PI

Fonte: Acervo FUMDHAM).

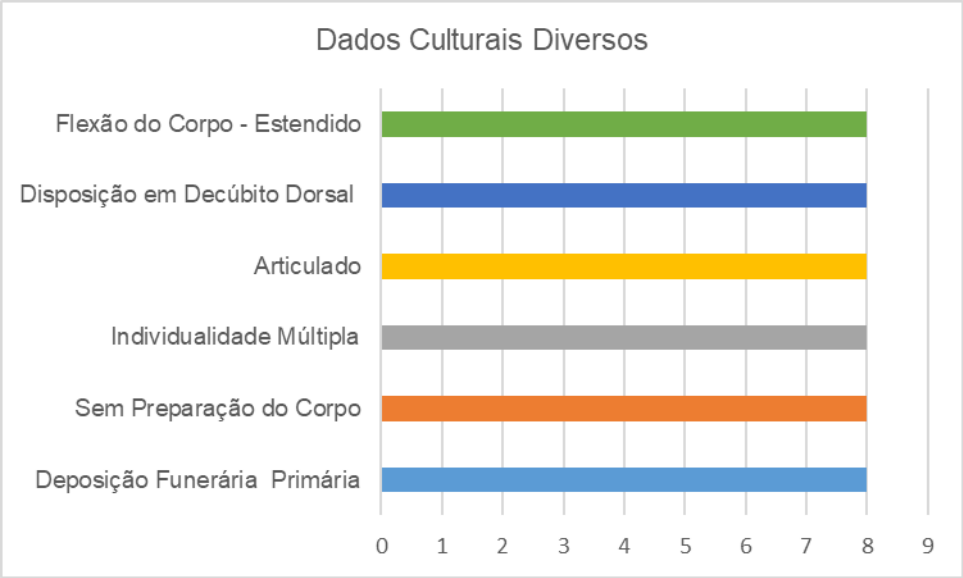
4.3.6.1 Dados Culturais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico Toca do Enoque, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

4.3.6.1.1 Corpo

Foram identificados quatorze indivíduos no sítio destes nove eram indivíduos não adultos. Observando os dados dos nove enterramentos não adultos é possível verificar uma homogeneidade quanto a prática funerária presente. Percebe-se que 89% (8 indivíduos) apresentam variáveis semelhantes, a saber, deposição funerária primária, disposição em decúbito dorsal, articulado, individualidade múltipla, sem preparação do corpo e deposição funerária primária (Gráfico 35).

Gráfico 35 - Dados culturais (diversos) dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Enoque



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Especificamente no indivíduo de número 11 (que não está incluso no Gráfico) foi obserava a prática de redução, o que impossibilitou fazer a observação das variáveis analisadas. Um outro adendo fica a cargo do sepultamento de número 6 que possivelmente teve seu corpo envolvido com fibra.

4.3.6.1.2 Estrutura funerária

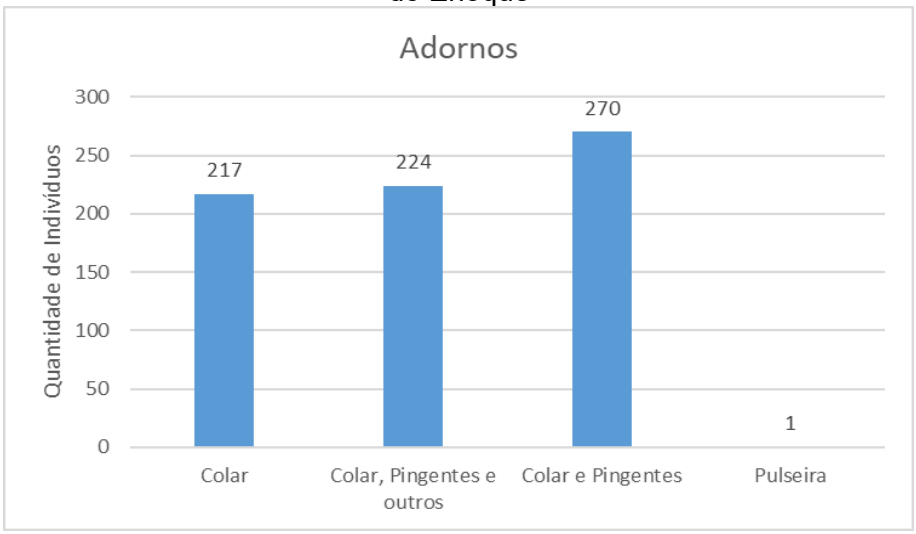
A maior parte dos indivíduos (90%) estavam depositados em uma única cova e apenas o indivíduo 11 estava enterrado em um outro local juntamente com outro indivíduo adulto. A fossa onde os 8 indivíduos estavam enterrados possuía 2m por 1,5m, forrada com material orgânico e posicionada Noroeste/Sudeste. Pela organização dos indivíduos dentro da fossa é possível observar que foram

depositados em um mesmo momento, sendo utilizada tanto para indivíduos não adultos como adultos.

4.3.6.1.3 Cultura material presente

No sítio Toca do Enoque, a cultura material presente no contexto funerário se mostrou diversificada com expressiva quantidade de adornos. Os dados disponíveis não permitiram analisar de forma individual cada adorno, por esse motivo, alguns dados estão agrupados por categoria (Gráfico 36).

Gráfico 36 - Adornos presentes nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Enoque



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Foi observada uma quantidade significativa de colares confeccionados a partir de sementes, dentes e ossos de animais, conchas, valva, vegetal, alguns tomam a forma de colar com a possibilidade de reconstituição (Figura 34).

Figura 34 - A) Colar de dentes de raposa (Cerdocyon thous). B) Colar de dentes de onça pintada (Panthera onça), onça vermelha (Felis concolor) e Jaguatirica (Felis pardalis), ambos presentes no contexto funerário infantil. Sítio Toca do Enoque – Serra das Confusões

Fonte: Acervo FUMDHAM, retirado de Santos (2020), foto de Adolfo Okuyama (2007).

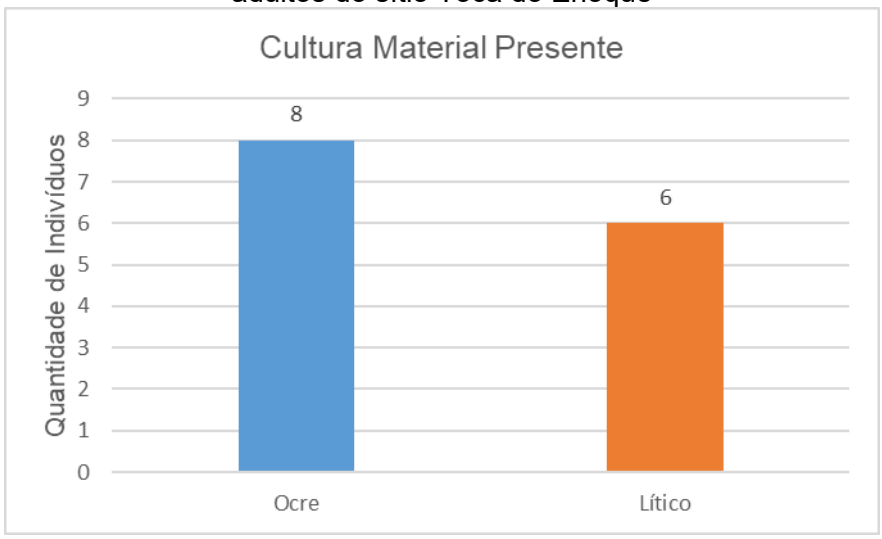
Em relação as conchas identificadas neste sítio, é possível inferir algumas colocações acerca daquele grupo, especialmente do que diz respeito a "captação de recursos, migrações, sistemas de trocas, dieta alimentar e aparatos técnicos utilitários e adornais, trazendo informações sobre o modo de vida" no período pré-colonial (Ferreira; Cisneiros, 2021, p. 82). No indivíduo 6 por exemplo, é possível observar como a utilização de conchas estava presente no contexto funerário do sítio (Figura 35).

Figura 35 - Contexto do indivíduo 6 com a presença de conchas

Fonte: Acervo FUMDHAM.

Em relação aos demais materiais presentes, foi observada a presença de lítico e ocre, porém de forma mais discreta que os adornos (Gráfico 37).

Gráfico 37 - Outras culturas materiais presentes nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Enoque

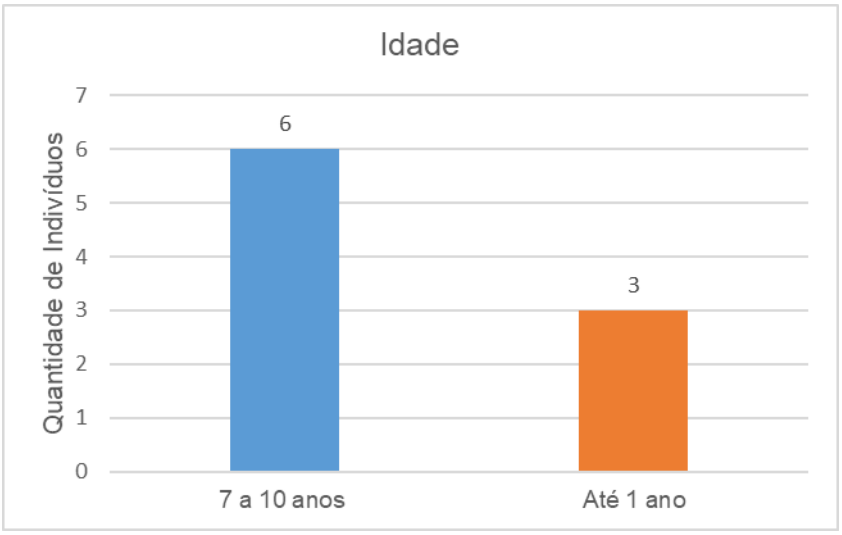


Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.3.6.2 Dados biológicos

Os dados biológicos trazem informações sobre a idades dos indivíduos, onde 6 indivíduos possuem idades entre 6 a 10 anos, e 3 indivíduos possuem menos de um ano de idade. Devido a prematuridade das idades, não foi possível estabelecer de forma segura o sexo biológico cromossomial (Gráfico 38).

Gráfico 38 - Idade dos indivíduos não adultos do sítio Toca do Enoque



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

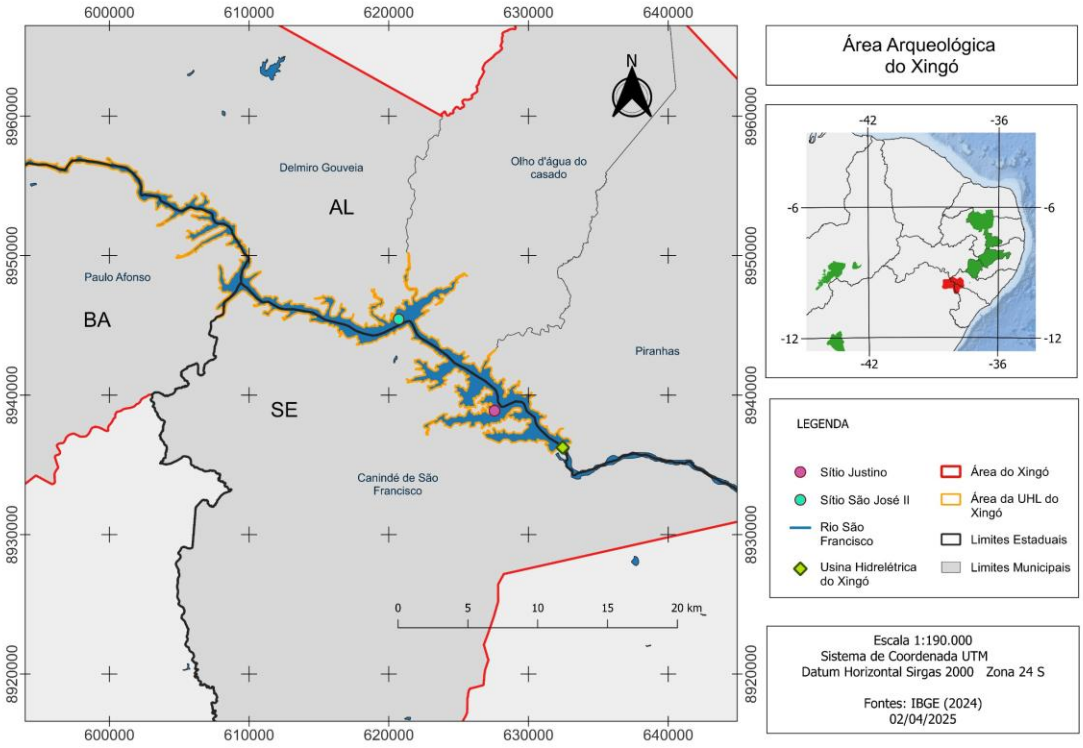
4.3.6.3 Perfil funerário

- Dos quatorze indivíduos identificados no sítio, nove (64%) eram indivíduos não adultos;
- Os dados obtidos através da observação dos enterramentos não adultos, ressalta uma homogeneidade quanto a prática funerária presente. Percebe-se que 8 indivíduos (90%) apresentam variáveis semelhantes, a saber, deposição funerária primária, disposição em decúbito dorsal, articulado, individualidade múltipla, e sem preparação do corpo;
- Algumas exceções foram observadas no indivíduo de número 11, onde foi obserado a prática de redução que impossibilitou fazer a observação das variáveis analisadas. Um outro adendo fica a cargo do sepultamento de número 6, que possivelmente teve seu corpo envolvido com fibra;
- No que condiz a estrutura funerária que os indivíduos estavam depositados, foi observada uma única cova de uso coletivo e um outro espaço com a presença de apenas o indivíduo não adulto e um adulto. A fossa onde a grande maioria estavam enterrados possuía 2m por 1,5m, estando forrada com material orgânico e posicionada Noroeste/Sudeste. Pela organização dos indivíduos dentro da fossa é possível observar que foram depositados em um mesmo momento, sendo utilizada tanta para indivíduos não adultos como adultos;
- Em relação a cultura material presente no contexto funerário, ela se mostrou diversificada com uma quantidade expressiva de adornos;
- Os adornos foram confeccionados partir de sementes, dentes e ossos de animais, conchas, valva, vegetal, alguns tomam a forma de colar com a possibilidade de reconstituição;
- Outros materiais também foram identificados nesse contexto funerário, embora em quantidade menos expressiva do que os adornos, como material lítico e ocre;
- Os dados biológicos apresentam que os indivíduos não adultos estavam representados por 6 indivíduos com idades entre 6 a 10 anos, e 3 indivíduos com menos de um ano de idade. Devido a prematuridade das idades, não foi possível estabelecer de forma segura o sexo biológico cromossomial.

4.4 ÁREA ARQUEOLÓGICA DE XINGÓ

A Área Arqueológica de Xingó está localizada na região do Rio São Francisco, na divisa entre os estados de Alagoas e Sergipe, no Brasil. Para esta pesquisa os sítios analisados foram o Justino e o São José II (Figura 36).

Figura 36 - Localização dos sítios presentes na Área Arqueológica de Xingó



Fonte: Elaboração de mapa produzida pela graduanda em arqueologia Gabriela De Checchi Almeida (UFPE).

4.4.1 Sítio Justino

Identificado na década de 80, o sítio Justino é um sítio a céu aberto e está situado em um terraço fluvial entre a confluência do rio São Francisco com o riacho Curituba, município de Canindé do São Francisco, Sergipe, às margens do Rio São Francisco. Estando localizado sob as coordenadas UTM 8938.881 N e 627.561 E (Figura 37).

Figura 37 - Mapa de localização do sítio Justino – SE

Fonte: Queiroz, Cardoso e Carvalho (2017, p. 60)

As pesquisas nessa região foram intensificadas com o desenvolvimento da construção de uma Usina Hidrelétrica e que teve como responsabilidade financiar as pesquisas arqueológicas, diante disso, a CHESF firmou em 1988 convênio com a UFS para realização do trabalho de salvamento arqueológico das margens sergipana.

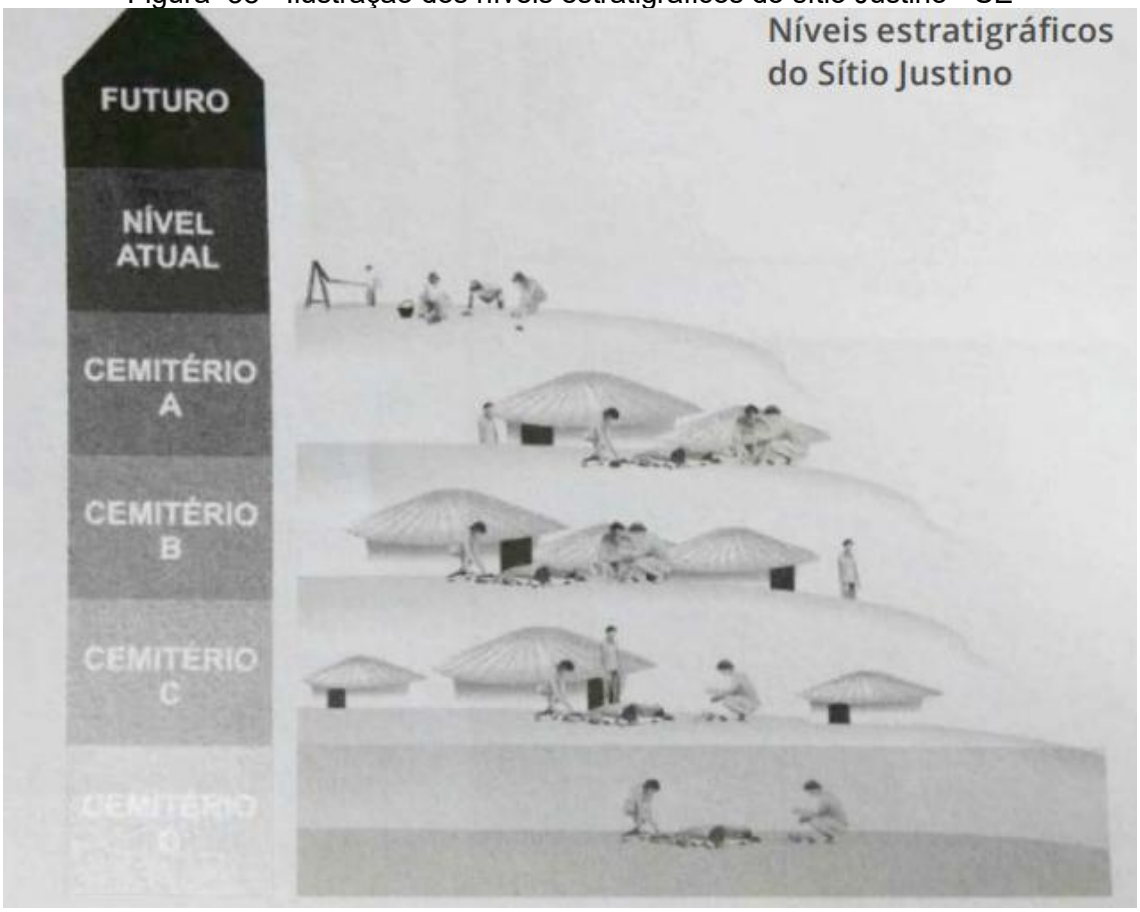
As pesquisas realizadas nesse sítio foram responsáveis pelo resgate de mais de 55 mil peças arqueológicas, além das estruturas funerárias e fogueiras. O sítio foi ocupado, durante um longo período, por grupos ceramistas e não ceramistas. O local também teria sido utilizado como cemitério e habitação (Vergne, 1996).

Segundo Vergne (2002, p. 252-253), sua hipótese era de que cada período de ocupação do sítio, existia a presença intercalada de enterramentos que poderiam ter sido produzidos por distintos grupos.

Os enterramentos do sítio Justino tiveram suas ocupações classificadas por conjuntos que considerando a função da distribuição espacial e das datações foi sugerido três ocupações para grupos ceramistas e uma mais antiga relacionada a grupos não ceramistas (Vergne, 2005). O espaço estava configurado em quatro momentos distintos de ocupação, a saber: **Cemitério D**, camadas 43 e 52, a datação é de 8980 ± 70 BP (BETA — 86745); **Cemitério C,** camadas 28 e 15. As datações são: 5570± 70 BP (BETA – 86744), na camada 30, e 4380 ± 70 BP

(BETA – 86741),na camada 20; **Cemitério B,** camadas 14 e 9. As datações são: 3270± 135 BP (Lyon – 5752), na camada 13, e 2650± 160 BP (Bahia – 1807),na camada 10 e **Cemitério A:** Camadas 8 e 4. As datações são: 2530 ± 160 BP (Bahia – 1804), na camada 8, 1770 ± 60 BP (Lyon – 5751), na camada 6, e 1280 ± 45 BP (Lyon – 5750), na camada 3. O uso sucessivo do sítio, indicando moradia e processo de enterramento no mesmo local, além de uma suave reconfiguração do relevo local foi ilustrado pela equipe do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX)[5] (Vergne, 2005; 2002) (Figuras 38 e 39).

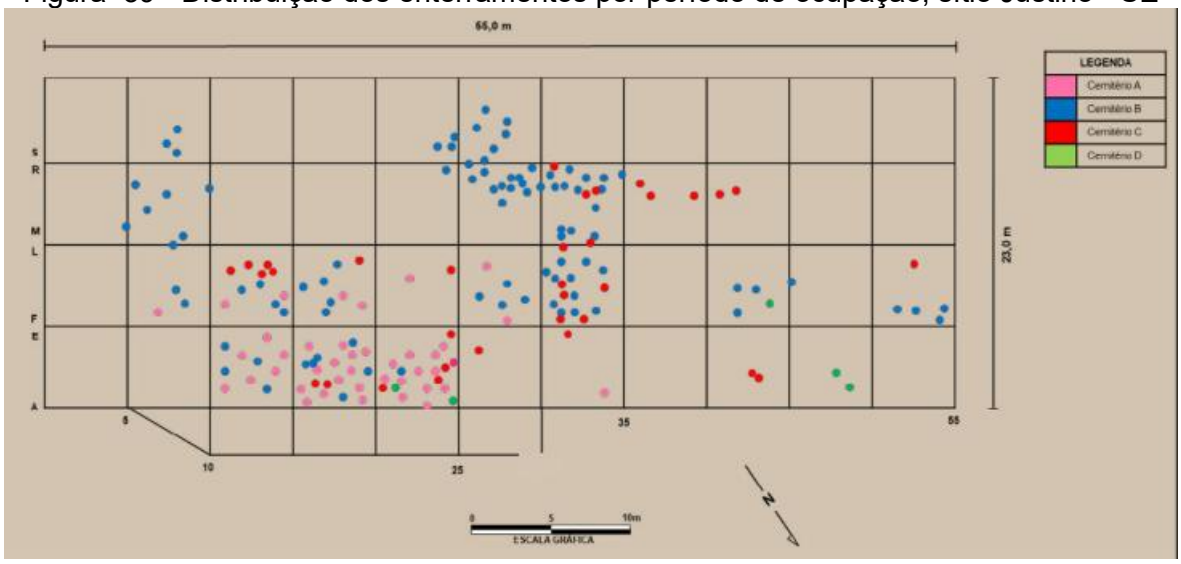
Figura 38 - Ilustração dos níveis estratigráficos do sítio Justino - SE



Fonte: Silva *et al.* (2020) Ilustração: Santiago (2005).

[5] O **Museu MAX** (Museu de Arqueologia de Xingó) foi inaugurado em 2002 e está localizado na região da Usina Hidrelétrica de Xingo, em Alagoas, e tem como objetivo preservar e divulgar a história e a cultura da região do Rio São Francisco.

Figura 39 - Distribuição dos enterramentos por período de ocupação, sítio Justino - SE



Fonte: Silva *et al.* (2020). Alterado e adaptado do Acervo do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX).

O Justino tornou-se o principal sítio a ser pesquisado na região em função do quantitativo e variedade de sua cultura material, somado às mais de 165 sepulturas com variedades arte fatuais e de perfil populacional.

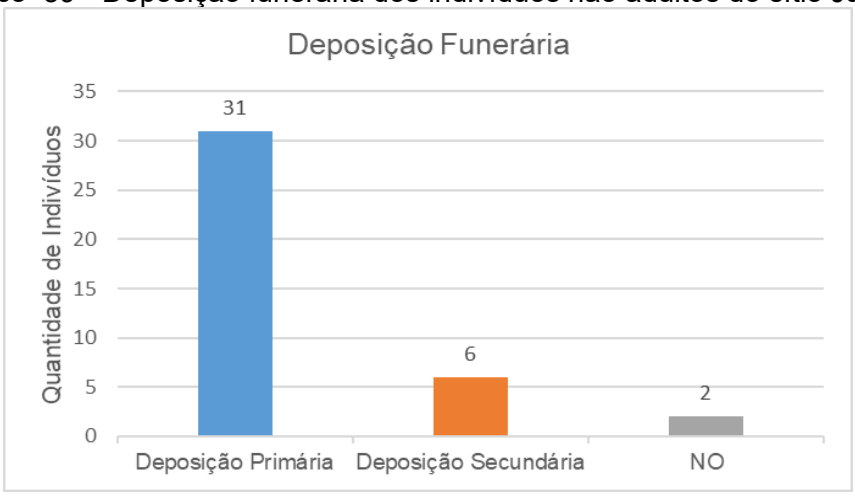
4.4.1.1 Dados cultuais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico Justino, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

4.4.1.1.1 Corpo

Foi evidenciado um quantitativo de 167 indivíduos (não adultos e adultos) e para esta pesquisa, foram analisados 39 indivíduos não adultos. Durante a análise foi observado que existia uma preferência ao enterramento primário com 31 indivíduos (80%), apenas 6 indivíduos (15%) foram descritos como secundário e 2 (5%) não foram passíveis de observação (Gráfico 39).

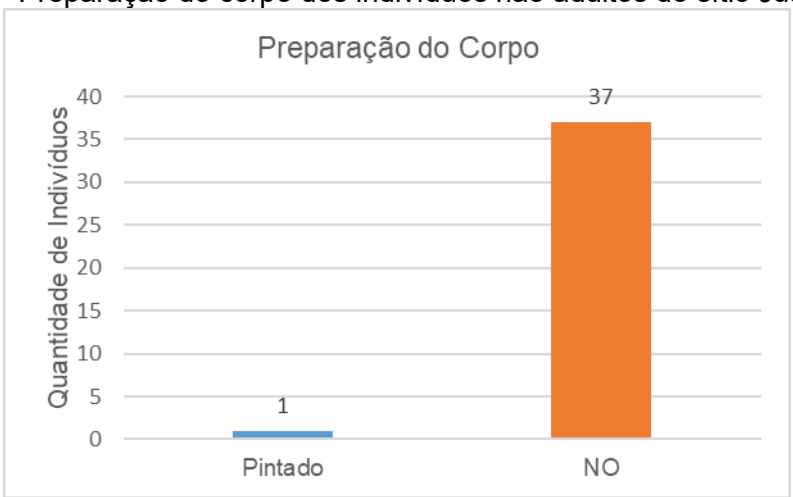
Gráfico 39 - Deposição funerária dos indivíduos não adultos do sítio Justino



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

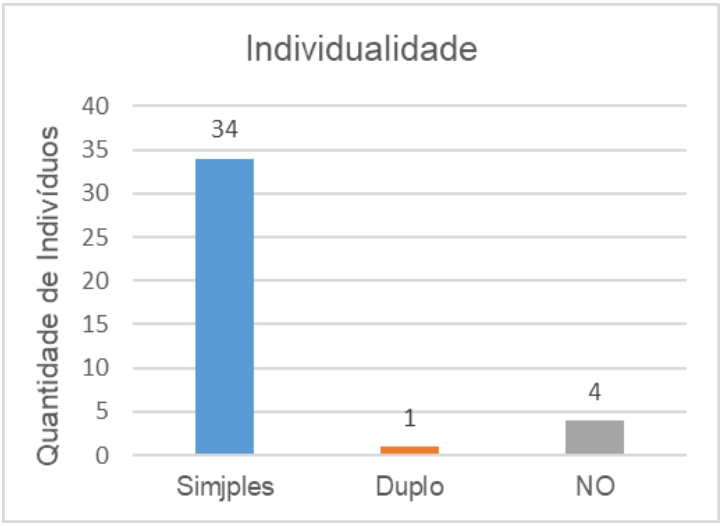
Quanto à preparação do corpo, percebe-se uma recorrência na ausência dessa variável, e em relação a individualidade os enterramentos estavam de forma simples com apenas um indivíduo por cova. A ausência de invólucro ou pintura não significa que eles não praticassem nenhuma preparação no corpo durante o ritual, muitas vezes, esses vestígios não se preservaram no contexto funerário (Gráficos 40 e 41).

Gráfico 40 - Preparação do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Justino



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

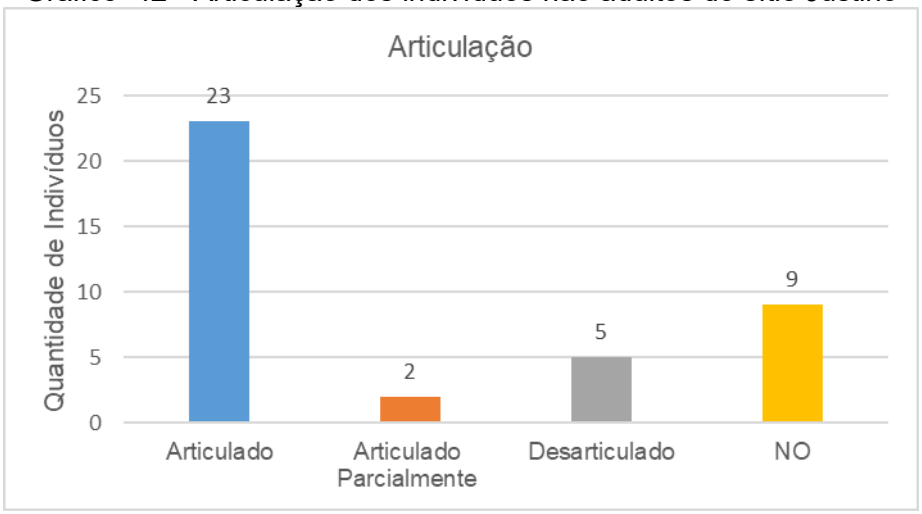
Gráfico 41 - Individualidade dos indivíduos não adultos do sítio Justino



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Em relação a articulação dos indivíduos, a maioria estava em conexão anatômica e alguns desarticulados parcialmente ou totalmente. Uma porcentagem (9 indivíduos) não foi possível de observação, o que é recorrente em sítios com datações recuadas ou com formação dinâmica provocada pela própria ocupação do espaço como perturbações naturais (Gráfico 42).

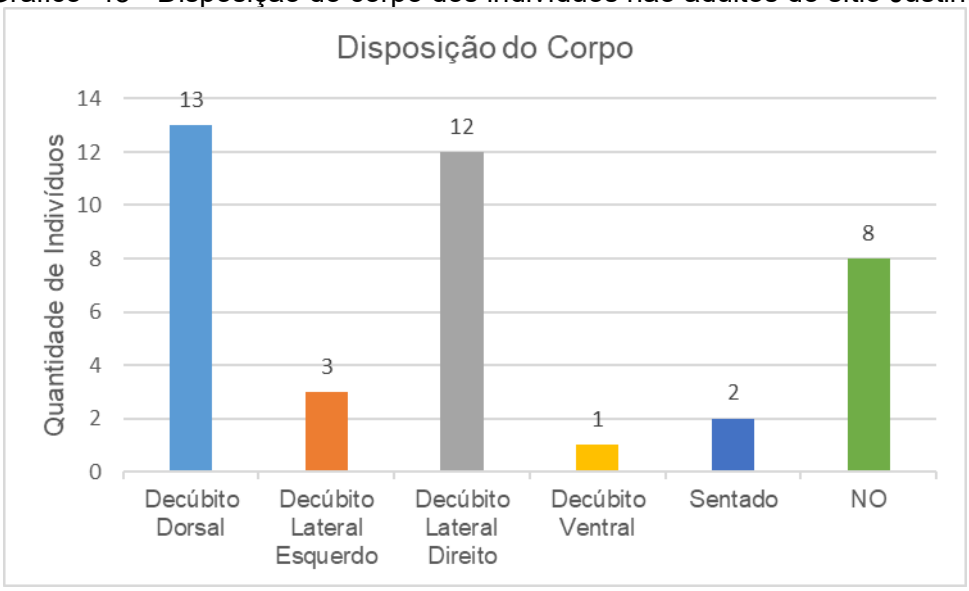
Gráfico 42 - Articulação dos indivíduos não adultos do sítio Justino



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

A disposição do corpo apresenta uma recorrência quanto o decúbito dorsal ou lateral, com a presença de dois indivíduos com posição sentado e um em decúbito ventral (Gráfico 43).

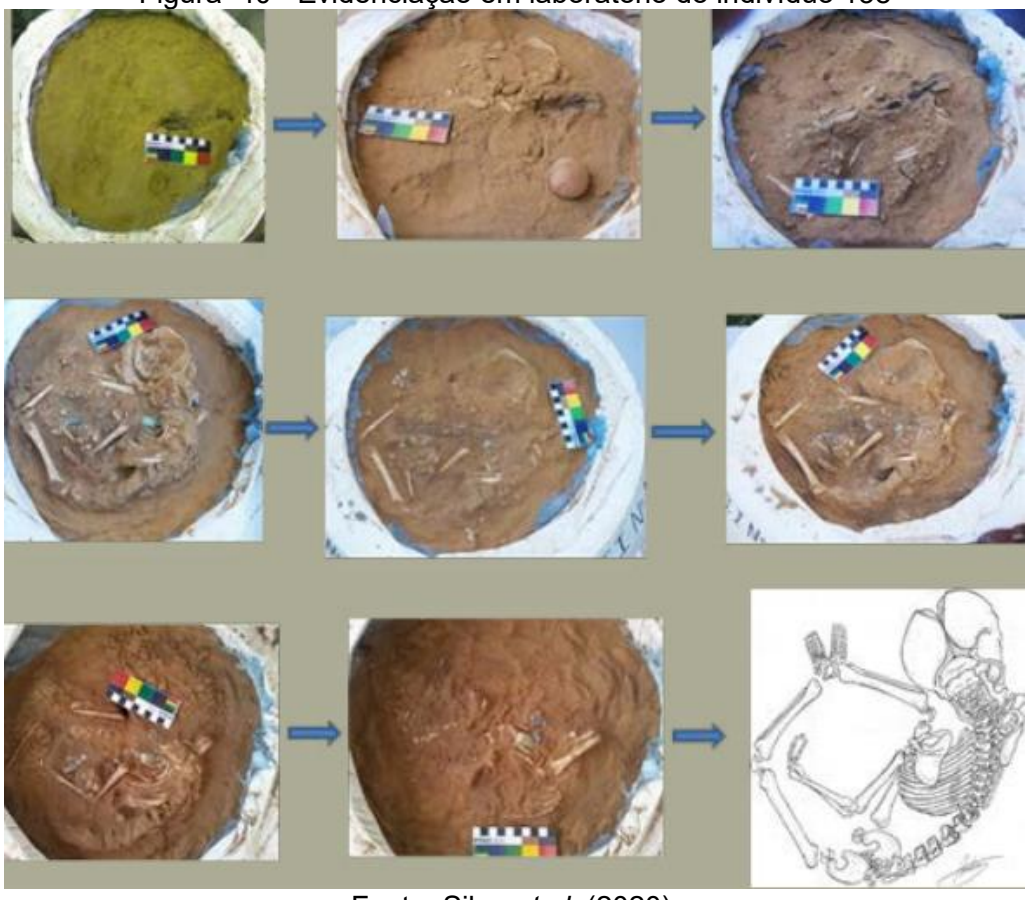
Gráfico 43 - Disposição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Justino



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

É possível observar a forma como alguns indivíduos foram acomodados observando o trabalho de evidenciação em laboratório no indivíduo de número 138 (Figura 40).

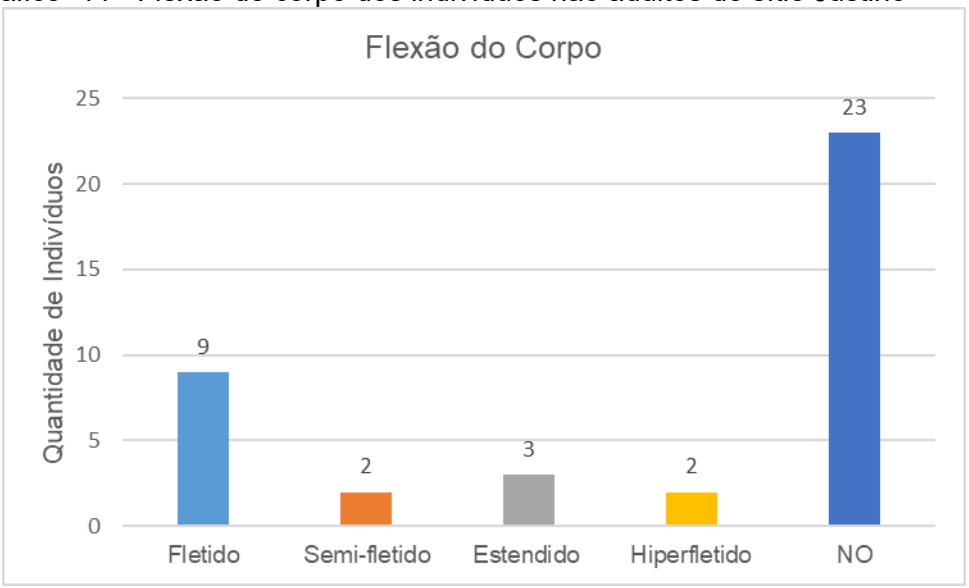
Figura 40 - Evidenciação em laboratório do indivíduo 138



Fonte: Silva *et al.* (2020).

Em relação à flexão do corpo, 23 indivíduos (59%) não foram possíveis de observar. Os demais estavam fletidos, 9 indivíduos (23%), 3 (8%) estendido, 2 (5%) hiper fletido e 2 (5%) semi-fletido (Gráfico 44).

Gráfico 44 - Flexão do corpo dos indivíduos não adultos do sítio Justino

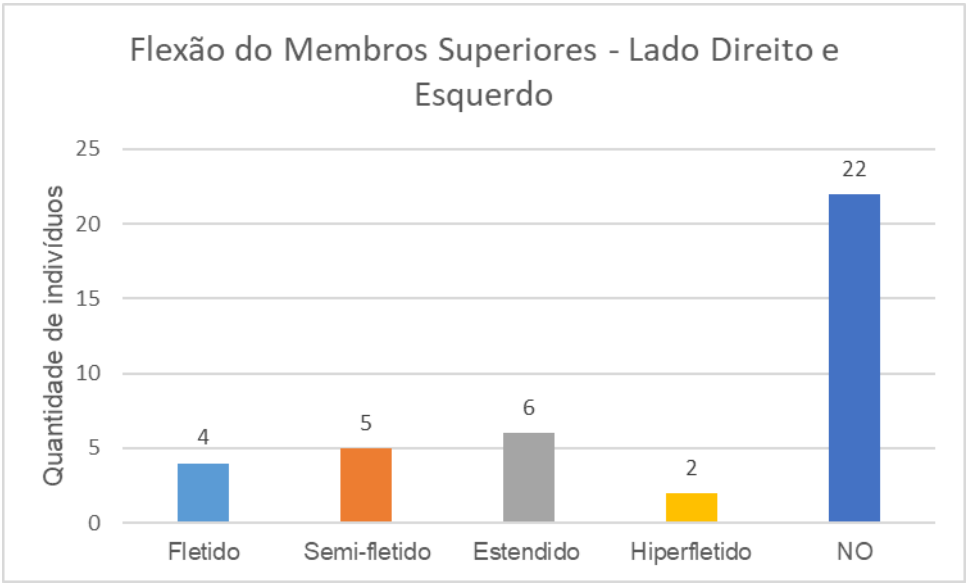


Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Em relação a posição dos membros inferiores e superiores, não foi observado uma categoria recorrente, a grande maioria não possuía as informações referentes a essa variável, o que infelizmente é comum algumas publicações não trazerem esse tipo de informação, ora pela própria falta no registro arqueológico, ora por descrever o indivíduo de forma geral, sem caracterizar o posicionamento dos membros superiores e inferiores, assim como pés e mãos.

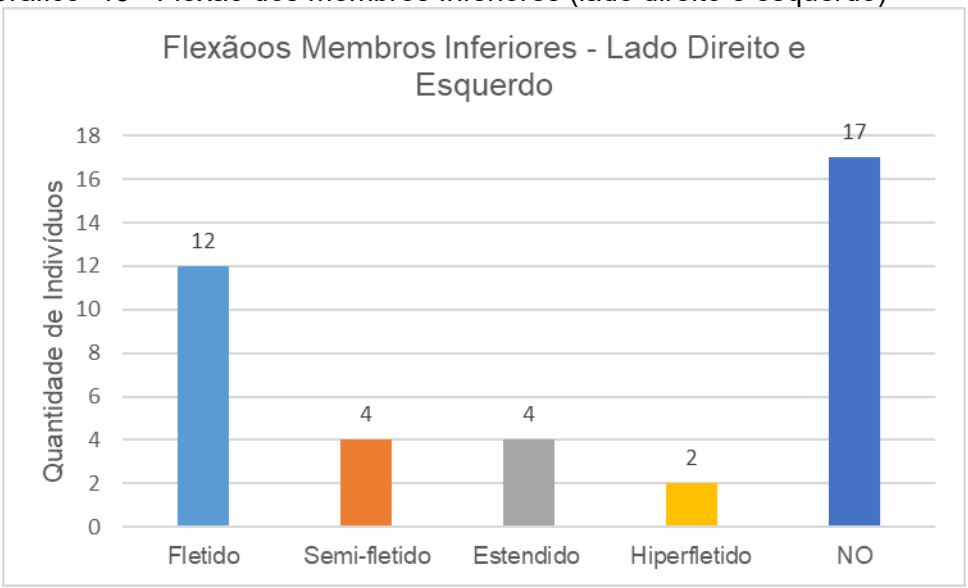
Diante das informações existentes, pode-se acrescentar a existência de uma flexão de maior ou menor intensidade, tanto nos membros superiores como inferiores, com a presença de um pequeno percentual para a posição estendida. (Gráficos 45 e 46).

Gráfico 45 - Flexão dos membros superiores (lado direito e esquerdo) dos indivíduos não adultos do sítio Justino



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Gráfico 46 - Flexão dos membros Inferiores (lado direito e esquerdo)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Quanto a orientação da face, crânio e corpo, observou-se uma dinâmica variada para diversas direções, não sendo possível afirmar uma preferência ou padronização.

4.4.1.1.2 Estrutura funerária

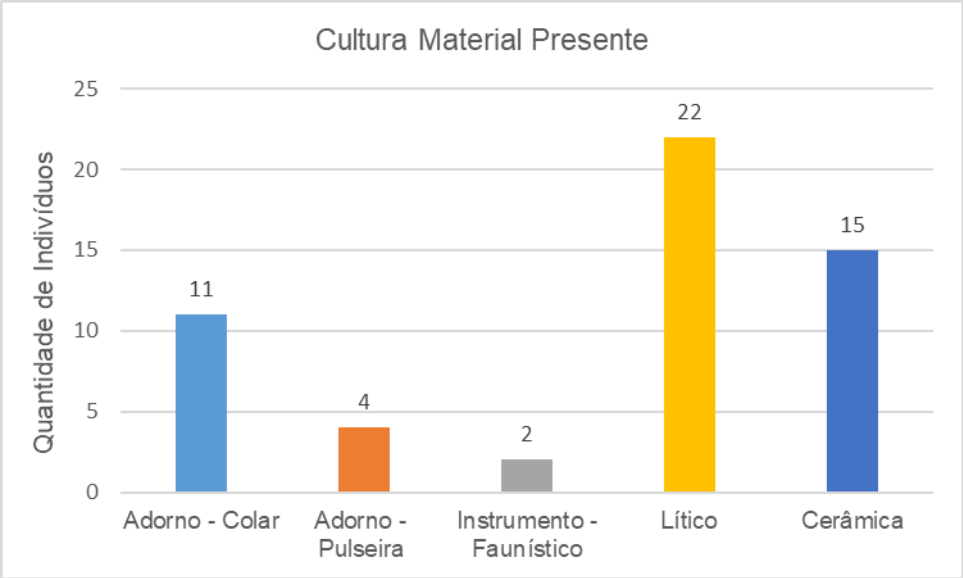
A maior parte dos enterramentos estavam depositados diretamente no solo, sem a identificação de invólucro. Nos poucos indivíduos onde houve a presença de cerâmica com um teor de proteger o indivíduo pertenciam a não adulto.

Dos 39 enterramentos, 32 continham presença de cerâmica, entretanto não estavam diretamente relacionados a algum tipo de estrutura funerária. Apenas nos indivíduos 138 e 140, o vasilhame estava recobrindo todo o indivíduo como se a intenção fosse realmente protegê-los.

4.4.1.1.3 Cultura material presente

A cultura material esteve presente em 37 dos 39 indivíduos analisados, apenas o sepultamento 20 (01-04 anos) e o 150 (não-adulto) não foi observado esse tipo de vestígio. Os vestígios correspondiam a material cerâmico (15 fragmentos – 28%), lítico (22 fragmentos – 41%), faunístico (2 instrumentos – 4%), adorno (15 vestígios – 27%, incluindo colar e pulseiras) e material de contato (vidro) (Gráfico 47).

Gráfico 47 - Cultura material presente nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Justino



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Os enterramentos 138 e 140 chamam atenção por sua maior similaridade de posição de enterramento, características etárias, cerâmica e adornos presentes, como destaca Silva *et al.* (2020, p. 203):

> Dentre os adornos evidenciados, a presença de artefatos nativos como contas em ossos e conchas, adorno labial produzido em amazonita e instrumento de sopro feito em osso permitiram ilustrar o rico acervo pertencente ao contexto dos indivíduos.

O enterramento 138, se caracteriza pela presença de adorno como instrumento faunístico possivelmente de sopro próximo póstero-craniana, artefato lítico e vasilhame cerâmico de pequeno porte (Figura 41).

Figura 41 - Artefato lítio e cerâmico presente no contexto funerário do enterramento 138

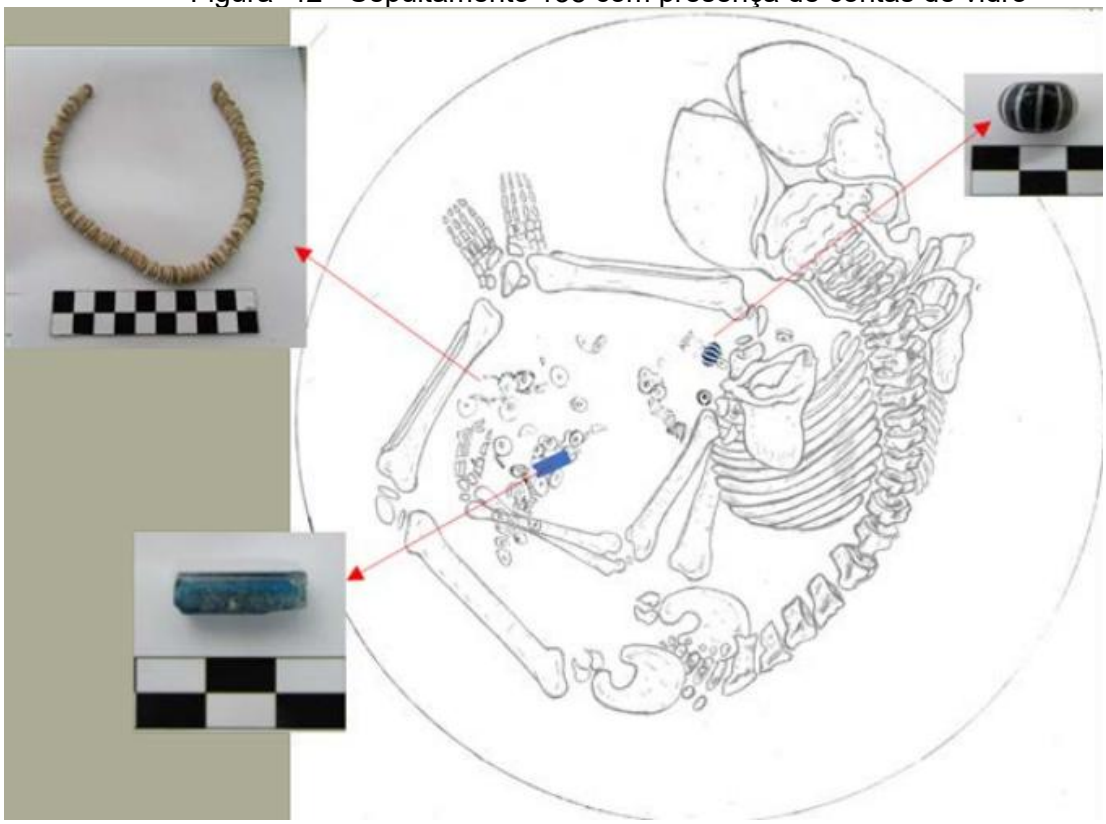
Fonte: Silva *et al.* (2020). Acervo do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX).

Os adornos que se referem a colar, chamam atenção pela presença de contas de vidro em sua composição Silva *et al.* (2020, p. 197):

> Uma vez reconstituída, foram identificadas formas de colar, mesmo com diversas contas desordenadas, atribui-se o emprego de mais de um cordão e em ambos havia contas de vidro central o que possibilitou sua reorganização de artefato enquanto colar, com o uso de cordão de nylon.

Foi possível fazer sua reconstituição após as análises em laboratório (Figura 42).

Figura 42 - Sepultamento 138 com presença de contas de vidro



Fonte: Silva *et al.* (2020)

O sepultamento 140 também trouxe informações relevantes sobre a presença da cultura material, como por exemplo, contas e tembetá, além da peça cerâmica depositada sobre a sepultura. Segundo Silva (2013), o esqueleto 140, possui características de enterramento semelhante ao 138, exceto pela ausência de organização das contas que possibilitasse a reconstituição do seu uso. Para Silva (2020, p. 199), “este fato pode ser atribuído um espaço vazio para movimentação e dispersão uma vez que, estavam posicionadas abaixo do corpo. O esqueleto depositado sentado possuiu a sua região torácica depositada sobre as pernas”.

Quando a presença de contas de vidro, Silva (2020) traz um levantamento sobre a recorrência identificada para as técnicas de Drawn e Wound representando quase 80% em relação ao total (Quadro 10).

Quadro 10 - Presença de contas com técnicas de Drawn e Wound no sítio do Justino

SEPULT.	REGISTRO	TÉCNICA MANUFATURA[35]	QUANT.	COR/DECORAÇÃO	PERÍODO DE PRODUÇÃO	LOCAL
55	55-1	*Wound*	10	Âmbar	Após meados do XV	Veneza
137	137-1*	NI	1	Preta	NI	NI
137	137-4	*Drawn – Speo*	1	Preta/ Listras Brancas	Após XVII	Veneza
137	137-5	*Drawn – Speo*	1	Azul /Listras Brancas	Após XVII	Veneza
137	137-6*	NI	1	Âmbar	NI	NI
137	137-7	*Drawn (?)*	1	Transparente	Após XVII	Veneza
137	137-8	*Drawn ou Wound*	2	Transparente/ Facetada	Entre XV – XVII	Veneza/ Bohemia
138	138-2	*Drawn – Speo*	1	Azul /Listras Brancas	Após XVII	Veneza
138	138-3*	*Drawn ou Wound (?)*	432	Branca	Entre XV – XVII (?)	Veneza (?)
138	138-6	*Drawn*	1	Azul / Tubo paredes retas	Após XVII	Veneza
138	138-7	*Drawn*	16	Azul	Após XVII	Veneza/ Bohemia
138	138-8	*Drawn – Speo*	1	Azul claro /Listras Brancas	Após XVII	Veneza
140	140-1	*Wound*	1	Azul	Após meados do XV	Veneza
140	140-2	*Wound*	232	Preta	Após meados do XV	Veneza
140	140-3*	*Drawn ou Wound (?)*	783	Branca	Entre XV - XVII (?)	Veneza (?)
140	140-4	*Drawn*	1	Azul / Tubo	Após XVII	Veneza
140	140-5	*Drawn ou Wound*	1	Azul/ Facetada	Entre XV – XVII	Veneza
140	140-6	*Drawn*	39	Azul	Após XVII	Veneza/ Bohemia
140	140-8	*Wound*	3	Âmbar/ Facetada	Após meados do XV	Veneza
140	140-10	*Wound*	3	Âmbar	Após meados do XV	Veneza
140	140-11	*Wound*	2	Preta	Após meados do XV	Veneza
-	04	*Drawn ou Wound (?)*	22	Branca	Entre XV – XVII (?)	Veneza (?)
-	5861	*Drawn*	1	Azul	Após XVII	Veneza/ Bohemia

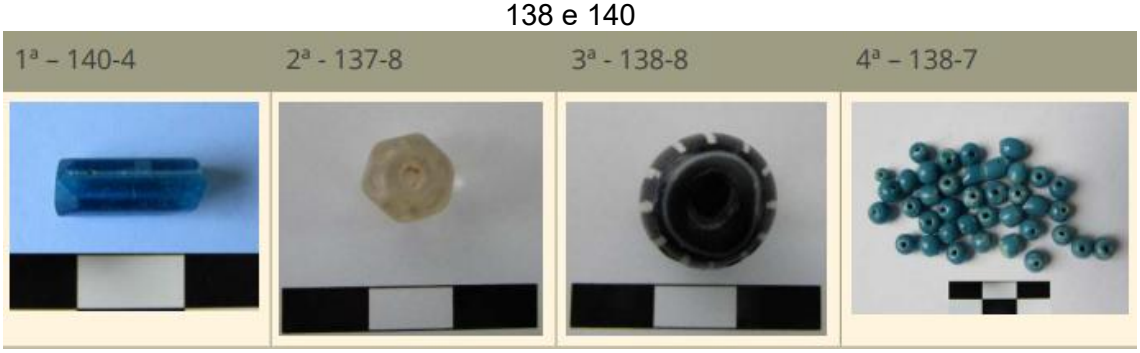
Fonte: Silva (2020).

Entretanto, a que mais se destaca pela predominância é a Drawn, datada com cronologia entre século XV e início do XVI:

> As contas classificadas enquanto Drawn, que estão predominantemente no registro do sítio, são marcadas pelo emprego do uso da técnica dos longos tubos de vidro elaborados e posteriormente cortados e manipulados. O emprego da técnica que ocorre entre o final do século XV e início do XVI, e que marcou o mercado veneziano de produção de contas, possuiu períodos bem definidos ligados sobretudo as técnicas de manipulação dos tubos e transformação nas contas (Silva *et al.*, 2020, p. 207).

Dentre as contas classificadas pela técnica Drawn, existem 4 tipos classificados, Silva (2013) traz os exemplares (Figura 43) dos indivíduos 138 e 140.

Figura 43 - Exemplos de contas confeccionadas com a técnica Drawn nos sepultamentos 138 e 140

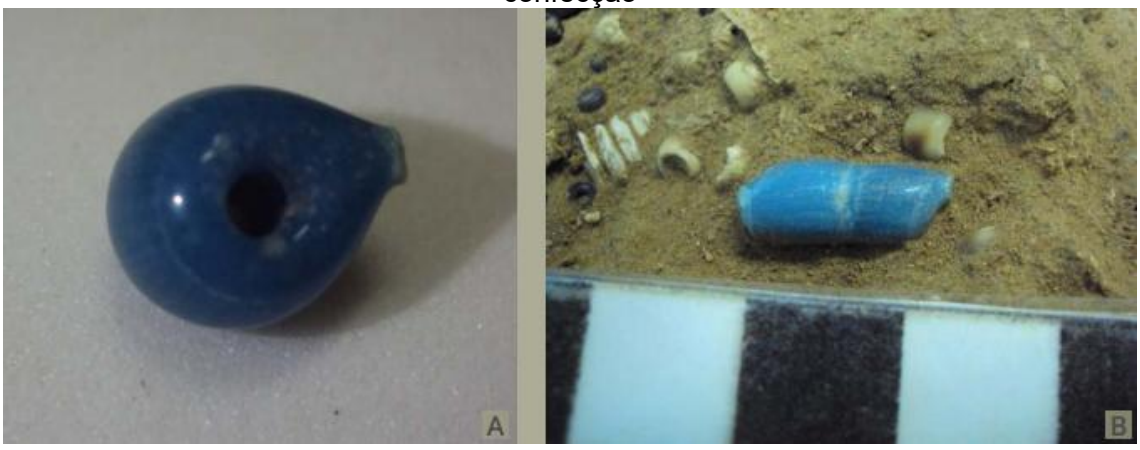


Fotos: Silva *et al.* (2020)

A análise nesse tipo de material é por vezes difícil devido a “escassez de material de referência para o território nacional, o número insuficiente de bibliografia que abordem o tema, este problema também está associado a baixa representatividade do material no sítio” (Silva *et al.*, 2020, p. 210).

Por outro lado, apesar desse déficit, esses vestígios trazem uma cronologia segura e sua bibliografia de referência aponta que existia uma movimentação de moeda, e consequentemente, sua expansão mercantilista. Entretanto, é possível verificar que para o grupo que habitou o sítio não existia uma preocupação em peças mais nobres (Figura 44). Os vestígios apontam a presença de peças de segunda linha com problemas de execução (Silva *et al.*, 2020, p. 210).

Figura 44 - Contas de vidro com presença de problemas de execução durante sua confecção



Fonte: Silva *et al.* (2020).

A identificação desses vestígios em um sítio pré-colonial e de contato, traz informações além da própria compreensão dos símbolos ou técnica de produção como coloca Silva *et al.* (2020, p. 197):

> Os símbolos, nem sempre passíveis de compreensão, dão a esses objetos muito mais que seus valores manufaturais ou comerciais, e, o contato estabelecido e os registros produzidos sobre os grupos nativos americanos, sobretudo continuados com o uso da etnografia, corroboraram para a compreensão e a amplitude de um olhar sobre o novo.

Já em relação ao material lítico, observou um total de 193 peças líticas que compreende, instrumentos, lascas ou peças para uso enquanto adorno, como os tembetás presentes nos enterramentos 116,138,140 e 142 (Figura 45).

Figura 45 - Tembetás presentes nos sepultamentos 116, 138 140 e 142 – Sítio do Justino - SE

Fonte: Silva *et al.* (2020).

Os dados levantados das sepulturas 138 e 140 denotam a importância delas dentro do sítio:

> As duas crianças, 138 e 140 apresentam uma configuração única. Diante do que se foi e é levantado sobre o comportamento de determinados agrupamentos indígenas, com seus bens ornamentais, entende-se que, essas crianças tinham um papel singular dentre o grupo; quer sejam por um direcionamento próprio ou aos seus pais, visto sobretudo no cuidado, inclusive no emprego das cerâmicas protegendo totalmente seus pequenos corpos (Silva *et al.*, 2020, p. 222).

Existe a presença de material cerâmico que foi classificado como uso doméstico e pessoal. Os fragmentos, por sua vez, também estiveram presentes em

grande parte dos enterramentos, contabilizando 32 enterramentos com esse tipo de vestígios, ora seja por vasilhames inteiros oura por fragmentos.

Em algumas sepulturas como a 138 e 140, o vasilhame estava recobrindo todo o indivíduo, em outras existia a presença de vasilhames menores, mas sempre fazendo parte do seu contexto funerário (Figura 46).

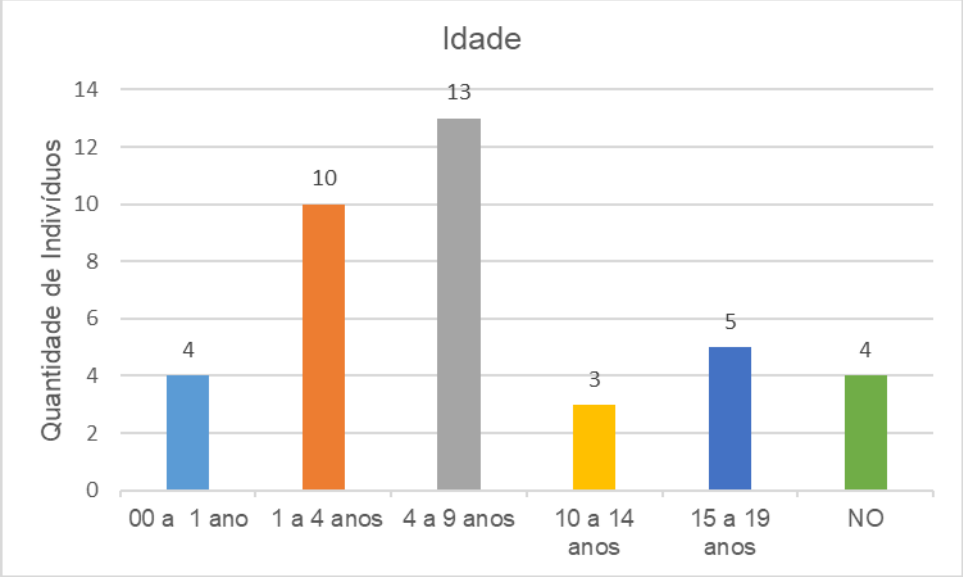
Figura 46 - Sepultamento com presença de vasilhame cerâmico em seu contexto

Fonte: Fotos: Silva *et al.* (2020). Acervo do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX).

4.4.1.2 Dados biológicos

As pesquisas realizadas para esse grupo específico de indivíduos, faz referência a classificação de idade por faixa etária, estabelecendo 6 categorias que variam de 00 anos a 19 anos. A faixa etária mais expressiva se refere aos indivíduos com idade entre 1 ano a 9 anos de idade, totalizando quase a metade da amostra (Gráfico 48).

Gráfico 48 - Idade dos indivíduos não adultos do sítio Justino



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Para os indivíduos 138 e 140, por exemplo, foi aplicado para a classificação etária, o quantitativo de dentes preservados (19 dentes) e seu estágio de erupção. (Figura 47).

Figura 47 - Crânio do sepultamento 138 antes e depois da evidenciação dos dentes

Fonte: Fotos: Silva *et al.* (2020)

Para a análise do sexo biológico, não foi possível o seu estabelecimento, devido a fragilidade do material.

4.4.1.3 Perfil funerário

- Esta pesquisa analisou 39 indivíduos não adultos. Segundo Viviane Castro (2009, p. 174) que também pesquisou os indivíduos desse sítio, o quantitativo se classifica por trinta e oito infantes (20,9% da amostra); cento e trinta e três (133) adultos (73,1%); nove idosos (4,9%) e dois (2) indeterminados (1,1%);
- Presença de deposição funerária primária em 31 dos indivíduos não adultos (79%), deposição secundária em apenas 6 indivíduos (15%) e não observado em 2 (5%);
- Não foram observados vestígios que indicassem algum tipo de preparação do corpo;
- Recorrência para individualidade simples, sem a presença de mais de um indivíduo por cova;
- Quanto à articulação dos corpos, 23 indivíduos (59%) estavam articulados, 23 (13%) estavam desarticulados, 2 (5%) desarticulados parcialmente e 9 (23%) não foi possível de observação;
- A disposição do corpo possui uma recorrência para o decúbito dorsal 13 (33%) e decúbito lateral direito 12 (31%), seguidos por 3 (8%) em decúbito lateral esquerdo, 2 (5%) em sentados, 1 (3%) em decúbito ventral e 8 (20%) não observado;
- Em relação à flexão do corpo, 23 (59%) não foi possível de observar. Os demais estavam fletidos 9 (23%), estendido 3 (8%), hiperfletido 2 (5%) e semi-fletido 2 (5%);
- A posição dos membros inferiores e superiores não apareceu uma categoria recorrente, a grande maioria não foi possível de observação. Foi observado que existia uma flexão de maior ou menor intensidade tanto nos membros superiores como inferiores, bem com a presença de um pequeno percentual para a posição estendida;
- A orientação da face, crânio e corpo, apresentou uma dinâmica para diversas direções, não sendo possível afirmar uma preferência ou padronização;
- A maioria dos enterramentos estavam depositados diretamente no solo, sem a identificação de invólucro. Nos poucos indivíduos onde houve a presença

de cerâmica, percebe-se que houve a intenção de proteger o indivíduo na maioria foram em não adultos;

- A cultura material esteve presente em 37 dos 39 indivíduos analisados, apenas o indivíduo 20 (01-04 anos) e o 150 (não-adulto) não foi observado esse tipo de vestígio. Os vestígios correspondiam a material cerâmico, lítico, faunístico e material de contato (vidro);
- Os adornos foram confeccionados a partir de ossos de animais, vegetais e vidro;
- Os enterramentos 138 e 140 chamam atenção por sua maior similaridade de posição de enterramento, características etárias, cerâmica e adornos presentes, incluindo as contas de vidro e tembetás;
- Em relação as contas de vidro, a que se destaca pela predominância, é a Drawn, datada com cronologia entre século XV e início do XVI;
- Para os pesquisadores Silva *et al.* (2020), a análise nesse tipo de material é por vez difícil devido a "escassez de material de referência para o território nacional, o número insuficiente de bibliografia que abordem o tema, este problema também está associado a baixa representatividade do material no sítio", entretanto, traz uma cronologia segura e sua bibliografia de referência apontam que existia uma movimentação de moeda e consequentemente sua expansão mercantilista. Os vestígios apontam a presença de peças de segunda linha com problemas de execução;
- Os dados biológicos apontam mais expressiva tendência para indivíduos com idade entre 1 ano a 9 anos de idade, totalizando quase a metade da amostra.
- Não foi possível estabelecer o sexo biológico.

4.4.2 Sítio São José II

O Sítio São José II, é um sítio a céu aberto e está situado na Fazenda São José, nas coordenadas 620.700 E/ 8.945.440 N, no município de Delmiro Gouveia, Alagoas (Figura 48).

Figura 48 - Mapa de localização do sítio São Jose II

Fonte: Queiroz, Cardoso e Carvalho (2017, p. 60).

O mesmo foi escavado entre 1993 e 1994 pela equipe do PAX[6], onde foram identificadas peças líticas, fragmentos cerâmicos, carvão, ossos de animais e enterramentos. As pesquisas indicam que a área foi ocupada como cemitério e habitação. Quanto a cronologia do sítio, essa foi obtida através de duas datações, a primeira de 3500 ± 110 BP (BETA 86739), corresponde a carvões de uma fogueira associada ao enterramento 6; a segunda de 4140 ± 90 BP (BETA 86740) que corresponde a carvões de uma fogueira situada na decapagem 19 (Luna, 2001).

Pesquisadores como Olívia Carvalho (2006) e Suely Luna (2001) realizaram estudos no âmbito tafonômico, osteométrico, paleopatológico e paleodemográfico, bem como o estudo dos fragmentos cerâmicos deste sítio. Não foram identificadas vasilhas inteiras ou urnas relacionadas aos enterramentos.

Posteriormente, Viviane Castro (2009) incluiu na sua pesquisa o estudo das práticas funerárias desse sítio, a fim de identificar marcadores culturais presentes.

[6] O **Projeto Pax** foi uma iniciativa de compensação ambiental e social promovida pela **Eletrobras** e **Chesf** (Companhia Hidroelétrica do São Francisco) em decorrência da construção da Usina Hidrelétrica de Xingó.

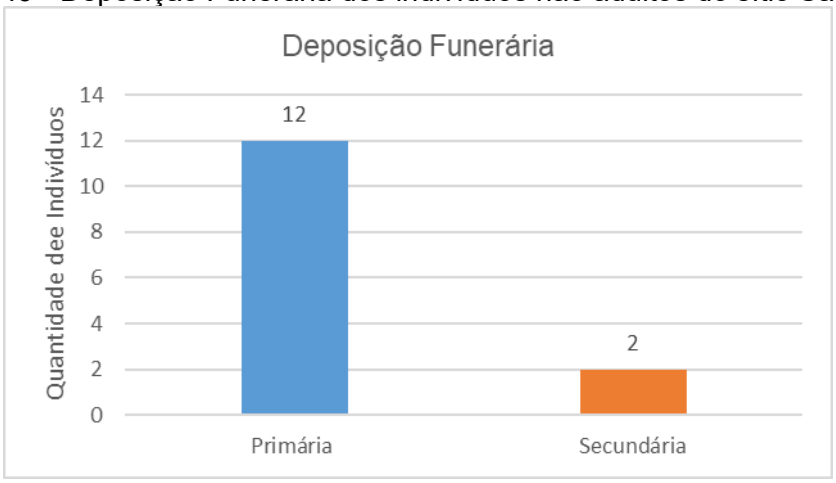
4.4.2.1 Dados cultuais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico São Jose II, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

4.4.2.1.1 Corpo

Foram evidenciados um quantitativo de 30 indivíduos (não adultos e adultos), e para esta pesquisa, foram analisados 14 indivíduos não adultos. Durante a análise foi observado que existia uma preferência ao enterramento primário 86% (12 indivíduos), apenas 14% (2 indivíduos) foram descritos como secundário (Gráfico 49).

Gráfico 49 - Deposição Funerária dos indivíduos não adultos do sítio São José II



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Segundo Viviane Castro (2009, p. 193), “Todas as crianças estão em enterramentos primários, com exceção de uma, em que não foi possível determinar o tipo de enterramento”.

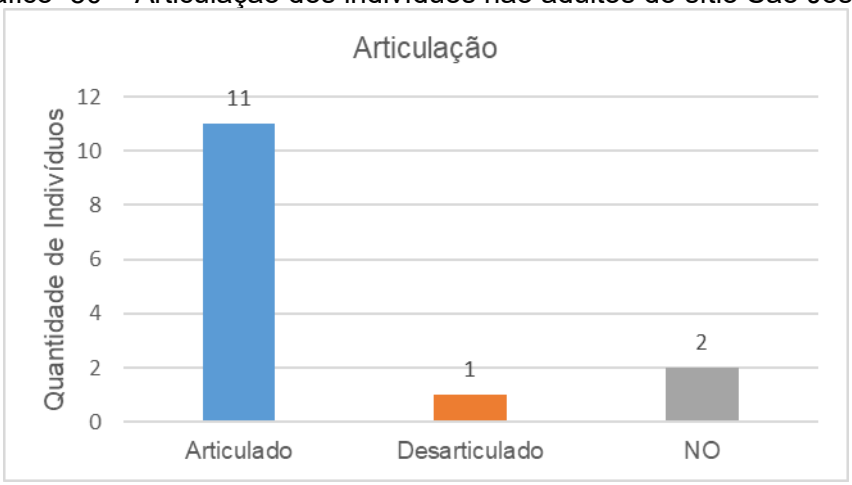
Ainda segundo Viviane Castro (2009, p. 195-196):

> A presença de primários e secundários pode ser resultado de diferenças na idade ou cronológicas, pois para este sítio só há duas datações (3500±110 BP e 4140±90BP); como também pode representar uma variação na prática funerária. A variação também pode significar a presença de distintos grupos e distintas identidades.

Quanto à preparação do corpo e sua individualidade, percebe-se uma ausência dessas variáveis nos dados. Apenas o indivíduo de numeração 19.3 (adolescente) está descrito como múltiplo.

Em relação à articulação dos indivíduos, a maioria estava em conexão anatômica (11 indivíduos – 79%), e apenas 1 descrito como desarticulados. Em dois indivíduos não foi possível verificar essa característica (Gráfico 50).

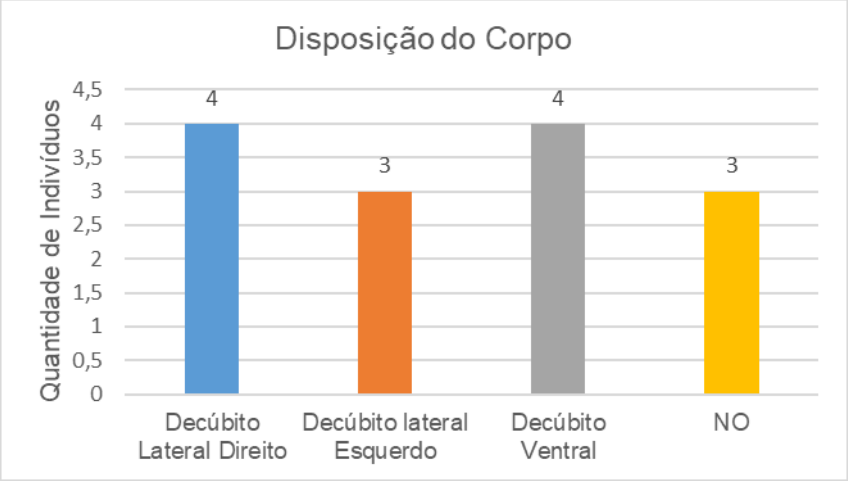
Gráfico 50 – Articulação dos indivíduos não adultos do sítio São José II



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

A disposição do corpo não apresenta uma recorrência, pelo contrário, ela traz de forma quase equivalente das variáveis sobre a disposição do corpo, a saber, decúbito lateral direito 29% (4 indivíduos), decúbito lateral esquerdo 21% (3 indivíduos), decúbito ventral 29% (4 indivíduos) e não observado 21 % (3 indivíduos). Segundo Viviane Castro (2009, p. 194) “há recorrência para os adultos e crianças em enterramentos primáriosera o decúbito lateral. Contudo, em relação às crianças há um predomínio para a posição decúbito lateral direito e para a decúbito ventral (que só foi verificada nesta faixa etária)” (Gráfico 51).

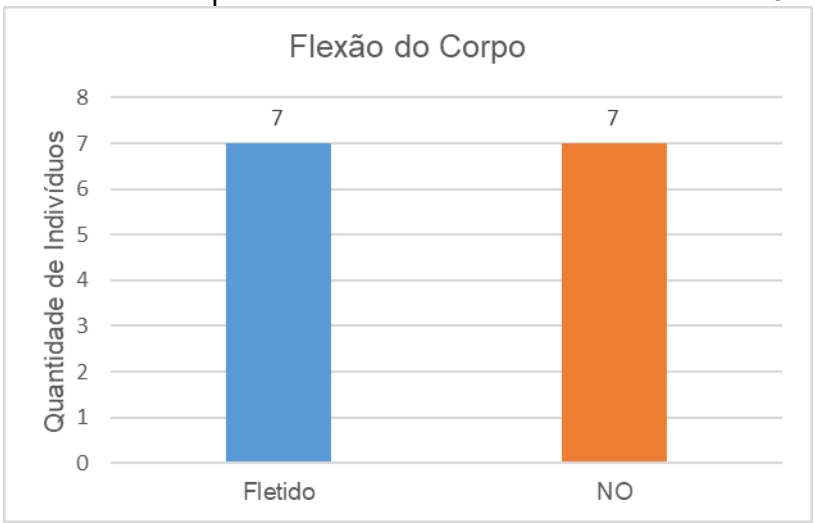
Gráfico 51 - Disposição do corpo dos indivíduos não adultos do sítio São José II



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Quanto a flexão do corpo, apenas 50% (7 indivíduos) foi possível observar que estavam fletidos. Os outros 50 % (7 indivíduos) não tiveram essa característica observada (Gráfico 52).

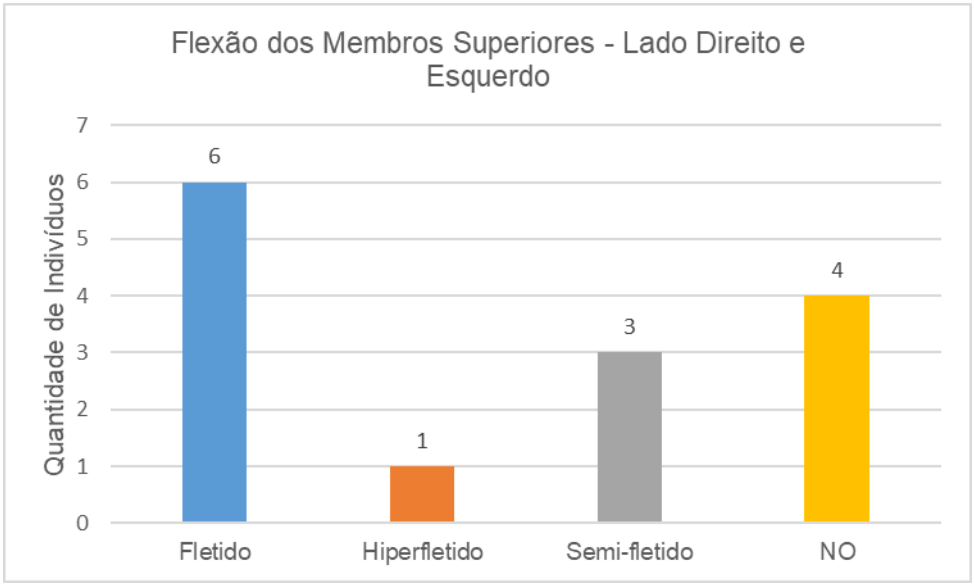
Gráfico 52 - Flexão do corpo dos indivíduos não adultos do sítio São José II



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Os membros superiores estavam fletidos (seja hiperfletido, fletido ou semi-fletido) não sendo identificado os membros estendidos, por exemplo. Dentro do universo analisado, 4 indivíduos não foi possível de observação (Gráfico 53).

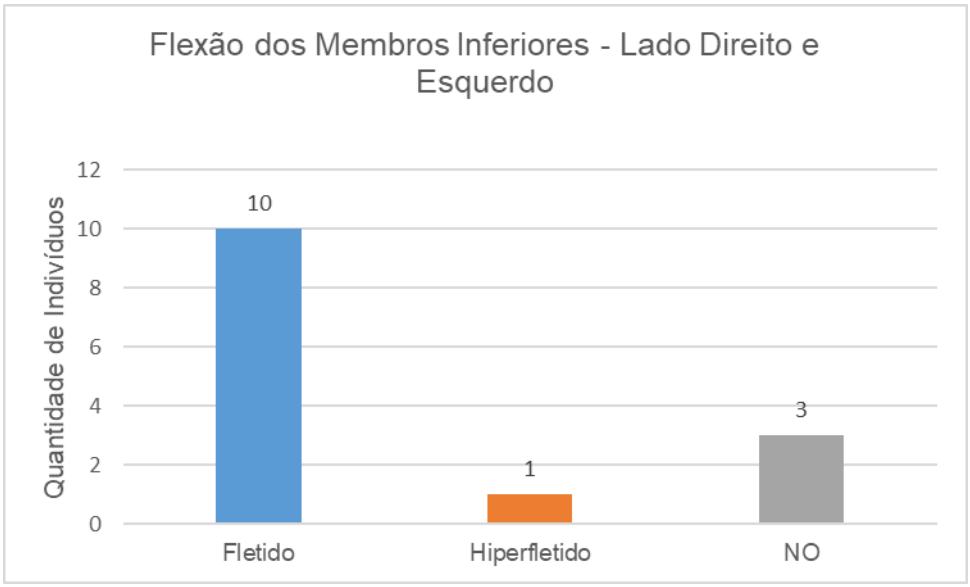
Gráfico 53 - Flexão dos membros superiores (lado direito e esquerdo) dos indivíduos não adultos do sítio São José II



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Em relação aos membros inferiores, 72% (10) também apresentaram flexão (Gráfico 54).

Gráfico 54 - Flexão dos membros inferiores (lado direito e esquerdo) dos indivíduos não adultos do sítio São José II



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.4.2.1.2 Estrutura funerária

No que diz respeito a estrutura funerária, foi observado que os indivíduos foram depositados em covas estreitas e/ou pequenas, não havendo outros dados que indicassem a presença de algum material utilizado para demarcação ou proteção dos mesmos.

4.4.2.1.3 Cultura material presente

Não foi identificada a presença de adornos, material lítico, instrumentos de osso ou de madeira, fragmentos de cerâmica e/ou outro vestígio que indicassem pertencer à prática funerária.

4.4.2.2 Dados biológicos

Os dados biológicos referentes a esse sítio podem ter sido comprometidos pelo estado de conservação deles como pontua Carvalho e Vergne (2001), ao observar que os ossos tinham fraturas, fissuras e esfoliação, resultantes de fatores mecânicos, umidade, acidez e bioerosão. Segundo Viviane Castro (2009, p. 191), “as condições em que se encontravam os ossos inviabilizaram a determinação de sexo e idade de alguns indivíduos”.

4.4.2.3 Perfil funerário

- As pesquisas realizadas no Sítio São José II identificaram 30 indivíduos, sendo 14 de indivíduos não adultos;
- Durante a análise, foi observado que existia uma recorrência ao enterramento primário 86% (12 indivíduos), e apenas 2 indivíduos foram descritos como secundários. Sugerindo que para os indivíduos não adultos o enterramento primário poderia ter sido uma preferência, uma vez que, nos demais indivíduos adultos existia enterramentos primário e secundário;
- Percebe-se a ausência de enterramentos múltiplos, assim como, vestígio que indiquem preparação do corpo como invólucro ou pintura, por exemplo;

- Em relação à articulação dos indivíduos, a maioria estava em conexão anatômica (11 indivíduos – 79%), e apenas 1 descrito como desarticulado. Em dois indivíduos não foi possível verificar essa característica;
- Existiu de forma quase equivalente, o posicionamento do corpo em decúbito lateral direto 29% (4 indivíduos), decúbito lateral esquerdo 21% (3 indivíduos), decúbito ventral 29% (4 indivíduos) e não observado 21 % (3 indivíduos). Segundo Viviane Castro (2009, p. 194) “há recorrência para os adultos e crianças em enterramentos primários era o decúbito lateral. Contudo, em relação às crianças há um predomínio para a posição decúbito lateral direito e para a decúbito ventral (que só foi verificada nesta faixa etária)”.
- Quanto à flexão do corpo, apenas 50% foi possível observar, todos estavam fletidos. Isso inclui também os membros superiores e inferiores, variando apenas o grau de flexão, ora fletidos, semi-fletidos ou hiperfletidos;
- No que diz respeito a estrutura funerária, o que se sabe é que os indivíduos foram depositados em covas estreita e/ou pequena, não havendo outros dados que indicasse a presença de algum material utilizado para demarcação ou proteção dos mesmos;
- Não foi verificada a presença de adornos, material lítico, instrumentos de osso ou de madeira, fragmentos de cerâmica e/ou outro vestígio que indicassem pertencer a prática funerária;

Devido ao estado de conservação, o material ósseo não permitiu que as análises fossem bem-sucedidas, principalmente devido a fraturas, fissuras e esfoliação, resultantes de fatores mecânicos, umidade, acidez e bioerosão, como pontuam Carvalho e Vergne (2001).

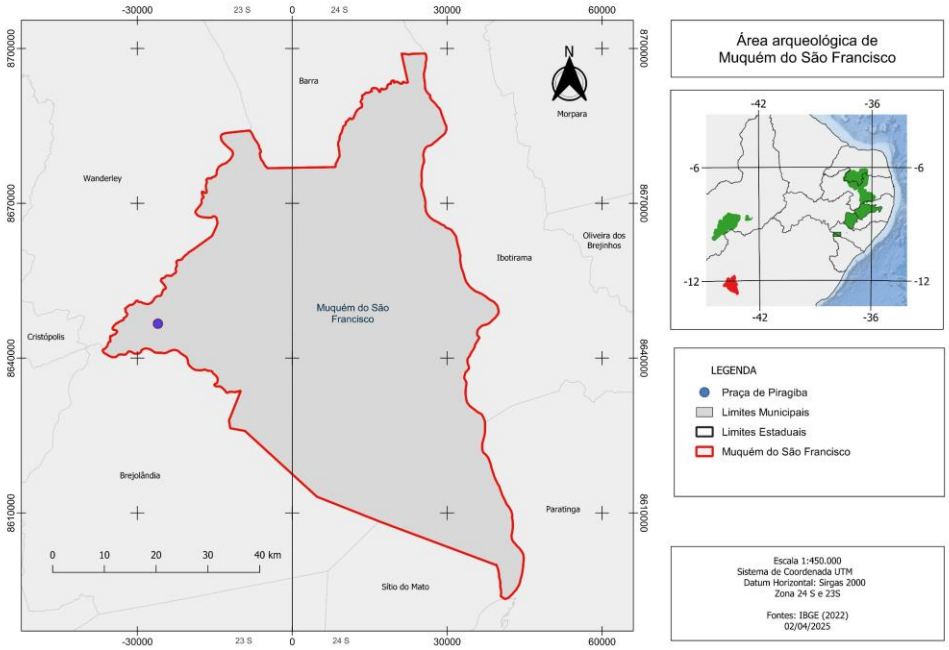
4.5 REGIÃO DA BAHIA

A seguir, serão abordados os elementos culturais relacionados à infância identificados no Sítio Aratu da Vila de Piragiba, incluindo o corpo, a estrutura funerária, os vestígios de cultura material, além dos dados biológicos, como sexo e idade estimados.

4.5.1 Sítio Aratu da Vila de Piragiba

O Sítio Aratu da Vila de Piragiba está localizado na vila de Piragiba, Município de Muquém do São Francisco, região oeste do Estado da Bahia (Figura 49).

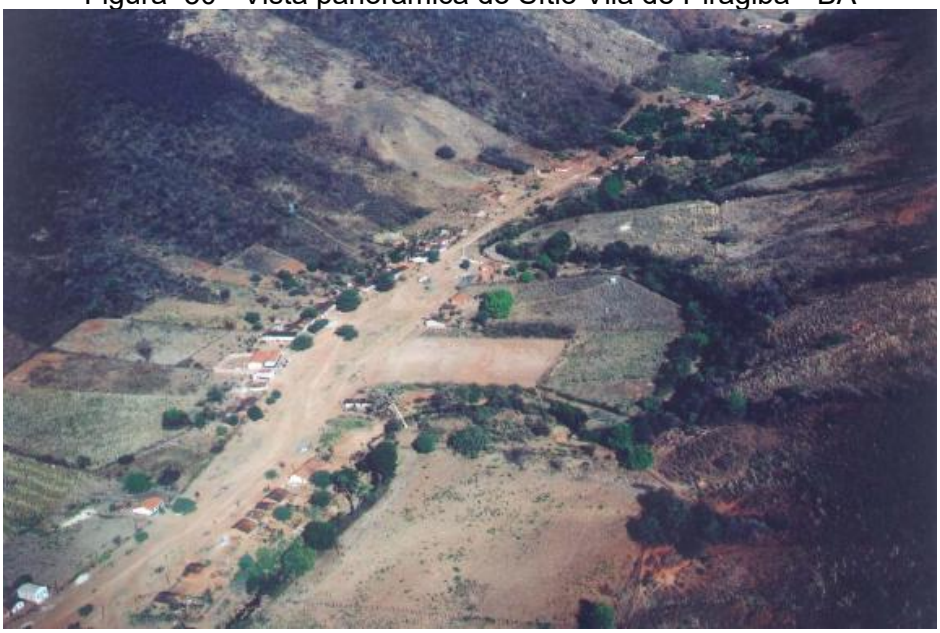
Figura 49 - Mapa com a localização do sítio Praça de Piragiba (Sítio Aratu da Vila de Piragiba) – BA



Fonte: Elaboração de mapa produzida pela graduanda em arqueologia Gabriela De Checchi Almeida (UFPE).

Entre os anos de 1996 e 1998 foram realizadas as pesquisas na região, concentrando-se na identificação, registro e escavação das urnas funerárias pertencentes à Tradição Aratu, através do projeto: Piragiba, uma proposta de ação integrada coordenado pelo pesquisador Etchevarne e financiado pelo CADCT/SEPLANTEC. Posteriormente, esse mesmo sítio foi objeto de estudo na tese de Fernandes (2003) que condensou informações da época da escavação com novas análises realizadas por ele (Figura 50).

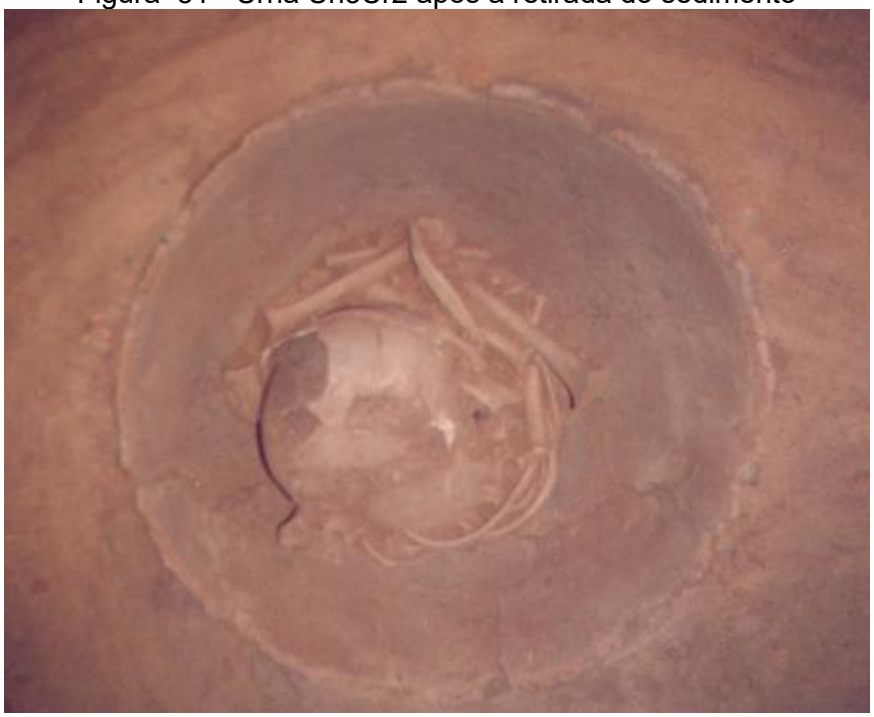
Figura 50 - Vista panorâmica do Sítio Vila de Piragiba - BA



Fonte: Fernandes (2003).

Durante o trabalho de campo, a equipe identificou 120 enterramentos (Figura 51), destes, 64 foram escavados. A publicação referente a esse sítio traz a descrição de 21 indivíduos não-adultos, entretanto, esse número pode ser ainda maior, uma vez que, nem todos os 64 indivíduos escavados possuíam sua descrição funerária com todos os elementos presentes.

Figura 51 - Urna Un3Ur2 após a retirada do sedimento



Fonte: Fernandes (2003).

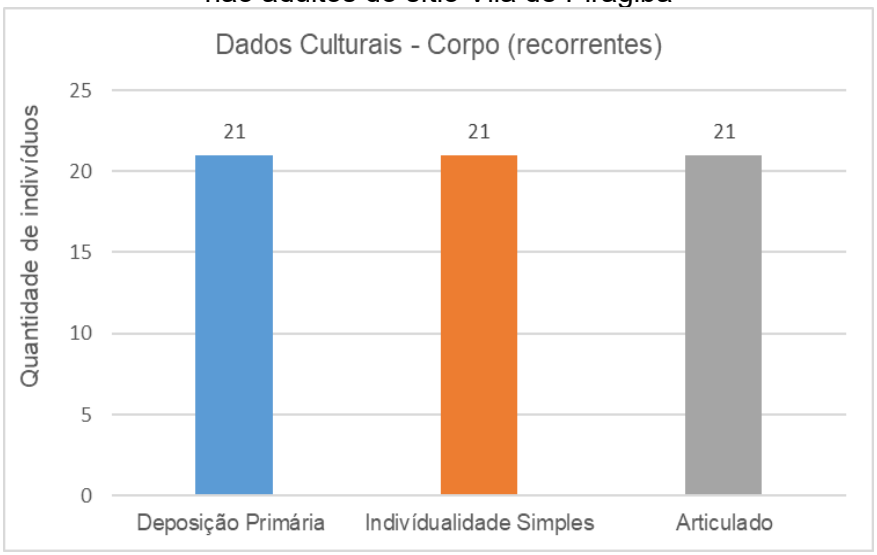
4.5.1.1 Dados culturais

A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico Aratu da Vila de Piragiba, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

4.5.1.1.1 Corpo

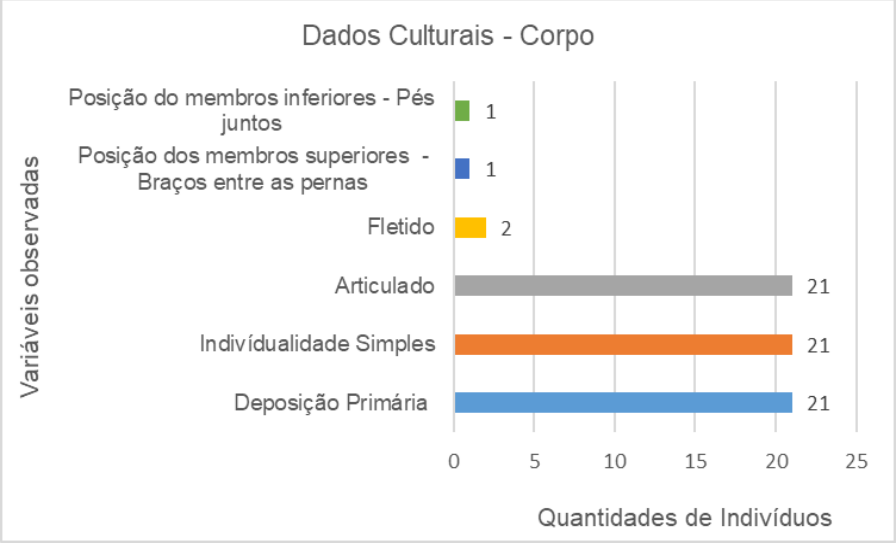
Diante disso, no universo de 21 indivíduos não-adultos escavados e analisados, foi observado que, a maioria apresentava ser de deposição primária (100%), individualidade simples (100%) e articulados (Gráfico 55). Não foi possível observar a preparação do corpo ou posição, exceto os indivíduos Un3Ur2 (fletido, braços entre as pernas e pés juntos) e Un10Ur5 (fletido) (Gráfico 56).

Gráfico 55 - Dados recorrentes que foram observados na variável "Corpo" dos indivíduos não adultos do sítio Vila de Piragiba



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Gráfico 56 - Dados culturais (Corpo) dos indivíduos não adultos do sítio Vila de Piragiba

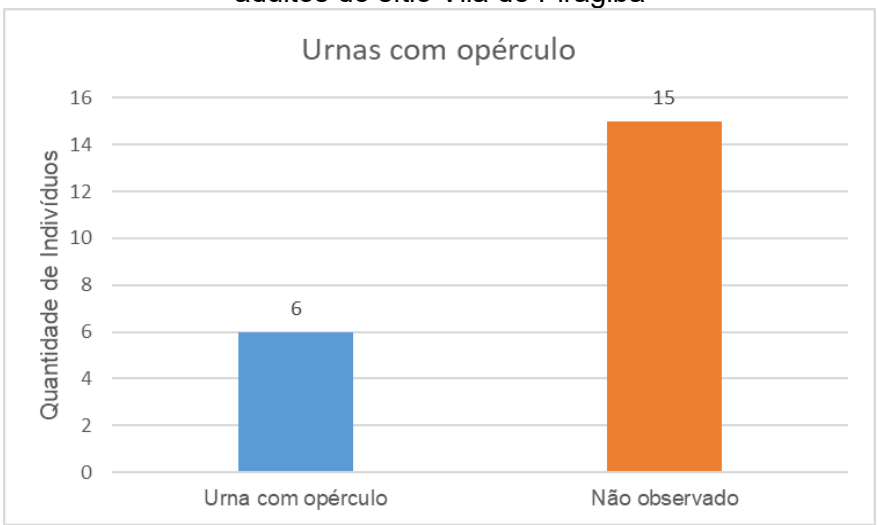


Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.5.1.1.2 Estrutura funerária

Quanto à estrutura funerária, 21 indivíduos estavam depositados em urna funerária da Tradição Aratu, existindo referências para a presença de opérculos em 6 delas (29%) (Gráfico 57).

Gráfico 57 - Urnas com presença de opérculos nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Vila de Piragiba



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Segundo Fernandes (2003), a morfologia das urnas apresenta semelhanças as descrições apresentadas pelo pesquisador Valentin Calderón (1969) para a Fase Aratu, com característica de urnas simples, sem decoração (Figura 52).

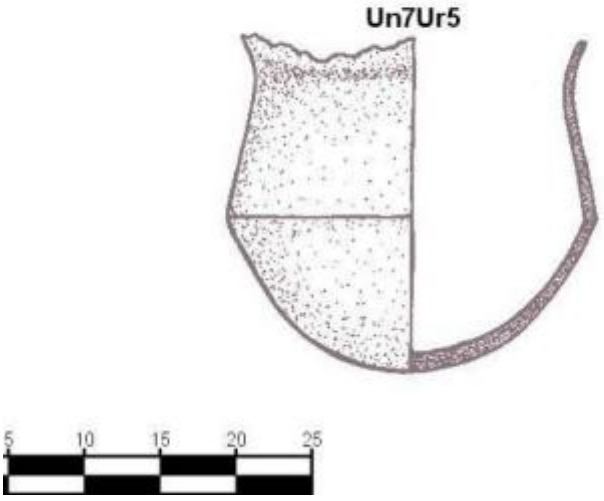
Para Calderón (1969), “A cerâmica funerária encontrada nos cemitérios ou enterratórios dentro do sítio habitação consiste em um único tipo de urna piriforme, com aproximadamente 75cm de altura por 65 de largura máxima no bojo e 45cm de boca […]” (Calderón, 1969, p. 164).

Figura 52 - Formas das urnas de Piragiba

Fonte: Fernandes (2003).

Dentro da amostra analisada foi identificada uma única urna com características de bordas abertas, destoando das demais (Figura 53). Entretanto, apesar desse traço, ela se enquadra dentro da tradição Aratu, como sugere Fernandes (2003) “ainda que para um único caso em Piragiba, tivesse sido notado o concurso de um pequeno vasilhame globular com bordas abertas e uma carena discreta, todos os demais sepultamentos em urna fizeram o emprego da forma tradicional, periforme” (Fernandes, 2003, p. 264).

Figura 53 - Urna Un7Ur5 blobular com bordas abertas



Fonte: Fernandes (2003).

Quantos as dimensões dos vasilhames identificados, foi visto uma variação entre 38cm a 23cm de diâmetro e de 50cm a 23cm de altura. Entre as possíveis reconstituições de vasilhames, a unidade Uni13Ur2 foi ilustrada representada como a menor urna analisada com 25cm de altura, 33cm de diâmetro máximo e 21cm de abertura (Figura 54). z

Figura 54 - Urna UN13Ur2 com menor dimensão do Sítio Praça de Piragiba

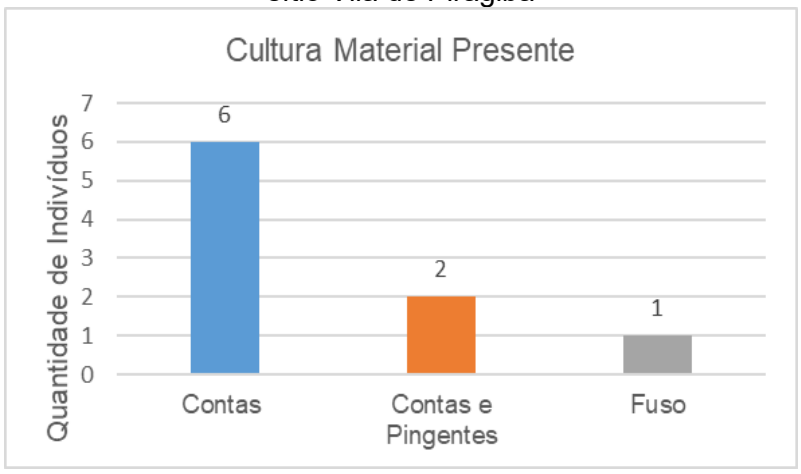
Fonte: Fernandes (2003).

Devido à falta de recursos humanos e de novas permanências em campo, houve uma análise amostral restrita sobre a restauração das urnas, ainda assim, é suficiente para evidenciar a variada gradação nas dimensões, ressalta Fernandes (2003).

4.5.1.1.3 Cultura material presente

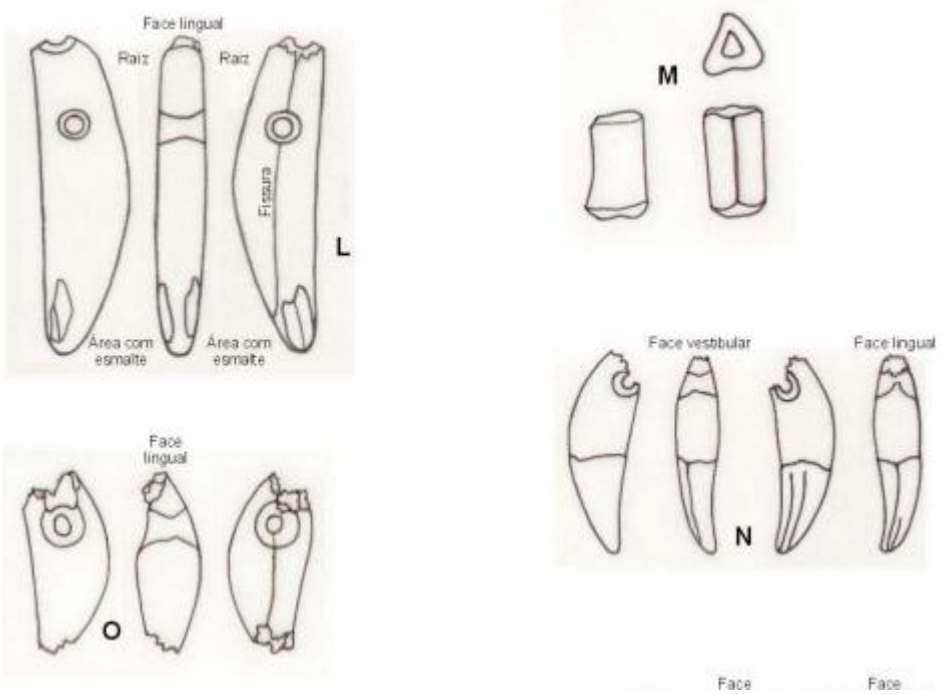
A cultura material presente está representada por contas (possivelmente de colar) assim como sugeriu Fernandes (2003, p. 145), “contas cilíndricas fabricadas com as diáfises dos ossos longos de uma ave ou mamífero de porte pequeno que, supomos, comporiam um colar. Este acompanhamento foi encontrado nas inumações infantis”. Vestígios como fuso (rocha) e pingentes (ossos de animais) (Figura 55) também estavam presentes no contexto (Gráfico 58).

Gráfico 58 - Cultura material presente nos sepultamentos dos indivíduos não adultos do sítio Vila de Piragiba



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

Figura 55 - Vestígios identificados na Un13Ur5. L. Pingente com dois orifícios, em dente canino de felídeo; M. Conta em diáfise de osso animal; N. Pingente em dente canino não identificado; O. Pingente (fragmentado) em dente canino de felídeo.

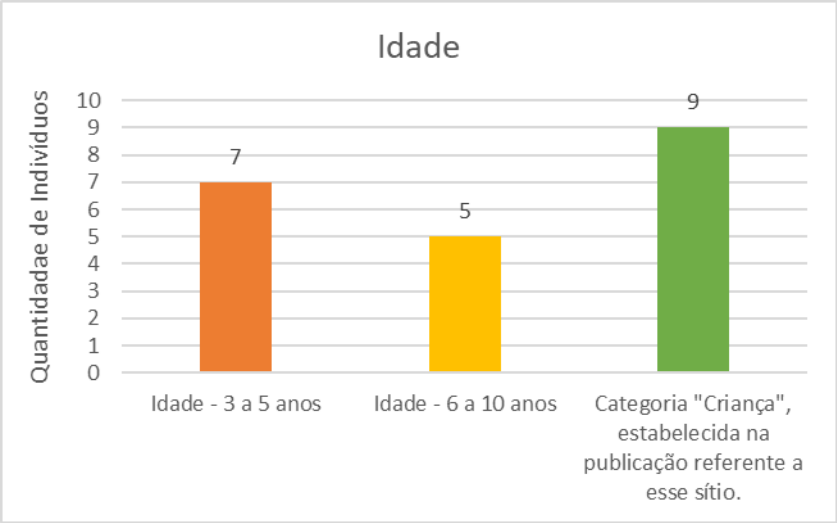


Fonte: Fernandes (2003).

4.5.1.2 Dados biológicos

Em relação aos dados biológicos, foi identificado apenas a idade para alguns indivíduos, existindo ainda uma classificação de forma genérica como “criança”, sem o estabelecimento preciso da idade (Gráfico 59).

Gráfico 59 - Dados biológicos (idade) dos indivíduos não adultos do sítio Vila de Piragiba



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

- Observando a análise de dados tanatológico onde um indivíduo passa por etapas pós mortis, como: rigidez[7], estado gasoso[8], coliquativo[9],

[7] **Rigidez cadavérica** “[...] É o fenômeno cadavérico mais conhecido, tanto por médicos como por leigos. Mas a compreensão dos mecanismos bioquímicos que levam à sua instalação ainda não é completa. A rigidez nada mais é do que uma variante da contração muscular [do organismo vivo], provocada pela escassez de oxigênio nos tecidos. Costuma ser pouco intensa, por vezes imperceptível, em recém-nascidos, crianças pequenas e indivíduos idosos ou depauperados por doença consumptiva. Nas pessoas robustas, bem nutridas, pode atingir grau tão intenso que só pode ser desfeita manualmente, nos membros inferiores, à custa de muito esforço. Quando completa, permite que um corpo seja levantado por força aplicada apenas na cabeça, com apoio dos pés no solo (Gomes, 1997, p. 151-153).

[8] **Gasoso:** “Esta fase se manifesta pela dissolução pútrida do cadáver, cujas partes moles vão pouco a pouco reduzindo-se de volume pela 203 desintegração progressiva dos tecidos. O corpo perde a sua forma, o esqueleto fica recoberto por uma massa de putrilagem, os gases se evolam e surge um grande número de larvas de insetos” (França, 1998, p. 311).

[9] “No período coliquativo da putrefação ocorre a dissolução pútrida das partes moles do cadáver, pela ação conjunta das bactérias e da fauna necrófaga. Os gases se evolam, o odor é fétido e o corpo perde gradativamente a sua forma” (Croce; Croce Júnior, 1995, p. 74).

esqueletização[10], algumas observações podem ser feitas para recuperar o gesto no momento do ritual funerário.

Temporizar cada processo é complexo e requer a observação de uma série de fatores como causa da morte e condição do indivíduo antes da morte, como pontuado por Gomes (1997). Os indivíduos não-adultos, principalmente recém nascidos e anterior a fase da adolescência, respondem de forma mais lenta à fase de rigidez cadavérica, por exemplo. Mesmo assim, a fabricação das urnas cerâmicas parece ser em um intervalo anterior a sua morte, uma vez que para a sua confecção (construção, secagem e queima) precisaria de no mínimo 8 dias de acordo com Fernandes (2003). Esse período em ambientes favoráveis, sem está na estação chuvosa, requereria um tempo maior para sua secagem. Diante do exposto é coerente a afirmação de Fernandes (2003) que as urnas eram confeccionadas antes do indivíduo morrer:

> Um cadáver totalmente enegrecido, inflado, com aspecto gigantesco, de órbitas vazias, com a mucosa anal sendo expelida, exalando intensamente gases pútridos e coberto de inquietas larvas de insetos. Mesmo sem estar mais imobilizado pela rigidez cadavérica, é completamente inviável manipular um cadáver nesse estado. Não é uma questão de repulsa, culturalmente condicionada, ao aspecto escatológico, porém, sim, uma questão de impossibilidade física: um corpo inchado e estufado pelos eflúvios do apodrecimento não tem condições de ser fortemente flexionado nas suas articulações para passar pela abertura exígua das urnas funerárias, muito menos de assumir uma posição acocorada dentro do bojo. Portanto, ao fim e ao cabo desta investigação, nos arvoramos em afirmar que a urna preexiste, havendo a necessidade de ser colocado o defunto em seu interior com a maior brevidade possível, antes que se instalem os fenômenos cadavéricos que tornarão impossível está operação. (Fernandes, 2003, p. 207).

[10] **Esqueletização:** “A ação do meio ambiente e da fauna cadavérica destrói os resíduos tissulares, inclusive os ligamentos articulares, expondo os ossos e deixando-os completamente livres de seus próprios ligamentos. Os cabelos e os dentes resistem muito tempo à destruição. Os ossos também resistem anos a fio, porém terminam por perder progressivamente sua estrutura habitual, tornando-se mais leves, frágeis e, alguns, quebradiços. Afinal, para remate, ‘mors omnia solvit’ (a morte dissolve a tudo)” (Corce; Corce Júnior, 1996, p. 348).

4.5.1.3 Perfil funerário

- Presença de deposição funerária primária[11] com individualidade simples, articulados[12] e depositados de forma indireta em urna cerâmica da tradição Aratu em todos os indivíduos não-adultos do sítio (100%);
- Dos 120 sepultamentos identificados no sítio, 64 foram escavados, destes 21 correspondiam a indivíduos não-adultos;
- Apesar das fichas de sepultamentos confeccionadas durante e após as escavações, não foi discriminado a forma como o corpo foi acomodado, (Fernandes, 2003, p. 220) discorre acerca desses dados de forma sumária:

> A posição do sepultado, condizente com as observações, é a de cócoras ou mui próxima dela, o crânio entre os membros pélvicos explica-se pela sua queda, provocada pela inevitável decomposição dos tecidos moles. Particularmente temos dúvidas quanto à exata recorrência da posição no que se refere aos braços: em alguns casos, foram encontrados os seus ossos entre os fêmures, como se tivessem sido pousados sobre o colo; com relação às mãos, podiam estar com os dedos entrelaçados ou sobrepostos; às pernas, podiam se cruzar ou não; e à posição dos pés, podiam estar à frente ou abaixo das nádegas.

- Em relação a estrutura funerárias, 21 (100%) estavam depositados em urnas. 15 urnas (71%) com opérculo e 6 urnas (29%) sem opérculos. As urnas seguem o mesmo padrão já mencionada por Etchevarne (1992) e Calderon (1969), simples sem decoração, com dimensões de diâmetro (bojo e abertura) variando de 13cm a 38cm para esse sítio. No sítio a exceção foi de um

[11] Fernandes (2003) pontua a afirmação sobre a prática de enterramentos primários, a partir de achados de ossos sesamóides nos sepultamentos. A identificação destes ossos corrobora em dirimir qualquer questionamento acerca da prática de um sepultamento secundário, através do qual, por exemplo, se faria a colocação da parte recuperável do conjunto de ossos, previamente decomposto por uma inumação anterior, dentro do bojo de uma urna. Seria bem pouco provável que os praticantes deste procedimento conseguissem recuperar da terra da primeira cova, esses miúdos ossos tão pouco numerosos e perceptíveis (Fernandes, 2003, p. 220).
Mesmo quando o colapso da igaçaba provoca o abalo e o desmoronamento da parte superior sobre os ossos e estes são encontrados em parcial estado de desintegração, a forma da acomodação inicial do corpo no seu interior, a 262 percepção da disposição dos restos mortais e a presença de particulares peças ósseas deixa verificar que se tratava de uma inumação na qual o corpo foi sepultado uma única vez. Não cabendo identificar esses sepultamentos como secundários, mas sim, como sepultamentos primários indiretos, pelo emprego das urnas que os protegem do contacto direto com o solo (Fernandes, 2003, p. 262).

[12] Segundo Fernandes (2003, p.220), “a natural seqüência articulatória dos membros tem se mantido, ou seja, as epífises proximais das tíbias adjacentes às epífises distais dos fêmures - as epífises proximais dos rádios e das ulnas adjacentes às epífises distais dos úmeros - tíbias ao lado de fíbulas e rádios ao lado de ulnas”.

pequeno e único vasilhame globular de com bordas abertas e uma carena discreta (Un7Ur5).

- A análise da cultura material presente no contexto funerário foi cuidadosa em analisar principalmente o que realmente poderia fazer parte daquele contexto ou ter sido introduzido em momento posterior quando o opérculo se fragmenta e adentra o vasilhame com o sedimento. Isso levaria com ele possíveis vestígios que pudessem estar ali. Contudo, foi observado que grande parte das urnas continham contas (possivelmente de colar) (6), contas e pingentes (2) e fuso em rocha (1), as contas e pingentes foram confeccionados a partir de ossos e dentes de animais. Todas as contas identificadas estavam presentem apenas as urnas com enterramentos não-adultos;
- A faixa etária variava de 1 a 5 anos (7 indivíduos - 33%), 6 a 10 anos (5 indivíduos - 24%) e a categoria de criança (9 indivíduos - 43%). Durante a definição da faixa etária “Criança” as dimensões da urna funerária foram usadas como parâmetros, uma vez que, as urnas menores eram destinadas a esses indivíduos, como colocado por Fernandes (2003, p. 43) “As urnas são sempre e invariavelmente piriformes tanto as grandes, destinadas aos adultos, como as pequenas, provavelmente dedicadas às crianças”. Outro ponto a ser ressaltado é que no sítio a deposição é primária para todos os indivíduos, então descartava-se a possibilidade de um adulto ter seus ossos depositados em uma urna pequena durante o processo de um enterramento secundário;
- Sexo biológico não identificado devido a fragmentação do material ósseo;

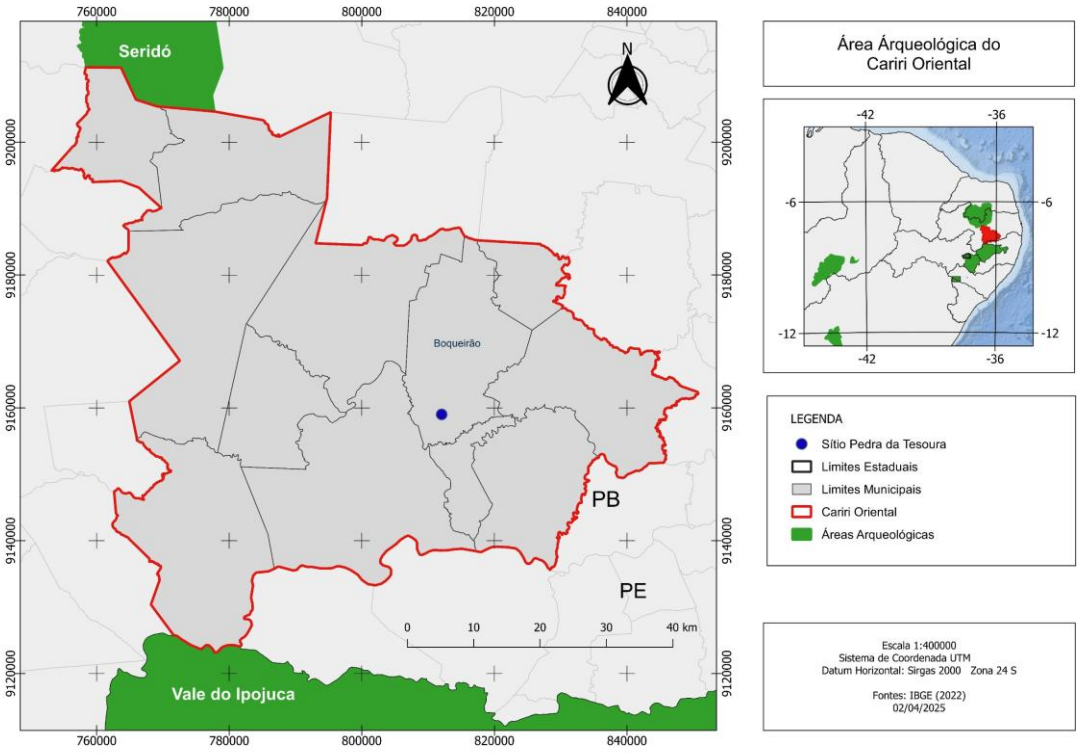
4.6 REGIÃO DA PARAÍBA

A seguir, serão abordados os elementos culturais relacionados à infância identificados no Sítio Pedra da Tesoura, incluindo o corpo, a estrutura funerária, os vestígios de cultura material, além dos dados biológicos, como sexo e idade estimados.

4.6.1 Sítio Pedra da Tesoura

O sítio Pedra da Tesoura está localizado no Distrito de Marinho, município de Boqueirão, na região do Cariri Paraibano, assentado no Planalto da Borborema, sob as coordenadas UTM 24M L0812050N9159016 (Figura 54). O local é caracterizado por um abrigo sob-rocha medindo 4,40m de abertura (oeste) e 7m de profundidade, com uma área de salão de 30,80m² e altura variando entre 1,20m a 1,70m (Moraes, 2021, p. 119). O sítio foi encontrado eventualmente por moradores locais, mas somente nos anos de 2016 e 2017 foi escavado pelo arqueólogo Flávio Morais em parceria com o arqueólogo e presidente do Instituto Memorial da Borborema, Plínio Araújo Victor (Figura 56 e 57).

Figura 55 - Mapa de localização do município de Boqueirão na Paraíba



Fonte: Elaboração de mapa produzida pela graduanda em arqueologia Gabriela De Checchi Almeida (UFPE).

Figura 56 - Vista da Sítio Boqueirão na Paraíba

Fonte: Moraes (2021).

4.6.1.1 Dados culturais

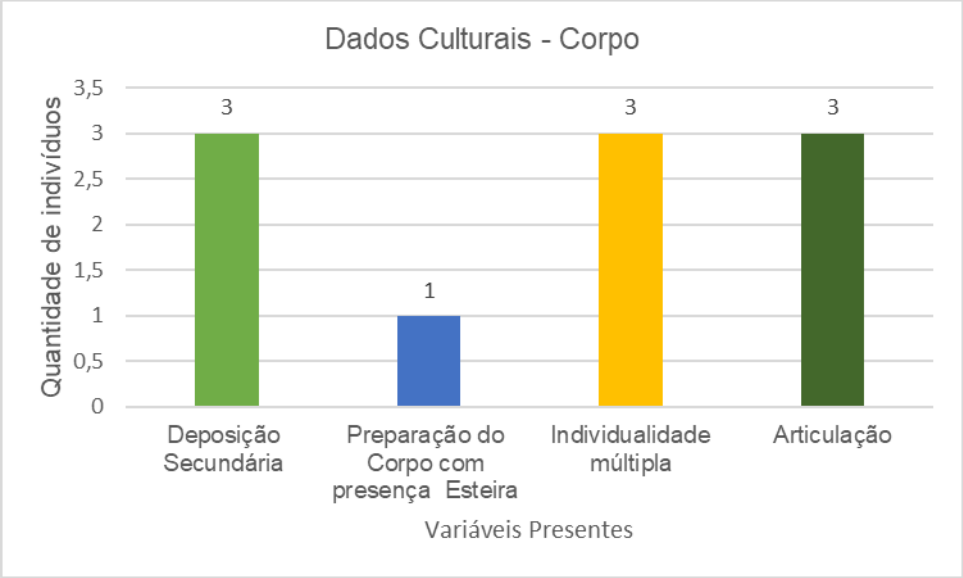
A seguir, será abordada a presença de elementos culturais relacionados à infância identificados no sítio arqueológico Pedra da Tesoura, incluindo o corpo, a estrutura funerária e os vestígios de cultura material presentes.

4.6.1.1.1 Corpo

Durante o trabalho de campo a equipe identificou 4 sepultamentos[13] não adultos, destes, três (Estrutura 1, 2 e 3) apresentando ser de deposição secundária, múltipla, com presença de cremação em indivíduos não-adultos e adultos ambos presentes em todas as estruturas. O quarto sepultamento, também uma deposição secundária, porém de uso individual por um indivíduo adulto, forneceu uma datação de 1.470 ± 30 anos A.P. (Beta – 543287), método aplicado diretamente no material ósseo que apresentava pigmentação em vermelho (Gráfico 60).

[13] Termo utilizado por Flavio, responsável pela pesquisa.

Gráfico 60 - Dados culturais (corpo) dos indivíduos não adultos do sítio Pedra da Tesoura



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

4.6.1.1.2 Estrutura funerária

Em relação à estrutura em que os indivíduos não-adultos foram depositados, existiu a presença de 3 configurações, a primeira (Estrutura 1) caracterizada por uma cova com presença de cesto de fibra vegetal manipulada, que manteve sua conservação, possivelmente pela presença intencional de um bloco de rocha sobre essa parte, pontua Moraes (2021), (Figuras 58 e 59).

Figura 57 - Demonstrativo da presença do bloco (à esquerda) que estava sobre o trançado de fibra vegetal (à direita).

Fonte: Moraes (2021).

Figura 58 - Detalhe da sepultura após a retirada do bloco (à esquerda) próximo a uma concentração de osso cremados (à direita)

Fonte: Moraes (2021).

A segunda estrutura apresentou uma cavidade na rocha com dimensões aproximadas de 50cm por 30cm sem a presença de material de fibra vegetal como

na anterior. Segundo Moraes (2021), a presença de restos de fuligem na estrutura funerária supõe que o material ósseo foi depositando logo após a queima ou em um tempo muito curto, descartando que o mesmo tenha sido queimado no local pois, o teto que fica a 50cm de altura, não continha presença de combustão (Figura 60).

Figura 59 - Local da segunda estrutura feita na cavidade na rocha

Fonte: Moraes (2021).

A terceira estrutura também com características de uma cova em suporte rochoso e dimensões média de 40cm por 23cm, possui blocos nas laterais como se quisessem delimitar e aproveitar o próprio espaço para realizar a queima dos ossos. Essa observação foi colocada pelo autor devido a quantidade de fuligem no local.

4.6.1.1.3 Cultura material presente

Em relação ao acompanhamento funerário, foi identificado material de fibra vegetal manipulado e contas de colar no contexto do sítio, entretanto, as publicações não especificam em qual sepultura foi identificado e nem a quantidade desse material.

4.6.1.2 Dados biológicos

No que concerne os dados biológicos, segundo Moraes (2021) a análise do material ósseo para a determinação de sexo e idade à morte dos indivíduos, seguiu os critérios bioarqueológicos de alguns pesquisadores (Buikstra; Ubelaker, 1994; Bass, 1995; Bruzek, 2002; White; Folkens, 2005). Entretanto, devido a

fragmentação proveniente da preparação do corpo (cremação), proximidade com a superfície do local e ossos em superfície, apenas alguns ossos de indivíduos adultos foram compatíveis com as análises, havendo um indicativo de sexo masculino para dois deles.

4.6.1.3 Perfil funerário

- Dos sepultamentos identificados no sítio por meio de análise laboratorial, 4 indivíduos (33%) correspondem aos não-adultos e 8 indivíduos (67%) a adultos;
- Presença de deposição funerária secundária com individualidade múltipla em todos os indivíduos não-adultos do sítio (100%);
- Preparação do corpo com presença de cremação, que segundo Moraes (2021), a cremação pode ter ocorrido próximo ao local do sítio, ou até mesmo, dentro do abrigo, como é o caso das estruturas 1 e 2 devido a presença de fuligem e quantidade de material ósseo com dimensões reduzidas (falanges de indivíduos não-adultos) fáceis de se perderem caso tivessem sido transportados por grandes distâncias. Sobre a estrutura 1, Moraes (2021) ressalta:

> A presença de peças ósseas pequenas, como das mãos e dos pés, e corpos de vértebras infantis pode ser explicada pela utilização para acomodação dos ossos nesse possível cesto, e assim não tê-los perdido durante o transporte. Outra possibilidade é que o espaço do abrigo foi utilizado para o ritual primário e secundário, e o fato de não se ter percorrido grandes distâncias transportando os restos mortais contribuiu para a presença dessas peças ósseas pequenas no contexto de cremação ora identificado (Moraes, 2021, p. 160).

- Na estrutura 3, o pesquisador supõe que a cremação tenha ocorrido ali mesmo no local da cova devido a grande quantidade de fuligem e cinzas.
- Presença de fibra vegetal manipulada em pelo menos uma estrutura funerária, possivelmente trata-se de uma esteira;
- Presença de cultura material (fibra vegetal manipulada e contas) no contexto funerário;
- A datação do sítio está em torno de 1.470 ± 30 anos A.P. (Beta – 543287), no entanto, o material ósseo datado equivale a um indivíduo adulto que estava em uma sepultura separada dos indivíduos não-adulto. Essa datação pode estar ou não atrelada a contemporaneidade desses indivíduos. O

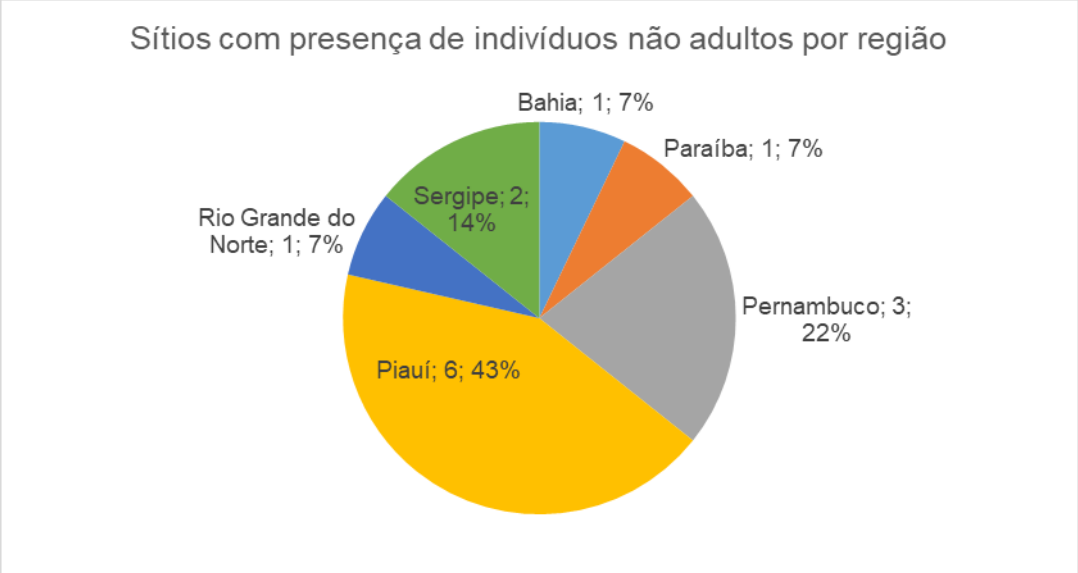
estabelecimento de uma cronologia específica para ambos os indivíduos com o estabelecimento de como se deu o uso do espaço em um sítio com esse tipo de ritual, secundário e com cremação, é complexa, podendo muitas vezes ser inacessível no registro arqueológico;

- Sexo biológico não identificado devido a fragmentação do material ósseo;

5 CARACTERIZAÇÃO DOS PERFIS FUNERÁRIOS DOS INDIVÍDUOS NÃO ADULTOS DO NORDESTE DO BRASIL

Os dados apresentados na seção 4 permitiram a construção e observação dos perfis funerários de 14 sítios da região Nordeste, com presença de indivíduos não adultos (Gráfico 61).

Gráfico 61 - Quantidade de sítios com presença de indivíduos não adultos na região Nordeste

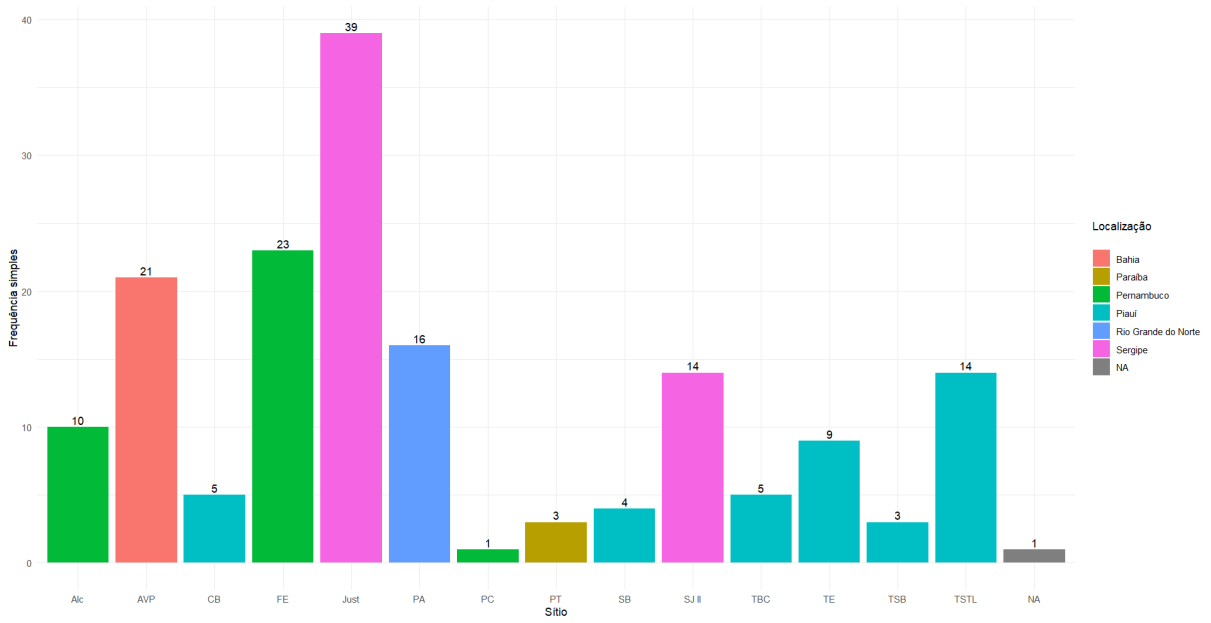


Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

A construção do perfil funerário de cada sítio foi essencial para a compreensão do todo, ou seja, da elaboração do perfil funerário da região nordeste que será tratado nessa seção.

Antes de tudo é interessante ressaltar que a seleção cuidadosa de sítios com publicações alinhadas à metodologia adotada foi importante para garantir a padronização na análise dos dados. Este critério se faz necessário para a construção de um perfil funerário consistente, especialmente quando se considera o recorte espacial da região Nordeste, que abrange uma diversidade cultural e temporal significativa, diante disso, apenas alguns sítios foram contemplados (Gráfico 62).

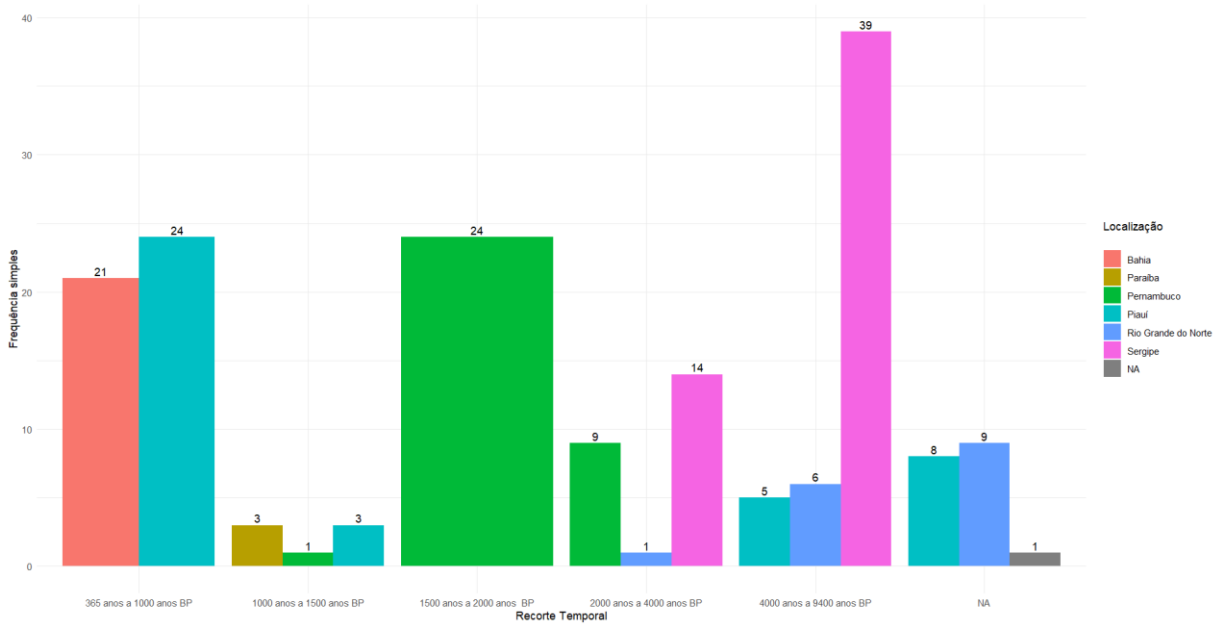
Gráfico 62 - Representação da quantidade de sítios e indivíduos não adultos por estado



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.
Legenda: Alcobaça – Alc; Aratu da Vila de Piragiba – AVP; Cana Brava – CB; Furna do Estrago – FE; Justino – Just; Pedra do Alexandre – PA; Pedra do Cachorro – PC; Pedra da Tesoura – PT; São Brás - SB; São José II- SJ II; Toca da Baixa dos Caboclos – TBC; Toca do Enoque – TE; Toca do Serrote da Bastiana – TSB; Toca do Serrote do Tenente Luís – TSTL.

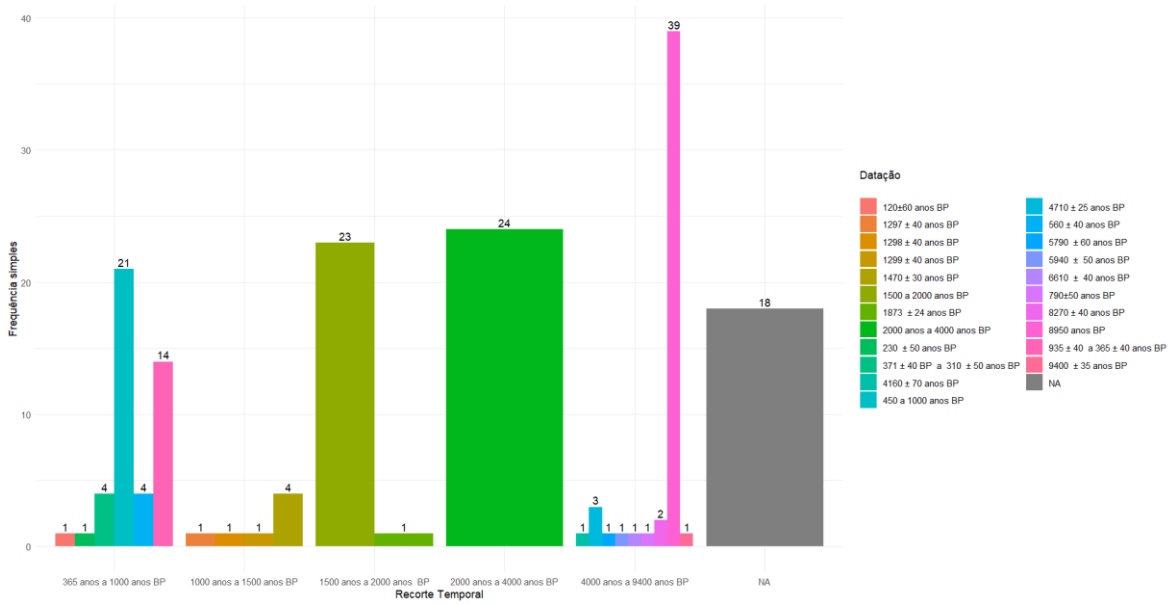
A amostra analisada observou as práticas funerárias de 167 indivíduos não adultos distribuídos em 14 sítios pré-coloniais na região Nordeste (Gráficos 63 e 64). Todos os dados foram concatenados, permitindo uma visão abrangente sobre o contexto de morte em indivíduos não adultos para essa região entre 9.400 e 365 anos BP.

Gráfico 63 - Distribuição dos indivíduos analisados dentro dos recortes cronológicos



Fonte: a autora Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 64 - Quantidade de indivíduos com as respectivas datações



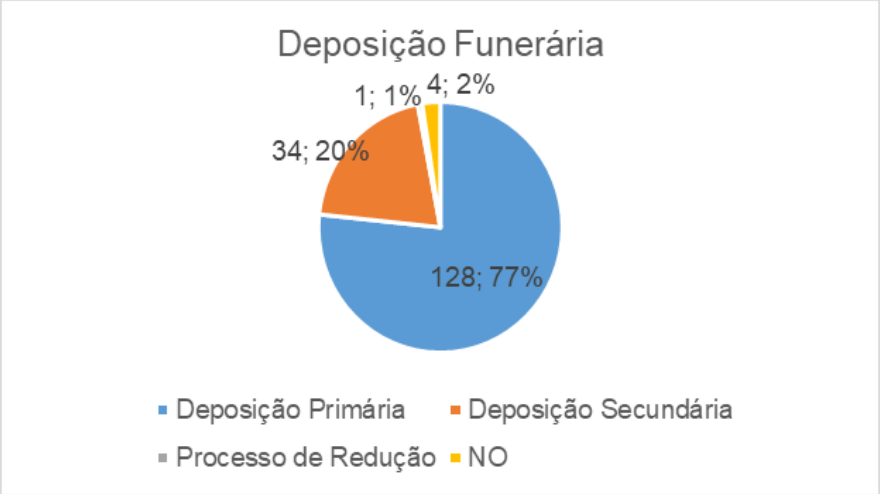
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

5.1 DADOS CULTURAIS

5.1.1 Corpo

Os dados analisados apontam que no total de 167 indivíduos analisados, 77% (128 indivíduos) estavam em deposição primária, 20% (34 indivíduos) em deposição secundária e apenas 2% (4 indivíduos) não foi passível de observação e um único indivíduo em redução 1% (1 indivíduo) (Gráfico 65).

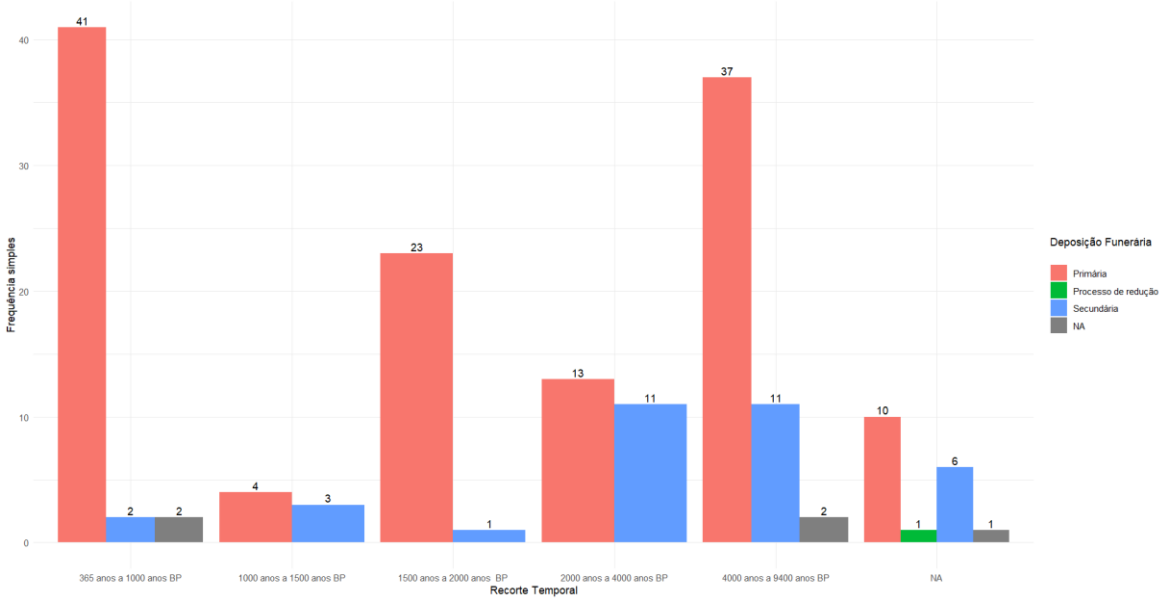
Gráfico 65 - Percentual da deposição funerária identificada



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Quando essa variável é analisada dentro dos recortes temporais propostos, é possível observar que, apesar da variabilidade nos modos de sepultamento entre diferentes culturas, as deposições primárias permanecem presentes em todos os períodos analisados (Gráfico 66).

Gráfico 66 - Tipos de deposição funerária identificados em cada recorte cronológico

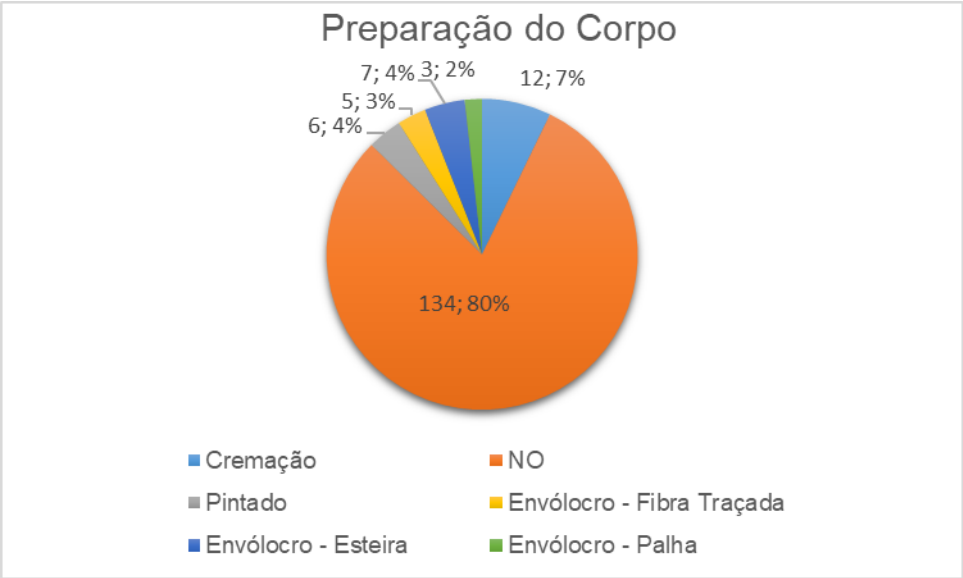


Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

A recorrência da deposição primária pode estar atrelada a diferentes fatores, como por exemplo, o enterramento do corpo no solo na tentativa de protegê-lo de animais, evitar a contaminação ou em um gesto ritualístico.

No que se refere à preparação do corpo durante o ritual funerário, observa-se que em 80% dos indivíduos não houve evidências dessa prática. O ritual de cremar os ossos segue com 7% (12 indivíduos), presença de esteira com 4% (7 indivíduos) e pintado com 4% (6 indivíduos) (Gráfico 67).

Gráfico 67 - Percentual dos tipos de preparação do corpo identificados.

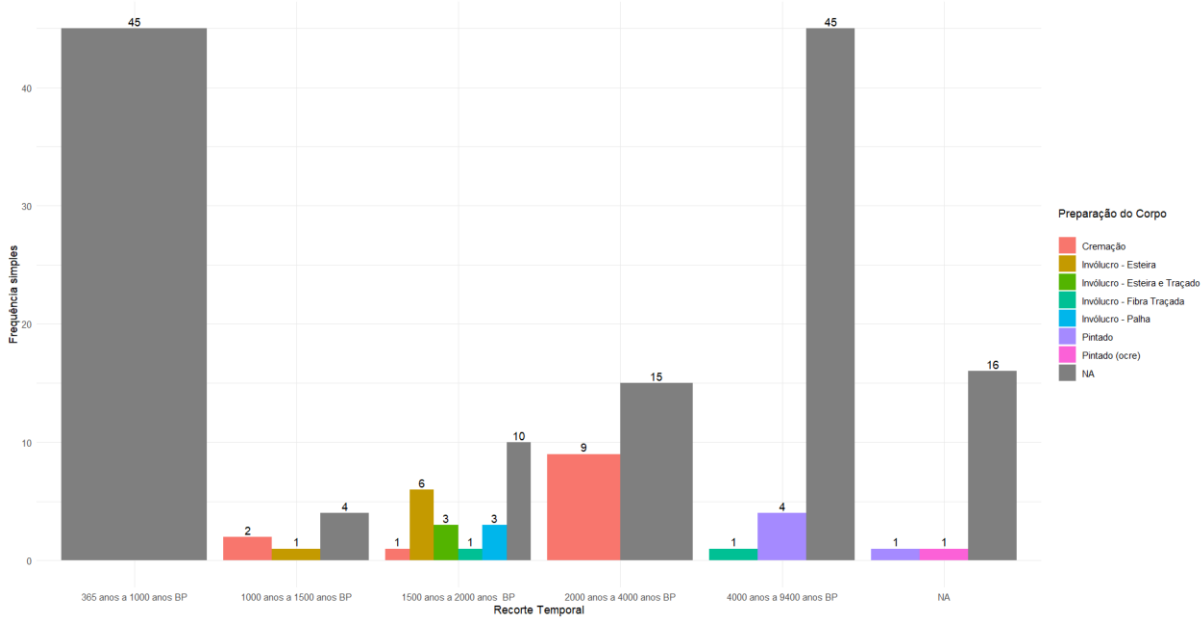


Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

O alto índice sobre a falta dessa variável nos vestígios pode ser atribuído à ausência dessa prática no grupo, à falta de conservação dos vestígios que poderiam indicar o procedimento, ou ainda à falta de informações no momento da análise primária do material, tanto em campo quanto nas publicações subsequentes.

Nos intervalos temporais entre 1000 e 4000 anos BP, a forma de preparação do corpo apresentam-se de forma mais nítida. Já no recorte entre 4000 e 9.400 anos BP, foi identificada, de maneira pontual, a prática de pintura óssea, evidenciando ser um ritual bastante antigo dentro da análise. Sua ausência nos demais períodos podem estar relacionada a fatores antrópicos (culturais) ou naturais que impediram sua preservação ou identificação (Gráfico 68).

Gráfico 68 - Tipos de preparação do corpo identificados em cada recorte cronológico

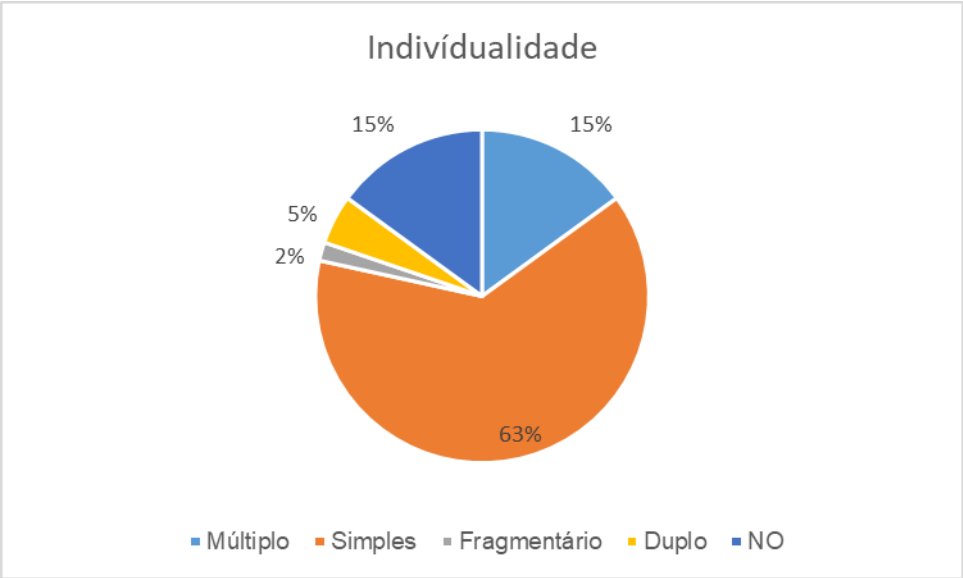


Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Embora o número seja pouco expressivo em relação à presença de vestígios que indiquem a preparação do corpo, não se pode ignorar o fato de que havia uma preocupação em incluir esses indivíduos nas práticas funerárias com a presença de esteiras, fibra traçada ou até mesmo a pintura, dentro de determinados grupos, reforçando o que Lillehammer (1989) ressaltava sobre a importância das crianças nesses contextos, capazes de ocupar espaços simbólicos nas práticas rituais de suas comunidades. Assim, mesmo nos contextos funerários, sua presença e o cuidado evidenciado em determinados sepultamentos indicam que sua morte não era apenas reconhecida, mas também ritualizada, refletindo um cuidado e sua importância social que possuíam em vida.

Em relação a individualidade desses indivíduos, foi observado que 63% (106 indivíduos) foram depositados de forma individual (simples), seguidos de 15% para múltiplo, 15 % para não observado e uma porcentagem mínima para as outras variáveis. O ato de enterrar de forma individual está presente de forma mais constante tanto em crianças como adultos (Gráfico 69).

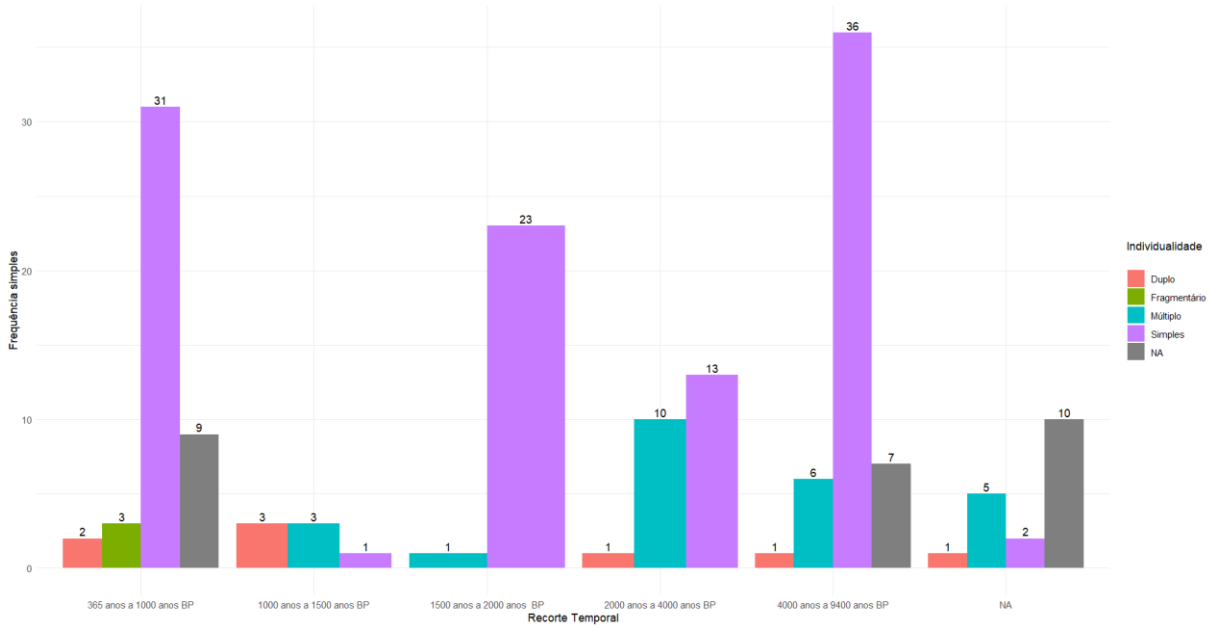
Gráfico 69 - Percentual dos tipos de individualidade identificado



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Dinate disso, a forma individual (simples) é observada em todos os recortes cronológicos, já a deposição de forma múltipla tem um declinio ao longo do tempo, não sendo mais visível no recorte mais recente (365 anos a 1000 anos BP) (Gráfico 70).

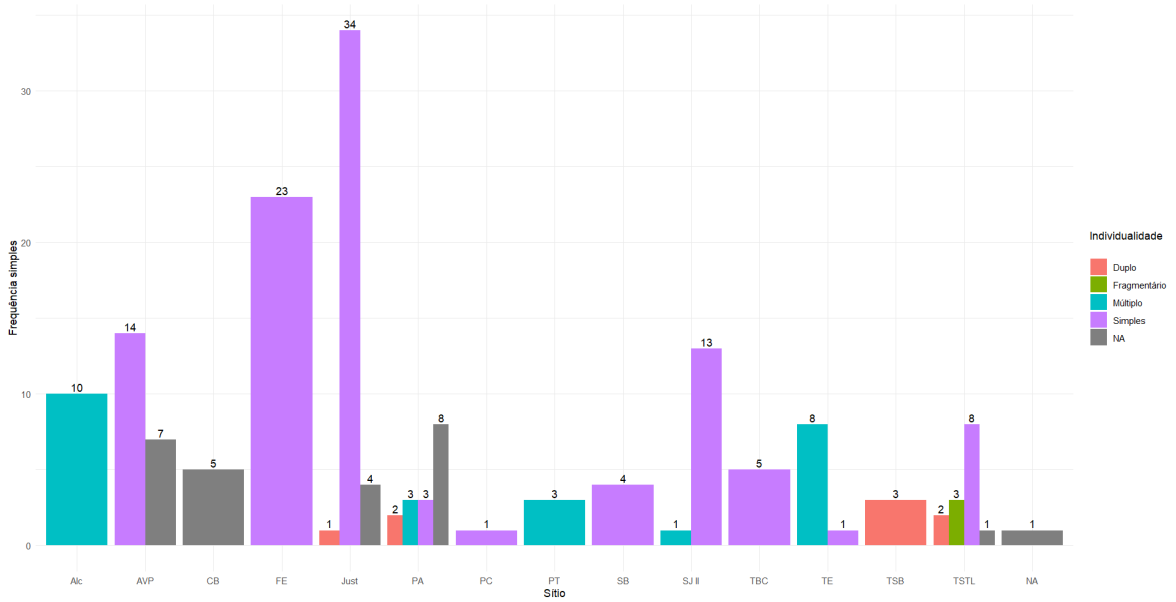
Gráfico 70 - Tipos de individualidade identificados em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Esses enterramentos múltiplos estiveram presentes principalmente nos sítios da Toca do Enoque, Alcobaça (PE), Pedra da Tesoura (PB), São José II (SE) e Pedra do Alexandre (RN), não sendo uma prática isolada em um determinada grupo ou região, percebe-se que a distribuição dos sítios se dá por toda região Nordeste entre 1470 anos a 9.400 anos BP (Gráfico 71).

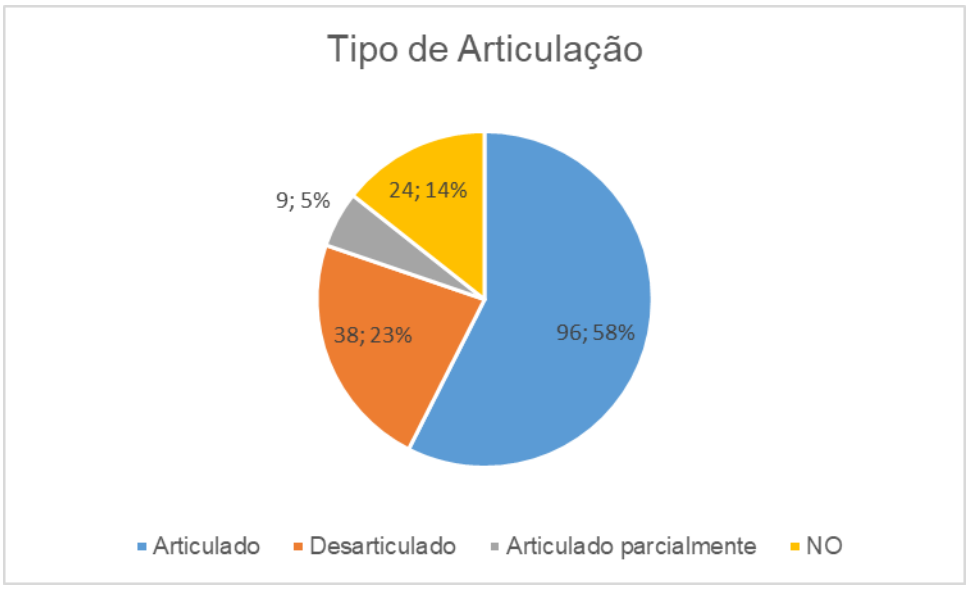
Gráfico 71 - Tipos de individualidade identificados em cada sítio.



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Quanto a articulação, foi observado que mais da metade da amostra analisada (58%) estavam articulados, 23% desarticulados, seguidos por não observados 14% e parcialmente articulados 5% (Gráfico 72).

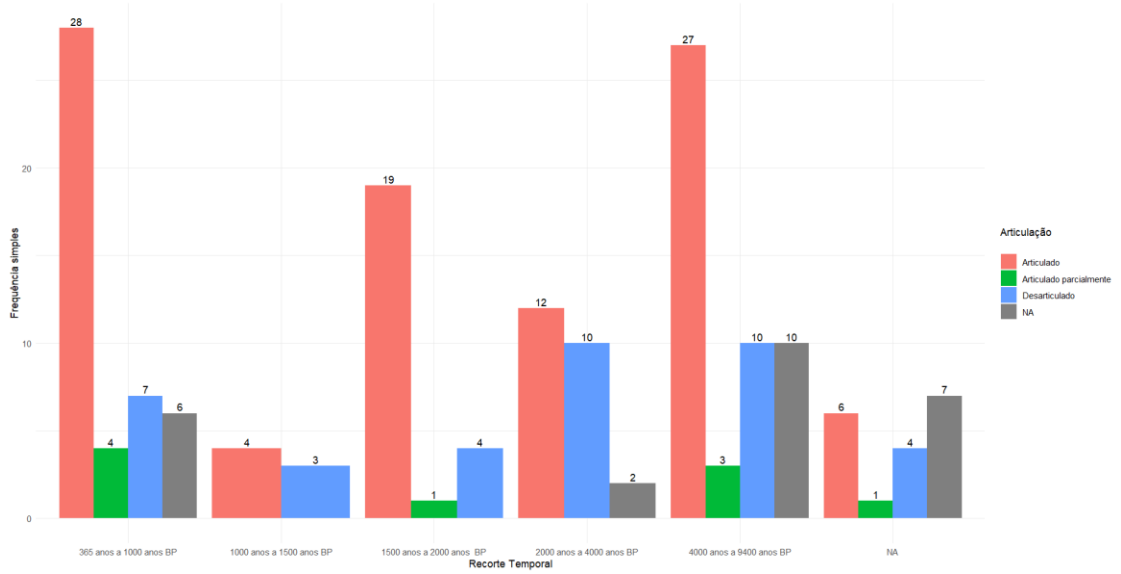
Gráfico 72 - Percentual do tipo de articulação identificado



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

O processo de articulação óssea mostrou-se mais recorrente, estando associado ao tipo de deposição (primária) observada no indivíduo. Essa relação justifica o alto percentual de deposição primária identificado na análise (77%, conforme o Gráfico 72). Essa variável evidencia que os ossos articulados estiveram presentes desde um período mais remoto até momentos mais recentes, indicando uma relativa integridade anatômica ao longo do tempo, assim como, uma continuidade dessa prática durante os rituais (Gráfico 73).

Gráfico 73 - Tipos de articulação identificados por recortes cronológicos



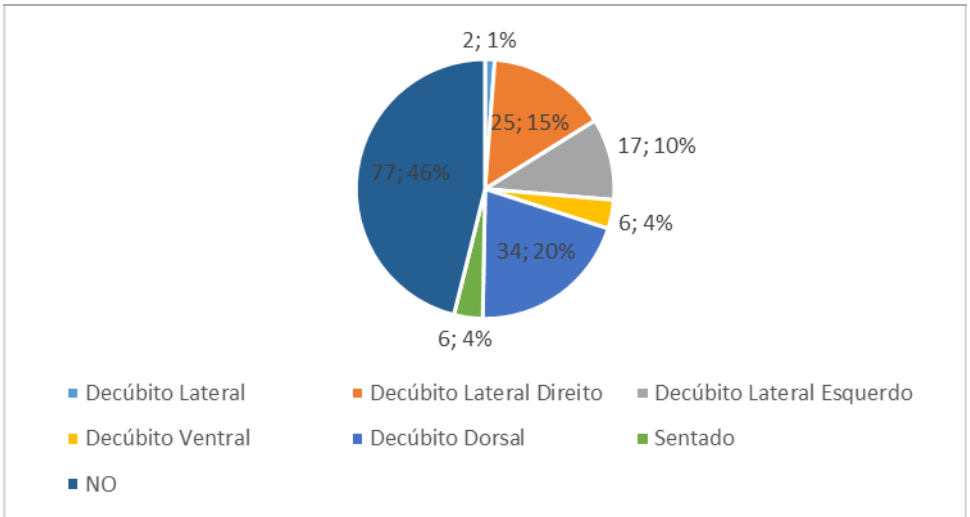
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Nos casos de enterramentos desarticulados, é preciso ressaltar algumas considerações sobre sua natureza: se resultou de ações intencionais ou de processos naturais decorrentes de fatores tafonômicos específicos do sítio. Para compreender melhor esse contexto, seria essencial dispor de um registro de campo detalhado e acessível na documentação analisada (fontes utilizadas nesta pesquisa). Contudo, diante da limitação desses registros, optou-se por classificar os sepultamentos desarticulados como de origem antrópica seguindo o que de fato estava em suas publicações, mesmo sem ter um detalhamento daquele contexto tafonômico específico.

A acomodação corporal, expressada sobretudo pela disposição e flexão do cadáver, reflete mais um traço da ritualização envolvida tanto por parte de quem realizou quanto de quem recebeu o gesto funerário. Apesar de um percentual significativo (46%) de casos em que não foi possível identificar com clareza a disposição do corpo, observa-se uma tendência aos sepultamentos em decúbito lateral, seja à esquerda ou à direita (conforme indicado no Gráfico 73). Destaca-se também a ocorrência de indivíduos posicionados em decúbito ventral e na posição sentada, ambos representando 4% da amostra analisada. Esses tipos de acomodação corporal foram identificados em contextos arqueológicos nos estados do Piauí, Pernambuco, Sergipe e Bahia, abrangendo um recorte cronológico que vai

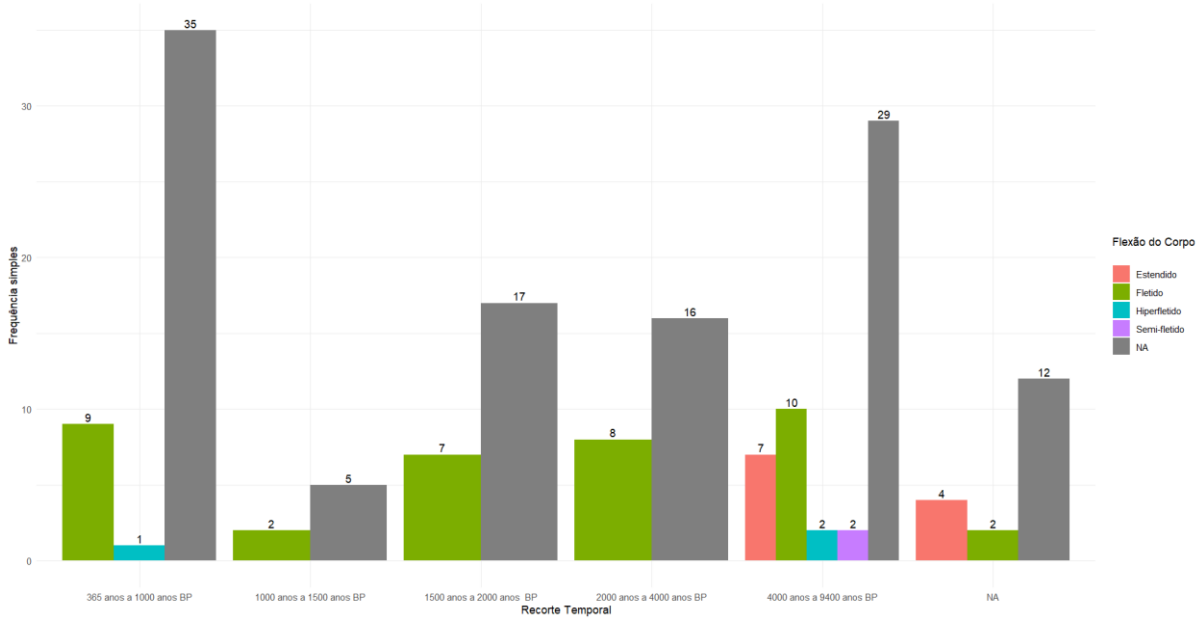
de aproximadamente 9.400 e 365 anos AP. Embora numericamente seja pouco expressivas quando comparado a amostra geral, tais práticas funerárias demonstram uma ampla distribuição espacial e temporal, indicando que, apesar de sua baixa frequência, estiveram presentes em diferentes regiões e períodos distintos (Gráficos 74 e 75).

Gráfico 74 - Percentual dos tipos de disposição



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025).

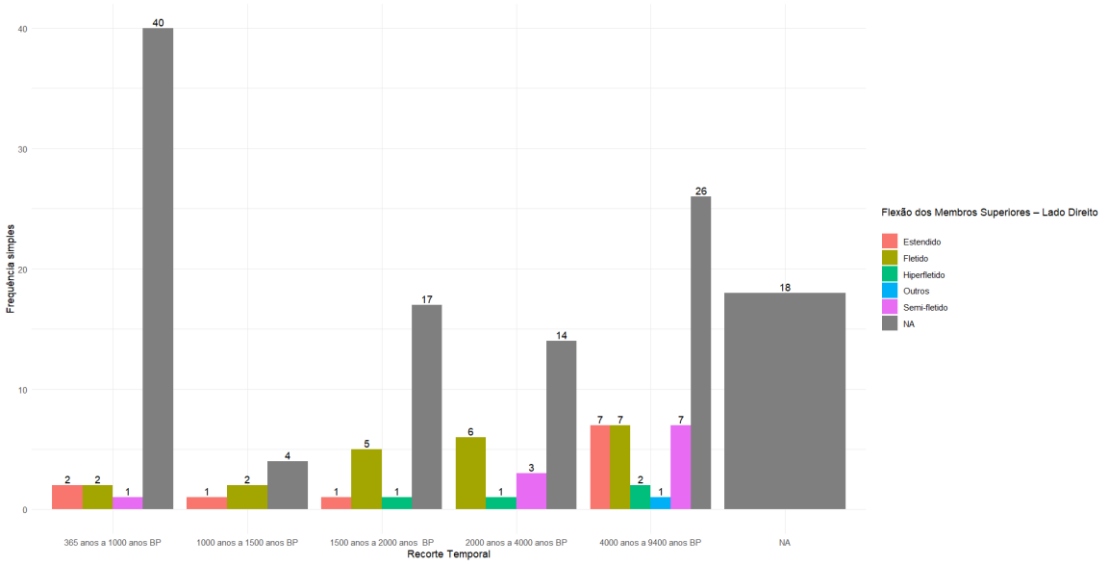
Gráfico 75 - Tipos de flexão do corpo identificados em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

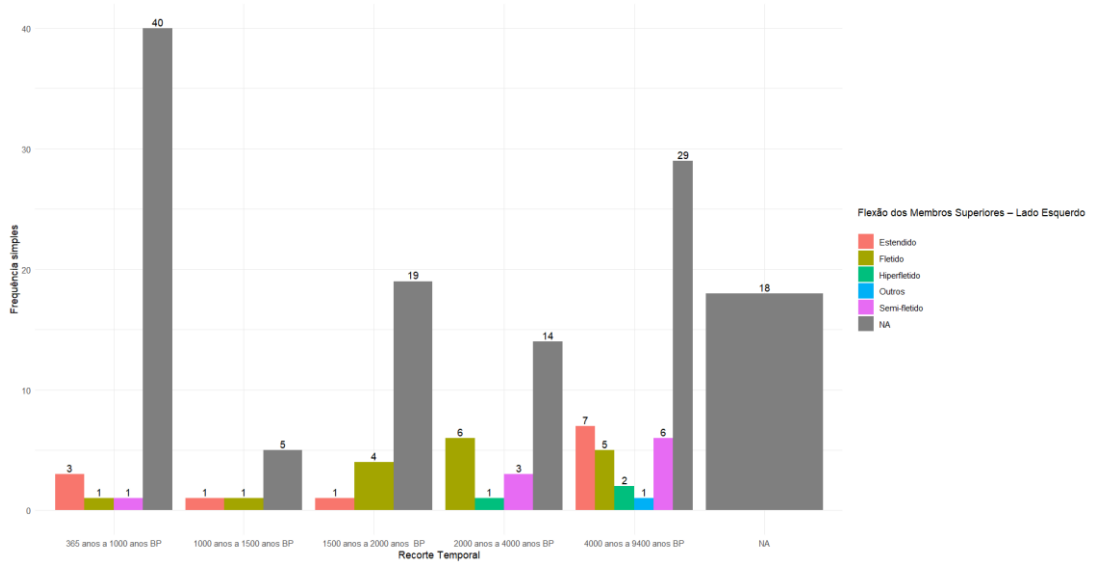
O longo desta pesquisa, procurou-se analisar o maior número de variáveis relacionadas às práticas funerárias observadas nos sítios arqueológicos em questão. No entanto, algumas categorias, como a flexão dos membros superiores e inferiores, mostraram-se pouco representadas nas publicações consultadas, o que limitou sua expressividade analítica. Diante desse cenário, os gráficos serão apresentados de forma contínua, a fim de proporcionar uma visualização mais clara e integrada dos dados disponíveis (Gráficos 76 ao 79).

Gráfico 76 - Tipos de flexão dos membros superiores (lado direito) distribuídos por recorte cronológico



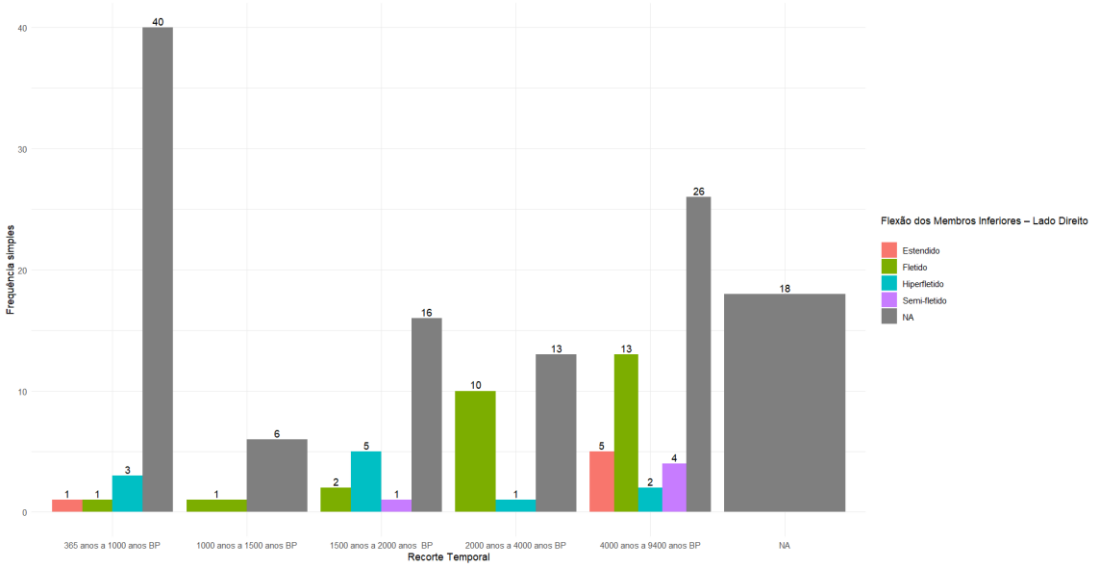
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 77 - Tipos de flexão dos membros superiores (lado esquerdo) distribuídos por recorte cronológico



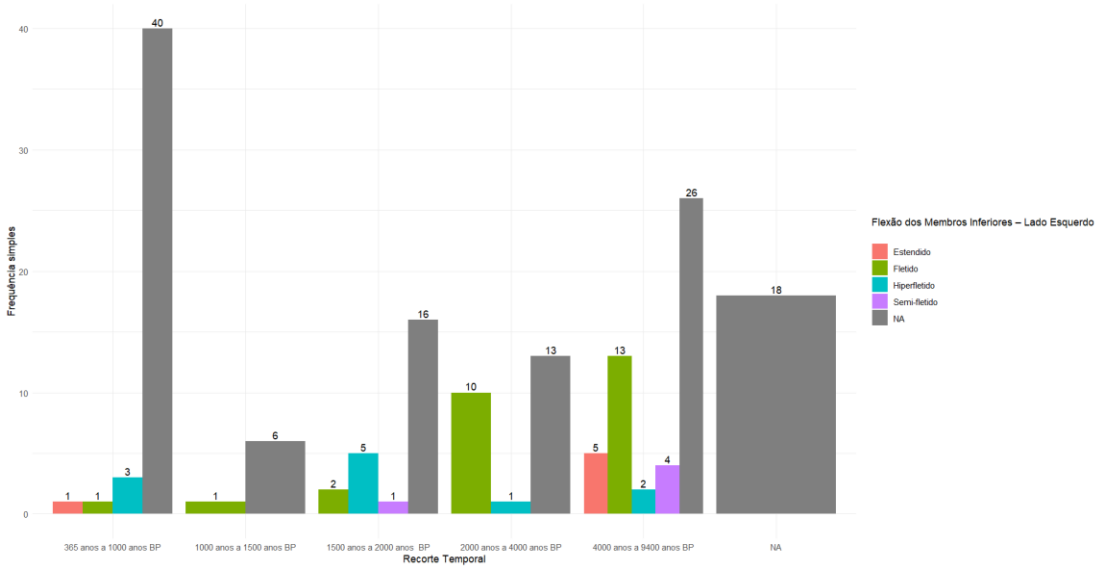
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 78 - Tipos de flexão dos membros inferiores (lado direito) distribuídos por recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

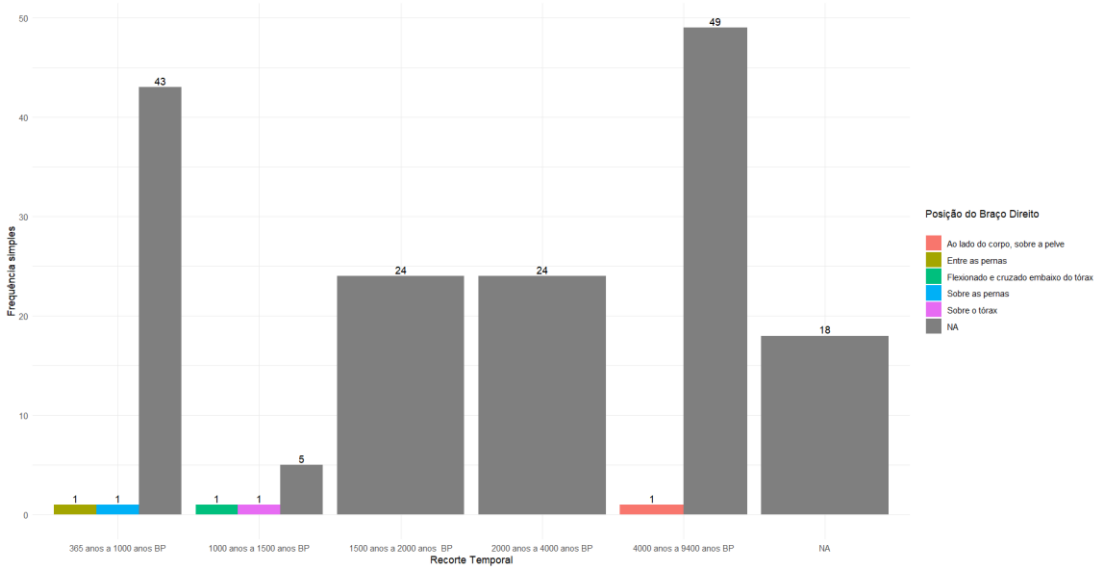
Gráfico 79 - Tipos de flexão dos membros inferiores (lado esquerdo) distribuídos por recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

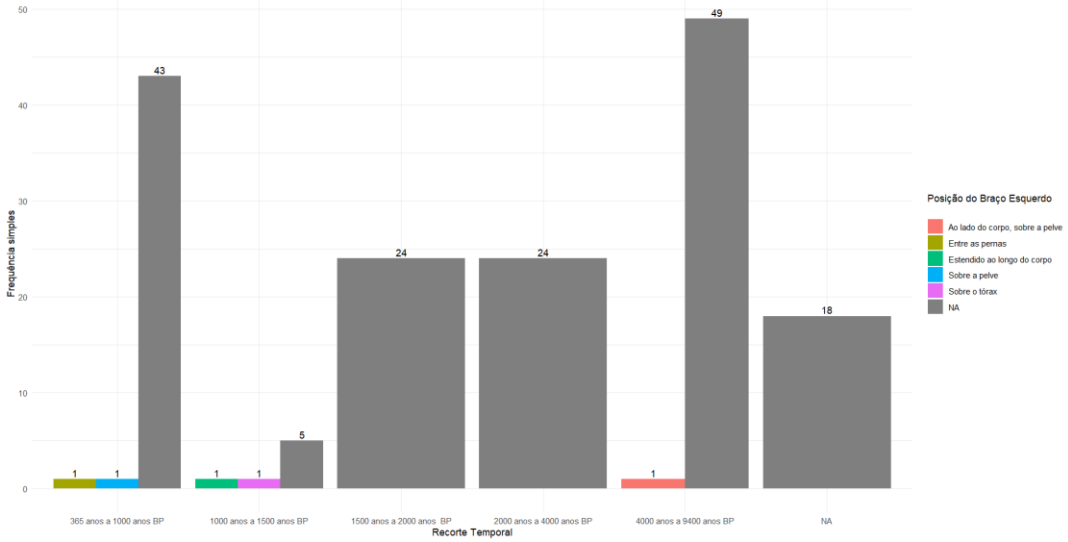
No que se refere à posição dos membros superiores e inferiores, a documentação arqueológica disponível apresenta informações limitadas. Essa falta de informação pode estar associada aos processos tafonômicos que podem ter atuado no sítio ao longo do tempo e possivelmente ter alterado a configuração original das deposições funerárias. As mãos e pés, por se tratarem de partes anatômicas mais delicadas e com articulações menores, são mais suscetíveis a deslocamentos pós-deposicionais. Assim, mesmo que o ritual funerário tenha incluído alguma disposição intencional desses membros, é possível que tais evidências tenham sido parciais ou totalmente perdidas devido às dinâmicas tafonômicas do sítio. Diante do exposto, não foi identificado recorrências que apontassem de forma mais acentuada uma posição específica e intencional para esses membros nos dados analisados (Gráficos 80 ao 87).

Gráfico 80 - Tipos de posição (braço direito) por recorte cronológico



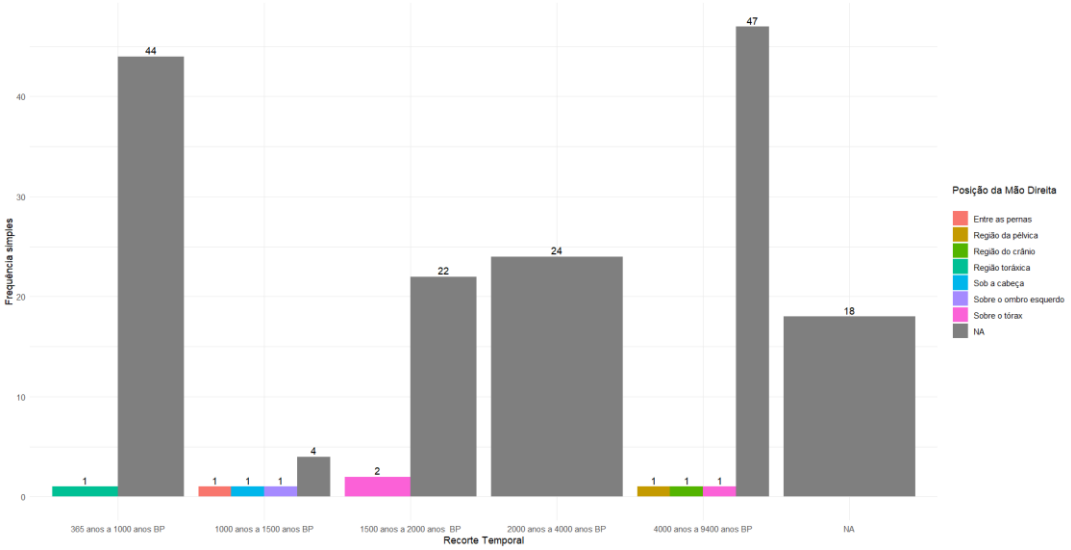
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 81 - Tipos de posição (braço esquerdo) por recorte cronológico



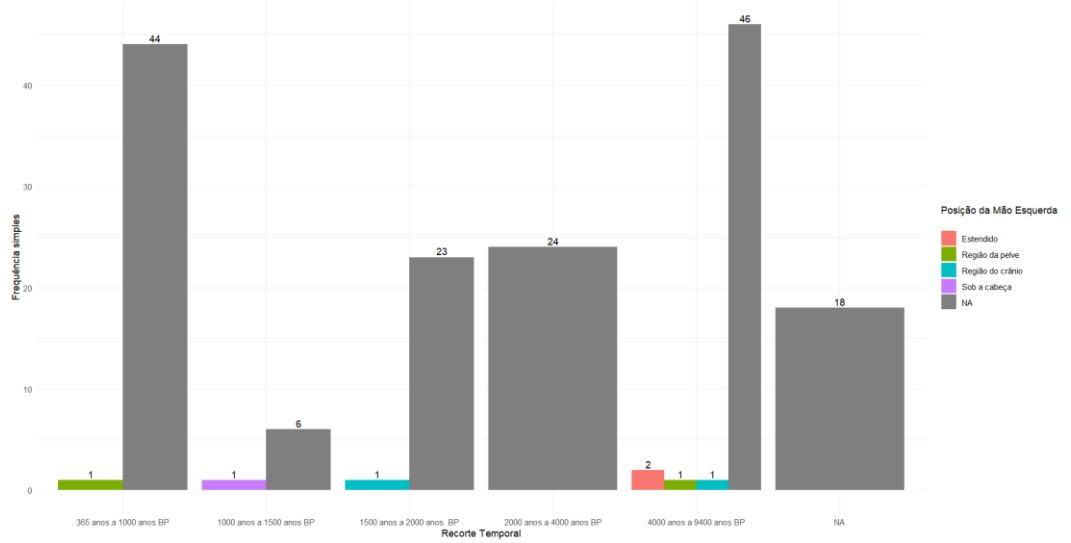
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 82 - Tipos de posição (mão direita) por recorte cronológico



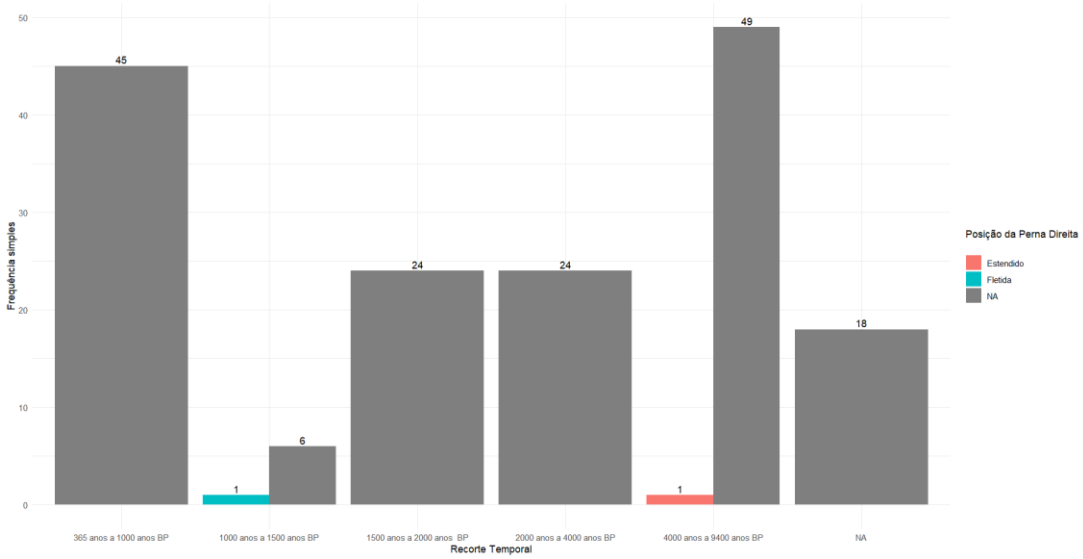
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 83 - Tipos de posição (mão esquerda) por recorte cronológico



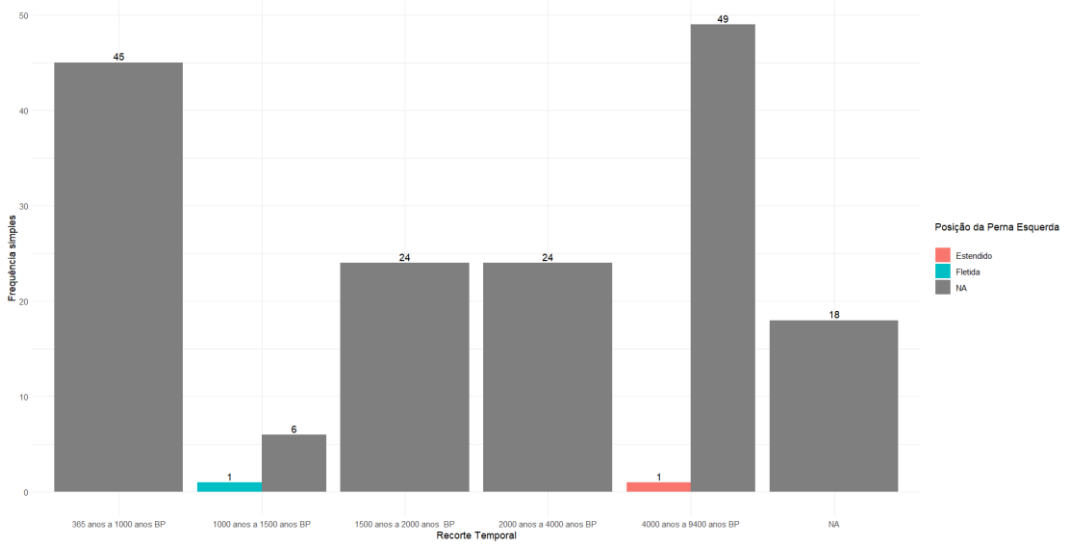
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 84 - Tipos de posição (perna direita) por recorte cronológico



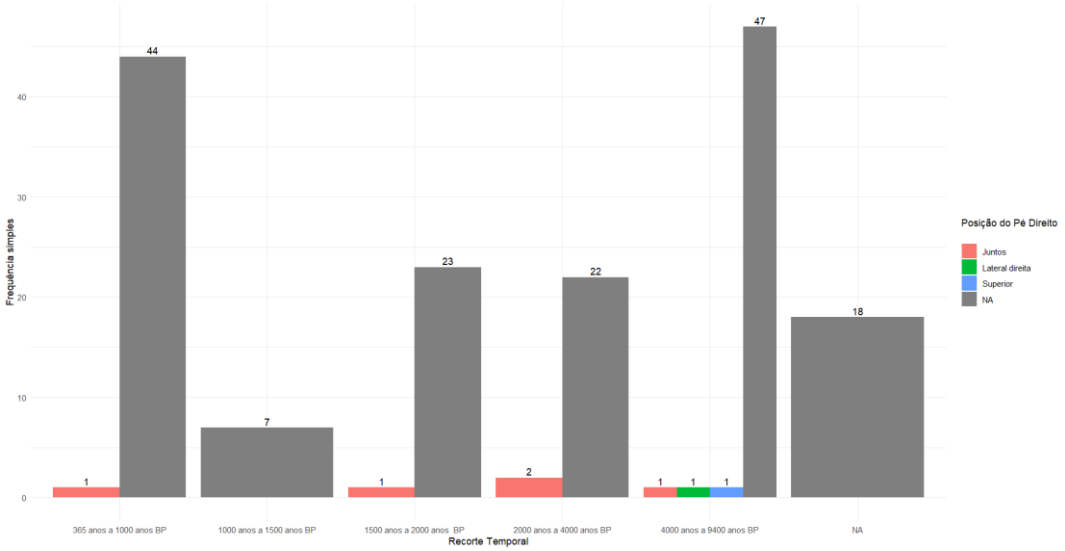
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 85 - Tipos de posição (perna esquerda) por recorte cronológico



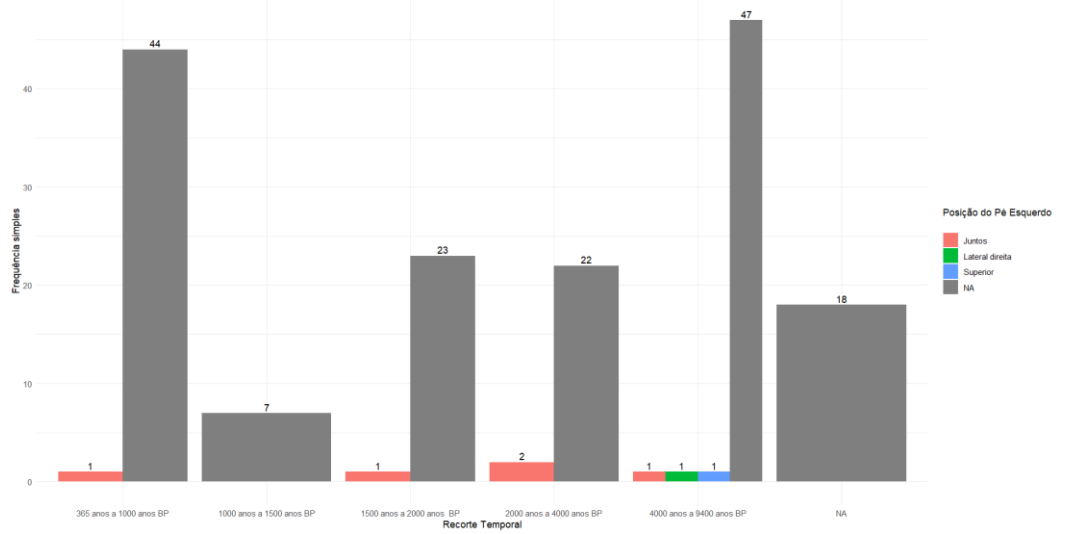
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 86 - Tipos de posição (pé direito) por recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 87 - Tipos de posição (pé esquerdo) por recorte cronológico

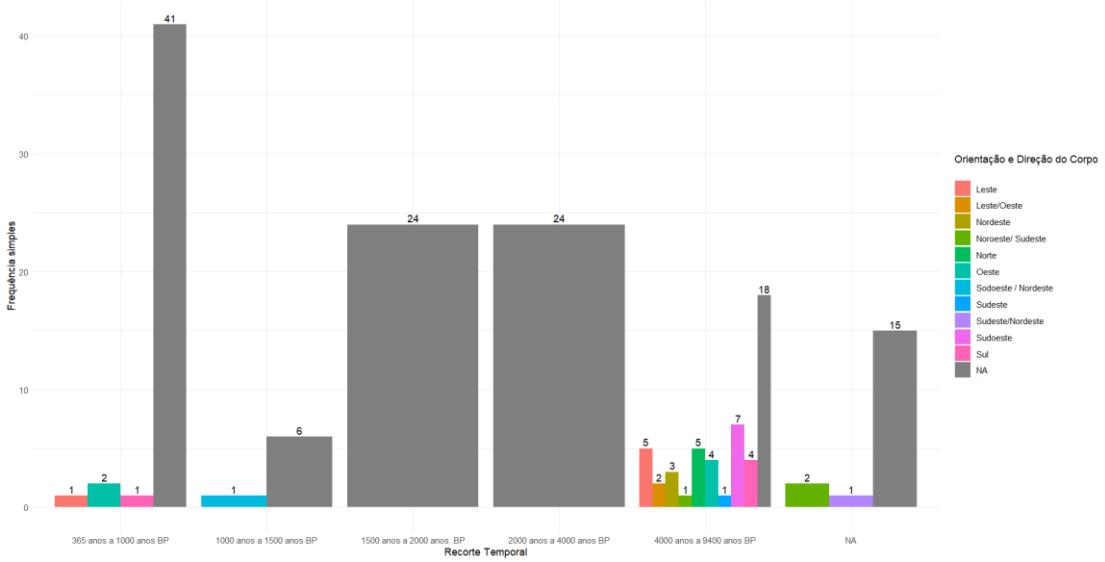


Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

A orientação e direção do corpo em sepultamentos são elementos importantes na arqueologia funerária, pois podem revelar aspectos específicos a depender do grupo que a pratique. A depender do grupo, é possível identificar diferentes formas de dispor os corpos, como por exemplo, a direção da cabeça orientada para o nascente (leste), simbolizando algo específico para aquele grupo.

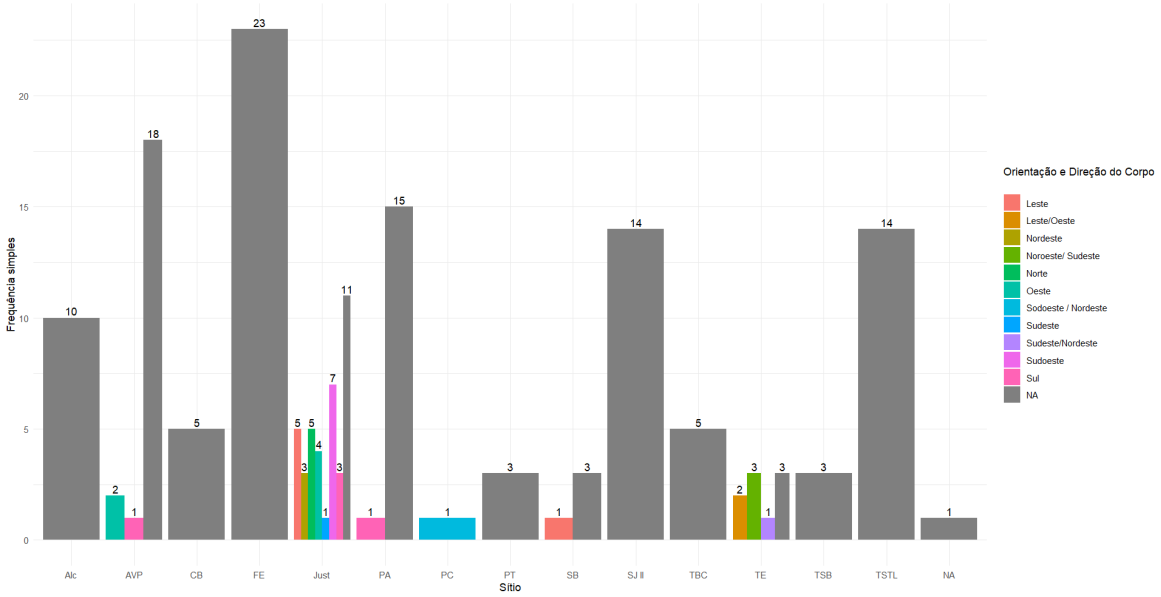
Entretanto, para que seja possível identificar padrões ou frequências consistentes na orientação dos corpos, seria necessário um volume de dados mais robusto. Nos dados analisados, essa consistência não foi observada, uma vez que poucos sítios forneceram informações detalhadas sobre a orientação dos sepultamentos. O sítio Justino destacou-se como o mais expressivo nesse aspecto; contudo, os dados não indicam uma preferência clara de orientação, mas sim uma variedade nas direções observadas, o que sugere a ausência de padronização ritual nesse contexto específico (Gráficos 88 e 89).

Gráfico 88 - Tipos de orientação e direção do corpo em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 89 - Tipos de orientação e direção do corpo em cada sítio analisado



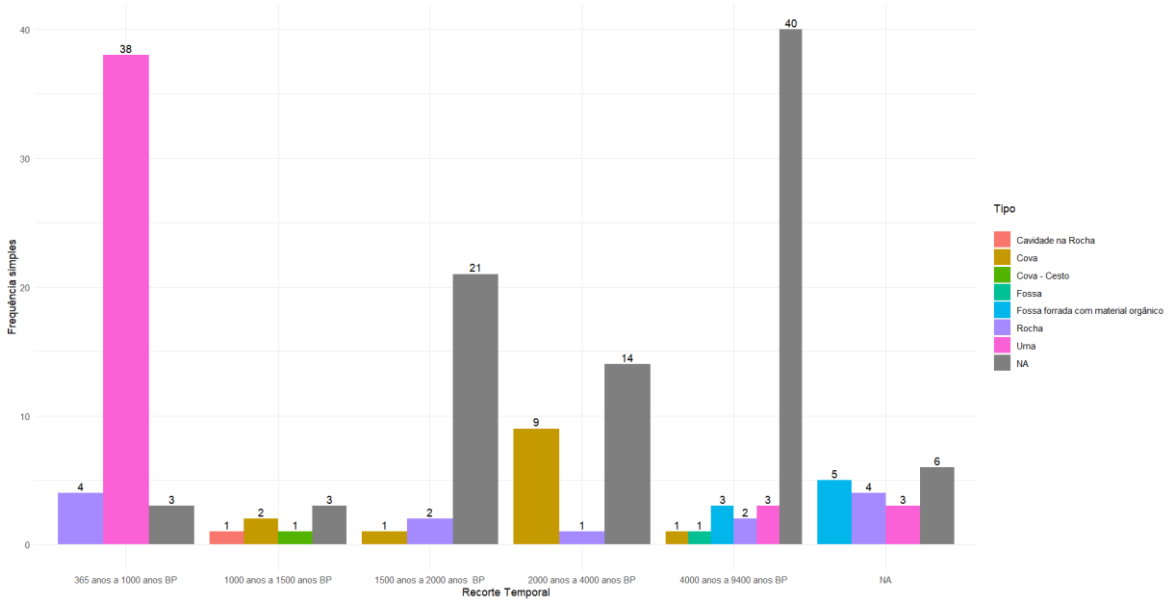
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

5.1.2 Estrutura Funerária

Diante dos dados analisados, elementos culturais, como urnas, blocos de rocha e cavidades no solo foram observados no contexto da estrutura funerária. Os vestígios como urnas cerâmicas ou blocos de rochas possuem maior visibilidade e permanência no registro arqueológico, facilitando sua identificação e documentação. Por outro lado, fossas simples tendem a perder seus contornos ao longo do tempo, seja por processos naturais — como a ação do solo, raízes e animais seja por perturbações antrópicas, especialmente em locais com reutilização funerária ou outras atividades humanas subsequentes. Esses fatores podem justificar a maior representatividade das urnas cerâmicas nos sítios analisados.

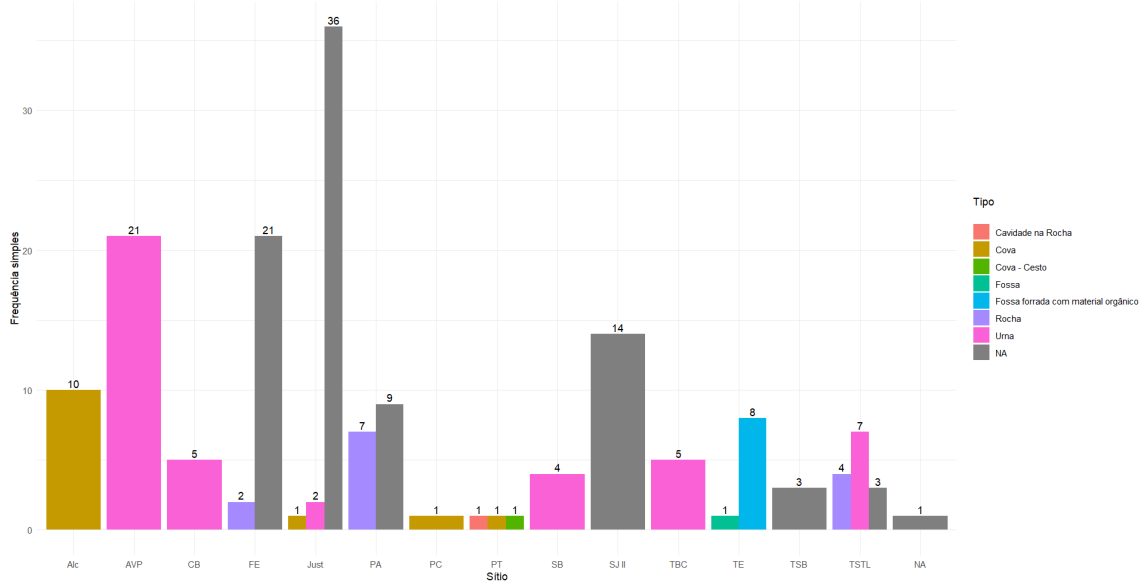
No entanto, apesar da expressividade das urnas, não é possível generalizar sua ocorrência em todo o Nordeste nos enterrarmos infantis. A presença desse tipo de sepultamento é pontual e localizada em determinados contextos culturais e cronológicos, como observado no Sítio Aratu da Vila Piragiba e em alguns sítios arqueológicos do estado do Piauí entre os recortes de 365 a 1000 anos BP e 4000 a 9400 anos BP (Gráficos 90 e 91).

Gráfico 90 - Tipos de estruturas funerárias em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 91 - Tipos de estruturas funerárias em cada sítio analisado



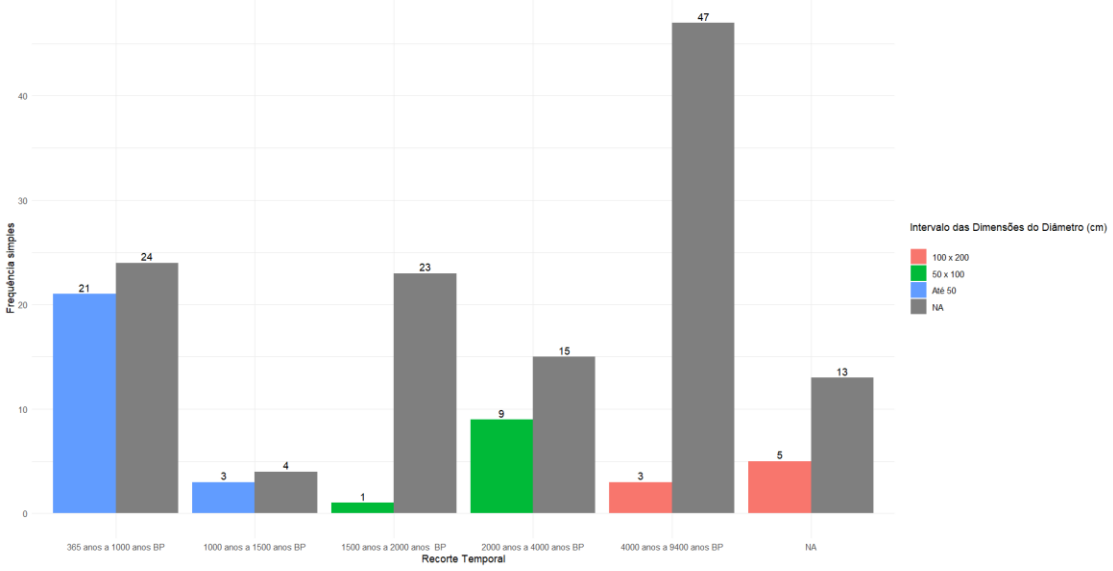
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

A utilização de urnas em enterramentos infantis evidencia o cuidado dispensado a esses indivíduos e sua inclusão nas práticas funerárias. Esse tipo de sepultamento demonstra que, mesmo em idade precoce, os indivíduos eram

reconhecidos como parte integrante da comunidade e inseridos em costumes funerários semelhantes aos praticados em indivíduos adultos.

No que se refere às dimensões, observa-se que a maioria dos dados se concentra no recorte cronológico mais recente (entre 365 e 1.000 anos AP), com dimensões que não ultrapassam 50 cm. Assim como ocorre com os tipos de estruturas funerárias, as dimensões também podem estar associadas às urnas cerâmicas. Considerando aspectos formais, é nas estruturas funerárias com maior materialidade — como as urnas — que as medidas se tornam mais perceptíveis e documentáveis (Gráfico 92).

Gráfico 92 - Dimensões do diâmetro em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

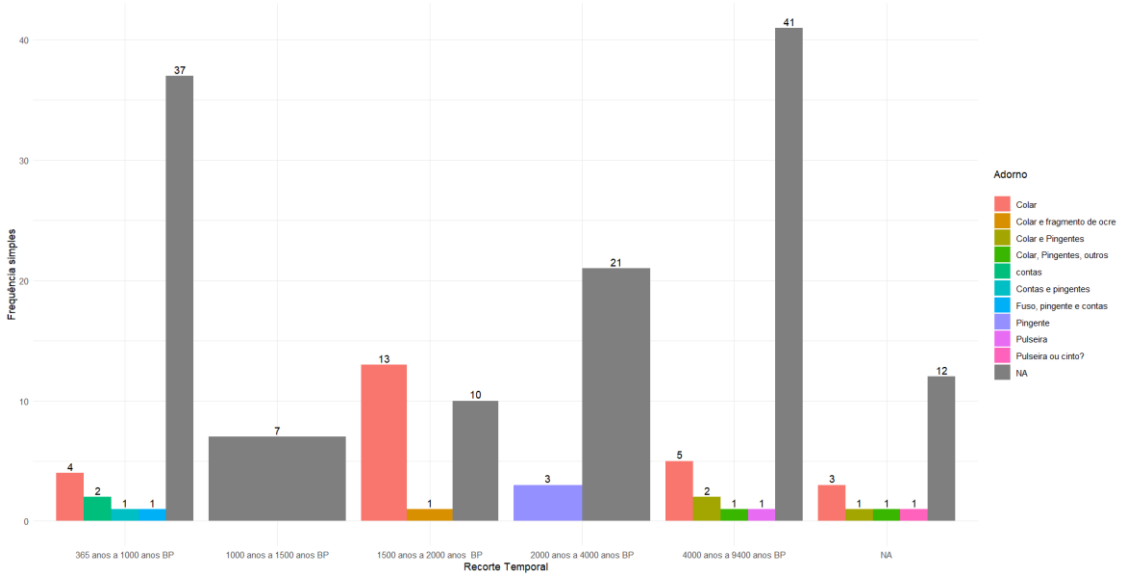
5.1.3 Cultura Material Presente

A cultura material presente revela práticas funerárias variadas. Esses elementos não apenas auxiliam na reconstrução das práticas funerárias, mas também no entendimento das dinâmicas culturais e das relações sociais dentro do grupo.

Nos enterramentos infantis analisados, a presença de cultura material foi observada em quase todos os recortes cronológicos, com exceção de uma lacuna identificada entre 1.000 e 1.500 anos AP.

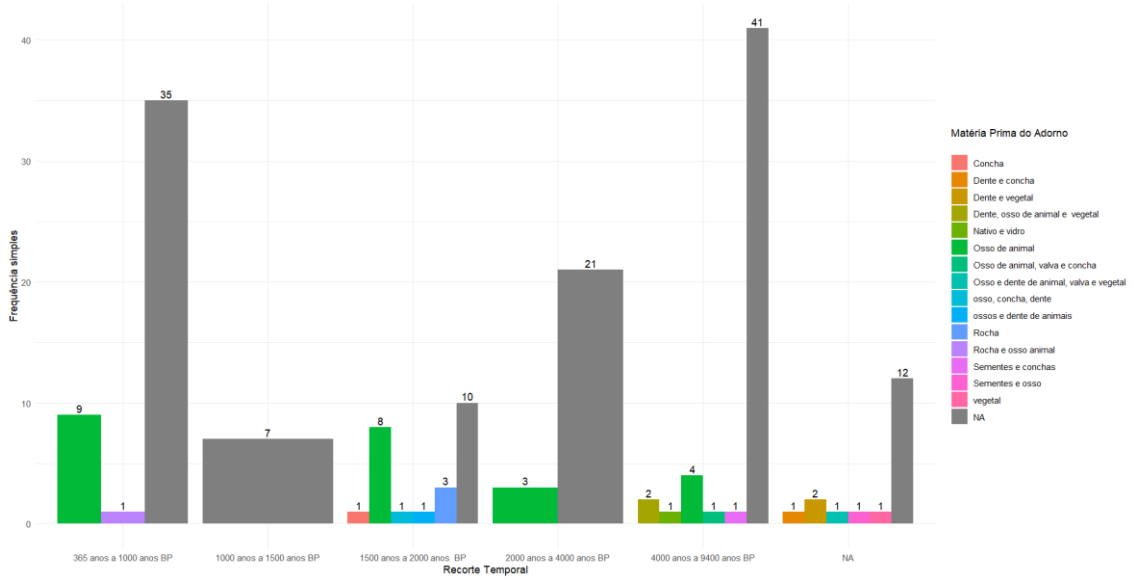
Dentre os materiais mais recorrentes, destacam-se os adornos confeccionados com ossos de animais, bem como elementos de origem vegetal, que apresentam diferentes tipologias e técnicas de confecção (Gráficos 93 e 94).

Gráfico 93 - Tipos de adornos identificados em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

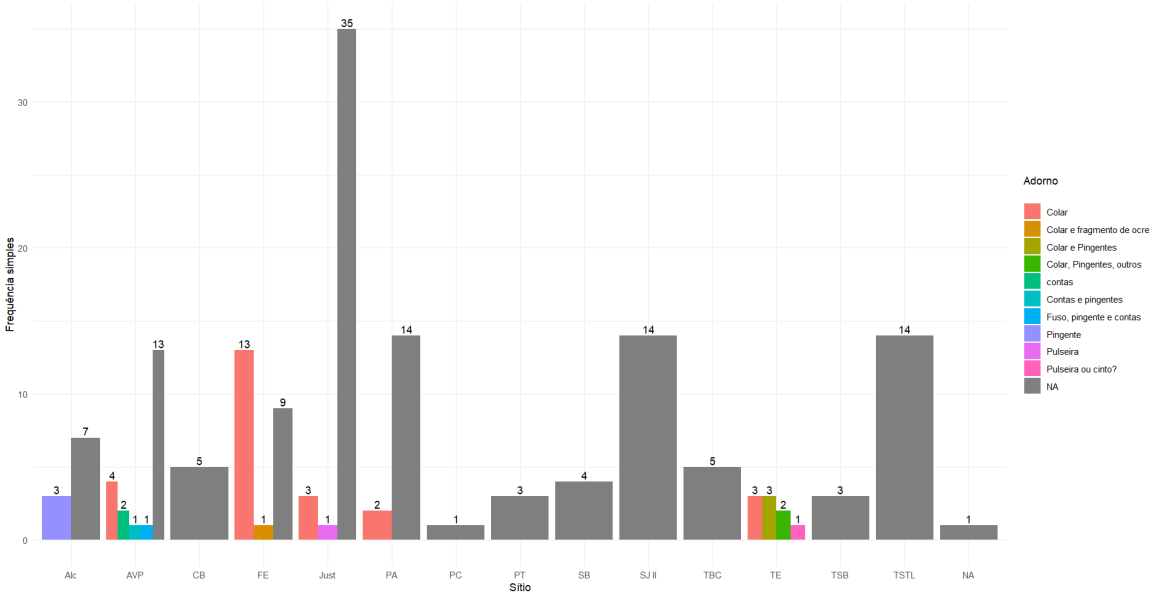
Gráfico 94 - Tipos de matéria prima dos adornos identificados em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Embora a presença de cultura material estivesse evidente em quase todos os recortes cronológicos, existe uma quantidade expressiva de sítios sem a presença desses vestígios. Essa ausência é observada em diferentes áreas, não se restringindo a uma localidade específica, como demonstram os dados gráficos (Gráfico 95).

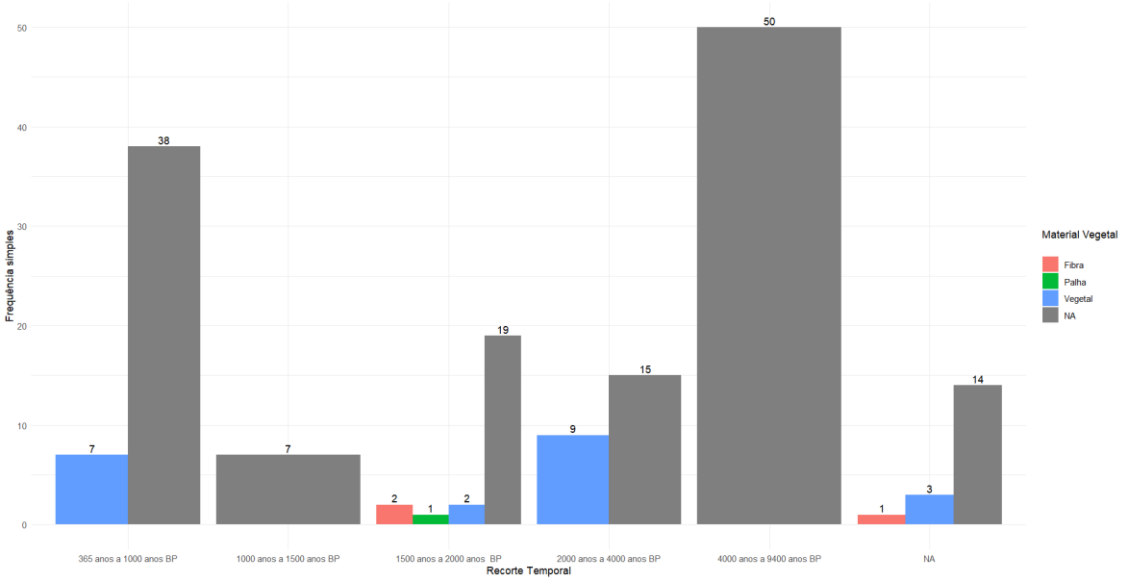
Gráfico 95 - Tipos de adornos identificados em cada sítio analisado



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

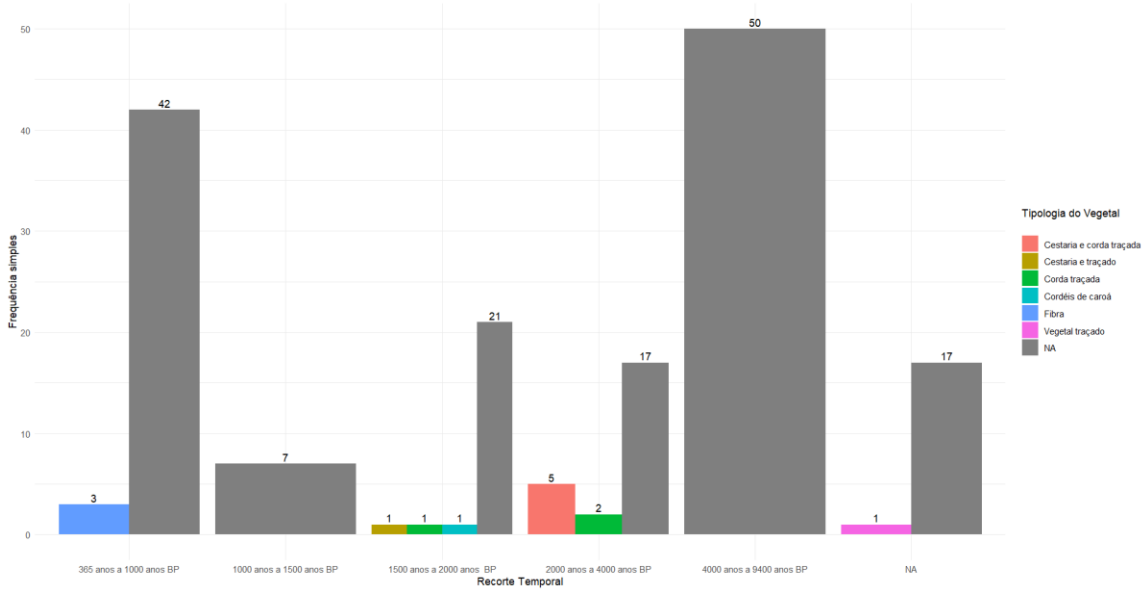
No que se refere ao material vegetal, foi observado que na maior parte dos recortes cronológicos ele estava presente. Entretanto, em sua maioria, a referência ocorre de forma genérica, sem especificação do tipo de vegetal utilizado. Nos contextos em que houve a identificação do material, foi possível notar indícios de manufatura, como na confecção de cestarias e trançados associados ao uso desses recursos nos rituais funerários (Gráficos 96 e 97).

Gráfico 96 - Tipos de material vegetal em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

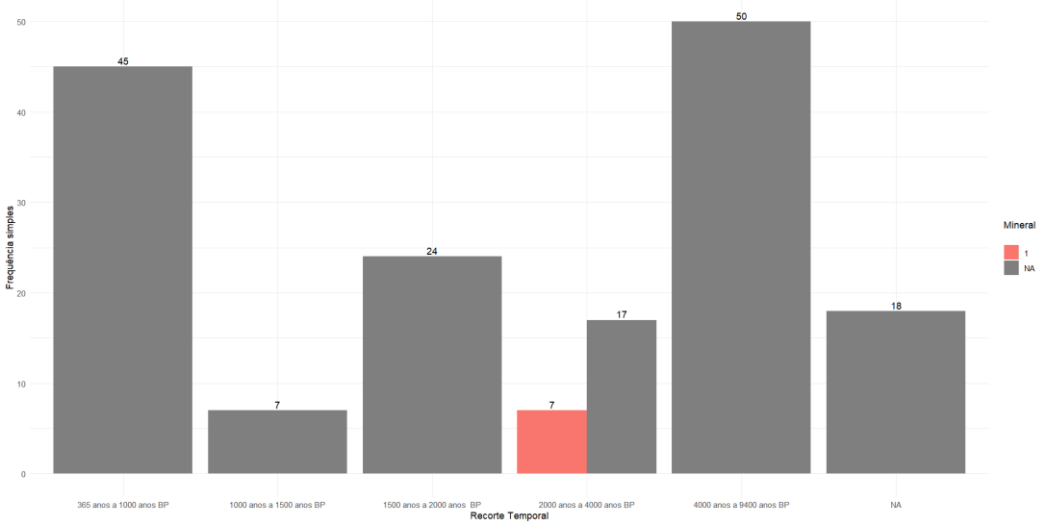
Gráfico 97 - Tipologia do material vegetal (manipulado ou não) em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

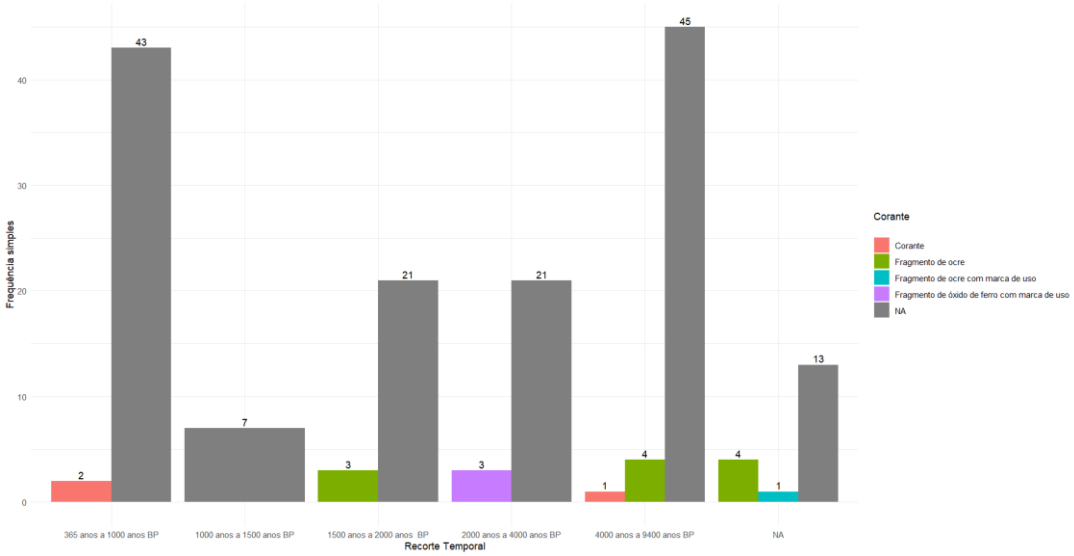
Em relação aos demais vestígios como lítico, cerâmica, carvão e mineral, observa-se uma ocorrência limitada, sobretudo quando comparada ao total de 167 indivíduos analisados. Corantes minerais, em especial os de tonalidade avermelhada, estiveram presentes em quase todos os recortes cronológicos, sugerindo certa continuidade do uso desses materiais. Artefatos líticos também foram registrados com frequência considerável. Por outro lado, fragmentos cerâmicos e vestígios de carvão foram menos recorrentes, aparecendo de forma mais pontual e com menor expressividade nos contextos funerários examinados. (Gráficos 98 ao 102)

Gráfico 98 - Quantidade de mineral identificado em cada recorte cronológico



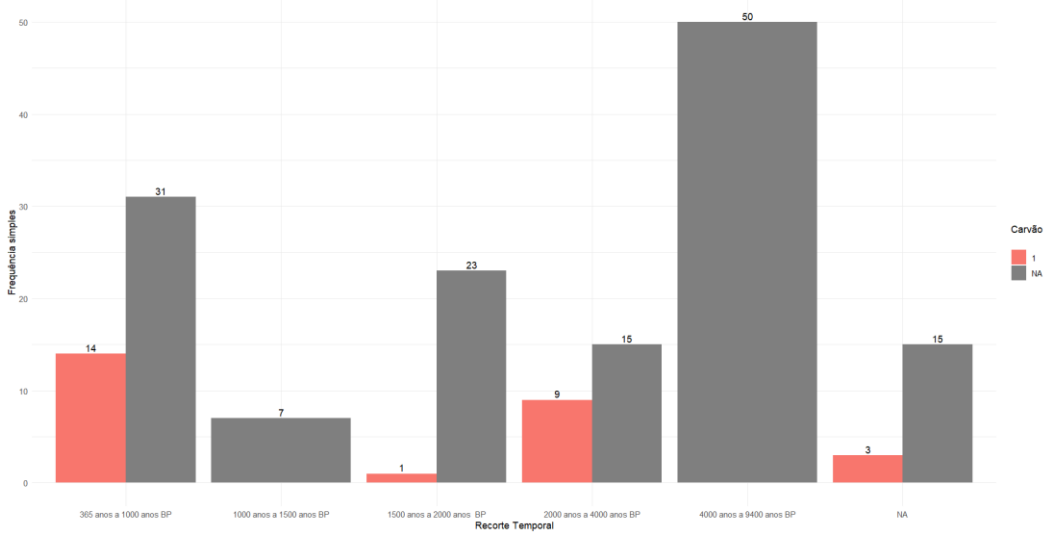
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 99 - Quantidade de corante identificado em cada recorte cronológico



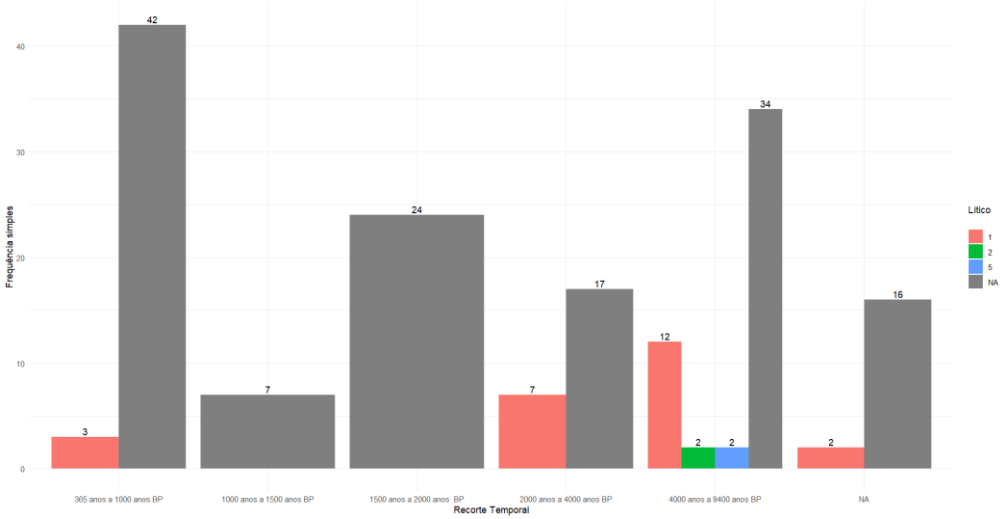
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 100 - Quantidade de carvão identificado em cada recorte cronológico



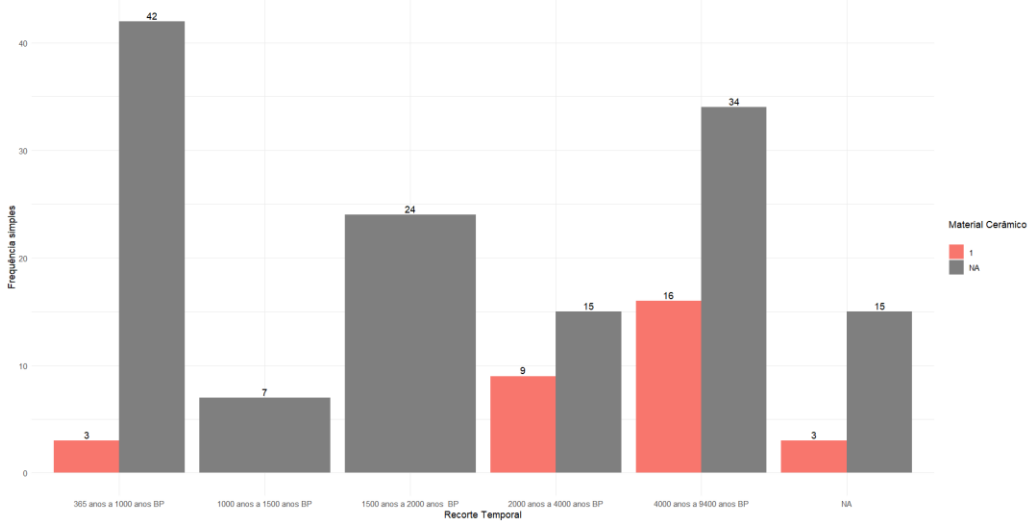
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 101 - Material lítico identificado em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

Gráfico 102 - Material cerâmico identificado em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

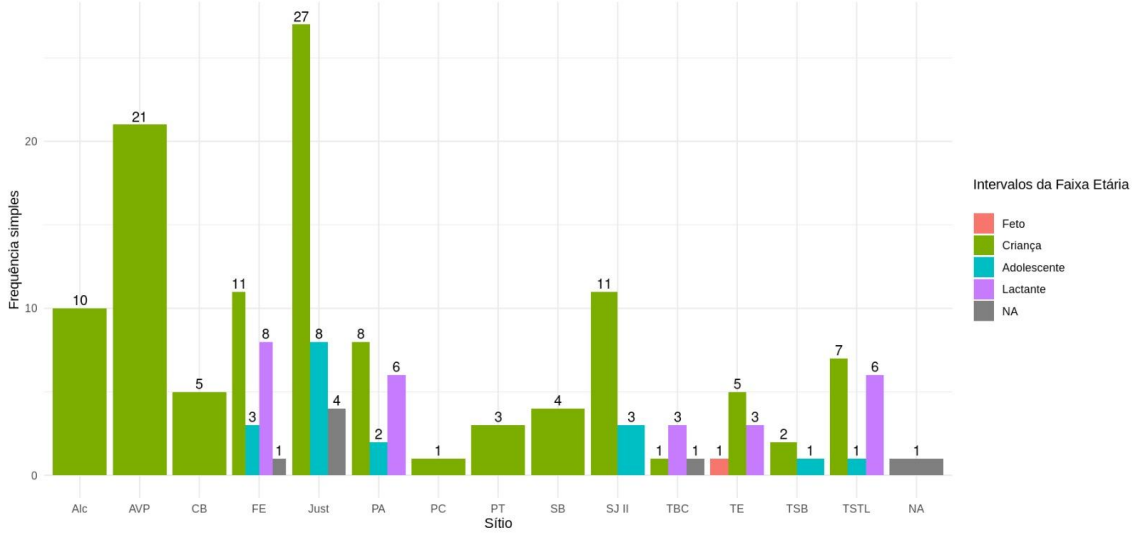
5.2 DADOS BIOLÓGICOS

Os dados biológicos obtidos a partir dos enterramentos analisados possuem algumas limitações, especialmente no que se refere à identificação do sexo biológico. Tal limitação era esperada, considerando-se a natureza do material osteológico — composto majoritariamente por indivíduos imaturos — cujas

estruturas ósseas não se encontram plenamente desenvolvidas, o que compromete a acurácia dos métodos tradicionalmente utilizados para a determinação sexual.

Em alguns casos, foi possível encontrar nas publicações consultadas informações relativas à faixa etária dos indivíduos, com menções a idades próximas ou inseridas no período da adolescência. Já no que se refere à fragilidade e conservação do material ósseo em indivíduos de menor desenvolvimento biológico, como fetos, destaca-se a identificação de apenas um caso entre os 167 indivíduos observados. Este dado evidencia a baixa ocorrência e representatividade arqueológica de enterramentos fetais. O único indivíduo fetal identificado foi registrado no Sítio Toca do Enoque (PI), associado a uma sepultura múltipla, apresentando-se em posição anatômica articulada (Gráfico 103).

Gráfico 103 - Distribuição da faixa etária dos indivíduos em cada sítio analisado



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

A escassez de registros de enterros fetais em contextos arqueológicos pode ser atribuída a uma combinação de fatores culturais, biológicos e tafonômicos. Entre eles destaca-se a fragilidade natural dos ossos fetais, a possível variação nas práticas funerárias para indivíduos dessa faixa etária e as dificuldades relacionadas à preservação e identificação desses remanescentes no registro arqueológico.

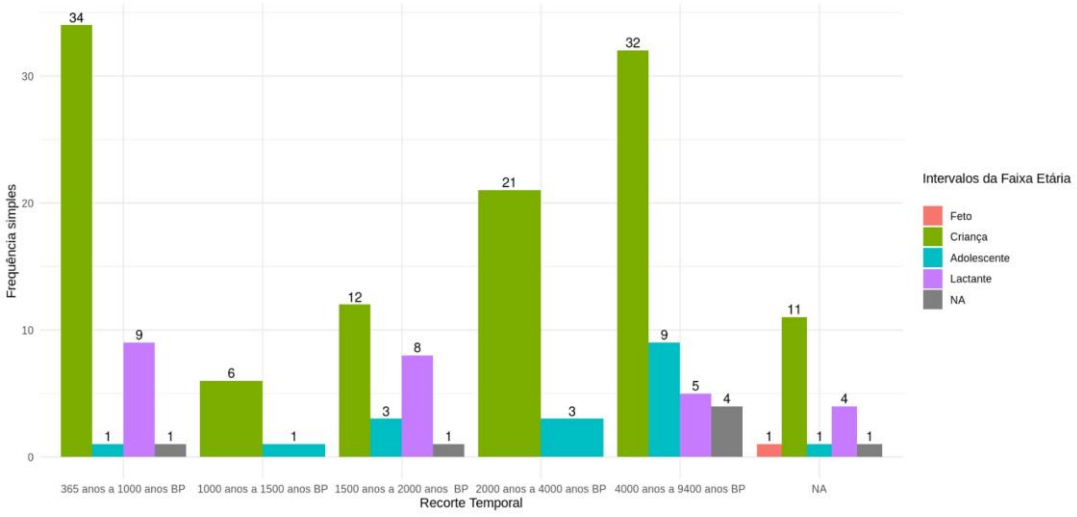
Para a análise etária, foram adotadas as categorias utilizadas nas publicações de referência, a saber: feto, lactente, criança e adolescente. Como não houve exame direto do material osteológico, optou-se por seguir as classificações

previamente estabelecidas pelos autores. Os Gráficos indicam que a categoria “criança” é predominante em 13 dos 14 sítios arqueológicos analisados. O único sítio em que a presença de adolescentes supera a de crianças é a Toca do Baixo dos Caboclos.

A frequência com que a categoria “criança” aparece pode estar relacionada ao uso generalizado do termo por parte dos autores das publicações, principalmente em contextos em que não houve uma análise bioarqueológica. Nesses casos, a estrutura óssea reduzida pode ter levado os pesquisadores a classificarem automaticamente os indivíduos como pertencentes à faixa etária infantil.

Essa tendência se mantém ao longo de toda a cronologia observada dos contextos mais antigos aos mais recentes sem apresentar variações significativas nos padrões identificados. (Gráfico 104)

Gráfico 104 - Distribuição da faixa etária dos indivíduos em cada recorte cronológico



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

5.3 SÍNTESE DO PERFIL FUNERÁRIO DE INDIVÍDUOS NÃO ADULTOS DO NORDESTE DO BRASIL

Amostragem e Metodologia

- Foram analisados 167 indivíduos não adultos de 14 sítios arqueológicos do Nordeste brasileiro.

- Abrangência temporal: de 9.400 a 365 anos BP.
- A seleção dos sítios baseou-se na qualidade metodológica das publicações e na compatibilidade com os critérios da pesquisa.

Dados Culturais

Corpo

- Dos 167 indivíduos analisados: 77% (128) estavam em deposição primária; 20% (34) em deposição secundária; 2% (4) não foi possível observar e 1% (1) estava em redução.
- A deposição primária está presente de forma consistente em todos os períodos analisados, assim como, no recorte espacial.

Preparação do corpo

- 80% dos indivíduos não apresentaram indícios de preparação ritual.
- Cremados: 7% (12 indivíduos)
- Envoltos em esteiras: 4% (7 indivíduos)
- Pintados: 4% (6 indivíduos)
- A ausência poderia indicar, que não havia esse tipo de ritual, que os vestígios não se conservaram no registro ou que não houve observação adequada na escavação e, consequentemente, retratada na documentação dos sítios.
- Entre 1000 e 4000 anos BP, as práticas estão mais evidentes.
- Entre 4000 e 9400 anos BP, há ocorrência pontual de pintura óssea.
- Apesar da baixa frequência dessa variável, sua presença expressa uma preocupação em inserir os indivíduos não adultos nos rituais do grupo.

Deposição Simples ou Múltipla

- 63% (106 indivíduos) foram depositados individualmente.
- 15% em depósitos múltiplos.
- 15% não foi possível observar.
- Outros tipos foram pouco frequentes.
- A deposição simples ocorre em todos os períodos.

- Deposição múltipla aparece entre 1470 e 9400 anos BP, com declínio nos períodos mais recentes entre 365 e 1000 anos BP.
- Os enterramentos múltiplos foram registrados em sítios distribuídos em toda a região Nordeste (Toca do Enoque, Alcobaça, Pedra da Tesoura, São José II e Pedra do Alexandre), entre 1470 e 9400 anos BP

Articulação

- 58% estavam articulados.
- 23% desarticulados.
- 14% não observados.
- 5% parcialmente articulados.
- A articulação provavelmente está relacionada à deposição primária.
- A presença de ossos articulados pode indicar a continuidade dessa prática funerária desde períodos mais antigos até momentos mais recentes.
- Nos enterramentos desarticulados, a origem da desarticulação (antrópica ou tafonômica) poderia ser mais bem investigada caso os dados disponíveis permitissem uma análise detalhada do processo tafonômico. Contudo, devido à abordagem nas publicações, que interpretam esses casos como de origem antrópica, adotou-se o mesmo critério para esta análise.

Acomodação corporal (posição)

- Apesar de 46% dos casos não apresentarem dados claros sobre a posição corporal, há predominância de corpos em decúbito lateral (esquerdo ou direito).
- Decúbito ventral e posição sentada representaram 4% cada, respectivamente nos estados do Piauí, Pernambuco, Sergipe, Bahia.
- Embora pouco frequentes, essas práticas funerárias apresentam ampla distribuição espacial e temporal, sugerindo padrões culturais específicos entre os grupos estudados

Membros Superiores e Inferiores

- Informações sobre a posição dos membros superiores e inferiores são limitadas na documentação arqueológica.

- A lacuna de dados pode ser atribuída aos processos tafonômicos que alteraram a configuração original das deposições.
- Mãos e pés, devido à sua delicadeza e articulações menores, são mais suscetíveis a deslocamentos pós-deposicionais.
- Mesmo que haja disposição intencional desses membros no ritual funerário, as evidências podem ter sido perdidas devido aos processos tafonômicos.

Estrutura Funerária

Tipos observados

- Urnas cerâmicas.
- Cavidades escavadas no solo.
- Blocos de rocha.

Fossas simples

- Dificuldade de identificação por perda dos contornos com o tempo.
- Isso explica menor representatividade nas análises.

Urnas cerâmicas

- Visíveis principalmente em: Sítio Aratu da Vila Piragiba (BA) e sítios do Piauí.
- Representam cuidado com o corpo infantil.
- Associadas ao recorte mais recente (365 a 1000 anos AP).
- Dimensões observadas geralmente abaixo de 50 cm.

Cultura Material Presente

- 62% dos indivíduos não estavam acompanhados por artefatos.
- 22% apresentaram algum tipo de artefato associado.
- 16% dos casos não tiveram essa informação divulgada.
- Artefatos associados foram mais comuns entre 1000 e 4000 anos AP.
- Recortes mais antigos (acima de 4000 anos) têm presença esporádica de cultura material.
- Entre os itens encontrados estão: adornos corporais (colares, contas de colar, pingentes), lascas líticas, recipientes cerâmicos e pintura corporal.

Dados Biológicos

- Dos 167 indivíduos analisados: 64% (107) tinham sexo e idade indeterminados,
  27% (45) tinham idade estimada, mas sexo não identificado
  e apenas 8% (13) apresentaram estimativas de idade e sexo.

Distribuição Etária

- 53% dos indivíduos eram perinatais e infantes I (0 a 3 anos).
- 23% eram infantes II (4 a 12 anos).
- 9% adolescentes.
- 15% não tiveram faixa etária estimada.
- Predominância de crianças mais novas pode indicar mortalidade infantil mais acentuada.

6 CONCLUSÃO

Retomando a problemática que impulsionou esta pesquisa – "Quais eram as práticas funerárias presentes nos indivíduos não adultos dos sítios pré-históricos do Nordeste do Brasil entre 9.400 a 365 anos BP? –, foi possível realizar as seguintes considerações baseadas na análise dos dados realizadas ao longo do estudo.

Os dados obtidos a partir das práticas funerárias aplicadas aos indivíduos não adultos no Nordeste do Brasil, com base na análise de contextos arqueológicos diversos, revelam um panorama amplo e diverso. A pesquisa observou que, embora muitas vezes discretos quando se observa os vestígios identificados, as práticas funerárias presentes, revelam significados culturais importantes sobre a forma como a infância era percebida diante da sua morte.

As evidências demonstram que há uma prevalência significativa de sepultamentos primários articulados, realizados de forma simples, sem estruturas funerárias elaboradas ou grande quantidade de artefatos associados. Essa configuração aparente, que atravessa diferentes grupos e temporalidades, pode ser interpretada de múltiplas formas. Uma possibilidade é que essas práticas refletissem concepções culturais específicas sobre a infância, que poderiam considerar os indivíduos não adultos como seres em transição, ainda não completamente integrados ao mundo social ou espiritual dos adultos. Assim, sua morte, embora significativa, poderia não demandar rituais complexos ou marcadores simbólicos exuberantes.

Ainda assim, não se pode ignorar que em certos contextos, há indícios de cuidado e simbolismo voltados aos corpos infantis, como o uso de urnas funerárias, a presença de adornos corporais e a manipulação intencional dos corpos. Esses elementos, embora menos frequentes, sugerem que em determinadas situações sociais ou culturais, as crianças recebiam tratamento mortuário diferenciado, possivelmente vinculado à posição que ocupavam em suas comunidades, à idade, à filiação, ou a atributos simbólicos atribuídos a elas. Essas diferenças pontuais revelam a pluralidade das práticas e indicam que não existia uma única forma de lidar com a morte infantil, mas sim um leque de possibilidades, moldadas por contextos diversos.

A predominância de indivíduos com idade estimada entre o período perinatal e os três anos de vida reflete tanto uma vulnerabilidade biológica inerente à primeira infância quanto uma atenção específica a esse grupo etário no registro arqueológico. A alta incidência de mortalidade nessa faixa etária é coerente com padrões demográficos esperados em algumas sociedades, nas quais infecções, desnutrição e outros fatores ambientais exerciam forte impacto sobre a sobrevivência infantil. Contudo, a frequência com que esses indivíduos aparecem nos registros funerários também evidencia que suas mortes eram reconhecidas e ritualizadas.

A análise também revelou limitações significativas referentes à qualidade e completude dos dados bioarqueológicos disponíveis. A ausência de informações básicas, como estimativas de sexo ou idade, devido a sua própria condição biológica prematura, em uma parte considerável dos sepultamentos analisados, compromete informações sobre a organização social ou as possíveis distinções baseadas em gênero. Tal lacuna é reflexo de diversos fatores, entre eles a baixa preservação dos restos ósseos infantis, a escassez de metodologias específicas aplicadas a esses contextos, e a secundarizarão da infância nas pesquisas arqueológicas.

Nesse sentido, este estudo também se insere em um movimento recente de valorização da arqueologia da infância e da bioarqueologia de indivíduos não adultos, que busca não apenas incluir crianças nas narrativas sobre o passado, mas também compreendê-las como agentes sociais com experiências próprias, inseridas em relações com o ambiente, com os adultos e com os sistemas simbólicos de suas culturas.

A partir dessa perspectiva, é possível afirmar que a infância pré-colonial no Brasil não foi homogênea nem invisível. Ao contrário, os dados arqueológicos revelam múltiplas formas de “morrer” enquanto criança, cada uma com sua importância para um determinado grupo. Reconhecer e explorar essa diversidade é não apenas uma relevância científica, mas também um ato ético e político de ampliação dos conhecimentos que compõem nossa compreensão sobre o passado humano.

Considerando a hipótese que permeia esta pesquisa, onde parte do entendimento de que os sítios arqueológicos com remanescentes humanos não-

adultos revelam práticas funerárias que, embora apresentem elementos recorrentes ao longo do tempo, não podem ser interpretadas de forma simplista como manifestações de permanência inalterada de costumes. Em vez disso, tais práticas refletem uma continuidade seletiva de alguns aspectos culturais vinculados à infância, que podem ter coexistido com mudanças dentro dos grupos, evidenciadas nos distintos recortes cronológicos — desde o Holoceno Inicial até o período Pré-colonial recente.

Essa perspectiva indica que os grupos humanos, ao longo dos anos, podem ter praticado sentidos específicos para lidar com a morte de crianças, não reproduzindo apenas modelos herdados, mas reinterpretando e adaptando práticas conforme o contexto que estava inserido. A presença de certos padrões — como a escolha de locais de sepultamento, o uso de adornos, a posição dos corpos e a associação com alguns elementos — não deve ser lida apenas como uma repetição mecânica de tradições, mas também como uma estratégia de transmissão cultural que reconhecia a infância dentro de um determinado grupo, dotada de significado próprio.

Portanto, a análise das evidências arqueológicas permite afirmar que os rituais mortuários voltados à infância não constituem apenas resquícios de uma tradição estática, mas sim a expressão de processos complexos, nos quais a infância aparece como uma construção social com agência simbólica. A hipótese aqui sustentada busca romper com visões reducionistas da infância no passado.

Dessa forma, ao confrontar os dados empíricos analisados com a problemática central da pesquisa — que questiona quais eram as práticas funerárias destinadas aos indivíduos não adultos em sítios pré-coloniais do Nordeste do Brasil, entre 9.400 e 365 anos AP — é possível afirmar que a hipótese encontra respaldo significativo. A diversidade de contextos funerários, acompanhada por elementos simbólicos recorrentes e transformações ao longo dos recortes cronológicos, demonstra que as crianças foram agentes inseridos nos rituais funerários. Os remanescentes não adultos revelam práticas que indicam cuidado, intencionalidade e reconhecimento de sua existência social. A hipótese, portanto, mostra-se afirmativa: os elementos funerários associados às crianças expressam a maneira

como essas sociedades concebiam a infância e sua participação nos mundos dos vivos e dos mortos.

Do ponto de vista teórico, este trabalho se insere em um movimento recente de valorização da arqueologia da infância, que busca resgatar os não adultos que foram deixados e fora do cerne das discussões acadêmicas por muito tempo. Em vez de serem vistos como "adultos em formação", os indivíduos não adultos são aqui compreendidos como sujeitos sociais, cujas vidas (e mortes) informam sobre dinâmicas familiares e como estavam inseridas em sociedade.

Assim, este trabalho não apenas amplia o conhecimento sobre as práticas funerárias no Brasil pré-colonial, mas também propõe uma revalorização da infância como categoria analítica na arqueologia. O reconhecimento da criança como agente social no registro arqueológico, como dito, é, além de um avanço metodológico, um posicionamento ético, que reivindica espaço para esses indivíduos.

Como perspectiva futura, recomenda-se que os estudos bioarqueológicos no Brasil invistam na padronização e ampliação das análises de restos não adultos, desenvolvendo metodologias mais sensíveis e interpretativamente robustas. Sugere-se, ainda, a adoção de protocolos específicos para a observação das práticas funerárias ainda em campo, o que pode possibilitar a recuperação de uma quantidade significativamente maior de dados. A infância, em sua diversidade, tem muito a revelar sobre o passado — e cabe à arqueologia escutá-la com atenção, rigor e respeito.

Por fim, este trabalho aponta para a necessidade de aprofundamento das pesquisas voltadas aos indivíduos não adultos nos contextos arqueológicos brasileiros. É essencial que novas escavações, análises laboratoriais e interpretações teóricas levem em consideração a especificidade desses indivíduos. Somente assim será possível construir narrativas mais inclusivas, sobre os grupos humanos que habitaram o território brasileiro antes da colonização europeia, reconhecendo a infância não como um estágio incompleto da vida, mas como parte integral e significativa da trajetória humana e que sempre estiveram presentes. Como afirma Grete Lillehammer (1989, p. 16), “a arqueologia há muito tempo está em trabalho de parto. A criança pré-colonial está esperando ser totalmente parida.

Nesse contexto, a arqueologia está negligenciando o seu nascimento ou está pronta para o seu parentesco?". Que este estudo, ainda que com suas limitações, possa representar um passo em direção ao reconhecimento dos indivíduos não adultos nas sociedades pré-coloniais.

REFERÊNCIAS

ALVIM, M. C. de. M. e. O grupo pré-histórico da Furna do Estrago e suas relações biológicas com outras populações pré-históricas e atuais do Brasil. **Clio**, n. 4, p. 81-83, 1987. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/247574. Acesso em: 26 jun. 2025.

ALVIM, M. C. de. M. e.; SOUZA, S. M. F. M. Os esqueletos humanos na Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco: estado morfológicos e patológicos. **Clio**, Recife, n. 1, p. 95-97, dez. 1984. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/247257/36107. Acesso em: 20 jun. 2025.

ALVIM, M. C. de. M. e.; SOUZA, S. M. F. M. Relações biológicas entre populações indígenas atuais e pré-históricas do Brasil. **Clio**, v. 1, n. 6, p. 69-79, 1990. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/247198. Acesso em: 20 jun. 2025.

ALVIM, M. C. de. M. e.; UCHÔA, D. P.; SILVA, S. F. S. M. Osteobiografia da população pré-histórica do abrigo Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN. **Clio**, v. 1, n. 11, p. 17-42, 1996. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/247077. Acesso em: 20 jun. 2025.

ARIÈS, P. **Centuries of childhood***:* a social history of family life. New York: Vintage Books, 1962.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAXTER, J. E. **Children in archaeology**. Walnut Creek: AltaMira Press, 2006.

BAXTER, J. E. **The archaeology of childhood:** children, gender, and material culture**.** Walnut Creek: AltaMira Press, 2005.

BINFORD, L. Mortuary practices: their study and their potential. **Memoirs of the American Archaeology Society**, n. 25, p. 6-29,1971.

BIRD, J. B. **Travels and Archaeology in South Chile**. University of Iowa Press, Iowa City, 1988.

BOURGEOIS-PICHAT, J. La mesure de la mortalité infantile: principes et methodes. **Population**, v. 6, n. 2, 233-248, 1951. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/pop_0032-4663_1951_num_6_2_2482. Acesso em: 20 jun. 2025.

BROTHWELL, D. **Paleopathology of ancient peoples**. 2. ed. London: Academic Press, 1986.

BROTHWELL, D. The problem of the interpretation of child mortality in earlier populations. **Antropologia Portuguesa**, n. 4-5, p. 135-143, 1987.

BRUZEK, J. A method for visual determination of sex, using the human hip bone. **American Journal of Physical Anthropology**, v. 117, n. 2, p. 157-168, 2002.

BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. **Standards for data collection from human skeletal remains:** Proceedings of a Seminar at the Field Museum of Natural History, n. 44. Fayetteville: Arkansas Archaeological Survey Report, 1994.

BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística básica**. 10. ed. São Paulo: SaraivaUni, 2023.

CALDERÓN, V. *et al*. **A fase Aratu no Recôncavo e Litoral Norte do estado da Bahia**. *In*: PROGRAMA Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do terceiro ano 1967-1968. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969. p. 161–172. (Publicações avulsas, 13).

CARVALHO, O. A. de. **Análise das anomalias de desenvolvimento na população pré-histórica do sítio Furna do Estrago, Pernambuco, Brasil**. 1995. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 1995.

CARVALHO, O. A. de.; QUEIROZ, A. N. de.; MORAES, F. A. de A. Diagnóstico diferencial entre fatores tafonômicos, anomalias de desenvolvimento e casos patológicos nos crânios exumados do Sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil. **Canindé,** n. 10, p. 27-49, 2007. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9539/2/Caninde_10.pdf. Acesso em: 21 jun. 2025.

CARVALHO, O. A. de.; VERGNE, C. Estudo paleodemográfico e tafonômico na população pré-histórica da necrópole de São José II (Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil). **Canindé,** n. 1, p. 101-116, dez. 2001. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9529/2/Caninde_1.pdf. Acesso em: 21 jun. 2025.

CASTRO, V. M. C. de. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico do Nordeste do Brasil**. 2009. 309 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/410. Acesso em: 21 jun. 2025.

CASTRO, V. M. C. de. **Sítio Cana Brava**: contribuição ao estudo dos grupos ceramistas pré-históricos do Sudeste do Piauí. 1999. 109 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CROCE, D.; CROCE JÚNIOR. D. **Medicina Legal para provas e concursos**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

CUCINA, A. (ed.). **Manual de Antropología dental.** México: Ediciones de la Universidad Autónoma de Yucatán, 2011.

DEREVENSKI, J. S. (ed.). Perspectivas sobre Crianças e Infância. **Revisão Arqueológica de Cambridge**, v. 13, n. 2, 1994.

DEREVENSKI, J. S. Engendering Children, Engendering Archaeology. *In*: MOORE, J.; SCOTT, E. (ed.). **Invisible People and Processes**: writing gender and childhood into european archaeology. London: Leicester University Press, 1997. p. 192-202.

DILLEHAY, T. D. The settlement of the Americas. Basic Books, New York, 2000.

DILLEHAY, T. D. **Tombs for the Livings**: andean Mortuary Practices. [Washington]: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 1995.

DUARTE, A. N. **Estudos paleoparasitológico em coprólitos do sítio arqueológico da Furna do Estrago, Município do Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil.** 1994. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Itaguaí, 1994.

FAZEKAS, I. G.; KÓSA, F. **Forensic fetal osteology**. Budapest: Akadémiai Kiadó, 1978.

FERNANDES, H. L. A. **Os sepultamentos do Sítio Aratu de Piragiba-BA**. 2003. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. v. 1.

FERREIRA, C.; CISNEIROS, D. Adornos corporais em materiais orgânicos nos enterramentos pré-históricos do Nordeste no Brasil. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 34 n. 3, p. 66–94, 2011. Disponível em: https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/932. Acesso em: 21 jun. 2025.

FRANÇA, G. V. de. **Medicina Legal**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

FREITAS, A.; FELICE, G. D.; LEITE NETO, W. M. Caracterização das práticas funerárias do sítio arqueológico São Braz, Área Arqueológica Serra da Capivara-PI. **FUMDHAMentos**, v. 17, n. 2, p. 43-71, 2020. Disponível em: https://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2021/04/fumdham-fumdhamentos-xvii-2020-n-2-_021872.pdf. Acesso em: 21 jun. 2025.

GOMES, H. **Medicina Legal**. 32. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1997.

GONZÁLEZ MARTÍN, A. El Babel Terminológico: ¿Neonatos, precoces, fetos, mortinatos, a término o muertos al nacimiento? **Boletín Asociación Española de Paleopatología**, v. 19, p. 4–6, 1998.

GOODMAN, A. H.; ARMELAGOS, G. Infant and childhood morbidity and mortality risks in archaeological populations. **World Archaeology**, v. 21, n. 2, p. 225-243, 1989.

GUERRA, R. de M. S. N. de C. **Análise ecológica de ácaros associados a coprólitos provenientes do Sítio Arqueológico da Furna do Estrago, município**

do Brejo da Madre de Deus, Estado de Pernambuco, Brasil. 2002. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.

GUIDON, N.; LUZ, M. de F. da. Sepultamentos na Toca do Enoque (Serra das Confusões–Piauí): Nota prévia. **FUMDHAMentos**, v. 8, p. 116-123, 2009. Disponível em: https://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2018/08/fumdham-fumdhamentos-viii-2009-_853648.pdf. Acesso em: 21 jun. 2025.

GUIDON, N; VERGNE, C.; VIDAL, I. A. Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara. **Clio,** v. 1, n. 13, p. 127-138, 1998. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/247056. Acesso em: 21 jun. 2025.

JAMES, A.; JAMES, A. L. **Constructing childhood**: theory, policy and social practice. London: Palgrave, 2004.

KAMP, K. A. Where have all the children gone? The archaeology of childhood. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 8, n.1, p. 1-34, 2001.

LEITE, L. S. da S. **O perfil funerário do sítio pré-histórico Toca da Baixa dos Caboclos – sudeste do Piauí – Brasil**. 2011. 231 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19029. Acesso em: 21 jun. 2025.

LEITE, M. N.; CASTRO, V. C. de; CISNEIROS, D. Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE: Reflexões sobre o lugar dos mortos na paisagem. **FUMDHAMentos**, v. 11, p. 25-39, 2014. Disponível em: https://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2018/08/fumdham-fumdhamentos-xi-2014-_371600.pdf. Acesso em: 21 jun. 2025.

LEWIS, M. E. **The Bioarchaeology of Children**: perspectives from Biological and Forensic Anthropology. New York: Cambridge University Press, 2007.

LEWIS, M. E. The Osteology of Infancy and Childhood: misconceptions and potential. *In*: LALLY, M.; MOORE, A. (ed.). **(Re)thinking the little ancestor**: new perspectives on the archaeology of infancy and childhood. Oxford: Oxford: British Archaeological Reports, 2011. p. 1-13. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261142725_The_osteology_of_infancy_and_childhood_misconceptions_and_potential. Acesso em: 21 jun. 2025.

LILLEHAMMER, G. A child is born: the child's world in an archaeological perspective. **Norwegian Archaeological Review**, v. 22, n. 2, p. 89-105, 1989.

LILLEHAMMER, G. Archaeology and children. **Kvinner i arkeologi i Norge, Stavanger,** v. 24, p. 18–35, 2005.

LILLEHAMMER, G. Archaeology of Children. **Complutum**, v. 21, n. 2, p. 15–45, 2010. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/view/CMPL1010220015A/2881. Acesso em: 21 jun. 2025.

LIMA, J. M. D. de. A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE. **Pesquisas, Antropologia** [Instituto Anchietano de Pesquisas], São Leopoldo, n. 69, 2012. Organização do volume por Pedro Ignácio Schmitz; Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza e Marcus Vinícius Beber.159 p. Disponível em: https://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/antropologia/volumes/069.pdf. Acesso em: 23 jun. 2025.

LIMA, J. M. D. de. **Arqueologia da Furna do Estrago. Brejo da Madre de Deus–Pernambuco.** 1985. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985.

LIMA, J. M. D. de. **El sitio arqueológico Furna do Estrago–Brasil: em uma perspectiva antropológica y social**. 2001. Tesis, Doctorado en Antropología, Facultad de Filosofia y Letras, Universidad Nacional Autônoma de Mexico, México, 2001.

LIMA, T. A. (org.). **A (in)visibilidade de crianças no registro arqueológico**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2019. (Série livros digital, 16). *E-book*. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/15376. Acesso em: 22 jun. 2025.

LIMA, T. A. The dark side of toys in nineteenth century Rio de Janeiro, Brazil. **Historical Archaeology**, v. 46, n. 3, p. 63–78, 2012.

LOMBO MONTAÑÉS, A.; HERNANDO ÁLVAREZ, C.; ALCONCHEL NAVARRO, L.; LANAU HERNÁEZ, P. La infancia en el Paleolítico Superior: presencia y representación. **El Futuro del Pasado**, Salamanca, v. 4, p. 41–68, 2013. DOI: https://doi.org/10.14201/fdp.24745.

LOTTA, M. **Borderland.** Constructions of Early Childhood and Burial Rituals during the Christianisation in Scandinavia. Uppsala, 2009. 298 p.

LUNA, S. C. A. de. **As populações ceramistas pré-históricas do Baixo São Francisco – Brasil**. 2001. 294f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

LUZ, M. de F. da. **Práticas funerárias na área arqueológica da Serra da Capivara, Sudeste do Piauí, Brasil**: estudo comparativo dos dados bioculturais entre caçadores-coletores e horticultores cerâmistas no período de 13.000 a 2.000 anos. 2014. 263 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

MAFRA, F. Lugares persistentes, práticas funerárias e tecnologia ceramista em caçadores-coletores pré-históricos sul-americanos: uma proposta de interpretação para o Sítio Arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN, Brasil. **Clio**, v. 35, n. 3, p. 60-116, 2020. DOI: https://doi.org/10.20891/clio.V35N3p60-116.

MARTIN, G. O cemitério Pré-histórico “Pedra do Alexandre” em Carnaúba dos Dantas, RN. **Clio**, v. 1, n. 11, p. 43-57, 1996b. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/247078. Acesso em: 22 jun. 2025.

MARTIN, G. Os rituais funerários na pré-história do Nordeste. **Clio**, v. 1, n. 10, p. 29-46, 1994. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/247124. Acesso em: 22 jun. 2025.

MARTIN, G. Os sítios rupestres no Seridó, no Rio Grande do Norte (Brasil) no contexto do povoamento da América do Sul. **FUMDHAMentos**, v. 1, n. 1, p. 339-346, 1996a. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1_Y9xLm9GqU56mClkcNecZG9J8gLQl9qc/view. Acesso em: 22 jun. 2025.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Editora UFPE, 2008.

MENEZES, A. V. A. **Estudos dos macro-restos vegetais do sítio arqueológico Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil**. 2006. 118f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/638?locale=es. Acesso em: 22 jun. 2025.

MORAES, F. A. de A. **Bioarqueologia dos Povos Tapuia**: o Caso do Sítio Funerário Pedra da Tesoura, Boqueirão-PB, Brasil. 2021. 256 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2021. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/16816. Acesso em: 22 jun. 2025.

MORRIS, I. **Death-ritual and social structure in classical antiquity**. Cambridge: C.U.P., 1992.

MOURA, I. P. da C. **Práticas funerárias do sítio do Pilar, Bairro do Recife-PE**. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/27578?mode=simple. Acesso em: 22 jun. 2025.

NASCIMENTO, A. L. do. **O sítio arqueológico Alcobaça, Buique – PE**: estudo das estruturas arqueológicas. 2001. 186f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

NASCIMENTO, A.; ALVES, C.; LUNA, S. A cerâmica pré-histórica no Nordeste brasileiro. **Clio,** v. 1, n. 6, p. 103-112, 1990. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/247203. Acesso em: 22 jun. 2025.

NASCIMENTO, A.; ALVES, C.; LUNA, S. O sítio arqueológico Alcobaça, Buíque – Pernambuco: primeiros resultados. **Clio,** v. 1, n. 11, p. 87–98, 1996. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/247081. Acesso em: 22 jun. 2025.

NEUBAUER, F. Uma criança brasileira nasce: introdução ao dossiê temático sobre a Arqueologia da Infância. **Revista de Arqueologia**, v. 31, n. 2, p. 2-7, 2018. DOI: https://doi.org/10.24885/sab.v31i2.619

OLIVEIRA, C. A. de. **A cerâmica pré-histórica no Brasil:** avaliação e proposta. 1990. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990.

OLIVEIRA, C. A. de. **Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no Sudeste do Piauí – Brasil.** 2000. 302 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, M. M. B. M. de. **Análise macroscópica das alterações no esmalte dentário e dieta dos indivíduos subadultos enterrados no Sítio Arqueológico Furna do Estrago, PE**. 2017. 105f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/31373. Acesso em: 22 jun. 2025.

PESSIS, A. M. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. **Clio**, v. 1, n. 8, p. 35-68, 1992. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/247174. Acesso em: 22 jun. 2025.

POLLOCK, L. A. **Forgotten Children:** Parent-Child Relations from 1500 to 1900. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

QUEIROZ, A. N. de. Fauna de vertebrados do Sítio Arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN: uma abordagem zooarqueológica e tafonômica. **Clio,** v. 15, p. 267-282, 2002. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/247003. Acesso em: 22 jun. 2025.

QUEIROZ, A. N. de.; CARDOSO, C. E.; CARVALHO, O. A. de. Animais como psicopompos nas sepulturas do sítio arqueológico Justino? (Canindé de São Francisco — sub-região de Xingó — Sergipe, Brasil). **Antípoda:** Revista de Antropología y Arqueología, v. 28, p. 57-73, 2017. DOI: https://dx.doi.org/10.7440/antipoda28.2017.03

R CORE Team. **R**: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2015. Disponível em: https://www.R-project.org/. Acesso em: 5 mar. 2024.

RAK, Y.; KIMBEL, W.H.; HOVERS, E. A Neandertal infant from Amud Cave, Israel. **Journal of Human Evolution**, v. 26, n. 4, p. 313-324, 1994.

RAMOS, A. C. P. T. **O Sítio Pré-Histórico Rupestre Pedra do Alexandre - Carnaúba dos Dantas - RN**: estudo dos pigmentos. 1995. 107f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

RODRIGUES, C. D. **Perfil dento-patológico nos remanescentes esqueletais de dois sítios pré-históricos brasileiros**: o cemitério da Furna do Estrago (PE) e o sambaqui de Cabeçuda (SC). 1997. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1997.

SÁNCHEZ ROMERO, M. Maternidad y prehistoria: prácticas de reproducción, relación y socialización. *In*: SOLER MAYOR, Begoña (coord.). **Las mujeres en la Prehistoria.** *[S. l.]:* Museu de Prehistoria de Valéncia, 2006. p. 119-138.

SANTOS JÚNIOR, W. G. dos. **Enterramentos pré-históricos do sítio Pedra do Alexandre, na área arqueológica do Seridó – RN**. 2013. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SANTOS, A. K. C. R. dos; SANTOS, A. C. F. dos; AMAZONAS, K.; LIMA, J. M. D. de; SOUZA, S. M. F.; SANTOS, S. E. Heterogeneidade do DNA ancestral da população da Furna do Estrago, Pernambuco. *In*: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 9., São Paulo, 2003. **Resumos** [...], São Paulo, 2003, p. 90.

SANTOS, C. F. dos. **Adornos pré-históricos no nordeste do Brasil**: técnicas, usos e funções. 2020. 165f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40052?locale=es. Acesso em: 23 jun. 2025.

SANTOS, G. da C. L. dos. **Estudo tafônomico da arqueofauna reptiliana do Sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil**. 2006. 69 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SAUNDERS, S. Subadult skeletons and growth-related studies. *In*: KATZENBERG, M.; SAUNDERS, S. (ed.). **Biological Anthropology of the Human Skeleton**. New York: Wiley-Liss, 2000. p. 1-20.

SCOTT, E. **The Archaeology of Infancy and Infant Death**. Oxford: British Archaeological Reports, 1999.

SENE, G. M. A Infância do Gênero: a visibilidade das crianças na pré-história do norte de Minas Gerais. **Habitus**: Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 16, n. 1, p. 54-74, 2018.
DOI: https://doi.org/10.18224/hab.v16i1.6257

SILVA, J. A. **O corpo e os adereços**: sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários. 2013. 115f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2013. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/3225. Acesso em: 23 jun. 2025.

SILVA, J. A.; CARVALHO, O. A. de; QUEIROZ, A. N. de; SANTANA, E. A. de. **Ambientes funerários:** adornos em sepulturas humanas do Sítio Justino/SE, evidência do contato nativo americano/europeu. São Cristóvão: Editora UFS, 2020. *E-book.*

SILVA, S. F. S. M. da. (coord.) **I Relatório parcial de atividades arqueológicas de campo e educação patrimonial do projeto**: Prospecção e escavação arqueológica dos remanescentes humanos do sítio Pedra do Cachorro, Buíque - PE. Recife:

Laboratório de Arqueologia Biológica e Forense, Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco. LABIFOR; DARQ (UFPE), 2015.

SILVA, S. F. S. M. da. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do estado de São Paulo**. 2005. 408f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. DOI: https://doi.org/10.11606/T.71.2005.tde-11072007-151325

SILVA, S. F. S. M. da. **Arqueologia Funerária:** corpo, cultura e sociedade. Ensaios sobre a interdisciplinaridade arqueológica no estudo das práticas mortuárias. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2014.

SOLARI, A.; MARTIN, G.; SILVA, S. F. S. M. da. A presença infantil no registro bioarqueológico no sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN, Brasil. **FUMDHAMentos**, v. 13, p. 4-30, 2016.

SOUZA, S. M. F. M. de. **Estresse, doença e adaptabilidade**: estudo comparativo de dois grupos pré-histórico em perspectiva biocultural. 1995. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1995.

SOUZA, S. M. F. M. de. Lesões traumáticas como indicadores de atividades físicas na população da Furna do Estrago. Pernambuco, Brasil. *In*: ARAUJO, A. J. G.; FERREIRA, L. F. (ed.). **Paleopatologia & Paleoepidemiologia** – estudos multidisciplinares. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1992.

SOUZA, S. M. F. M.; ALVIM, M. C. de. M. e. A população pré-histórica da Furna do Estrago: adaptação humana ao agreste pernambucano. **Symposium**, Recife, v. 34, n. 2, p. 123–145, jul./dez. 1992.

SOUZA, S. M. F. M.; ALVIM, M. C. de. M. e. Paleodemografia da população da Furna do Estrago, Pernambuco. Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 3, 1986. **Cadernos de Resumo,** Goiânia, 1986.

SPRAGUE, R. A Suggested Terminology and Classification for Burial Description. **American Antiquity**, v. 33, n. 4, p. 705–716, 1968.

SPRAGUE, R. **Burial terminology**: a guide for researchers. Oxford: Altamira Press, 2005.

STRAUSS, A. As práticas mortuárias dos primeiros sul-americanos. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 89–134, jan./jun. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/mhnjb/article/view/6282. Acesso em: 26 jun. 2025.

SULLASI, H. S. L.; SANTOS, A. L. C.; SILVA, S. F. S. M. da. Bone diagenesis study of the burials from the Pedra do Alexandre archaeological site, Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte, Brazil. **Cadernos do Lepaarq**, v. 15, n. 30, p. 162-178, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/12955. Acesso em: 23 jun. 2025.

TAINTER, J. A. Mortuary practices and the study of prehistoric social systems. **Advances in Archaeological Method and Theory**, v. 1, p. 105-141, 1978.

UBELAKER, D. H. **Human skeletal remains**: excavation, analysis, interpretation. Chicago: Aldine Publishing Company, 1978.

VERGNE, C. Estruturas funerárias do sítio Justino: distribuição no espaço e no tempo. **Canindé,** n. 2, p. 251–273, dez. 2002. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/9530. Acesso em: 23 jun. 2025.

VERGNE, M. C. S. **Cemitério do Justino**: estudo sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó (MAX); Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2005. 209 p.

VERGNE, M. C. S. O projeto arqueológico de Xingó em Sergipe e Alagoas. **Clio,** v. 1, n. 11, p. 211-216, 1996. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/247095. Acesso em: 23 jun. 2025.

WHITE, T. D.; FOLKENS, P. A. **The human bone manual**. São Paulo: Elsevier Academic Press, 2005.

FONTES CONSULTADAS

APPROACHES to the social dimensions of mortuary practices: memoirs of the American Archaeology Society. **American Antiquity**, n. 25, 1971.

BAXTER, J. E. Los niños como actores culturales en las interpretaciones arqueológicas: grafitis del siglo XIX en San Salvador, Bahamas. **Cumplutum**, v. 21, n. 2, p. 181-196, 2010. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/view/CMPL1010220181A/2887. Acesso em: 24 jun. 2025.

BROOKSHAW, S. The archaeology of childhood: A museum perspective. **Cumplutum**, v. 21, n. 2, p. 215-232, 2009. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/view/CMPL1010220215A. Acesso em: 24 jun. 2025.

BROTHWELL, D. R. **Desenterrando huesos**: La excavación, tratamiento y estudio de restos del esqueleto humano. Londres: British Museum (Natural History), 1981.

BUIKSTRA, J. E.; BECK, L. A. **Bioarchaeology:** the contextual analysis of human remains. Arkansas: Academic Press, 2006.

CALDERÓN, Valentin et al. **Notícia preliminar sobre as sequências arqueológicas do Médio São Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1965. p. 107–120. Disponível em: https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/1514. Acesso em: 24 jun. 2025.

CARVALHO, O. A. de. **Contribution à l'archéologie brésilienne:** étude paléoanthropologique de deux nécropoles de la région de Xingó, État de Sergipe, Nord-est du Brésil. 2006. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Université de Genève, Genebra, 2006.

CASTRO, V. M. de. O perfil técnico cerâmico do Sítio Cana Brava, Piauí. **Clio,** n. 14, p. 175–192, 2000. Anais da X Reunião Científica da SAB. Recife, UFPE, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/issue/view/3023. Acesso em: 24 jun. 2025.

CAVALCANTE, L. C. D.; LUZ, M. de F. da; GUIDON, N.; FABRIS, J. D.; ARDISSON, J. D. Ochres from rituals of prehistoric human funerals at the Toca do Enoque site, Piauí, Brazil. **Hyperfine Interactions**, v. 203, n. 1-3, p. 39–45, 2011.

CHAEFER, M; BLACK, S; SCHEUER, J. **Juvenile Osteology**: a laboratory and field manual. London: Academic Press, 2009.

CLARKE, D. **Spatial Archaeology**. London: Academic Press, 1977.

CUNHA, M. C. **Os mortos e os outros**: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. São Paulo: Hucitec, 1978.

DUDAY, H. **The Archaeology of the Death**. Lectures in Archaeothanatology. Oxford: Oxbow Books, 2009.

ETCHEVARNE, C. **Relatório de Viagem a Piragiba**. Salvador: MAE/UFBA, 1992.

ETCHEVARNE, C. **Projeto Piragiba:** uma proposta de ação integrada. Salvador: MAE/UFBA, [199-?].

FAURE, M.; GUÉRIN, C.; LUZ, M. F. da. O material funerário das sepulturas pré-históricas da Toca do Enoque (Parque Nacional Serra das Confusões, Piauí, Brasil). **Clio,** v. 26, n. 2, p. 290-317, 2011. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/246692. Acesso em: 24 jun. 2025.

FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STLOUKAL, M. Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. **Journal of Human Evolution**, v. 9, n. 7, p. 517-549, 1980.

GOODMAN, A; ARMELAGOS, G. Infant and childhood morbidity and mortality risks in archaeological populations. **World Archaeology**, v. 21, n. 2, 225-243, 1989.

HERTZ, R. **Death and the right hand**. Glencoe: Free Press, 1960.

HUMPHREYS, S. C.; KING, H. (ed.). **Mortality and immortality**: the Anthropology and Archaeology of death. London: Academic Press, 1981.

KROEBER, A. L. Disposal of the dead. **American Anthropologist**, v. 29, n. 3, p. 308-315, 1927.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

LILLEHAMMER, G. Small-scale archaeology: Remarks on Synnøve Vinsrygg's paper. *In*: BERTELSEN, R.; LILLEHAMMER, A.; NÆSS, J.-R. (ed.). **Were they all men**? an examination of sex roles in prehistoric society: : acts from a workshop held at Utstein Kloster, Rogaland, 2.-4. November 1979 (NAM-forskningsseminar nr. 1). Stavanger: Arkeologisk Museum i Stavanger, n. 17, 1987. p. 33-34

LILLEHAMMER, G. The archaeology of childhood: short version of a factual story with a personal touch. **Revista de Arqueologia**, v. 31, n. 2, p. 75–85, 2018. DOI: https://doi.org/10.24885/sab.v31i2.599 .

LILLEHAMMER, G. Uma criança nasce: o mundo da criança em uma perspectiva arqueológica. Traduzido por Fernanda Neubauer. **Revista de Arqueologia**, v. 31, n. 2, p. 14–34, 2018. DOI: https://doi.org/10.24885/sab.v31i2.605

LIMA, D. V. R. de. **Sobre Morte e Gênero**: uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino - SE e Furna do Estrago - PE. 2012. 195 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) –Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10303. Acesso em: 24 jun. 2025.

LIMA, J. M. D. de; SOUSA, S. M. F. M. **O uso do espaço no cemitério pré-histórico da Furna do Estrago**: aspectos demográficos e sócio-culturais. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINOAMERICANA DE ANTROPOLOGIA

BIOLOGIA, 3; REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEOPATOLOGIA, 2. Rio de Janeiro, 1994.

LIMA, T. A. Brinquedos subliminares: doutrinação de crianças e introjeção de papéis sociais no Rio de Janeiro oitocentista. *In*: LIMA, T. A. (org.). **A (in)visibilidade de crianças no registro arqueológico**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2019. (Série livros digital, 16). *E-book*. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/15376. Acesso em: 24 jun. 2025.

MARTIN, G. Arte rupestre no Seridó (RN); o sítio "Mirador" no Boqueirão de Parelhas. **Clio***,* n. 2, p. 81-95, 1985. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/247240. Acesso em: 24 jun. 2025.

MORIN, E. **O Homem e a Morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MUTZENBERG, D. **Gênese e ocupação pré-histórica do Sítio Arqueológico Pedra do Alexandre**: uma abordagem a partir da caracterização paleoambiental do Vale do Rio Carnaúba-RN. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/698. Acesso em: 24 jun. 2025.

NEUBAUER, F. Playing with projectile points. Childhood flintknapping imitation at an 8,500 Year Old Hunter-Gatherer rockshelter site in southern Brazil. **Revista de Arqueologia**, v. 31, n. 2, p. 35-57, 2018. DOI: https://doi.org/10.24885/sab.v31i2.586

OLIVEIRA, M. M. B. M. **Práticas funerárias pré-históricas infantis do sítio Furna do Estrago, PE**. 2014. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

PEARSON, M. P. **The Archaeology of death and burial**. Texas: A & M University Press, 2002.

PESSIS, A-M; RAMOS, A. C. P. T.; PEREIRA FILHO, A. M.; MARTIN, G.; COSTA, I. P.; MATOS, M. X. G.; SILVA, S. F. M. S. da; FERRAZ, S.; KAUFMAN, T.; WANDERLEY, G. Evidências de um cemitério de época colonial no Pilar, Bairro do Recife, PE. **Clio**, v. 28, n. 1, p. 133-159, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/246636. Acesso em: 24 jun. 2025.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueología**: teorías, métodos y práctica. Madrid: Akal, 1998.

RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias**: uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

SÁNCHEZ ROMERO, M. Actividades de mantenimiento en la Edad del Bronce del sur peninsular: El cuidado y la socialización de individuos infantiles. **Cumplutum**, v. 18, p. 185-194, 2007. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/view/CMPL0707110185A. Acesso em: 24 jun. 2025.

SÁNCHEZ ROMERO, M. ¡Eso no se toca! Infancia y cultura material en arqueologia. **Cumplutum**, v. 21, n. 2, p. 9-23, 2010. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/view/CMPL1010220009A/28817. Acesso em: 26 jun. 2025.

SILVA, D. C. **Práticas funerárias na Pré-história do Nordeste do Brasil**. 2004 161f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7819. Acesso em: 24 jun. 2025.

SILVA, J. A.; CARVALHO, O. A. de. Análise Arqueotanatológica de duas sepulturas infantis – Sítio Justino-SE. **Clio**, v. 28, n. 1, p. 74-104, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/246634. Acesso em: 24 jun. 2025.

SILVA, L. B.; FONTES, M. A. F. Queimaram ossos na Toca do Alto do Capim. **Cadernos do Lepaarq**, v. 11, n. 22, 2014.
DOI: https://doi.org/10.15210/lepaarq.v11i22.3905

SILVA, S. F. S. M. da. Arqueologia e Etnografia das práticas funerárias: informações sobre o tratamento do corpo em contextos rituais e de morte. **Canindé**, v. 11, p. 111-160, 2008. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/9540. Acesso em: 24 jun. 2025.

SOLARI, A.; ALVES-PEREIRA, A. ESPINOLA, C. S.; MARTIN, G.A; COSTA, I. P. da; SILVA, S. F. S. M. da. Escavações arqueológicas no abrigo funerário Pedra do Cachorro, Buíque – PE. **Clio**, v. 31, n. 1, p. 105-135, 2016.
DOI: https://doi.org/10.20891/clio.v31i1p105-135

SOLARI, A.; MARTIN, G.; SILVA, S. F. S. M. da. Estudos de antropologia dental na população do sítio arqueológico Pedra de Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN (9.000–2.000AP). **Clio,** v. 31, n. 2, p. 14-57, 206.
DOI: https://doi.org/10.20891/clio.v31i2p14-57

SOLARI, A.; PESSIS, A. M.; MARTIN, G.; GUIDON, N. Funerary practices at the Toca do Gongo III site during the Late Holocene in Serra da Capivara (Piauí, Brazil). **Bioarchaeology International**, v. 2, n. 3, p. 165-181, 2018.

SOLARI, A.; PESSIS, A. M.; MARTIN, G.; SILVA, S. F. S. M. da. Patologias invisíveis na Bioarqueologia da Infância. **Revista de Arqueologia**, v. 31, n. 2, p. 103-117, 2018. DOI: https://doi.org/10.24885/sab.v31i2.587

SOLARI, A.; SILVA, S. F. S. M. da.; MELLO, S. Estudo de caso sobre indicadores bioarqueológicos de práticas mortuárias complexas em esqueleto humano coletado no abrigo Pedra do Cachorro, Buíque, PE. **Clio,** v. 30, n. 1, p. 92-119, 2015.
DOI: https://doi.org/10.20891/clio.v30i1p92-119

SOUSA, L. D. A. de; OLIVEIRA, C. Os ceramistas pré-históricos da Praia de Sabiaguaba - Fortaleza/CE. **Cadernos do Lepaarq**, v. 17, n. 34, p. 7-25, jul./dez. 2020. DOI: https://doi.org/10.15210/lepaarq.v17i34.14832

SOUZA, L. J. N.; MUTZENBERG, D.; TAVARES, B. A. C. Processos deposicionais na formação do registro arqueológico do sítio Alcobaça, Parque Nacional do Catimbau, PE. **Revista Contexto Geográfico**, Maceió-AL, v. 7, n. 15, p. 42-59, 2022. DOI: https://doi.org/10.28998/contegeo.7i15.14522

TRIGGER, B. G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Projeto Arqueológico de Xingó**. O salvamento arqueológico de Xingó. Sergipe: UFS. 1997. 15p., il. (Cadernos de Arqueologia, Documento 1).

VERGNE, M. C. S. Complexidade social e ritualidade funerária em Xingó: apontamentos teóricos para compreensão das práticas mortuárias do Sítio Justino, Canindé de São Francisco-SE, **Canindé**, n. 9, p. 25-57, jun. 2007. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/9538?locale=es. Acesso em: 24 jun. 2025.

APÊNDICE A - TABELA ESTATÍSTICA DESCRITIVA DAS VARIÁVEIS

Estatística descritiva	
Variável	**N = 168**1
Sitio	
Alcobaça	10 (6,0%)
Cana Brava	5 (3,0%)
Furna do Estrago	23 (14%)
Justino	39 (23%)
Pedra da Tesoura	3 (1,8%)
Pedra do Alexandre	16 (9,6%)
Pedra do Cachorro (Pititi)	1 (0,6%)
Praça de Piragiba	21 (13%)
São Braz	4 (2,4%)
São José II	14 (8,4%)
Toca da Baixa dos Caboclos	5 (3,0%)
Toca do Enoque	9 (5,4%)
Toca do Serrote da Bastiana	3 (1,8%)
Toca do Tenente Luiz	14 (8,4%)
Desconhecido	1
Localização	
Bahia	21 (13%)
Paraíba	3 (1,8%)
Pernambuco	34 (20%)
Piauí	40 (24%)
Rio Grande do Norte	16 (9,6%)
Sergipe	53 (32%)
Desconhecido	1
Datação	
120±60 anos BP	1 (0,7%)
1297 ± 40 anos BP	1 (0,7%)

1298 ± 40 anos BP	1 (0,7%)
1299 ± 40 anos BP	1 (0,7%)
1470 ± 30 anos BP	4 (2,7%)
1500 a 2000 anos BP	23 (15%)
1873 ± 24 anos BP	1 (0,7%)
2000 anos a 4000 anos BP	24 (16%)
230 ± 50 anos BP	1 (0,7%)
371 ± 40 BP a 310 ± 50 anos BP	4 (2,7%)
4160 ± 70 anos BP	1 (0,7%)
450 a 1000 anos BP	21 (14%)
4710 ± 25 anos BP	3 (2,0%)
560 ± 40 anos BP	4 (2,7%)
5790 ± 60 anos BP	1 (0,7%)
5940 ± 50 anos BP	1 (0,7%)
6610 ± 40 anos BP	1 (0,7%)
790±50 anos BP	1 (0,7%)
8270 ± 40 anos BP	2 (1,3%)
8950 anos BP	39 (26%)
935 ± 40 a 365 ± 40 anos BP	14 (9,3%)
9400 ± 35 anos BP	1 (0,7%)
Desconhecido	18
Recorte temporal	
365 anos a 1000 anos BP	45 (36%)
1000 anos a 1500 anos BP	7 (5,6%)
1500 anos a 2000 anos BP	0 (0%)
2000 anos a 4000 anos BP	24 (19%)
4000 anos a 9400 anos BP	50 (40%)
Desconhecido	42
Sexo biológico	

Feminino	1 (25%)
Masculino	3 (75%)
Desconhecido	164
Idade/ faixa etária	
00 a 01 ano	4 (2,5%)
01 a 04 anos	10 (6,2%)
04 a 09 anos	13 (8,1%)
1 ano	2 (1,2%)
10 a 14 anos	3 (1,9%)
10 anos	2 (1,2%)
15 a 18 anos	1 (0,6%)
15 a 19 anos	5 (3,1%)
15 anos	1 (0,6%)
2 a 3 anos	1 (0,6%)
3 anos	3 (1,9%)
32 a 34 semanas de gestação	1 (0,6%)
4 anos	1 (0,6%)
5 anos	4 (2,5%)
6 anos	5 (3,1%)
6 e 7 anos	1 (0,6%)
7 a 9 meses	1 (0,6%)
7 anos	2 (1,2%)
8 anos	3 (1,9%)
9 a 11 anos	1 (0,6%)
9 meses	1 (0,6%)
Adolescente	9 (5,6%)
Criança	64 (40%)
Lactante	23 (14%)
Desconhecido	7

Intervalos / faixa etária	
Feto	1 (0,6%)
Criança	116 (72%)
Adolescente	18 (11%)
Lactante	26 (16%)
Desconhecido	7
Deposição funerária	
Primária	128 (79%)
Processo de redução	1 (0,6%)
Secundária	34 (21%)
Desconhecido	5
Preparação do corpo	
Cremação	12 (36%)
Invólucro – Esteira	7 (21%)
Invólucro - Esteira e Traçado	3 (9,1%)
Invólucro - Fibra Traçada	2 (6,1%)
Invólucro – Palha	3 (9,1%)
Pintado	5 (15%)
Pintado (ocre)	1 (3,0%)
Desconhecido	135
Individualidade	
Duplo	8 (5,6%)
Fragmentário	3 (2,1%)
Múltiplo	25 (18%)
Simples	106 (75%)
Desconhecido	26
Articulação	
Articulado	96 (67%)
Articulado parcialmente	9 (6,3%)

Desarticulado	38 (27%)
Desconhecido	25
Disposição	
Decúbito dorsal	34 (38%)
Decúbito lateral	2 (2,2%)
Decúbito lateral direito	25 (28%)
Decúbito lateral esquerdo	17 (19%)
Decúbito ventral	6 (6,7%)
Sentado	6 (6,7%)
Desconhecido	78
Flexão do corpo	
Estendido	11 (20%)
Fletido	38 (70%)
Hiperfletido	3 (5,6%)
Semi-fletido	2 (3,7%)
Desconhecido	114
Flexão dos membros superiores – lado direito	
Estendido	11 (22%)
Fletido	22 (45%)
Hiperfletido	4 (8,2%)
Outros	1 (2,0%)
Semi-fletido	11 (22%)
Desconhecido	119
Flexão dos membros superiores – lado esquerdo	
Estendido	12 (28%)
Fletido	17 (40%)
Hiperfletido	3 (7,0%)
Outros	1 (2,3%)
Semi-fletido	10 (23%)

Desconhecido	125
Flexão dos membros inferiores – lado direito	
Estendido	6 (12%)
Fletido	27 (55%)
Hiperfletido	11 (22%)
Semi-fletido	5 (10%)
Desconhecido	119
Flexão dos membros inferiores – lado esquerdo	
Estendido	6 (12%)
Fletido	27 (55%)
Hiperfletido	11 (22%)
Semi-fletido	5 (10%)
Desconhecido	119
Posição – braço direito	
Ao lado do corpo, sobre a pelve	1 (20%)
Entre as pernas	1 (20%)
Flexionado e cruzado embaixo do tórax	1 (20%)
Sobre as pernas	1 (20%)
Sobre o tórax	1 (20%)
Desconhecido	163
Posição – braço esquerdo	
Ao lado do corpo, sobre a pelve	1 (20%)
Entre as pernas	1 (20%)
Estendido ao longo do corpo	1 (20%)
Sobre a pelve	1 (20%)
Sobre o tórax	1 (20%)
Desconhecido	163
Posição – mão direita	
Entre as pernas	1 (11%)

Região da pélvica	1 (11%)
Região do crânio	1 (11%)
Região toráxica	1 (11%)
Sob a cabeça	1 (11%)
Sobre o ombro esquerdo	1 (11%)
Sobre o tórax	3 (33%)
Desconhecido	159
Posição – mão esquerda	
Estendido	2 (29%)
Região da pelve	2 (29%)
Região do crânio	2 (29%)
Sob a cabeça	1 (14%)
Desconhecido	161
Posição – perna direita	
Estendido	1 (50%)
Fletida	1 (50%)
Desconhecido	166
Posição – perna esquerda	
Estendido	1 (50%)
Fletida	1 (50%)
Desconhecido	166
Posição – pé direito	
Juntos	5 (71%)
Lateral direita	1 (14%)
Superior	1 (14%)
Desconhecido	161
Posição – pé esquerdo	
Juntos	5 (71%)
Lateral direita	1 (14%)

Superior	1 (14%)
Desconhecido	161
Orientação da face	
Direita	2 (4,3%)
Esquerda	3 (6,5%)
Leste	4 (8,7%)
Nordeste	3 (6,5%)
Noroeste	1 (2,2%)
Norte	3 (6,5%)
Oeste	6 (13%)
Pra baixo	1 (2,2%)
Pra cima	5 (11%)
Sudeste	8 (17%)
Sudoeste	4 (8,7%)
Sul	6 (13%)
Desconhecido	122
Orientação do crânio	
Desarticulado	1 (2,4%)
Lado Direito	12 (29%)
Lado Esquerdo	18 (44%)
Pra baixo	7 (17%)
Pra frente	3 (7,3%)
Desconhecido	127
Orientação e direção do corpo	
Leste	6 (15%)
Leste/Oeste	2 (5,0%)
Nordeste	3 (7,5%)
Noroeste/ Sudeste	3 (7,5%)
Norte	5 (13%)

Oeste	6 (15%)
Sodoeste / Nordeste	1 (2,5%)
Sudeste	1 (2,5%)
Sudeste/Nordeste	1 (2,5%)
Sudoeste	7 (18%)
Sul	5 (13%)
Desconhecido	128
Orientação	
Noroeste/sudeste	8 (89%)
Oeste	1 (11%)
Desconhecido	159
Forma	
Circular	4 (57%)
Oval	3 (43%)
Desconhecido	161
Tipo	
Cavidade na Rocha	1 (1,2%)
Cova	13 (16%)
Cova – Cesto	1 (1,2%)
Fossa	1 (1,2%)
Fossa forrada com material orgânico	8 (9,9%)
Rocha	13 (16%)
Urna	44 (54%)
Desconhecido	87
Dimensão	
100 cm	7 (17%)
2 m de comp x 1,5 m de larg	8 (19%)
22 cm de altura x 23 cm de diâmetro	1 (2,4%)
23 cm de diâmentro x 50 de altura	1 (2,4%)

23 cm de diâmetro x 21 cm de altura	1 (2,4%)
24 cm de diâmetro	1 (2,4%)
26 cm a 29 cm de diâmetro	1 (2,4%)
26 cm a 33 cm de diâmetro	1 (2,4%)
26 cm de diâmetro x 27 cm de altura	1 (2,4%)
27 cm de diâmentro x 30 cm de altura	1 (2,4%)
28 cm de diâmetro	1 (2,4%)
30 cm de diâmetro	1 (2,4%)
33 cm de diâmentro x 25 de altura	1 (2,4%)
35 cm de diâmentro x 20 de altura	1 (2,4%)
35 cm de diâmentro x 35 cm de altura	1 (2,4%)
35 cm de diâmetro x 22 cm de altura	1 (2,4%)
35,5 cm de diâmetro x 31 cm de altura	1 (2,4%)
36 cm de diâmetro	1 (2,4%)
36 cm de diâmetro x 25 cm de altura	1 (2,4%)
37 cm de diâmetro	1 (2,4%)
38 cm de diâmetro x 39 cm de altura	1 (2,4%)
40 cm de diâmetro x 30 cm de altura	1 (2,4%)
40 cm x 23 cm	1 (2,4%)
45 cm de diâmetro x 30 cm de altura	1 (2,4%)
50 cm	3 (7,1%)
50 cm x 30 cm	1 (2,4%)
50 cm x 35 cm	1 (2,4%)
Desconhecido	126
Intervalo das dimensões do diâmetro – cm	
100 x 200	8 (19%)
50 x 100	10 (24%)
Até 50	24 (57%)
Desconhecido	126

Nível – cm	
Média (Desvio Padrão)	79,11 (39,99)
Mediana (25%,75%)	81,50 (42,00,104,25)
Mínimo	3,00
Máximo	139,00
Desconhecido	140
Posição	
A esquerda do corpo	1 (5,9%)
A esquerda do corpo e junto ao crânio	1 (5,9%)
Junto ao crânio	2 (12%)
Parte inferior da urna	6 (35%)
Parte média e Inferior da urna	1 (5,9%)
Parte superior da urna	1 (5,9%)
Parte superior e inferior da urna	1 (5,9%)
Sobre o corpo	3 (18%)
Sobre o corpo e próximo a mão	1 (5,9%)
Desconhecido	151
Adorno	
Colar	25 (63%)
Colar e fragmento de ocre	1 (2,5%)
Colar e Pingentes	3 (7,5%)
Colar, Pingentes, outros	2 (5,0%)
Contas	2 (5,0%)
Contas e pingentes	1 (2,5%)
Fuso, pingente e contas	1 (2,5%)
Pingente	3 (7,5%)
Pulseira	1 (2,5%)
Pulseira ou cinto?	1 (2,5%)
Desconhecido	128

Quantidade de adorno	
Média (Desvio Padrão)	23,05 (42,74)
Mediana (25%,75%)	1,50 (1,00,26,25)
Mínimo	1,00
Máximo	194,00
Desconhecido	128
Matéria prima do adorno	
Concha	1 (2,4%)
Dente e concha	1 (2,4%)
Dente e vegetal	2 (4,8%)
Dente, osso de animal e vegetal	2 (4,8%)
Nativo e vidro	1 (2,4%)
Osso de animal	24 (57%)
Osso de animal, valva e concha	1 (2,4%)
Osso e dente de animal, valva e vegetal	1 (2,4%)
osso, concha, dente	1 (2,4%)
ossos e dente de animais	1 (2,4%)
Rocha	3 (7,1%)
Rocha e osso animal	1 (2,4%)
Sementes e conchas	1 (2,4%)
Sementes e osso	1 (2,4%)
Vegetal	1 (2,4%)
Desconhecido	126
Instrumento – osso	2 (100%)
Desconhecido	166
Quantidade de instrumento de osso	
osso de ave	1 (100%)
Desconhecido	167
Instrumento de sonorização	3 (100%)

Desconhecido	165
Instrumento de madeira	
Seta e arco	1 (100%)
Desconhecido	167
Material faunístico	
1	33 (85%)
4	1 (2,6%)
6	1 (2,6%)
7	2 (5,1%)
9	1 (2,6%)
13	1 (2,6%)
Desconhecido	129
Material_vegetal	
Fibra	3 (12%)
Palha	1 (4,0%)
Vegetal	21 (84%)
Desconhecido	143
Tipologia do vegetal	
Cestaria e corda traçada	5 (36%)
Cestaria e traçado	1 (7,1%)
Corda traçada	3 (21%)
Cordéis de caroá	1 (7,1%)
Fibra	3 (21%)
Vegetal traçado	1 (7,1%)
Desconhecido	154
Mineral	7 (100%)
Desconhecido	161
Corante	
Corante	3 (17%)

Fragmento de ocre	11 (61%)
Fragmento de ocre com marca de uso	1 (5,6%)
Fragmento de óxido de ferro com marca de uso	3 (17%)
Desconhecido	150
Carvão	27 (100%)
Desconhecido	141
Lítico	
1	24 (86%)
2	2 (7,1%)
5	2 (7,1%)
Desconhecido	140
Material cerâmico	31 (100%)
Desconhecido	137

1n (%)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

APÊNDICE B - TABELA ESTATÍSTICA DESCRITIVA E COMPARATIVA DA AMOSTRA ENTRE OS RECORTES TEMPORAIS

Estatística descritiva e comparativa da amostra entre os recortes temporais

Variável	**Total**, N = 1501	**365 anos a 1000 anos BP**, N = 451	**1000 anos a 1500 anos BP**, N = 71	**1500 anos a 2000 anos BP**, N = 241	**2000 anos a 4000 anos BP**, N = 241	**4000 anos a 9400 anos BP**, N = 501	**Valor p**[2]
Sitio							
Alcobaça	10 (6,7%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (4,2%)	9 (38%)	0 (0%)	
Aratu da Vila de Piragiba	21 (14%)	21 (47%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Cana Brava	2 (1,3%)	1 (2,2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (2,0%)	
Furna do Estrago	23 (15%)	0 (0%)	0 (0%)	23 (96%)	0 (0%)	0 (0%)	
Justino	39 (26%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	39 (78%)	
Pedra da Tesoura	3 (2,0%)	0 (0%)	3 (43%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Pedra do Alexandre	7 (4,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (4,2%)	6 (12%)	
Pedra do Cachorro (Pititi)	1 (0,7%)	0 (0%)	1 (14%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
São Braz	4 (2,7%)	4 (8,9%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
São José II	14 (9,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	14 (58%)	0 (0%)	
Toca da Baixa dos Caboclos	5 (3,3%)	5 (11%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Toca do Enoque	4 (2,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (8,0%)	
Toca do Serrote da Bastiana	3 (2,0%)	0 (0%)	3 (43%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Toca do Serrote do Tenente Luiz	14 (9,3%)	14 (31%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Localização							
Bahia	21 (14%)	21 (47%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Paraíba	3 (2,0%)	0 (0%)	3 (43%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Pernambuco	34 (23%)	0 (0%)	1 (14%)	24 (100%)	9 (38%)	0 (0%)	
Piauí	32 (21%)	24 (53%)	3 (43%)	0 (0%)	0 (0%)	5 (10%)	
Rio Grande do Norte	7 (4,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (4,2%)	6 (12%)	
Sergipe	53 (35%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	14 (58%)	39 (78%)	
Sexo - biológico							>0,999
Feminino	1 (33%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	

Masculino	2 (67%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)	1 (100%)	
Desconhecido	147	45	6	23	24	49	
Faixa etária							
Feto	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Criança	105 (73%)	34 (77%)	6 (86%)	12 (52%)	21 (88%)	32 (70%)	
Adolescente	17 (12%)	1 (2,3%)	1 (14%)	3 (13%)	3 (13%)	9 (20%)	
Lactante	22 (15%)	9 (20%)	0 (0%)	8 (35%)	0 (0%)	5 (11%)	
Desconhecido	6	1	0	1	0	4	
Deposição funerária							<0,001
Primária	118 (81%)	41 (95%)	4 (57%)	23 (96%)	13 (54%)	37 (77%)	
Processo de redução	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Secundária	28 (19%)	2 (4,7%)	3 (43%)	1 (4,2%)	11 (46%)	11 (23%)	
Desconhecido	4	2	0	0	0	2	
Preparação do corpo							<0,001
Cremação	12 (39%)	0 (NA%)	2 (67%)	1 (7,1%)	9 (100%)	0 (0%)	
Invólucro – Esteira	7 (23%)	0 (NA%)	1 (33%)	6 (43%)	0 (0%)	0 (0%)	
Invólucro - Esteira e Traçado	3 (9,7%)	0 (NA%)	0 (0%)	3 (21%)	0 (0%)	0 (0%)	
Invólucro - Fibra Traçada	2 (6,5%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (7,1%)	0 (0%)	1 (20%)	
Invólucro – Palha	3 (9,7%)	0 (NA%)	0 (0%)	3 (21%)	0 (0%)	0 (0%)	
Pintado	4 (13%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (80%)	
Pintado (ocre)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Desconhecido	119	45	4	10	15	45	
Individualidade							
Duplo	7 (5,2%)	2 (5,6%)	3 (43%)	0 (0%)	1 (4,2%)	1 (2,3%)	
Fragmentário	3 (2,2%)	3 (8,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Múltiplo	20 (15%)	0 (0%)	3 (43%)	1 (4,2%)	10 (42%)	6 (14%)	
Simples	104 (78%)	31 (86%)	1 (14%)	23 (96%)	13 (54%)	36 (84%)	
Desconhecido	16	9	0	0	0	7	
Articulação							0,288
Articulado	90 (68%)	28 (72%)	4 (57%)	19 (79%)	12 (55%)	27 (68%)	

Articulado parcialmente	8 (6,1%)	4 (10%)	0 (0%)	1 (4,2%)	0 (0%)	3 (7,5%)	
Desarticulado	34 (26%)	7 (18%)	3 (43%)	4 (17%)	10 (45%)	10 (25%)	
Desconhecido	18	6	0	0	2	10	
Disposição							
Decúbito dorsal	30 (36%)	1 (7,7%)	0 (0%)	12 (63%)	0 (0%)	17 (47%)	
Decúbito lateral	2 (2,4%)	1 (7,7%)	0 (0%)	1 (5,3%)	0 (0%)	0 (0%)	
Decúbito lateral direito	23 (27%)	2 (15%)	0 (0%)	3 (16%)	5 (42%)	13 (36%)	
Decúbito lateral esquerdo	17 (20%)	5 (38%)	3 (75%)	3 (16%)	3 (25%)	3 (8,3%)	
Decúbito ventral	6 (7,1%)	0 (0%)	1 (25%)	0 (0%)	4 (33%)	1 (2,8%)	
Sentado	6 (7,1%)	4 (31%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (5,6%)	
Desconhecido	66	32	3	5	12	14	
Flexão do corpo							0,135
Estendido	7 (15%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	7 (33%)	
Fletido	36 (75%)	9 (90%)	2 (100%)	7 (100%)	8 (100%)	10 (48%)	
Hiperfletido	3 (6,3%)	1 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (9,5%)	
Semi-fletido	2 (4,2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (9,5%)	
Desconhecido	102	35	5	17	16	29	
Flexão dos membros superiores – lado direito							0,524
Estendido	11 (22%)	2 (40%)	1 (33%)	1 (14%)	0 (0%)	7 (29%)	
Fletido	22 (45%)	2 (40%)	2 (67%)	5 (71%)	6 (60%)	7 (29%)	
Hiperfletido	4 (8,2%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (14%)	1 (10%)	2 (8,3%)	
Outros	1 (2,0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (4,2%)	
Semi-fletido	11 (22%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (30%)	7 (29%)	
Desconhecido	101	40	4	17	14	26	
Flexão dos membros superiores – lado esquerdo							0,307
Estendido	12 (28%)	3 (60%)	1 (50%)	1 (20%)	0 (0%)	7 (33%)	
Fletido	17 (40%)	1 (20%)	1 (50%)	4 (80%)	6 (60%)	5 (24%)	
Hiperfletido	3 (7,0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (10%)	2 (9,5%)	

Outros	1 (2,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (4,8%)	
Semi-fletido	10 (23%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (30%)	6 (29%)	
Desconhecido	107	40	5	19	14	29	
Flexão dos membros inferiores – lado direito							0,007
Estendido	6 (12%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	5 (21%)	
Fletido	27 (55%)	1 (20%)	1 (100%)	2 (25%)	10 (91%)	13 (54%)	
Hiperfletido	11 (22%)	3 (60%)	0 (0%)	5 (63%)	1 (9,1%)	2 (8,3%)	
Semi-fletido	5 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (13%)	0 (0%)	4 (17%)	
Desconhecido	101	40	6	16	13	26	
Flexão dos membros inferiores – lado esquerdo							0,007
Estendido	6 (12%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	5 (21%)	
Fletido	27 (55%)	1 (20%)	1 (100%)	2 (25%)	10 (91%)	13 (54%)	
Hiperfletido	11 (22%)	3 (60%)	0 (0%)	5 (63%)	1 (9,1%)	2 (8,3%)	
Semi-fletido	5 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (13%)	0 (0%)	4 (17%)	
Desconhecido	101	40	6	16	13	26	
Posição do braço direito							>0,999
Ao lado do corpo, sobre a pelve	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	
Entre as pernas	1 (20%)	1 (50%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Flexionado e cruzado embaixo do tórax	1 (20%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Sobre as pernas	1 (20%)	1 (50%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Sobre o tórax	1 (20%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Desconhecido	145	43	5	24	24	49	
Posição do braço esquerdo							>0,999
Ao lado do corpo, sobre a pelve	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	
Entre as pernas	1 (20%)	1 (50%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Estendido ao longo do corpo	1 (20%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	

Sobre a pelve	1 (20%)	1 (50%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Sobre o tórax	1 (20%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Desconhecido	145	43	5	24	24	49	
Posição da mão direita							0,536
Entre as pernas	1 (11%)	0 (0%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Região da pélvica	1 (11%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (33%)	
Região do crânio	1 (11%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (33%)	
Região toráxica	1 (11%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Sob a cabeça	1 (11%)	0 (0%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Sobre o ombro esquerdo	1 (11%)	0 (0%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Sobre o tórax	3 (33%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (100%)	0 (NA%)	1 (33%)	
Desconhecido	141	44	4	22	24	47	
Posição da mão esquerda							0,771
Estendido	2 (29%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	2 (50%)	
Região da pelve	2 (29%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (25%)	
Região do crânio	2 (29%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)	1 (25%)	
Sob a cabeça	1 (14%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Desconhecido	143	44	6	23	24	46	
Posição da perna direita							>0,999
Estendido	1 (50%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	
Fletida	1 (50%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Desconhecido	148	45	6	24	24	49	
Posição da perna esquerda							>0,999
Estendido	1 (50%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	
Fletida	1 (50%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Desconhecido	148	45	6	24	24	49	
Posição do pé direito							>0,999
Juntos	5 (71%)	1 (100%)	0 (NA%)	1 (100%)	2 (100%)	1 (33%)	
Lateral direita	1 (14%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (33%)	

Superior	1 (14%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (33%)	
Desconhecido	143	44	7	23	22	47	
Posição do pé esquerdo							>0,999
Juntos	5 (71%)	1 (100%)	0 (NA%)	1 (100%)	2 (100%)	1 (33%)	
Lateral direita	1 (14%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (33%)	
Superior	1 (14%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (33%)	
Desconhecido	143	44	7	23	22	47	
Orientação da face							<0,001
Direita	2 (4,5%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (22%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Esquerda	3 (6,8%)	0 (0%)	1 (100%)	2 (22%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Leste	4 (9,1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	4 (13%)	
Nordeste	3 (6,8%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	3 (9,4%)	
Noroeste	1 (2,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (3,1%)	
Norte	2 (4,5%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	2 (6,3%)	
Oeste	6 (14%)	1 (50%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	5 (16%)	
Pra baixo	1 (2,3%)	1 (50%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Pra cima	5 (11%)	0 (0%)	0 (0%)	5 (56%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Sudeste	8 (18%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	8 (25%)	
Sudoeste	3 (6,8%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	3 (9,4%)	
Sul	6 (14%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	6 (19%)	
Desconhecido	106	43	6	15	24	18	
Orientação do crânio							0,377
Desarticulado	1 (2,6%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (4,0%)	
Lado Direito	10 (26%)	1 (25%)	0 (NA%)	0 (NA%)	5 (50%)	4 (16%)	
Lado Esquerdo	18 (46%)	1 (25%)	0 (NA%)	0 (NA%)	4 (40%)	13 (52%)	
Pra baixo	7 (18%)	2 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (10%)	4 (16%)	
Pra frente	3 (7,7%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	3 (12%)	
Desconhecido	111	41	7	24	14	25	
Orientação e direção do corpo							0,259
Leste	6 (16%)	1 (25%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	5 (16%)	

Leste/Oeste	2 (5,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (6,3%)	
Nordeste	3 (8,1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (9,4%)	
Noroeste/ Sudeste	1 (2,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (3,1%)	
Norte	5 (14%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	5 (16%)	
Oeste	6 (16%)	2 (50%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	4 (13%)	
Sodoeste / Nordeste	1 (2,7%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Sudeste	1 (2,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (3,1%)	
Sudeste/Nordeste	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Sudoeste	7 (19%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	7 (22%)	
Sul	5 (14%)	1 (25%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	4 (13%)	
Desconhecido	113	41	6	24	24	18	
Orientação							0,250
Noroeste/sudeste	3 (75%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (100%)	
Oeste	1 (25%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Desconhecido	146	44	7	24	24	47	
Forma							>0,999
Circular	3 (50%)	2 (40%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	
Oval	3 (50%)	3 (60%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	
Desconhecido	144	40	7	24	23	50	
Tipo							<0,001
Cavidade na Rocha	1 (1,4%)	0 (0%)	1 (25%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Cova	13 (19%)	0 (0%)	2 (50%)	1 (33%)	9 (90%)	1 (10%)	
Cova – Cesto	1 (1,4%)	0 (0%)	1 (25%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Fossa	1 (1,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (10%)	
Fossa forrada com material orgânico	3 (4,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (30%)	
Rocha	9 (13%)	4 (9,5%)	0 (0%)	2 (67%)	1 (10%)	2 (20%)	
Urna	41 (59%)	38 (90%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (30%)	
Desconhecido	81	3	3	21	14	40	
Dimensões do diâmetro (cm)							<0,001
100 x 200	3 (8,1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (100%)	

50 x 100	10 (27%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)	9 (100%)	0 (0%)	
Até 50	24 (65%)	21 (100%)	3 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Desconhecido	113	24	4	23	15	47	
Nível (cm)							0,059
Média (Desvio Padrão)	66,21 (37,51)	56,33 (24,83)	3,50 (0,71)	40,00 (NA)	71,80 (31,43)	108,00 (20,07)	
Mediana (25%,75%)	60,00 (39,00,100,00)	42,00 (42,00,63,50)	3,50 (3,25,3,75)	40,00 (40,00,40,00)	80,00 (43,50,100,00)	117,00 (101,00,119,50)	
Mínimo	3,00	42,00	3,00	40,00	30,00	85,00	
Máximo	122,00	85,00	4,00	40,00	100,00	122,00	
Desconhecido	131	42	5	23	14	47	
Posição							0,002
A esquerda do corpo	1 (5,9%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (13%)	
A esquerda do corpo e junto ao crânio	1 (5,9%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (13%)	
Junto ao crânio	2 (12%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (25%)	
Parte inferior da urna	6 (35%)	6 (67%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Parte média e Inferior da urna	1 (5,9%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Parte superior da urna	1 (5,9%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Parte superior e inferior da urna	1 (5,9%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	
Sobre o corpo	3 (18%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (38%)	
Sobre o corpo e próximo a mão	1 (5,9%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (13%)	
Desconhecido	133	36	7	24	24	42	
Adorno							<0,001
Colar	22 (65%)	4 (50%)	0 (NA%)	13 (93%)	0 (0%)	5 (56%)	
Colar e fragmento de ocre	1 (2,9%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (0%)	
Colar e Pingentes	2 (5,9%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (22%)	
Colar, Pingentes, outros	1 (2,9%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (11%)	
Contas	2 (5,9%)	2 (25%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Contas e pingentes	1 (2,9%)	1 (13%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	

Fuso, pingente e contas	1 (2,9%)	1 (13%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Pingente	3 (8,8%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	3 (100%)	0 (0%)
Pulseira	1 (2,9%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (11%)
Pulseira ou cinto?	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Desconhecido	116	37	7	10	21	41
Quantidade de adorno						<0,001
Média (Desvio Padrão)	13,03 (25,89)	19,11 (17,37)	NA (NA)	1,21 (0,58)	1,00 (0,00)	31,38 (45,19)
Mediana (25%,75%)	1,00 (1,00,10,75)	11,00 (6,00,31,00)	NA (NA,NA)	1,00 (1,00,1,00)	1,00 (1,00,1,00)	11,00 (3,25,38,00)
Mínimo	1,00	1,00	Inf	1,00	1,00	1,00
Máximo	131,00	45,00	-Inf	3,00	1,00	131,00
Desconhecido	116	36	7	10	21	42
Matéria prima do adorno						0,211
Concha	1 (2,8%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (0%)
Dente e concha	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Dente e vegetal	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Dente, osso de animal e vegetal	2 (5,6%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (22%)
Nativo e vidro	1 (2,8%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (11%)
Osso de animal	24 (67%)	9 (90%)	0 (NA%)	8 (57%)	3 (100%)	4 (44%)
Osso de animal, valva e concha	1 (2,8%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (11%)
Osso e dente de animal, valva e vegetal	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
osso, concha, dente	1 (2,8%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (0%)
ossos e dente de animais	1 (2,8%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (0%)
Rocha	3 (8,3%)	0 (0%)	0 (NA%)	3 (21%)	0 (0%)	0 (0%)
Rocha e osso animal	1 (2,8%)	1 (10%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Sementes e conchas	1 (2,8%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (11%)
Sementes e osso	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)

Vegetal	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Desconhecido	114	35	7	10	21	41	
Instrumento - osso	2 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (100%)	
Desconhecido	148	45	7	24	24	48	
Quantidade de instrumento de osso							
osso de ave	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	
Desconhecido	149	45	7	24	24	49	
Instrumento de sonorização	3 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (100%)	
Desconhecido	147	45	7	24	24	47	
Instrumento de madeira							
Seta e arco	1 (100%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	
Desconhecido	149	44	7	24	24	50	
Material faunístico							0,121
1	30 (94%)	15 (100%)	0 (NA%)	3 (100%)	8 (100%)	4 (67%)	
7	1 (3,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (17%)	
13	1 (3,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (17%)	
Desconhecido	118	30	7	21	16	44	
Material vegetal							0,008
Fibra	2 (9,5%)	0 (0%)	0 (NA%)	2 (40%)	0 (0%)	0 (NA%)	
Palha	1 (4,8%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (NA%)	
Vegetal	18 (86%)	7 (100%)	0 (NA%)	2 (40%)	9 (100%)	0 (NA%)	
Desconhecido	129	38	7	19	15	50	
Tipologia do vegetal							0,001
Cestaria e corda traçada	5 (38%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	5 (71%)	0 (NA%)	
Cestaria e traçado	1 (7,7%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (NA%)	
Corda traçada	3 (23%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (33%)	2 (29%)	0 (NA%)	
Cordéis de caroá	1 (7,7%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (NA%)	
Fibra	3 (23%)	3 (100%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	
Vegetal traçado	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	

Desconhecido	137	42	7	21	17	50	
Mineral	7 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	7 (100%)	0 (NA%)	
Desconhecido	143	45	7	24	17	50	
Corante							<0,001
Corante	3 (23%)	2 (100%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	
Fragmento de ocre	7 (54%)	0 (0%)	0 (NA%)	3 (100%)	0 (0%)	4 (80%)	
Fragmento de ocre com marca de uso	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	
Fragmento de óxido de ferro com marca de uso	3 (23%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	3 (100%)	0 (0%)	
Desconhecido	137	43	7	21	21	45	
Carvão	24 (100%)	14 (100%)	0 (NA%)	1 (100%)	9 (100%)	0 (NA%)	
Desconhecido	126	31	7	23	15	50	
Lítico							0,738
1	22 (85%)	3 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	7 (100%)	12 (75%)	
2	2 (7,7%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	2 (13%)	
5	2 (7,7%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	2 (13%)	
Desconhecido	124	42	7	24	17	34	
Material cerâmico	28 (100%)	3 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	9 (100%)	16 (100%)	
Desconhecido	122	42	7	24	15	34	

1n (%)

2Teste exato de Fisher; Teste de Kruskal-Wallis

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa (2025). Análise estatística dos dados por Ana Hermínia.

APÊNDICE C - TABELA ESTATÍSTICA DESCRITIVA E COMPARATIVA DOS SÍTIOS ANALISADOS

Variável	**Total**, N = 1671	**Alcobaça**, N = 101	**Aratu da Vila de Piragiba**, N = 211	**Cana Brava**, N = 51	**Furna do Estrago**, N = 231	**Justino**, N = 391	**Pedra da Tesoura**, N = 31	**Pedra do Alexandre**, N = 161	**Pedra do Cachorro (Pititi)**, N = 11	**São Braz**, N = 41	**São José II**, N = 141	**Toca da Baixa dos Caboclos**, N = 51	**Toca do Enoque**, N = 91	**Toca do Serrote da Bastiana**, N = 31	**Toca do Serrote do Tenente Luiz**, N = 141
localizacao															
Bahia	21 (13%)	0 (0%)	21 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Paraíba	3 (1,8%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Pernambuco	34 (20%)	10 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	23 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Piauí	40 (24%)	0 (0%)	0 (0%)	5 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (100%)	0 (0%)	5 (100%)	9 (100%)	3 (100%)	14 (100%)
Rio Grande do Norte	16 (9,6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	16 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Sergipe	53 (32%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	39 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	14 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
recorte_temporal															

365 anos a 1000 anos BP	45 (30%)	0 (0%)	21 (100%)	1 (50%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (100%)	0 (0%)	5 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	14 (100%)
1000 anos a 1500 anos BP	7 (4,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (100%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (100%)	0 (0%)
1500 anos a 2000 anos BP	24 (16%)	1 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	23 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
2000 anos a 4000 anos BP	24 (16%)	9 (90%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (14%)	0 (0%)	0 (0%)	14 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
4000 anos a 9400 anos BP	50 (33%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (0%)	39 (100%)	0 (0%)	6 (86%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (100%)	0 (0%)	0 (0%)
Desconhecido	17	0	0	3	0	0	0	9	0	0	0	0	5	0	0
sexo_biologico															
Feminino	1 (25%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)
Masculino	3 (75%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)
Desconhecido	163	10	21	5	22	39	3	14	1	4	14	5	9	2	14
intervalos_de_faixa_etaria															
Feto	1 (0,6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (11%)	0 (0%)	0 (0%)

Criança	116 (72%)	10 (100%)	21 (100%)	5 (100%)	11 (50%)	27 (77%)	3 (100%)	8 (50%)	1 (100%)	4 (100%)	11 (79%)	1 (25%)	5 (56%)	2 (67%)	7 (50%)
Adolescente	18 (11%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (14%)	8 (23%)	0 (0%)	2 (13%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (21%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (33%)	1 (7,1%)
Lactante	26 (16%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	8 (36%)	0 (0%)	0 (0%)	6 (38%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (75%)	3 (33%)	0 (0%)	6 (43%)
Desconhecido	6	0	0	0	1	4	0	0	0	0	0	1	0	0	0
deposicao_funeraria															
Primária	128 (79%)	0 (0%)	21 (100%)	5 (100%)	23 (100%)	31 (84%)	0 (0%)	5 (31%)	1 (100%)	4 (100%)	12 (86%)	4 (100%)	8 (89%)	3 (100%)	11 (85%)
Processo de redução	1 (0,6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (11%)	0 (0%)	0 (0%)
Secundária	34 (21%)	10 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	6 (16%)	3 (100%)	11 (69%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (14%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (15%)
Desconhecido	4	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	1
preparacao_do_corpo															
Cremação	12 (36%)	10 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (67%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Invólucro - Esteira	7 (21%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	6 (46%)	0 (0%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)

Invólucro - Esteira e Traçado	3 (9,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (23%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Invólucro - Fibra Traçada	2 (6,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (7,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Invólucro - Palha	3 (9,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (23%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Pintado	5 (15%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)	4 (80%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Pintado (ocre)	1 (3,0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	134	0	21	5	10	38	0	11	1	4	14	5	8	3	14
individualidade															
Duplo	8 (5,6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (2,9%)	0 (0%)	2 (25%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (100%)	2 (15%)
Fragmentário	3 (2,1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (23%)
Múltiplo	25 (18%)	10 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (100%)	3 (38%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (7,1%)	0 (0%)	8 (89%)	0 (0%)	0 (0%)

Simples	106 (75%)	0 (0%)	14 (100%)	0 (NA%)	23 (100%)	34 (97%)	0 (0%)	3 (38%)	1 (100%)	4 (100%)	13 (93%)	5 (100%)	1 (11%)	0 (0%)	8 (62%)
Desconhecido	25	0	7	5	0	4	0	8	0	0	0	0	0	0	1
articulacao															
Articulado	96 (67%)	0 (0%)	21 (100%)	0 (NA%)	19 (83%)	23 (77%)	0 (0%)	5 (36%)	1 (100%)	0 (NA%)	11 (92%)	4 (80%)	6 (75%)	3 (100%)	3 (23%)
Articulado parcialmente	9 (6,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (4,3%)	2 (6,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (25%)	0 (0%)	4 (31%)
Desarticulado	38 (27%)	10 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	3 (13%)	5 (17%)	3 (100%)	9 (64%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (8,3%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	6 (46%)
Desconhecido	24	0	0	5	0	9	0	2	0	4	2	0	1	0	1
disposicao															
Decúbito dorsal	34 (38%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	12 (63%)	13 (42%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)	1 (20%)
Decúbito lateral	2 (2,2%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (5,3%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)
Decúbito lateral direito	25 (28%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	3 (16%)	12 (39%)	0 (NA%)	4 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (36%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)
Decúbito lateral esquerdo	17 (19%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	3 (16%)	3 (9,7%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (75%)	3 (27%)	1 (33%)	0 (0%)	3 (100%)	1 (20%)

Decúbito ventral	6 (6,7%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (3,2%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)	4 (36%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Sentado	6 (6,7%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (0%)	2 (6,5%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (25%)	0 (0%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)
Desconhecido	77	10	20	5	4	8	3	12	0	0	3	2	1	0	9
flexao_do_corpo															
Estendido	11 (20%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	3 (19%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)	0 (0%)
Fletido	38 (70%)	0 (NA%)	2 (100%)	0 (NA%)	7 (100%)	9 (56%)	0 (NA%)	4 (100%)	1 (100%)	3 (75%)	7 (100%)	3 (100%)	0 (0%)	1 (100%)	1 (100%)
Hiperfletido	3 (5,6%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	2 (13%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (25%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Semi-fletido	2 (3,7%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	2 (13%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Desconhecido	113	10	19	5	16	23	3	12	0	0	7	2	1	2	13
flexao_dos_membros_superiores_lado_direito															
Estendido	11 (22%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (14%)	6 (27%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (33%)	1 (100%)	1 (50%)	1 (50%)
Fletido	22 (45%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	5 (71%)	6 (27%)	0 (NA%)	1 (100%)	1 (100%)	0 (NA%)	6 (60%)	1 (33%)	0 (0%)	1 (50%)	1 (50%)

Hiperfletido	4 (8,2%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (14%)	2 (9,1%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Outros	1 (2,0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (4,5%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Semi-fletido	11 (22%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	7 (32%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	3 (30%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Desconhecido	118	10	21	5	16	17	3	15	0	4	4	2	8	1	12
flexao_dos_membros_superiores_lado_esquerdo															
Estendido	12 (28%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (20%)	6 (32%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (33%)	1 (100%)	0 (0%)	2 (100%)
Fletido	17 (40%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	4 (80%)	4 (21%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	6 (60%)	1 (33%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)
Hiperfletido	3 (7,0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	2 (11%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Outros	1 (2,3%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (5,3%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Semi-fletido	10 (23%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	6 (32%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	3 (30%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Desconhecido	124	10	21	5	18	20	3	15	0	4	4	2	8	2	12
flexao_dos_membros_inferiores_lado_direito															

Estendido	6 (12%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	4 (18%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)	1 (50%)
Fletido	27 (55%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (25%)	12 (55%)	0 (NA%)	1 (100%)	1 (100%)	0 (NA%)	10 (91%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)
Hiperfletido	11 (22%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	5 (63%)	2 (9,1%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (9,1%)	2 (67%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (50%)
Semi-fletido	5 (10%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (13%)	4 (18%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)
Desconhecido	118	10	21	5	15	17	3	15	0	4	3	2	8	3	12
flexao_dos_membros_inferiores_lado_esquerdo															
Estendido	6 (12%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	4 (18%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)	1 (50%)
Fletido	27 (55%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (25%)	12 (55%)	0 (NA%)	1 (100%)	1 (100%)	0 (NA%)	10 (91%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)
Hiperfletido	11 (22%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	5 (63%)	2 (9,1%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (9,1%)	2 (67%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (50%)
Semi-fletido	5 (10%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (13%)	4 (18%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)
Desconhecido	118	10	21	5	15	17	3	15	0	4	3	2	8	3	12
posicao_braco_direito															

Ao lado do corpo, sobre a pelve	1 (20%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)
Entre as pernas	1 (20%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)
Flexionado e cruzado embaixo do tórax	1 (20%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)
Sobre as pernas	1 (20%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)
Sobre o tórax	1 (20%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)
Desconhecido	162	10	20	5	23	39	3	16	0	4	14	4	8	2	14
posicao_braco_esquerdo															
Ao lado do corpo, sobre a pelve	1 (20%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)
Entre as pernas	1 (20%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)
Estendido ao longo do corpo	1 (20%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)

Sobre a pelve	1 (20%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)
Sobre o tórax	1 (20%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)
Desconhecido	162	10	20	5	23	39	3	16	0	4	14	4	8	2	14
posicao_mao_direita															
Entre as pernas	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (0%)
Região da pélvica	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)
Região do crânio	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Região toráxica	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)
Sob a cabeça	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (0%)
Sobre o ombro esquerdo	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)

Sobre o tórax	3 (33%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (100%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Desconhecido	158	10	21	5	21	38	3	15	0	4	14	5	8	1	13
posicao_mao_esquerda															
Estendido	2 (29%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)
Região da pelve	2 (29%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)
Região do crânio	2 (29%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Sob a cabeça	1 (14%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)
Desconhecido	160	10	21	5	22	37	3	15	1	4	14	5	8	2	13
posicao_perna_direita															
Estendido	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Fletida	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)

Desconhecido	165	10	21	5	23	39	3	16	0	4	14	5	8	3	14
posicao_perna_esquerda															
Estendido	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Fletida	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	165	10	21	5	23	39	3	16	0	4	14	5	8	3	14
posicao_pe_direito															
Juntos	5 (71%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (100%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Lateral direita	1 (14%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Superior	1 (14%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	160	10	20	5	22	37	3	16	1	4	12	5	8	3	14
posicao_pe_esquerdo															
Juntos	5 (71%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (100%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)

Lateral direita	1 (14%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Superior	1 (14%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	160	10	20	5	22	37	3	16	1	4	12	5	8	3	14
orientacao_da_face															
Direita	2 (4,3%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	2 (22%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Esquerda	3 (6,5%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	2 (22%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Leste	4 (8,7%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	4 (14%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Nordeste	3 (6,5%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	2 (6,9%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (25%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Noroeste	1 (2,2%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (3,4%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Norte	3 (6,5%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	2 (6,9%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (25%)	0 (NA%)	0 (NA%)

Oeste	6 (13%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (0%)	5 (17%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Pra baixo	1 (2,2%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Pra cima	5 (11%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	5 (56%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Sudeste	8 (17%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	8 (28%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Sudoeste	4 (8,7%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (3,4%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	2 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Sul	6 (13%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	6 (21%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	121	10	20	5	14	10	3	15	0	4	14	4	5	3	14
orientacao_do_cranio															
Desarticulado	1 (2,4%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (4,3%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)
Lado Direito	12 (29%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	4 (17%)	0 (NA%)	3 (75%)	0 (NA%)	0 (NA%)	4 (44%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (25%)

Lado Esquerdo	18 (44%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	13 (57%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	4 (44%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (25%)
Pra baixo	7 (17%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (8,7%)	0 (NA%)	1 (25%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (11%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	2 (50%)
Pra frente	3 (7,3%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (13%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)
Desconhecido	126	10	21	5	23	16	3	12	1	4	5	5	8	3	10
orientacao_e_direcao_do_corpo															
Leste	6 (15%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	5 (18%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Leste/Oeste	2 (5,0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (33%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Nordeste	3 (7,5%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (11%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Noroeste/ Sudeste	3 (7,5%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Norte	5 (13%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	5 (18%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)

Oeste	6 (15%)	0 (NA%)	2 (67%)	0 (NA%)	0 (NA%)	4 (14%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Sodoeste / Nordeste	1 (2,5%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Sudeste	1 (2,5%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (3,6%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Sudeste/Nordeste	1 (2,5%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (17%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Sudoeste	7 (18%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	7 (25%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Sul	5 (13%)	0 (NA%)	1 (33%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (11%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	127	10	18	5	23	11	3	15	0	3	14	5	3	3	14
orientacao															
Noroeste/sudeste	8 (89%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	8 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Oeste	1 (11%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)

Desconhecido	158	10	20	5	23	39	3	16	1	4	14	5	1	3	14
forma															
Circular	4 (57%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (40%)
Oval	3 (43%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (60%)
Desconhecido	160	10	21	5	23	39	3	14	1	4	14	5	9	3	9
tipo															
Cavidade na Rocha	1 (1,2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)
Cova	13 (16%)	10 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (33%)	1 (33%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)
Cova - Cesto	1 (1,2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (33%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)
Fossa	1 (1,2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (0%)
Fossa forrada com material orgânico	8 (9,9%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	8 (89%)	0 (NA%)	0 (0%)

Rocha	13 (16%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	7 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	4 (36%)
Urna	44 (54%)	0 (0%)	21 (100%)	5 (100%)	0 (0%)	2 (67%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (100%)	0 (NA%)	5 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	7 (64%)
Desconhecido	86	0	0	0	21	36	0	9	0	0	14	0	0	3	3
intervalo_das_dimensoes_diametro_cm															
100 x 200	8 (19%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	8 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)
50 x 100	10 (24%)	10 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Até 50	24 (57%)	0 (0%)	18 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	125	0	3	5	23	39	0	16	1	4	14	2	1	3	14
nivel_cm															
Média (Desvio Padrão)	79,11 (39,99)	72,00 (31,20)	NA (NA)	60,67 (16,17)	NA (NA)	NA (NA)	3,50 (0,71)	107,18 (32,94)	NA (NA)	63,50 (30,41)	NA (NA)	NA (NA)	NA (NA)	NA (NA)	NA (NA)
Mediana (25%,75%)	81,50 (42,00,104,25)	80,00 (45,00,100,00)	NA (NA,NA)	70,00 (56,00,70,00)	NA (NA,NA)	NA (NA,NA)	3,50 (3,25,3,75)	122,00 (81,50,132,00)	NA (NA,NA)	63,50 (52,75,74,25)	NA (NA,NA)	NA (NA,NA)	NA (NA,NA)	NA (NA,NA)	NA (NA,NA)

Mínimo	3,00	30,00	Inf	42,00	Inf	Inf	3,00	38,00	Inf	42,00	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf
Máximo	139,00	100,00	-Inf	70,00	-Inf	-Inf	4,00	139,00	-Inf	85,00	-Inf	-Inf	-Inf	-Inf	-Inf
Desconhecido	139	0	21	2	23	39	1	5	1	2	14	5	9	3	14
posicao															
A esquerda do corpo	1 (5,9%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (14%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
A esquerda do corpo e junto ao crânio	1 (5,9%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (14%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Junto ao crânio	2 (12%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (29%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Parte inferior da urna	6 (35%)	0 (NA%)	6 (67%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Parte média e Inferior da urna	1 (5,9%)	0 (NA%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Parte superior da urna	1 (5,9%)	0 (NA%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Parte superior e inferior da urna	1 (5,9%)	0 (NA%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)

Sobre o corpo	3 (18%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (43%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Sobre o corpo e próximo a mão	1 (5,9%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	150	10	12	5	23	32	3	16	1	4	14	5	8	3	14
adorno															
Colar	25 (63%)	0 (0%)	4 (50%)	0 (NA%)	13 (93%)	3 (75%)	0 (NA%)	2 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (33%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Colar e fragmento de ocre	1 (2,5%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Colar e Pingentes	3 (7,5%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (33%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Colar, Pingentes, outros	2 (5,0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (22%)	0 (NA%)	0 (NA%)
contas	2 (5,0%)	0 (0%)	2 (25%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Contas e pingentes	1 (2,5%)	0 (0%)	1 (13%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)

Fuso, pingente e contas	1 (2,5%)	0 (0%)	1 (13%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Pingente	3 (7,5%)	3 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Pulseira	1 (2,5%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (25%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Pulseira ou cinto?	1 (2,5%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	127	7	13	5	9	35	3	14	1	4	14	5	0	3	14
quantidade_de_adorno															
Média (Desvio Padrão)	23,05 (42,74)	1,00 (0,00)	19,11 (17,37)	NA (NA)	1,21 (0,58)	5,00 (4,58)	NA (NA)	1,50 (0,71)	NA (NA)	NA (NA)	NA (NA)	NA (NA)	79,11 (61,54)	NA (NA)	NA (NA)
Mediana (25%,75%)	1,50 (1,00,26,25)	1,00 (1,00,1,00)	11,00 (6,00,31,00)	NA (NA,NA)	1,00 (1,00,1,00)	4,00 (2,50,7,00)	NA (NA,NA)	1,50 (1,25,1,75)	NA (NA,NA)	NA (NA,NA)	NA (NA,NA)	NA (NA,NA)	77,00 (30,00,103,00)	NA (NA,NA)	NA (NA,NA)
Mínimo	1,00	1,00	1,00	Inf	1,00	1,00	Inf	1,00	Inf	Inf	Inf	Inf	1,00	Inf	Inf
Máximo	194,00	1,00	45,00	-Inf	3,00	10,00	-Inf	2,00	-Inf	-Inf	-Inf	-Inf	194,00	-Inf	-Inf
Desconhecido	127	7	12	5	9	36	3	14	1	4	14	5	0	3	14
materia_prima_do_adorno															

Concha	1 (2,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Dente e concha	1 (2,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Dente e vegetal	2 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (22%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Dente, osso de animal e vegetal	2 (4,8%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (22%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Nativo e vidro	1 (2,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (25%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Osso de animal	24 (57%)	3 (100%)	9 (90%)	0 (NA%)	8 (57%)	3 (75%)	0 (NA%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Osso de animal, valva e concha	1 (2,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Osso e dente de animal, valva e vegetal	1 (2,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)
osso, concha, dente	1 (2,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)

ossos e dente de animais	1 (2,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Rocha	3 (7,1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	3 (21%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Rocha e osso animal	1 (2,4%)	0 (0%)	1 (10%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Sementes e conchas	1 (2,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Sementes e osso	1 (2,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
vegetal	1 (2,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (11%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	125	7	11	5	9	35	3	14	1	4	14	5	0	3	14
instrumento_osso	2 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	165	10	21	5	23	38	3	15	1	4	14	5	9	3	14
qtd_instrumento_de_osso															

osso de ave	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	166	10	21	5	23	39	3	15	1	4	14	5	9	3	14
instrumento_de_sonorizacao	3 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (100%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	164	10	21	5	23	37	3	15	1	4	14	5	9	3	14
instrumento_de_madeira															
Seta e arco	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	166	10	21	5	23	39	3	16	1	4	14	4	9	3	14
material_faunistico															
1	33 (85%)	8 (100%)	9 (100%)	0 (NA%)	2 (100%)	4 (100%)	0 (NA%)	3 (100%)	0 (NA%)	3 (100%)	1 (100%)	2 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	1 (100%)
4	1 (2,6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (17%)	0 (NA%)	0 (0%)
6	1 (2,6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (17%)	0 (NA%)	0 (0%)
7	2 (5,1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (33%)	0 (NA%)	0 (0%)

9	1 (2,6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (17%)	0 (NA%)	0 (0%)
13	1 (2,6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (17%)	0 (NA%)	0 (0%)
Desconhecido	128	2	12	5	21	35	3	13	1	1	13	3	3	3	13
material_vegetal															
Fibra	3 (13%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Palha	1 (4,2%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (25%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Vegetal	20 (83%)	10 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (25%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (100%)	0 (NA%)	3 (100%)	0 (NA%)	4 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	143	0	21	5	19	39	3	14	1	1	14	1	8	3	14
tipologia_do_vegetal															
Cestaria e corda traçada	5 (36%)	5 (63%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA)	0 (NA%)	0 (NA)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Cestaria e traçado	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA)	0 (NA%)	0 (NA)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)

Corda traçada	3 (21%)	3 (38%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Cordéis de caroá	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Fibra	3 (21%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (100%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Vegetal traçado	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	153	2	21	5	21	39	3	16	1	4	14	2	8	3	14
mineral	7 (100%)	7 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	160	3	21	5	23	39	3	16	1	4	14	5	9	3	14
corante															
Corante	3 (17%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	2 (100%)
Fragmento de ocre	11 (61%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	8 (100%)	0 (NA%)	0 (0%)

Fragmento de ocre com marca de uso	1 (5,6%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)
Fragmento de óxido de ferro com marca de uso	3 (17%)	3 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (0%)
Desconhecido	149	7	21	5	20	39	3	14	1	4	14	5	1	3	12
carvao	27 (100%)	10 (100%)	6 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	3 (100%)	0 (NA%)	3 (100%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	4 (100%)
Desconhecido	140	0	15	5	23	39	3	13	1	1	14	4	9	3	10
litico															
1	24 (86%)	7 (100%)	2 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	12 (86%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)
2	2 (7,1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (50%)	0 (NA%)	0 (NA%)
5	2 (7,1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	2 (14%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (0%)	0 (NA%)	0 (NA%)
Desconhecido	139	3	19	5	23	25	3	16	1	3	14	5	5	3	14
material_ceramico	31 (100%)	9 (100%)	1 (100%)	5 (100%)	0 (NA%)	15 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)	1 (100%)	0 (NA%)	0 (NA%)	0 (NA%)

Desconhecido	136	1	20	0	23	24	3	16	1	4	14	4	9	3	14
1n (%)															